

ERIN BEATY

O BEIJO TRAICOEIRO



SEGUINTE



ERIN BEATY

O BEIJO TRAÍDOEIRO

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para Michael, primeiro e último.
E para Ele: Fiat voluntas tua in omnibus.

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66

67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91



1

TIO WILLIAM TINHA VOLTADO MAIS DE UMA HORA ANTES, mas ainda não a havia chamado.

Sage estava sentada à mesa da sala de aula, tentando não ficar inquieta. Jonathan nunca parava quieto nas aulas dela, fosse por tédio ou raiva de que uma menina poucos anos mais velha fosse sua professora. Sage não ligava, mas não daria motivo para que zombasse dela. Agora, ele estava debruçado sobre o mapa de Demora, escrevendo as legendas. Ele só se esforçava quando os irmãos tinham tarefas parecidas que poderiam ser comparadas à dele. Sage havia feito essa descoberta logo de início e a usava como arma contra sua desobediência.

Ela cerrou o punho para não tamborilar na mesa enquanto voltava os olhos para a janela. Os criados e serviçais andavam de um lado para o outro no pátio, tirando o pó de tapetes e estocando feno para o inverno que se aproximava. Seus movimentos se juntavam ao rangido constante das carroças carregadas de grãos que ecoavam da estrada, criando um ritmo que normalmente a tranquilizava, mas não naquele dia. Lord Broadmoor havia partido pela manhã para a colina Garland para um compromisso misterioso. Quando seu cavalo passou pelo portão da mansão senhorial no começo da tarde, seu tio jogara as rédeas para o cavaleiro enquanto lançava um olhar esnobe para a janela da sala de aula.

Foi então que ela soube que era algo relacionado a ela.

Ele tinha ficado fora por tempo suficiente para ter passado uma hora na cidade, o que era um tanto quanto lisonjeador. Alguém havia concordado em admiti-la como aprendiz — talvez a loja de ervas, o fabricante de velas ou o tecelão. Ela até varreria o chão da ferraria se fosse preciso. E poderia ficar com seu salário. A maioria das meninas que trabalhavam tinha de sustentar um orfanato de freiras ou a família, mas os Broadmoor não precisavam de dinheiro, e Sage mais do que pagava por sua estadia trabalhando como tutora.

Ela lançou um olhar para a grande mesa de carvalho onde Aster estava concentrada em seu mapa, os olhos estreitos em concentração enquanto os dedos roliços seguravam o lápis de cor sem muita habilidade. Amarelo para Crescera, a

região cerealista de Demora, onde Sage havia passado toda a vida, circulando apenas dentro de um raio de oitenta quilômetros. Enquanto a menina de cinco anos trocava o lápis amarelo pelo verde, a tutora tentou calcular quanto precisaria economizar para considerar partir, e para onde iria.

Ela sorriu quando seu olhar vagou para o mapa pendurado na parede oposta. Montanhas que tocavam as nuvens. Oceanos que não tinham fim. Cidades que zumbiam feito colmeias.

Qualquer lugar.

Tio William queria se livrar de Sage tanto quanto ela queria partir.

Então por que não a tinha chamado ainda?

Ela estava cansada de esperar. Inclinou-se na cadeira e folheou os papéis empilhados diante dela. Era tanto papel que chegava a ser um desperdício, mas era um símbolo de status que tio William podia proporcionar a seus filhos. Foram raras as vezes em que Sage teve coragem de jogar algum fora, mesmo depois de quatro anos morando ali. De uma pilha de livros, tirou um volume enxuto de história a que não dava atenção fazia mais de uma semana. Ela levantou e enfiou o livro embaixo do braço.

— Volto em alguns minutos.

As três crianças mais velhas ergueram os olhos e retornaram à tarefa sem comentar nada, mas os olhos azul-escuros de Aster seguiram todos os movimentos da tutora. Sage tentou ignorar o nó de culpa se formando em seu estômago. Tornar-se aprendiz significava deixar sua prima predileta para trás, mas Aster não precisava mais dos seus cuidados. Tia Braelaura amava a menina como se fosse sua própria filha.

Sage saiu rápido da sala, fechando a porta atrás de si. Na biblioteca, parou para ajeitar os fios de cabelo que haviam escapado da trança em caracol e torceu para ficarem no lugar durante os próximos quinze minutos. Em seguida, endireitou os ombros e respirou fundo. De tão ansiosa, bateu mais forte do que pretendia, e o som brusco a fez se retrair.

— Entre.

Ela abriu a porta pesada e deu dois passos à frente antes de se curvar numa reverência.

— Perdoe a interrupção, tio, mas eu precisava devolver isto. — Ela ergueu o livro e, de repente, sua justificativa pareceu insuficiente. — E buscar outro para, hum, a aula.

Tio William tirou os olhos da meia dúzia de pergaminhos espalhados sobre a mesa. Uma espada reluzente pendurada no cinto de couro chegava até o encosto

da cadeira. Ridículo. Ele carregava aquilo como se fosse um protetor do reino, mas tudo o que significava era que havia feito a viagem de dois meses de ida e volta até a capital de Tennenol e jurado lealdade diante da corte real. Ela duvidava que, um dia, seu tio encontrasse algo mais ameaçador do que um mendigo agressivo, embora a barriga crescente definitivamente fosse uma ameaça ao cinto. Sage cerrou os dentes e continuou abaixada até ele dizer alguma coisa. Tio William gostava de demorar, como se ela precisasse ser lembrada de que ele mandava em sua vida.

— Sim, entre — ele disse, parecendo contente. Seu cabelo ainda acusava os efeitos do vento durante a cavalcada, e ele não havia tirado o gibão de hipismo empoeirado, o que significava que o que quer que estivesse acontecendo estava acontecendo rápido. Ela se empertigou e tentou não olhar para o tio com expectativa.

Ele pousou a pena na mesa e acenou.

— Sage, venha aqui, por favor.

Era hora. Ela atravessou a sala quase correndo. Parou diante da mesa enquanto ele dobrava um dos papéis. Um olhar de esguelha disse a ela que eram cartas pessoais, o que lhe pareceu estranho. Ele estava tão contente de vê-la partir que já estava contando para os amigos? E por que contaria a alguém antes de contar a ela?

— Pois não, tio?

— Você fez dezesseis anos na última primavera. Está na hora de tomarmos uma decisão sobre seu futuro.

Sage apertou o livro e limitou sua reação a um aceno de cabeça entusiasmado.

Ele afagou o bigode escuro e limpou a garganta.

— Por isso, providenciei sua avaliação com Darnessa Rodelle...

— O quê? — Casamenteira era a única profissão que ela não havia considerado, a única que realmente odiava. — Não quero ser...

Sage se interrompeu, entendendo de repente o que ele queria dizer. O livro escorregou de suas mãos e caiu aberto no chão.

— O senhor quer que eu *case*?

Tio William fez que sim, visivelmente satisfeito.

— Sim, a srta. Rodelle está concentrada no Concordium do próximo verão, mas expliquei que compreendemos totalmente que pode levar anos até encontrar alguém disposto a casar com você.

Mesmo com os rodeios da frase, o insulto a acertou feito um soco na barriga, tirando seu ar.

Ele apontou a mão manchada de tinta para as cartas à sua frente.

— Já estou escrevendo para rapazes que conheço, convidando-os para visitas. Com sorte, algum vai admirar você o bastante para perguntar a opinião da srta. Rodelle. A decisão é dela, mas não custa nada dar uma mãozinha.

Sage ficou sem palavras. A maior casamenteira da região só aceitava candidatas nobres, ricas ou extraordinárias. Ela não era nada disso.

— Mas por que ela me aceitou?

— Porque você está sob os meus cuidados. — Com um sorriso no rosto, tio William cruzou as mãos sobre a mesa. — Talvez a gente consiga tirar algum proveito da sua situação, afinal.

Moral da história: ele esperava que Sage ficasse *grata*. Grata por se casar com um homem que mal conhecia. Grata por seus pais, que haviam se casado por escolha própria, não estarem vivos para se opor.

— A srta. Rodelle tem capacidade suficiente para encontrar alguém sem objeções à sua... origem.

Sage ergueu a cabeça de repente. O que havia de errado em sua vida de antes? Sem dúvida era mais feliz naquela época.

— É uma grande honra — ele continuou —, especialmente considerando como ela anda ocupada, mas eu a convenci de que suas qualidades acadêmicas a elevam além do seu berço.

Seu berço. Ele falava como se fosse uma vergonha ter nascido plebeia. Como se o próprio tio não tivesse se casado com uma plebeia. Como se fosse errado ter pais que haviam escolhido um ao outro.

Como se ele não tivesse desrespeitado publicamente seus próprios votos matrimoniais.

Sage sorriu para ele com desprezo.

— Sim, vai ser uma honra ter um marido tão fiel quanto o senhor.

Tio William ficou duro. O semblante condescendente se distorceu, deixando algo muito mais repulsivo transparecer. Sage gostou de ver aquilo, lhe deu forças para continuar. A voz dele tremeu com uma fúria que mal conseguia conter.

— Como você ousa...

— Ou a fidelidade só deve ser esperada da esposa de um nobre? — ela perguntou. Ah, a fúria dele era maravilhosa. Alimentava a dela como o vento num incêndio na floresta.

— Não vou levar sermão de uma criança...

— Não, o senhor prefere dar exemplo aos outros. — Ela apontou para as cartas dobradas entre eles. — Tenho certeza de que seus amigos sabem onde buscar

lições.

Isso o fez levantar, aos berros:

— Lembre-se do seu lugar, Sage Fowler!

— Conheço muito bem o meu lugar! — ela retrucou. — É impossível esquecer nesta casa! — Meses se segurando a fizeram desabafar. Ele a havia tentado com a possibilidade de deixá-la partir, dar a ela uma vida longe de sua guarda, para em seguida arrastá-la para um casamento arranjado. Sage cerrou os punhos e se inclinou sobre a mesa, na direção dele. Tio William nunca havia batido nela, nem uma vez em todos os anos em que a sobrinha o afrontara, mas Sage tampouco o provocara tanto em tão pouco tempo.

Quando ele finalmente falou, foi com os dentes cerrados.

— Você me desonra, sobrinha. Deve-me respeito. Seus pais estariam envergonhados.

Ela duvidava disso. Não depois de tudo o que tinham sofrido por ter feito a própria escolha. Sage cravou as unhas nas palmas das mãos.

— EU NÃO VOU.

— Vai sim — ele disse com uma voz fria para rebater o calor dela. — E vai causar uma boa impressão. — Tio William voltou a sentar com o ar majestoso e condescendente que Sage tanto odiava. Pegou a pena e, com a outra mão, dispensou-a com um gesto displicente. — Pode sair agora. Sua tia vai cuidar dos preparativos.

Ele sempre fazia isso. Sempre a dispensava. Sage queria fazer com que ele prestasse atenção, queria pular por cima da mesa, enchê-lo de pancadas como se fosse um saco de areia no celeiro. Mas desse comportamento, *sim*, seu pai teria vergonha.

Sem fazer reverência nenhuma, ela deu as costas e saiu batendo a porta. Assim que chegou ao corredor, desatou a correr, passando por uma multidão de pessoas carregando baús e cestos, sem se importar com quem eram ou por que tinham aparecido de repente na mansão.

A única dúvida na cabeça dela era aonde conseguiria chegar antes de o sol se pôr.

2

SAGE BATEU A PORTA DO QUARTO com um estrondo gratificante e foi até o guarda-roupa alto no canto. Abriu as portas com tudo e o revirou em busca da bolsa no fundo. Seus dedos encontraram a lona áspera no escuro, reconhecendo-a imediatamente mesmo sem ter sido usada em anos. Ela a tirou para examiná-la. As correias ainda estavam firmes; não encontrou nenhum buraco roído por ratos.

Ainda tinha o cheiro dele. Do unguento de sebo e resina de pinheiro que seu pai preparava para cortes e arranhões. Passava-o tanto nela como nos pássaros que treinava. Sage fechou os olhos. Seu pai colocaria um fim naquilo. Não: nunca teria deixado que começasse. Mas seu pai estava morto.

Seu pai estava morto, o que a deixava presa ao destino de que ele sempre havia prometido protegê-la.

A porta se abriu, pegando-a de surpresa, mas era apenas tia Braelaura, vindo apaziguar a situação, como sempre. Bom, dessa vez não funcionaria. Sage enfiou as roupas na bolsa, começando pela calça que usava em seus passeios na floresta.

— Estou indo embora — ela gritou por cima do ombro.

— Percebi — a tia respondeu. — Falei para o William que você não aceitaria bem.

Sage virou para ela.

— Você *sabia*? Por que não me disse nada?

Os olhos de Braelaura se enrugaram um pouco, com ironia.

— Para ser sincera, não achei que ele fosse conseguir. Não vi motivo para chatear você com algo tão improvável.

Nem sua tia achava que ela fosse arranjar marido. Sage não queria um, mas nem por isso era menos insultante. Voltou para suas malas.

— Aonde você vai?

— Não importa.

— Acha que vai ser melhor do que da última vez?

Claro que ela diria aquilo. Furiosa, Sage enfiou mais algumas meias na bolsa. Seriam necessárias; as noites estavam ficando frias.

— Isso foi há anos. Agora sei me virar sozinha.

— Tenho certeza que sim. — Tão calma. Tão racional. — Como vai comer?

Em resposta, Sage pegou o estilingue sobre uma pilha de livros, enrolou-o dramaticamente e enfiou no bolso da saia. Argh! Ela teria que se trocar antes de partir.

Braelaura ergueu as sobrancelhas.

— Esquilos? Que delícia. — Fez uma pausa. — À disposição o inverno todo.

— Vou arranjar trabalho.

— E se não arranjar?

— Vou viajar até encontrar um.

Ela devia ter parecido séria, porque o tom de voz da tia mudou.

— É perigoso lá fora para uma garota sozinha.

Sage bufou para esconder sua apreensão crescente. Ela já havia vagado pelo interior por anos ao lado do pai e conhecia muito bem os perigos — animais ou humanos — que poderia enfrentar.

— Pelo menos não vou ser obrigada a casar com alguém que nem conheço.

— Você fala isso como se as casamenteiras não soubessem o que fazem.

— A srta. Rodelle sem dúvida encontrou o melhor casamento para você — Sage disse, sarcástica.

— Sim, encontrou — Braelaura concordou, tranquila.

Sage virou, boquiaberta.

— Você não pode estar falando sério. — Todo mundo sabia o que Aster era. Seu nome, derivado de uma planta, declarava ilegitimidade para o mundo. A garota não tinha culpa de sua origem, mas Sage não conseguia entender por que Braelaura perdoara o marido.

— Casamento não é algo simples nem fácil — Braelaura disse. — Até seus pais aprenderam isso no pouco tempo que tiveram.

Talvez ela estivesse certa, mas o amor deles tinha sido simples, então casar também deveria ter sido fácil. Em vez disso, sua mãe fora expulsa de casa e marginalizada por metade da aldeia. Mas, para eles, tudo tinha valido a pena para ficarem juntos.

— Do que exatamente você tem medo? — Braelaura perguntou.

— Não tenho medo de nada — Sage retrucou.

— Acha mesmo que William vai entregar você a alguém que a maltrate?

Não, ela não achava, mas Sage voltou a fazer as malas para não ter de responder. Tio William havia cavalgado por um dia e uma noite para buscá-la assim que soubesse da morte de seu pai. Quando ela fugira alguns meses depois, ele

a procurara por dias até encontrá-la no fundo de uma ribanceira, machucada e com frio demais para conseguir sair dali. Não havia dito uma palavra de repreensão, apenas a pegara no colo e a levava para casa.

Uma voz dentro dela sussurrou que aquele casamento seria uma honra, um presente. Tornaria Sage parte de uma família, não apenas uma parente pobre que o tio era obrigado a sustentar. Era o melhor que ele tinha a oferecer.

Seria muito mais fácil se ela conseguisse odiá-lo.

Sage sentiu a mão de sua tia em seu ombro e ficou rígida.

— Ele deve ter pagado um bom dinheiro para ela me aceitar.

— Não vou negar isso. — O sorriso de Braelaura se revelou em sua voz. — Mas a srta. Rodelle não teria aceitado se não visse potencial. — Ela tirou alguns fios de cabelo do rosto de Sage. — Acha que não está preparada? Não é tão difícil quanto pensa.

— A entrevista ou o casamento? — Sage se recusava a relaxar.

— As duas coisas. — Braelaura disse. — Você só tem que se apresentar na entrevista. Quanto ao casamento...

— Meu pai me explicou de onde vêm os bebês. — Sage corou.

Braelaura continuou como se não tivesse sido interrompida.

— Faz anos que ensino você a cuidar de uma casa, se é que não percebeu. Você se virou muito bem na última primavera, quando adoeci. William ficou muito satisfeito. — Ela baixou a mão para acariciar as costas de Sage. — Você pode ter um lar confortável e filhos. Seria tão ruim assim?

Sage sentiu que estava relaxando sob o carinho tranquilizador. Um lar para chamar de seu. Longe daquela casa. Ainda que, para ser sincera, não era tanto o lugar que odiava, mas as lembranças.

— A srta. Rodelle vai encontrar um homem que precisa de alguém como você — Braelaura disse. — Ela é a melhor nesse ramo.

— Tio William disse que pode levar anos.

— Pode mesmo — a tia concordou. — Mais um motivo para não se deixar levar pelas emoções agora.

Sage colocou a bolsa de volta no guarda-roupa, sentindo-se derrotada.

Braelaura ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto.

— Vou estar do seu lado em todos os momentos, no lugar da sua mãe.

Como a tia quase nunca mencionava sua mãe, Sage quis fazer perguntas antes que ela mudasse de assunto, mas Hannah, a filha de doze anos de Braelaura, entrou de repente no quarto, com os cachos loiros sacudindo. Sage fechou a cara.

— Você nunca bate na porta?

Hannah a ignorou.

— É verdade, mãe? Sage vai para a casamenteira? A *alta* casamenteira?

Tia Braelaura colocou o braço em volta da cintura da sobrinha como se quisesse impedi-la de sair correndo.

— Sim, vai.

Sage continuou olhando feio para a prima.

— Você tem algo de importante para dizer?

Hannah apontou para trás.

— A costureira está aqui.

Sage suou frio. Mas já?

Hannah voltou os olhos azuis arregalados para ela.

— Você acha que vai ser escolhida para o Concordium?

— Rá! — riu Jonathan, que tinha treze anos e estava atrás de Hannah no corredor, carregando um baú. — *Isso* eu queria ver.

Sage estava passando mal. Quando seria a entrevista? Ela havia interrompido tio William antes que ele falasse. Braelaura começou a guiá-la para a porta, onde Hannah balançava de um lado para o outro.

— Ela está ajustando as coisas na sala de aula.

— Quando vai ser? — Sage conseguiu perguntar.

— Amanhã, querida — disse Braelaura. — À tarde.

— *Amanhã*? Mas como é possível fazer um vestido novo até lá?

— A srta. Tailor vai ajustar algo que já tiver. Estará pronto pela manhã.

Sage se deixou guiar pelo corredor e parou aturdida enquanto Braelaura afrouxava os cordões do corpete o suficiente para que Sage o tirasse. A sala escureceu de repente e Sage pensou por um segundo que estava desmaiando, mas eram só Hannah e Aster fechando as cortinas. Quando acabaram, Aster sentou numa cadeira no canto, visivelmente torcendo que ninguém a notasse e pudesse ficar. Hannah dançou de um lado para o outro, tagarelando sobre como mal podia esperar para sua própria entrevista e perguntando para a mãe se o pai deixaria que ela fosse avaliada aos quinze, mesmo só podendo se casar no ano seguinte.

A prima achava que Sage tinha chances de entrar para o Concordium, mas a garota não tinha a mesma ilusão. O principal trabalho da alta casamenteira era selecionar as melhores da região para a conferência realizada uma vez a cada cinco anos, mas ela não desejaria entrar nem se fosse bonita ou rica o suficiente para ser considerada. Não tinha a menor vontade de ser guiada pelo país até Tենnegol e praticamente leiloada como uma cabeça de gado premiada. Hannah, por outro

lado, fantasiava com isso, assim como todas as garotas de Demora.

Braelaura tirou o vestido de Sage. A roupa era uma das muitas que ela odiava. Era tão estranhamente injusto ter tantas coisas que não queria. A maioria das meninas mataria só para ser avaliada por uma alta casamenteira.

A srta. Tailor estava revirando uma cesta sobre a mesa, mas parou por tempo suficiente para apontar para um banquinho.

— Suba — ela ordenou. — Não temos tempo a perder.

Braelaura ajudou Sage a subir e a equilibrou quando o banquinho balançou sob seus pés. Ela resistiu a uma tontura que nada tinha a ver com o desequilíbrio.

— Tire a camisola — disse a costureira por cima do ombro. Sage se encolheu de vergonha, tirou a roupa de baixo e a entregou para a tia. Normalmente, uma prova de roupa não exigia nudez completa, só um barbante com nós para tirar medidas por cima da camisola. Ela cruzou os braços diante da faixa no peito e estremeceu, grata pela janela coberta que a protegia da brisa e dos olhares.

A srta. Tailor deu a volta e franziu a testa diante das roupas de baixo de Sage. O calção de linho masculino foi a única coisa que Braelaura deixou Sage continuar usando quando a obrigaram a usar apenas vestidos. Era muito mais confortável do que o que as mulheres costumavam usar, e normalmente ninguém o via mesmo.

A costureira mordeu o lábio e observou Sage de vários ângulos com os olhos estreitados.

— Magreza é o maior defeito dela — ela murmurou. — Vamos precisar de uns enchimentos, principalmente em cima.

Sage revirou os olhos enquanto imaginava todo o acolchoamento e todas as pregas de que precisaria para disfarçar seus seios pequenos. Fazia muito tempo que Braelaura tinha desistido de colocar rendas e laços nos vestidos dela. Eles sempre tinham encontros catastróficos com tesouras quando ninguém estava vendo.

Dedos frios beliscaram sua cintura.

— Boa curva aqui e quadris excelentes, de parideira. Podemos destacar isso.

Sage se sentiu como a égua que seu tio havia comprado no mês anterior. *Tendões fortes são sinal de uma ótima procriadora*, o vendedor de cavalos havia dito, dando um tapa no flanco da égua. *Esta daqui vai poder ser montada por mais uns dez anos.*

A costureira ergueu o braço de Sage para examiná-lo sob a luz.

— Pele naturalmente clara, mas sardas demais.

Braelaura concordou com a cabeça.

— O cozinheiro já está preparando uma loção de limão para elas.

— Passe generosamente. E todas essas *cicatrices* nos seus braços, garota?

Sage suspirou. A maioria era tão antiga e pequena que só poderia ser vista se a pessoa soubesse o que procurar.

— O pai dela morava na floresta — Braelaura lembrou a costureira. — Ela passava muito tempo ao ar livre antes de vir morar conosco.

A srta. Tailor apontou o dedo esquelético para um longo arranhão vermelho.

— Algumas são novas. O que você anda fazendo, trepando em árvores? — Sage deu de ombros e a mulher soltou seu braço. — Eu não deveria reclamar — ela disse, seca. — Foram os consertos das suas roupas que me sustentaram por anos.

— Fico feliz em ajudar — Sage redarguiu, um pouco irritada. A raiva era mais confortável que o medo.

A costureira a ignorou e esfregou o fio solto da trança de Sage entre os dedos.

— Nem castanho nem loiro — resmungou. — Não sei que cor usar para combinar com isso. — Ela olhou para Braelaura. — O que planeja fazer com ele para a avaliação?

— Ainda não decidi — a mulher respondeu. — Quando prendemos para trás, ele sempre escapa. Fica bem ondulado, apesar de fino.

— Hummm. — A costureira puxou o queixo de Sage para baixo para olhar em seus olhos, e a garota resistiu ao impulso de morder os dedos dela. — Cinza... Talvez azul dê um pouco de cor aos olhos. — Ela soltou. — Argh! Essas sardas.

Aster inclinou a cabeça, confusa. Sempre tinha invejado aquelas sardas. Quando tinha três anos, Sage a pegou tentando imitá-las com tinta.

— Azul, então — a srta. Tailor disse, chamando a atenção de Sage de volta para si, embora novamente estivesse se dirigindo a Braelaura. Começou a revirar o enorme baú ao lado. — Tenho algo que vai servir, mas vou ter que passar a noite toda ajustando para caber nela.

A costureira ergueu uma massa de tecido e o desdobrou, revelando uma monstruosidade azul-violeta que Sage nem conseguia se imaginar usando. Bordados de ouro — que sem dúvida dariam coceira — rodeavam as mangas compridas e o corpete. O decote baixo tinha a gola drapeada, que provavelmente seria ainda mais ornamentada para criar volume.

— Fica abaixo dos ombros — a srta. Tailor disse enquanto Braelaura e Hannah suspiravam. — Os dela são bem bonitos; precisam ser mostrados. Mas para isso vai ter que tirar a faixa dos seios.

Sage bufou. Ela mal precisava de uma mesmo.

3

A CASA CAIADA DE DOIS ANDARES DESPONTAVA na névoa de outubro. Sage desceu assim que a carruagem parou; estava tão concentrada na propriedade que só foi notar a poça de lama quando caiu em cima dela. Sua tia suspirou enquanto a erguia pelo cotovelo e a levou rapidamente até a sala de banho nos fundos.

— Não se preocupe — Braelaura a tranquilizou. — É por isso que todo mundo se arruma aqui.

A srta. Tailor já estava esperando lá dentro para ajudar com os ajustes de última hora. Sage tirou rapidamente as roupas enlameadas e entrou na banheira cheia de água quente.

— Enxague as mãos, depois fique com elas fora da água — Braelaura instruiu. — Senão, o esmalte descasca.

— Mas como vou me lavar? — Em resposta, sua tia pegou um pano e começou a esfregar as costas de Sage. Ela se retraiu de vergonha, mas aguentou. Só queria que aquele dia terminasse logo.

Depois que Braelaura ficou satisfeita, Sage saiu e se secou. Então ficou parada, tremendo, enquanto espalhavam cremes em seus ombros, pescoço e braços, e passavam um pó em seu corpo.

— Isso coça — ela resmungou.

A tia deu um tapinha em sua mão.

— Não é para coçar! Vai estragar as unhas. O pó é para não suar.

— Tem cheiro de camomila. Odeio camomila.

— Não seja ridícula. Ninguém odeia camomila; é relaxante.

Acho que sou ninguém, então. Sage ergueu os braços enquanto a tia prendia o espartilho em seu corpo. Era definitivamente a coisa mais desconfortável que já havia vestido. Os ilhós se cravaram nos seus quadris quando Braelaura apertou os cordões, tentando deixar justo o bastante para ficar no lugar. Quando Sage vestiu a primeira das três anáguas, o espartilho se remexeu e a apertou em outros lugares.

A srta. Tailor e a tia Braelaura colocaram o vestido por cima da cabeça de Sage, que enfiou os braços gelados nas mangas compridas. As duas se agitaram em volta

dela, alisando o vestido e ajustando-o para aumentar o decote antes de apertar o corpete na frente. Sage passou os dedos pelo veludo e pela renda que caía de seus ombros. Depois da entrevista, o vestido ficaria pendurado em seu guarda-roupa até o dia — dali a meses ou anos — em que fosse apresentada ao homem que a srta. Rodelle escolhesse para ela.

Embora um homem pudesse falar com a casamenteira sobre uma garota que admirasse, no fim cabia à profissional decidir se era uma união adequada. Com frequência, os pares sabiam muito pouco um do outro antes do casamento. “Começar do zero” era considerado uma vantagem. Sage sentia tanta repulsa a essa ideia quanto o pai, mas, teoricamente, as uniões eram baseadas em temperamento — mesmo as altamente políticas, como as do Concordium.

Casamentos realizados fora do sistema raramente eram estáveis ou felizes, embora Sage desconfiasse que aquilo tinha mais a ver com o fato de que casais que se escolhiam por conta própria eram marginalizados pela sociedade. Talvez ela pudesse convencer o tio a pelo menos deixar que conhecesse o potencial marido primeiro. Afinal, já fazia anos que ele conhecia Braelaura quando se casaram. A ideia lhe deu uma faísca de esperança.

A tia a levou até um banco e cobriu sua roupa com um lençol de linho para poder maquiar seu rosto. As fitas entrelaçadas na noite anterior foram soltas e o cabelo de Sage caiu em caracóis pelas costas. As duas mulheres tiraram os cachos da frente do seu rosto com grampos cravejados de pérolas, expondo seus ombros. A srta. Taylor soltou um som de aprovação e entregou o primeiro de muitos potes de cosméticos a Braelaura.

— Acha que tio William vai me deixar conhecer meu par antes de dar o consentimento dele? — Sage perguntou enquanto a tia passava creme em suas bochechas.

Braelaura pareceu surpresa.

— É claro que vai.

— E se eu não gostar dele?

A tia evitou o olhar de Sage enquanto colocava os dedos no pote outra vez.

— Nem sempre gostamos do que é bom para nós — ela disse. — Especialmente no começo.

Sage não pôde deixar de imaginar se Braelaura estaria se referindo ao próprio casamento, mas estava mais preocupada com o seu naquele momento.

— Então, se o tio William achar que esse homem é bom para mim, minha opinião não importa?

— Sinceramente, Sage — a tia suspirou —, acho que você não vai dar a menor

chance para esse homem tentar te conquistar. Ele ainda nem existe e você já é contra.

Sage caiu num silêncio mal-humorado. Braelaura deu um tapinha na sua bochecha.

— Não faz bico. Não tenho como passar isso direito se você ficar com essa cara.

Sage tentou relaxar a testa, mas seus pensamentos tornavam isso impossível. O desejo de seu tio de vê-la estabelecida e longe de seu pé o quanto antes falaria mais alto do que sua vontade de agir corretamente. Era provável que ele aceitasse o primeiro homem que achasse que não ia maltratá-la, mas isso estava longe de ser a receita para a felicidade. Sage ficou pensando naquilo enquanto sua tia passava cremes e maquiagem em seu rosto pelo que pareceu uma hora. Finalmente, Braelaura ergueu um espelho de mão para que a sobrinha pudesse ver o resultado.

— Pronto — disse ela. — Você está ótima.

A garota encarou seu reflexo com um fascínio mórbido. Nenhuma sarda transparecia pela tinta lisa cor de marfim. Seus lábios estavam vermelho-sangue num forte contraste com sua palidez, e as maçãs do rosto tinham um tom cor-de-rosa artificial. O pó violeta em suas pálpebras fazia seus olhos cinza parecerem quase azuis, o que devia ser intencional, mas quase não eram visíveis entre seus cílios curvados e enegrecidos.

— É assim que as damas da corte ficam todos os dias? — ela perguntou.

A tia revirou os olhos.

— Não, é assim que a noiva de um nobre fica. O que acha?

Sage contorceu os lábios escarlates com repulsa.

— Acho que entendo por que minha mãe fugiu.

Sage sofreu para se equilibrar nos saltos ridiculamente altos enquanto ia da sala de banho até a entrada da casa. Nos degraus do pórtico, ficou atrás da tia, com os olhos voltados para baixo e as mãos cruzadas para exibir o esmalte nas unhas. Os aldeões pararam às portas da vizinhança e se reuniram nas janelas para ver a mais nova candidata nupcial, fazendo Sage corar sob a maquiagem. Estariam encarando porque não a reconheciam ou o contrário?

Braelaura tocou o sino ao lado da porta e um estrondo ecoou pelas ruas, chamando ainda mais atenção. A casamenteira levou quase um minuto para atender e um fio de suor nervoso escorreu pelas costas de Sage.

A porta se abriu e ela apareceu no batente, imperiosa. Darnessa Rodelle era uma mulher alta, com quase um metro e oitenta, e seu cabelo grisalho estava

preso num coque rígido atrás da cabeça. Aos cinquenta anos, seu corpo tinha o formato de um bolinho de batata, e seus braços carnudos e flácidos evidenciavam uma vida de conforto e comida farta, mas sua boca se contorcia como se sentisse o cheiro de algo repulsivo.

— Madame Rodelle, senhora do coração humano — disse Braelaura, no que Sage supôs ser uma saudação tradicional. — Posso apresentar minha sobrinha na esperança de que sua sabedoria encontre um marido que faça jus à graça, à inteligência e à beleza dela?

Sage puxou a saia para longe dos joelhos trêmulos e fez a reverência mais baixa que teve coragem naqueles malditos sapatos.

— Pode, Lady Broadmoor — a casamenteira respondeu com um gesto grandioso. — Traga a donzela à frente para que possa honrar o nome de sua família.

Sage se ergueu e deu alguns passos à frente. Parecia um teatro, com falas, posições, fantasias e até um público. Começou a se sentir enjoada. Nada daquilo era real.

— O casamento é sua vontade, Sage Broadmoor?

Sage se contraiu com a mudança do sobrenome.

— É, sim, senhora.

— Então entre em minha casa para que eu possa descobrir suas qualidades.

A casamenteira deu um passo para o lado e deixou Sage passar.

Sage lançou um último olhar para tia Braelaura antes da porta se fechar, misturando as sombras à escuridão da sala de visitas. Um tapete grosso trançado dominava o chão, com uma mesa no centro e um sofá acolchoado ao lado. Embora pouca luz atravessasse as cortinas pesadas de linho, Sage ficou aliviada por estarem fechadas contra olhares curiosos.

A casamenteira a rodeou devagar, olhando-a de cima a baixo. Sage manteve o foco no chão. O silêncio era enlouquecedor. Ela havia esquecido de dizer algo? A pele sob o espartilho coçava enquanto o suor encharcava o tecido. *Maldito pó inútil de camomila nojenta.*

Finalmente, a mulher a direcionou para uma cadeira desconfortável de madeira. Sage sentou na ponta e abriu a saia em forma de leque à sua volta. Tentou ajeitar o corpete para proporcionar um pouco de alívio da coceira. Não ajudou.

A srta. Rodelle sentou à sua frente no sofá espaçoso e fixou o olhar crítico nela.

— Os deveres da mulher de um nobre são simples, mas trabalhosos. Ela cai nas graças de seu marido com sua aparência e suas boas maneiras...

A frase incomodou Sage. Desde que ela fosse bonita e bem-humorada, seu marido ia amá-la? Era quando as pessoas estavam em seu pior que mais precisavam de amor. Ela piscou e voltou a se concentrar na casamenteira, mas o pensamento cutucou sua mente feito um espinho.

A mulher continuou falando sem parar: ela deveria ser submissa; deveria ser obediente; deveria ser graciosa; deveria sempre concordar com o marido. Deveria ser o que *ele* quisesse. A casamenteira se inclinou e virou a cabeça para olhar por cima do nariz.

De repente, Sage se deu conta de que a srta. Rodelle tinha parado de falar. Teria feito uma pergunta?

— Estou disposta a ser tudo isso e mais para meu futuro marido — disse Sage, torcendo para ser o que a mulher esperava, tivesse feito uma pergunta ou não.

— Os maiores desejos do seu senhor...

— Se tornam os meus. — As respostas tinham sido treinadas até tarde da noite. Mas parecia absurdo fazer uma promessa como essa sendo que ela não fazia ideia do que o tal marido ia querer. Considerando as ideias falsas que aquele vestido passava sobre o corpo dela, ele ficaria desapontado em pelo menos um aspecto. A série de perguntas continuou, e a memória de Sage ofereceu respostas facilmente. Na verdade, era preciso tão pouco esforço que começou a parecer coisa de criança. Nenhuma das respostas era sua; era apenas o que a casamenteira queria ouvir. As mesmas respostas que todas as meninas davam. De que adiantava?

— Agora, continuando — disse a mulher, interrompendo os pensamentos de Sage. Seus lábios se curvaram em um sorriso insincero. — Vamos conversar sobre suas obrigações mais... íntimas.

Sage inspirou fundo.

— Fui instruída sobre o que esperar e como... reagir. — Ela torceu para que aquilo bastasse para satisfazê-la.

— Caso seu primogênito seja uma menina, o que vai dizer quando colocar a criança nos braços dele?

“Da próxima vez terei forças para um filho homem” era a resposta certa, mas Sage tinha visto mulheres sofrerem com gestações difíceis. Mesmo nos melhores casos, elas passavam mal no começo e ficavam terrivelmente desconfortáveis no final, quando então vinha o trabalho de parto. A ideia de ter todo o esforço de dar à luz um bebê e ainda ter que pedir desculpas por isso acendeu uma chama incandescente dentro dela. O calor da raiva era delicioso, e Sage se deixou levar por ele.

Ela ergueu os olhos.

— Vou dizer: “Não é linda?”.

O que antes parecia um sorriso no rosto da srta. Rodelle se contraiu numa expressão irritada.

— E depois?

— Vou esperar que meu marido diga que ela é quase tão linda quanto eu.

Mais uma vez o sorriso sufocado.

— Uma menina não tem serventia para um lorde. Você deve estar preparada para pedir desculpas.

Sage enrolou os dedos em uma dobra do vestido. Certa vez, ela tinha perguntado ao pai se ele ficava chateado por ter tido apenas uma filha mulher. Ele a olhara nos olhos e respondera: “Jamais”.

— Sem meninas, não haveria meninos.

— Não há como negar isso — a casamenteira retrucou. — Mas, se você não der nenhum herdeiro ao seu marido, vai ser um vexame.

Essas últimas palavras pareciam se referir ao que Sage estava vivendo naquele momento: *um vexame*. O que tinha dado nela para abandonar as respostas certas? Sua mente procurou um jeito de remediar a situação, mas nada que não fosse sincero e insultante chegou aos seus lábios.

— Se não conseguir produzir nenhum herdeiro depois de um tempo, vai ceder seu lugar a alguém que consiga?

O que meu pai responderia? Sage olhou para o chão e inspirou devagar para acalmar o tremor em sua voz.

— Eu...

A casamenteira continuou:

— Quando se tem um marido, Sage Broadmoor, você deve se esforçar para criar mais honra do que traz ao casamento.

Algo dentro de Sage explodiu quando aconteceu de novo — a casamenteira estava trocando seu sobrenome, como se devesse ter vergonha de quem era.

— Fowler — ela disse. — O sobrenome do meu pai era Fowler, e o meu também é.

Uma expressão de desprezo perpassou o rosto da srta. Rodelle.

— Você não pode esperar ser aceita com um nome desses. “Sage Broadmoor” parece o nome de uma bastarda, mas “Sage Fowler” parece a bastarda de um plebeu.

— É o nome que meus pais me deram. — Sage tremia de raiva. — Eles tinham apreço por ele, então também devo ter.

As palavras da casamenteira estalaram feito um chicote.

— Nenhum homem de bem vai dar mais valor a um nome desses do que daria a uma prostituta qualquer.

Sage levantou com um salto, sentindo eletricidade disparar pelas veias. As opiniões da srta. Rodelle estavam claras agora. E Sage havia se submetido àquilo, traindo tudo o que seus pais haviam sofrido nas mãos de pessoas como ela.

— Prefiro ser uma prostituta do que a mulher de um homem *de bem*. — Sua voz ficou mais aguda a cada palavra. — O *seu* nome também indica o tipo de pessoa que você é, e *não quero fazer parte disso!*

Caiu um silêncio tenso.

— Acho que acabamos por aqui. — A voz da casamenteira era tão calma que Sage quis cravar as unhas pintadas no rosto da mulher. Em vez disso, atravessou o tapete e escancarou a porta. Tia Braelaura parou de andar de um lado para o outro perto da carruagem. Quando seus olhos encontraram os da sobrinha, arregalaram-se horrorizados.

Sage ergueu a saia até os joelhos, desceu a escada e atravessou a rua correndo, batendo os pés com tanta violência que seus sapatos ficaram presos na lama. Acumulando pedras e barro na meia-calça, ouviu a casamenteira gritar da porta com uma voz que com certeza todos na vila poderiam ouvir:

— Lady Broadmoor, pode dizer ao seu marido que vou devolver o adiantamento referente à sua sobrinha. Não há nada que eu possa fazer por ela.

Enquanto o cocheiro ajudava Braelaura a subir e guiava a carruagem para a estrada, Sage foi embora andando, sem olhar para trás.

DOIS DIAS DEPOIS, Sage foi de manhãzinha à colina Garland, usando calça e a jaqueta de couro desbotada do pai. Tio William havia ficado tão atônito por causa da entrevista desastrosa que não tinha se enfurecido nem berrado como ela imaginara, apenas a dispensara. Até que ele estivesse disposto a lidar com ela, Sage tinha um breve intervalo para decidir seu próprio futuro procurando emprego. A busca do dia anterior na vila Broadmoor não tinha dado em nada e era provável que sair perguntando pela colina Garland fosse igualmente inútil, mas era o único outro lugar a que podia ir e voltar no mesmo dia. Além disso, ela havia chegado a uma conclusão muito difícil.

Era bem possível que seu acesso de raiva afetasse as perspectivas nupciais de suas primas mais novas e Aster já começasse em desvantagem. Depois de se revirar de um lado para o outro na cama a noite toda, Sage soube o que precisava fazer.

Precisava pedir desculpas.

Por isso, agora olhava fixamente para o sino à porta da casa da casamenteira enquanto a aldeia acordava ao redor dela. Havia barulhos vindo de trás da casa, e ela desceu pelo beco e viu uma movimentação pela janela da cozinha. Respirando fundo, bateu na porta de trás forte o bastante para ser ouvida.

A srta. Rodelle espiou com um olho pela fresta antes de abrir o trinco da porta. Ela não usava nenhuma maquiagem àquela hora da manhã e seu cabelo grisalho estava penteado para trás numa trança solta que caía sobre o ombro do vestido simples de lã.

— Está de volta, hein? — ela resmungou. — Pensou em ofensas novas?

Sage tinha se preparado para se identificar, mas percebeu que era desnecessário.

— V-você sabe quem eu sou? — ela balbuciou.

— É claro que sei. — A casamenteira fechou a cara. — Sei como você é sem a maquiagem e os enchimentos. Acha que minha avaliação começa quando toca a campainha? O que você quer?

Ela ergueu o queixo.

— Gostaria de falar com você, por favor, de mulher para mulher.

A srta. Rodelle bufou.

— Cadê a outra mulher, então? Só estou vendo uma menina mimada e orgulhosa à minha porta.

O insulto se revirou dentro de Sage. Mas nada que fosse dito naquele dia poderia piorar as coisas, o que era um estranho consolo. Ela se manteve firme até a casamenteira abrir mais a porta para deixá-la entrar.

— Muito bem — disse a srta. Rodelle. — Entre e diga o que tem a dizer.

Sage passou por ela e entrou na cozinha surpreendentemente iluminada. As paredes tinham um tom amarelo-claro, e a madeira do piso e da mesa brilhava com o verniz. Uma chama agradável estalava no fogão de ferro no canto, sobre o qual chiava uma chaleira, soprando um vapor mentolado no ar. Duas xícaras estavam ao lado dela, o que fez Sage pensar que a mulher estava esperando visita, então ela precisava terminar logo a conversa. A casamenteira apontou para uma cadeira de madeira diante da mesa no centro da cozinha e sentou do outro lado. Sage examinou as veias das tábuas de carvalho liso por alguns segundos antes de limpar a garganta.

— Vim pedir desculpas. Minhas palavras e ações foram grosseiras e desrespeitosas, e me arrependo sinceramente por elas e por qualquer incômodo que tenha lhe causado.

A casamenteira cruzou os braços roliços.

— Acha que esse pedido de desculpas sincero vai mudar alguma coisa?

— Não. — Sage abriu e fechou a boca algumas vezes. — Não acho que mude.

— Então por que se dar ao trabalho?

As brasas dentro de Sage pegaram fogo.

— Sabe, é assim que funciona: eu digo que estou arrependida pelas coisas horríveis que falei e você diz que está arrependida pelas coisas horríveis que falou. Então sorrimos e fingimos acreditar uma na outra.

Os olhos da srta. Rodelle brilharam com escárnio, mas sua expressão continuou séria.

— Você se atreve a entrar na minha casa e me dar sermão sobre boas maneiras, garota?

— Não me atrevo a nada. Mas fiz um esforço e espero pacientemente que retribua.

— Você está no caminho errado. — Mais uma vez, os olhos da mulher não combinavam com seu tom severo.

Sage encolheu os ombros.

— Tenho todo o direito de arruinar minha própria vida. — Ela contorceu a

boca num sorriso sarcástico. — Há quem diga até que tenho uma inclinação para isso. Mas minhas ações são minhas apenas, e não um reflexo da família Broadmoor. Gostaria de garantir que minhas primas não vão sofrer por causa dos meus erros.

— Muito bem. É uma pena que suas palavras não foram tão refinadas no outro dia.

Sage estava ficando cansada daquele exercício de humildade. Afinal, mesmo se um homem fizesse uma serenata de horas para uma muralha, não ia conseguir arrancar nenhuma lágrima das pedras.

— Meu pai me disse certa vez que alguns animais não podem ser controlados. — Sage cutucou as unhas pintadas. — Isso não quer dizer que sejam maus, só são selvagens demais.

Para sua surpresa, a casamenteira sorriu.

— Acho que essa é a primeira vez que você se enxerga de maneira clara. — Sage ergueu a vista e encontrou um olhar fixo e penetrante, mas muito menos hostil. — Para uma professora, você é incrivelmente teimosa quando se trata de aprender.

— Eu estudo todos os dias — Sage contestou.

— Não estou falando de história ou geografia. — A srta. Rodelle fez um gesto de irritação. — Olhe só para mim. Mal sei ler e escrever, mas tenho seu futuro e o de meninas de toda a Demora na palma da mão. A sabedoria não vem só dos livros. Na verdade, quase não vem deles.

Sage se engalfinhou com aquelas palavras. Quis rejeitá-las, mas pareciam muito algo que seu pai diria.

A casamenteira levantou e foi até o fogão. Serviu chá nas duas xícaras enquanto falava.

— Agora é a *minha* vez de pedir desculpas pelo outro dia. Meu objetivo era apenas fazer você se dar conta de que não queria se casar. — Sage arregalou os olhos e a srta. Rodelle olhou por cima do ombro com um sorriso astuto. — Sim, entendi você muito bem e, não, nunca tive a intenção de empurrá-la para ninguém.

— Mas...

— E agora seu tio também entendeu, e vai estar mais aberto para o que eu realmente quero. — Ela virou e olhou bem nos olhos de Sage. — Quero que seja minha aprendiz.

Sage empurrou a mesa e levantou.

— Não. Essa profissão é retrógrada e humilhante. Odeio tudo isso.

A srta. Rodelle pousou as xícaras e os pires sobre a mesa com calma, agindo como se Sage já não estivesse a caminho da porta.

— Você ficaria surpresa se soubesse que eu pensava o mesmo? — Ela voltou a sentar na cadeira. — Você não necessariamente vai ter que assumir meu lugar um dia. Só preciso de uma assistente.

Atordoadas, Sage deu meia-volta.

— Por que eu?

A casamenteira cruzou os braços e se recostou na cadeira, fazendo a madeira soltar um longo rangido.

— Você é inteligente e ambiciosa, se ainda não é sábia. Sua aparência é agradável, mas não é uma beleza pela qual os homens vão se fascinar. Tenho o Concordium no ano que vem e preciso de ajuda para escolher as melhores candidatas. E você não tem a menor vontade de se casar, então não vai me apunhalar pelas costas.

— Como eu faria isso? — Sage perguntou. — Como apunhalaria você pelas costas?

— Um dos jeitos mais simples de conseguir o resultado desejável é criar uma falsa escolha. — Ela apontou os dedos para Sage. — Posso oferecer ao homem a escolha entre a garota que quero que ele escolha e você, agindo como uma opção agradável mas menos interessante, e não quero ter que me preocupar que você vai acabar roubando o pretendente. — A casamenteira levou a xícara aos lábios calmamente e soprou o vapor.

— Então quer que eu seja rejeitada várias e várias vezes — Sage disse, voltando a se afundar na cadeira. — Eu só serviria para isso?

A srta. Rodelle apoiou os cotovelos na mesa e observou Sage por cima da xícara.

— Para isso e para outras coisas também. Ser casamenteira é basicamente um trabalho de interpretar pessoas, coletar informações e tentar entendê-las, e você tem talento para isso. Além do mais, não é uma rejeição de verdade se você não pretendia casar. Pense nisso como um jogo em que ganha quem tiver a pontuação mais baixa.

Sage torceu o nariz.

— Parece manipulador.

— E é. Enquanto ferreiros dobram o ferro à vontade deles, casamenteiras dobram as pessoas à delas. — A srta. Rodelle deu um gole e encolheu os ombros. — Não somos as únicas. Atores e contadores de histórias também manipulam seu público.

Sage olhou para a xícara diante dela. A porcelana de alta qualidade era resistente e funcional, exatamente o que esperaria na casa de uma pessoa bem de vida porém prática. Alguém que preferisse qualidade às aparências. A casamenteira sabia exatamente quando e como ela voltaria à sua casa. Sage ergueu a xícara e inspirou o aroma doce de hortelã, que preferia à camomila, mais comum.

— Há quanto tempo está me vigiando? — ela perguntou.

— Quase desde que nasceu, mas não fique lisonjeada: vigio todo mundo. Conheci seus pais. Eles podiam achar que tinham escolhido um ao outro, mas alguns dos meus trabalhos são sutis.

Sage jogou a cabeça para trás como se tivesse sido empurrada. A xícara desceu alguns centímetros na sua mão.

— Isso não parece muito lucrativo — retrucou. — O que recebeu pelo casamento deles?

A srta. Rodelle arqueou a sobrancelha com um sorriso no rosto e Sage devolveu a xícara ao pires, derramando chá por toda parte. Ela já sabia a resposta.

— Sua grande comissão para o casamento da minha tia veio do dote perdido da minha mãe...

A casamenteira fez que sim.

— Foi um excelente negócio, na verdade. Não me arrependo de nada. Seus pais nasceram um pro outro.

A única resposta de Sage foi um olhar embasbacado.

Depois de alguns segundos de silêncio, a casamenteira levantou.

— Você pode pensar sobre minha oferta por alguns dias, mas duvido que alguém na vila lhe ofereça uma vaga — ela disse. — Não vou tirar nada do seu futuro. Nós duas sabemos que você não pode ser domada, Sage.

A garota levantou e se deixou guiar até a saída. Antes da casamenteira fechar a porta, Sage ouviu seu nome sendo chamado. Olhou por cima do ombro.

— Sua família está esperando uma visita hoje, certo?

Ela fez que sim. Um jovem lorde ia caçar com tio William, embora seu propósito secundário de ser apresentado a ela fosse inútil agora.

— Considere-o como um exercício de observação — disse a srta. Rodelle. — Quando voltar para me ver, esteja preparada para me contar tudo sobre ele.

DE TRÁS DE UMA ROCHA SALIENTE NA ENCOSTA, o capitão Alexander Quinn espreitava entre as árvores. A clareira iluminada se estendia sob ele, escondendo-o em meio às sombras ali do alto; mesmo assim, ele permaneceu agachado para não se revelar. Seu gibão de couro preto rangeu um pouco e o capitão se encolheu com o som, embora não fosse alto o bastante para acusar sua presença.

Ele havia prendido a insígnia de ouro dentro da gola; era brilhante demais, o que revelava que havia sido promovido recentemente e que tinha visto pouca ação. Passado o deslumbre inicial de virar capitão um mês antes de fazer vinte e um anos, o brilho o incomodava o tempo todo, mas, agora, estava mais preocupado com a ideia de o inimigo ver a insígnia reluzir na escuridão.

Menos de vinte metros à sua direita, estavam dois de seus tenentes, ambos de capuz — seu amigo mais antigo e braço direito, Casseck, cobrindo a cabeça loira, e Luke Gramwell, escondendo seu cabelo castanho-avermelhado. A mãe de Quinn era do extremo oriente de Aristel, e ele havia herdado sua pele escura e seu cabelo preto, então não tinha necessidade dessas precauções. Tampouco Robert Devlin, posicionado ao seu lado. Rob tinha implorado para que Quinn o escolhesse no último outono. Um novo capitão de cavalaria tinha o direito de escolher seus soldados, de modo que seus primeiros sucessos ou fracassos eram responsabilidade sua, mas ele havia precisado de muita lábia para convencer o general a deixar o príncipe herdeiro entrar para uma companhia comum.

Agora, os olhos cor de avelã de Rob estavam arregalados, seu rosto, pálido e suas mãos, entrelaçadas para conter o tremor. Tirando a altura e a cor dos olhos — o príncipe era um pouco mais alto e os olhos de Quinn eram tão escuros que quase chegavam a ser pretos —, eles eram tão parecidos que as pessoas sempre os confundiam. Quinn olhou para o primo, imaginando se tinha ficado com a mesma cara de pavor antes de sua primeira batalha. Provavelmente. Mas só havia um jeito de perder o medo, assim como o brilho na medalha de ouro, e era com a experiência.

A neve pesada e as tempestades de gelo de março haviam confinado o exército

a seu acampamento de inverno em Tasmet, perto da fronteira com Kimisara. As patrulhas só haviam recommçado algumas semanas antes e Quinn estava ansioso para provar o valor de sua companhia. Como o comandante mais jovem, teve de esperar sua vez.

E esperar.

Sua oportunidade chegara na semana anterior, quando seus cavaleiros logo identificaram o rastro de dez homens. Embora ele não tivesse certeza de que o grupo tinha chegado a atravessar a fronteira, até onde Quinn sabia eram os primeiros potenciais invasores de que se tinha notícia naquele ano. Depois de dois dias de tocaia, precisava de mais do que o mero reconhecimento poderia informar.

Quando os homens surgiram quase marchando na estrada, todos os músculos de Quinn ficaram tensos. Portavam-se como soldados, e ele não gostou nada dos bastões que carregavam. E se suspeitassem? Ao seu lado, Rob estendeu o pescoço para ver e ficou ainda mais pálido, o que Quinn não acreditara ser possível.

Naquele momento, outra figura surgiu a passo lento na direção oposta. Reduziu o ritmo do cavalo ainda mais, cauteloso como um homem solitário que de repente se depara com dez. O grupo olhou para o estranho com desconfiança, mas obviamente não se intimidou. O Rato de Quinn sabia se virar sozinho, mas cinco balestras o apoiavam nas sombras, só por precaução.

A tensão de Quinn aumentou quando os homens se aproximaram e Ash Carter ergueu a mão numa saudação amigável. Os estranhos pareceram dizer algumas palavras, cautelosos. Ele virou e apontou para onde tinha vindo, provavelmente descrevendo a distância até algum ponto à frente ou contando parte de sua história. Ash sempre dizia que o segredo para parecer sincero era mudar o mínimo de detalhes possível. Talvez fosse por isso que ele era tão bom naquele tipo de missão. Quinn teria que mudar muita coisa, a começar pelo seu nome.

A conversa acabou e cada um seguiu seu caminho. Alguns olhares foram lançados na direção de Ash, mas ele não olhou para trás. Não era necessário — mais de dez pares de olhos já estavam vigiando todos os movimentos do grupo. Quinn relaxou e se recostou. Ele não estava acostumado a colocar seus amigos em perigo. Com uma série de sinais manuais, deu algumas instruções à dupla à sua direita e os tenentes desapareceram no cume atrás deles.

Alguns minutos depois, Ash desceu a colina com dificuldade para se juntar a ele e ao príncipe, depois de dar a volta por trás, fora do campo de visão.

— Já estão longe? — ele perguntou baixinho.

Quinn fez que sim.

— Cass e Gram foram à frente para vigiar. O que você descobriu?

— Definitivamente não são daqui — disse Ash. — A maioria não falou, mas os dois que ouvi tinham sotaque kimisaro. O que não é tão raro por estas bandas.

Até pouco menos de cinquenta anos antes, a província de Tasmet pertencia a Kimisara. Demora a havia anexado depois da Grande Guerra, utilizando-a mais como uma zona-tampão contra invasões do que qualquer outra coisa. Kimisaro ainda era a língua materna de muitos ali ao sul. Isso tornava ainda mais difícil identificar invasores.

O príncipe, que andava estranhamente quieto nas últimas três horas, olhava para o nada. Ash se aproximou dele e deu um soco de leve em seu ombro.

— Acorda, tenente.

Rob levou um susto e fechou a cara para o meio-irmão.

— Mais respeito, *sargento*.

Ash sorriu.

— Sim, senhor. — Ash havia treinado como pajem e escudeiro assim como o resto dos oficiais, mas recusara uma promoção no verão anterior, para não correr o risco de superar a patente do irmão. No entanto, a maioria dos soldados o tratava como um oficial. Ele sempre brincava que sua posição no exército refletia sua vida como bastardo do rei: todas as vantagens do posto, mas nenhuma das responsabilidades.

— Algum metal característico? — perguntou Quinn, trazendo a conversa de volta ao assunto em questão. Os soldados kimisaros normalmente carregavam símbolos para invocar a proteção de seus deuses.

Ash balançou a cabeça morena.

— Nada visível.

— Descobriu para onde estão indo?

— Eles perguntaram qual é a distância até a encruzilhada. Falei que chegariam lá até o pôr do sol — Ash disse. — Pareceram felizes em ouvir isso.

— Armas?

— Alguns carregavam espadas curtas o bastante para não chamar atenção, mas maiores do que facas. Alguns tinham arcos, mas isso é normal quando se está vivendo do que a terra dá e viajando sem bagagem como eles. — Ash fez uma pausa. — Mas tinha alguma coisa estranha naqueles bastões. Pareciam articulados no topo.

Quinn concordou, sério.

— Piques dobráveis. Já encontramos desses antes. — Era quase uma prova de que o grupo havia entrado em Demora com intenções hostis, mas, em doze anos

de exército, ele nunca tinha encontrado ou ouvido falar de um kimisaro que não as tivesse. Os ataques tinham se tornado mais frequentes nos dois anos anteriores, quando Kimisara sofrera com uma praga que destruía metade de sua colheita. Não havia muito em Tasmet para roubar: a população era escassa e os armazéns de trigo ficavam muito ao norte, em Crescera. — A má notícia é que significa que eles estão prontos para rechaçar cavalos. A boa é que não são tão fortes quanto piques sólidos.

Ash sorriu.

— E também que tanto faz estarmos a cavalo ou não.

— Acho que está decidido então — disse Quinn, levantando. — Está na hora.

— Hora de quê? — perguntou Ash.

Quinn abriu um sorriso enquanto limpava a terra do seu gibão preto.

— Hora de dar as boas-vindas aos seus novos amigos.

6

O ATAQUE COMEÇOU À FRENTE DOS VIAJANTES; Quinn e seus homens tiraram proveito do terreno rochoso e de uma curva na estrada para fazer um barulho que repercutiu por toda parte, confundindo a presa. Os estranhos desdobraram seus piques e entraram em formação militar para rechaçar os cavaleiros que vinham na direção deles, mas o som ecoante mascarou o segundo grupo, que se aproximava por trás. Quando os estranhos se deram conta do que estava acontecendo, o sol baixo já havia obscurecido a visão que tinham dos agressores na retaguarda. Metade do grupo tentou virar e enfrentar a nova ameaça.

Foi o primeiro erro deles.

Dois dos estrangeiros foram abatidos com tiros de balestra, mas os outros dois arqueiros mantiveram a mira, acreditando ser melhor uma ameaça constante do que mais alguns ferimentos. Os cavaleiros de Quinn passaram por ambos os lados e deram a volta, desmontando enquanto o grupo lutava para se orientar. Antes que se recuperassem por completo, atacaram a pé.

Quinn criou o maior buraco na defesa arrancando um pique pela ponta com a mão esquerda e quebrando outro com a espada, exatamente na dobradiça. Com o braço no alto, ele ficava exposto, mas Casseck entrou na abertura e derrubou o único homem que poderia ter acertado um golpe, antes que ele tivesse tempo de se aproveitar da vantagem momentânea. O capitão sorriu diante do sucesso da tática e se concentrou na próxima ameaça.

À sua direita, o príncipe Robert cravou a espada nas tripas de um dos kimisaros e Quinn avançou, pronto para o que sabia que estava por vir. Rob cambaleou para trás, com os olhos arregalados. Sem tirar os olhos do primo, Quinn cortou e bloqueou as armas que atacavam os dois.

— Rob! — ele gritou. — À sua direita!

O príncipe se recuperou e pegou a espada do corpo à sua frente, mas foi lento demais para a arma que vinha em sua direção. Quinn já havia passado a espada para a mão esquerda e, com um só movimento, sacou a adaga da cintura e a atirou no pescoço do atacante de Rob. Com a espada, defletiu um pique vindo

em sua direção, mas não foi rápido o bastante e, embora não estivesse sentindo o ferimento, não podia ignorar o sangue escorrendo sobre seu olho esquerdo. Ele virou para proteger aquele lado e trocou a espada de mão mais uma vez, mas o homem que o tinha ferido caíra aos seus pés com uma lança cravada nas costas.

Ash Carter pisou em cima do oponente para arrancar a lança. O homem gemeu, mas não levantaria tão cedo.

Quinn olhou ao redor com um único olho. A luta tinha acabado.

Ash arqueou uma sobrancelha para ele.

— Você está sangrando.

Quinn limpou o olho esquerdo e olhou para o amigo.

— Você também.

O sargento tirou o cabelo preto ensanguentado da testa.

— Vou sobreviver. — Ele olhou para o irmão. — Você está bem, Rob?

O rosto do príncipe estava verde.

— Não.

Quinn se aproximou e colocou a mão no ombro dele.

— Está ferido?

— Não — Rob ofegou. — Eu... vou vomitar.

Ash apareceu embaixo do outro braço de Rob e ergueu o irmão.

— Vamos dar uma volta. — Ele o levou para longe. Embora Ash fosse bem mais baixo, Rob apoiava boa parte do seu peso nele.

Quinn os observou se afastando antes de voltar para a pilha de corpos. O primeiro gostinho de combate de Rob não tinha sido tão glorioso quanto o príncipe esperava, mas nunca era assim. Quinn não achou graça; entendia o que estava sentindo. O tenente Casseck lhe ofereceu um pano de cheiro forte, e ele limpou o rosto e a testa.

— Precisa dar uns pontos aí — Cass disse, examinando o corte.

— Depois — disse Quinn. — Quero falar com os sobreviventes.

— Acho que não tem nenhum. — Casseck balançou a cabeça. — Parece que nem se esforçaram quando viram em quantos estávamos.

Quinn franziu a testa.

— Isso explicaria por que foi tudo tão rápido. — Ele caminhou até o homem que Ash havia perfurado com a lança. — E este aqui? — Quinn colocou a espada embaixo do queixo do homem para fazê-lo erguer o rosto. — Por que estão aqui? — perguntou em kimisaro.

O homem se ergueu, apoiando-se nos braços para olhar para Quinn. Ele sorriu enquanto sussurrava algo que o capitão não conseguiu ouvir.

Quinn agachou ao lado dele, procurando alguma arma escondida antes de se aproximar e mantendo a espada a poucos centímetros da garganta do homem, agora apontada para cima.

— O que você disse? — ele perguntou.

— Vai pro inferno — o homem repetiu, jogando seu peso para a frente, na direção da espada de Quinn, que atravessou seu pescoço. Sangue esguichou na mão do capitão, que praguejou e soltou a arma, embora fosse tarde demais.

Quinn virou o corpo trêmulo com o pé e arrancou a espada. Perscrutou o rosto do moribundo em busca de uma pista que explicasse por que havia feito uma coisa daquelas, mas os olhos castanhos apenas fitaram o vazio enquanto uma poça vermelha se formava na estrada de cascalho. Quinn já tinha visto a morte antes, lidara com ela inúmeras vezes, mas havia algo de horripilante em um homem tirando a própria vida. Sentiu um calafrio e levou o polegar diagonalmente ao peito, sussurrando:

— Espírito, proteja-me.

Vários homens ao seu redor fizeram o mesmo.

Ele foi mais cauteloso enquanto cutucava o resto dos corpos em busca de sinais de vida, mas nenhum respirava. Não havia nenhum prisioneiro para questionar.

Maldição.

O TERRENO ROCHOSO ATRASOU O ENTERRO DOS CORPOS, mas Quinn insistiu em fazer isso em vez de cremá-los ou deixar que apodrecessem ao relento. Cinco dias depois, sua companhia estava de volta ao acampamento principal do exército, aonde a notícia do confronto já havia sido levada pelo mensageiro. Ele tentou não sorrir demais enquanto todos erguiam a cabeça e se reuniam para parabenizá-los. Agora ninguém duvidaria de que ele tinha merecido a promoção.

Quinn guiou a companhia pela trilha larga entre as fileiras de barracas de madeira montadas para o armazenamento e a ferraria durante o inverno. Em algumas semanas, todos seriam desmantelados e o exército começaria a se mover como um urso que acorda da hibernação. Metade dos estábulos já havia sido derrubada, com as patrulhas de cavalaria de volta à ativa. Ele freou a égua marrom à frente da estrutura e deu sinal para que todos desmontassem.

Um corpo pequeno colidiu com ele assim que seus pés encostaram no chão.

— Alex!

Quinn apertou o irmão mais novo, grato por estar rodeado o bastante para que apenas seus amigos o vissem.

— Oi, Charlie.

O pajem deu um passo para trás, parecendo envergonhado.

— Desculpe, senhor. Esqueci.

Ele levou a mão à testa numa continência formal que o capitão retribuiu com solenidade.

Quinn abaixou a mão, bagunçando o cabelo escuro de Charlie.

— Você está ficando todo desganhado, garoto.

Charlie sorriu, revelando mais um dente perdido nas duas semanas anteriores. Ele tinha feito nove anos naquele mês, mas, para Quinn, sempre seria o bebê de olhos arregalados que o seguia de um lado para o outro quando visitava sua casa em Cambria. Como tinha entrado para o exército antes de Charlie nascer, Quinn havia sido uma figura quase mítica durante a maior parte da vida do garoto.

— Fiquei sabendo que estive numa batalha — disse Charlie. — Você se

machucou?

— Só um arranhão. — Quinn ergueu o cabelo longo demais e abaixou a cabeça para que Charlie pudesse ver os pontos acima de seu olho. Cass tinha feito um bom trabalho e o inchaço diminuía, mas ainda coçava como o diabo. — Você deveria ver o de Ash. Bem mais impressionante.

Charlie olhou ao redor em busca dos outros rostos que conhecia antes de lembrar que tinha uma missão.

— Estou aqui para levar a Surry para o estábulo. O senhor é requisitado na tenda do general para o relato da missão.

Quinn assentiu, tentando ignorar a agitação em seu estômago. Era normal o comandante fazer o relatório depois da patrulha, tivesse ou não entrado em batalha, mas aquela era sua primeira vez. Ele entregou as rédeas para o irmão mais novo e acariciou o pescoço da égua antes de tirar um pequeno embrulho da sela.

— Leve as bolsas para minha barraca quando terminar de escová-la.

— Sim, senhor.

Quinn ajustou o uniforme enquanto se virava para ir, tirando a poeira da estrada do gibão de couro preto. Olhou para Casseck, que assentiu entendendo que assumiria o comando até Quinn voltar da reunião. Enquanto seguia para a tenda do general, que se erguia acima das outras a algumas fileiras de distância, Quinn tentou encontrar um equilíbrio em seu passo. Ele não queria parecer ansioso demais, tampouco podia deixar seus superiores esperando.

O sentinela diante da tenda bateu continência e Quinn retribuiu a saudação enquanto entrava. Ele manteve a mão erguida, oferecendo o gesto para os oficiais reunidos em volta da mesa larga. Seu superior imediato, o major Edgecomb, estava lá como esperado, com o comandante regimental ao lado dele. O general ergueu os olhos sem levantar; sua barba e seu cabelo grisalhos cortados rente pareciam feitos de ferro. Atrás dele, estava seu oficial pessoal, o major Murray, e outro homem que Quinn não conhecia.

— Capitão Alexander Quinn se apresentando como ordenado, senhor — Quinn disse.

— Descansar, capitão — o general disse. — Gostaríamos de ouvir seu relato agora.

Nenhum gracejo ou congratulação por um confronto bem-sucedido com o inimigo. Quinn não sabia se estava esperando demais, mas os cinco rostos severos o deixaram nervoso. Ele limpou a garganta e se aproximou da mesa, sobre a qual estava aberto um mapa. Sem nenhum floreio, descreveu a chegada de sua companhia à estação e como descobriram o rastro dos homens que seguiam para o

norte e depois para o leste.

— Nós os seguimos por dois dias. Eles deixavam sentinelas à noite e pareciam ter uma hierarquia. Antes de atacar, enviei o sargento Carter para interceptá-los e fazer contato. — Quinn abriu o embrulho que tinha consigo e colocou vários medalhões de prata e um rolo de pergaminho em cima da mesa. — Recuperamos estes objetos dos corpos e este mapa, que é vago demais para que se possa determinar qualquer coisa.

O general ergueu o rosto abruptamente.

— Você fala como se tivesse tomado a decisão de atacar antes de fazer contato.

— Bom, sim, senhor — Quinn disse. — Mas eu obviamente teria mudado de ideia...

— Descreva o ataque, por favor.

Quinn engoliu em seco.

— Fizemos uma emboscada aqui. — Ele apontou para o ponto no mapa. — Utilizei um movimento em tesoura, aproveitando a vantagem da altura do sol...

— Que horas eram? — o major Edgecomb interrompeu.

— Faltava cerca de uma hora para o pôr do sol, senhor.

Todos os olhos voltaram para o mapa e Quinn teve a impressão de que havia cometido um erro, embora não soubesse qual... A menos que tivesse a ver com Robert. O general devia estar incomodado por Quinn ter colocado o príncipe herdeiro em perigo, mas, meses antes, ele havia aceitado quando Quinn escolhera o primo como um de seus tenentes, argumentando que manter Robert longe da ação o faria parecer fraco. Com o inverno cortando as comunicações com a capital, era improvável que o rei Raymond soubesse das novas funções do filho, e era o general quem precisaria responder a ele e ao conselho se algo acontecesse com o príncipe.

Quinn limpou a garganta.

— Houve apenas três ferimentos. Todos leves. O príncipe Robert não estava entre os...

— Sim, nós sabemos — Edgecomb o cortou. Seus olhos se voltaram para o general, que franziu a testa.

O oficial desconhecido pegou um medalhão e traçou o desenho em relevo da estrela de quatro pontas de Kimisara com o polegar.

— Você não tem prisioneiros para interrogatório.

Era uma afirmação, não uma pergunta. Quinn sabia que era melhor não inventar desculpas.

— O único sobrevivente se matou. Nunca vi algo desse tipo acontecer, mas,

sim, senhor, falhei nesse aspecto.

Todos os homens da sala se remexeram, tensos.

O general pareceu tomar uma decisão.

— Gostaria de falar com o capitão a sós.

Pelo Espírito, isso era um mau sinal.

Os outros quatro oficiais bateram continência e desapareceram. Depois de alguns segundos de silêncio, o general se recostou na cadeira e olhou para Quinn de cima a baixo.

— Essa foi nossa primeira possível invasão em meses. Você deve entender minha decepção.

Quinn maldisse em silêncio o kimisaro morto.

— Senhor, um homem que deseja morrer vai sempre encontrar um jeito.

— O suicídio é secundário. Seu erro primário foi de planejamento.

— Planejamento, senhor? — Seu rosto ficou quente. — A emboscada foi perfeita.

O general balançou a cabeça, exasperado.

— Não estou falando das suas táticas; elas foram ótimas. Mas você atacou cedo demais.

— Senhor, nós os seguimos por dias. Sabíamos quem eram e suas armas provavam que eram hostis. Não faltava nada a descobrir.

— *Pense*, capitão. — O general se debruçou e apontou para um entroncamento no mapa. — Mais algumas horas e eles teriam chegado ao cruzamento da Cabeça de Flecha. Teríamos uma ideia melhor se estavam seguindo para o norte ou para o leste. Saberíamos se iam se dividir ou encontrar alguém. Agora, não sabemos *nada*. Porque *você* não pôde esperar para derrubá-los.

Quinn ficou vermelho e não disse nada em sua defesa.

O general voltou a se recostar.

— Você está em uma posição de comando agora. Esses são erros que não pode cometer. — Aos poucos, sua voz foi ficando menos severa. — Precisa ver o quadro geral. Agir rápido tem seus méritos, mas a paciência também tem. É um equilíbrio delicado, e nem todos que o tem tomam sempre a melhor decisão.

Quinn abaixou a cabeça, tentando não se encolher.

— Filho — disse o general Quinn —, você precisa aprender a ser *paciente*.

8

SAGE ESPIOU PELO OLHO MÁGICO que dava para a sala de banho. Nos cinco meses anteriores, havia aprendido a concluir muita coisa por aquele buraco, depois que superara a sensação de voyeurismo.

— Então, o que acha? — perguntou a casamenteira.

Ela recuou e fez uma careta.

— Não gostei. É mimada, grosseira e arrogante.

Darnessa revirou os olhos.

— Consigo contar nos dedos de uma mão as meninas de quem você gostou. Ela é uma candidata ao Concordium; é claro que é uma pirralha mimada. Viu mais alguma coisa?

Sage suspirou e começou a listar suas observações.

— É graciosa e serena quando sabe que está sendo observada. Acha que todos os homens vão cair de amores por ela se piscar aqueles olhões azuis. Os criados têm ódio e medo dela. É cruel quando está descontente, o que acontece com frequência.

Darnessa concordou.

— Ótimo. Vejo as mesmas coisas. E quanto à aparência?

— Corpo agradável. Mas usa o corpete apertado demais; parece que vai escorregar para fora caso se incline. — Sage conteve um sorriso. — O rosto dela é redondo como o de uma criança. Vai afinar nos próximos anos. A pele é muito boa, mas ela penteia o cabelo para esconder marcas de varíola na testa. O cabelo não é naturalmente loiro, mas é melhor do que o vermelho falso daquela menina do mês passado.

— Mais alguma coisa?

— Pé torto.

Aquilo pegou a casamenteira de surpresa.

— Sêrio?

Sage fez que sim.

— Ela esconde com um sapato especial. Imagino que dançar seja um pouco

dolorido. — A garota mordeu o lábio, pensativa. — Talvez seja esse o motivo do decote chamativo. Quando não consegue acompanhar o ritmo, pode usar o cenário montanhoso para manter os pretendentes hipnotizados.

Darnessa explodiu em uma gargalhada e fez sinal para Sage fechar a cortina pesada sobre o olho mágico.

Ela obedeceu e deu meia-volta.

— Talvez seja por isso que ela tem um pavio tão curto. Tem medo de que alguém descubra e isso arruíne suas chances. — A casamenteira franziu a testa. A menina provavelmente tinha ouvido a vida toda que a única coisa para que servia era um bom casamento. E, como o Concordium só acontecia uma vez a cada cinco anos e ela tinha dezenove, só tinha uma chance de entrar.

Darnessa revirou os olhos.

— Você é melhor nisso do que imagina.

Sage deu de ombros.

— É só descobrir as motivações. Às vezes é interessante. — Ela apontou o polegar para a parede atrás de si. — Estão quase terminando ali. Como estou? — Ela ergueu os braços sobre o vestido simples porém bonito.

— Um doce. — Darnessa estendeu a mão para ajeitar um fio do cabelo de Sage. A garota ficou um pouco tensa, mas não recuou como tinha feito nos primeiros meses de trabalho. — Agora volte lá e se prepare.

Sage ficou na cozinha até a campainha da porta da frente tocar. Então, esperou mais alguns minutos antes de sair discretamente pela porta dos fundos sob o sol quente de abril. O irmão mais novo da menina que entrara na sala de estar de Darnessa estava encostado na carruagem da família, jogando a boina para cima. Sage esvaziou a mente e começou a fazer uma lista mental.

Uma espada afivelada na cintura. Destro.

Enquanto se aproximava, o brilho polido do cabo de metal refletiu o sol e quase a cegou. A bainha era igualmente impecável. Quase nunca fora usada. O menino tinha apenas dezessete anos e vivia sob o controle da família riquíssima, então poderia ser perdoado por ainda não ter se encontrado na vida.

Sua túnica bordada e a camisa de linho branco estavam extremamente alinhadas, e ele parecia um pouco desconfortável naquelas roupas. As botas polidas porém gastas e o rosto bronzeado lhe disseram que ele gostava de ficar ao ar livre. Ela se animou um pouco. Ele tinha certo potencial, pelo menos para conversar.

O garoto ergueu os olhos quando Sage se aproximou, endireitando-se e arrumando a boina ornamentada com uma pena sobre o cabelo loiro. Ela abriu seu melhor sorriso.

Darnessa entrou na cozinha, secando o cabelo molhado.

— Pode anotar que Lady Jacqueline vem conosco para a capital — ela disse. — Vamos encontrar um conde rico que odeie dançar para ela.

Em seu lugar à mesa, Sage não tirou os olhos do grande livro com encadernação de couro em que tomava notas.

— Eles realmente esperaram até o último minuto para a avaliação dela.

Sua patroa deu de ombros.

— Com a linhagem dela, a vaga era praticamente garantida, e é um longo trajeto para fazer duas vezes. A família vai ficar com uns parentes aqui perto até partirmos no mês que vem. Eles estão examinando o contrato agora.

— Por que as famílias não vão com as noivas? — perguntou Sage, procurando a página que queria. — Eles depositam muita confiança em você, deixando que escolha o casamento sozinha.

Darnessa sentou numa cadeira e ergueu os pés.

— Faz gerações que proibimos as famílias no Concordium. A aglomeração e as tentativas de conseguir casamentos por debaixo dos panos estragavam todo o propósito. — Ela estendia e flexionava os pés enquanto falava, tentando aliviar a dor dos sapatos refinados que usava nas entrevistas. — Já terminou a carta para o general Quinn sobre a nossa escolha?

— Ainda não — Sage disse. — Só recebemos aquela última confirmação hoje de manhã; antes disso eu não tinha como descrever todas as paradas planejadas. Também estava esperando sua decisão sobre Jacqueline. Pensei que deveria incluir todos os nomes. Melhor sobrar informação do que faltar. — Ela jogou o rascunho da carta para o outro lado da mesa para Darnessa aprovar. — A irmã Fernham está me esperando daqui a uma hora, então hoje à noite termino.

— Não sei o que vai ser do convento enquanto você estiver fora — Darnessa murmurou enquanto examinava a página, mas Sage sabia que sua patroa não se importava com as aulas que ela dava aos órfãos em seu tempo livre. — Como foi com o irmão de Jacqueline?

— Muito bem — Sage respondeu. — Demos uma volta e logo consegui que ele falasse sobre si. É gentil e atencioso, mas um pouco avoado. Fiz uma piada que ele nem entendeu. — Foi um pouco galanteador também, mas ela não era tola a ponto de pensar que ele estava atraído por ela. Rapazes eram loucos para impressionar qualquer menina que os lisonjeasse, e ela havia se acostumado a usar isso a seu favor. — Basicamente, um bom rapaz. Se Lady Tamara já não viesse conosco para a capital, eu diria que ele poderia ser um bom par para ela.

— Assim que voltarmos de Tennegol, vou estar preparada para quando ele

bater na porta em busca de um par — Darnessa falou.

— Uma coisa que ele disse me fez pensar que talvez os pais tenham um casamento planejado para ele em Tasmét.

Darnessa franziu a testa.

— Tem certeza? Algo dessa importância deveria ter passado por mim antes.

— Parece um acordo entre famílias. — Sage tinha uma seção especial em seu livro para esses casamentos. Tasmét, assim como Crescera, era uma província de Demora, embora ainda estivesse se acostumando a ser parte do país. Fazia menos de quarenta anos que as casamenteiras tinham se instalado lá, nem duas gerações inteiras, mas, como a nobreza de Tasmét tinha sido quase toda transplantada de outras regiões de Demora depois que a região fora cedida por Kimisara na Grande Guerra, a prática havia se estabelecido rapidamente. A cada ano, a porcentagem da população que usava as casamenteiras aumentava. Com mais quarenta anos, Tasmét seria como o resto do país: só os casamentos mais pobres (e escandalosos) seriam realizados sem ajuda.

— *Mais um?* Isso está saindo do controle. — Darnessa pôs os pés no chão e levantou, balançando a cabeça e resmungando. — Não é só o planejamento à toa. Se não correr bem, as pessoas podem pensar que *eu* os uni.

Seu pai sempre dizia que os poderosos tinham medo de perder seu poder, mas a raiva de Darnessa não parecia vaidade para Sage. Se havia algo que ela tinha aprendido durante o inverno era que a guilda de casamenteiras tinha padrões elevados e controle restrito. Qualquer boato de união para ganho pessoal era resolvido rapidamente e, como chefe da guilda de Crescera, Darnessa levava seu papel de liderança muito a sério.

— Não sei o que está acontecendo ultimamente — continuou a casamenteira. — Mas estou feliz que este é um ano de Concordium. Vamos poder comparar notas e ver se é uma tendência.

— Ele não parecia entusiasmado com a garota. — Era verdade, mas Sage só havia comentado para fazer Darnessa se sentir melhor.

A casamenteira relaxou um pouco.

— Espero que seja um sinal de que prefira que eu encontre uma esposa para ele. Vamos arranjar um par para o garoto quando voltarmos. Vou dar a Jacqueline o que eles querem e a família vai voltar para mim.

Sage voltou a se debruçar sobre seu trabalho, admirada com o poder que sua patroa exercia tão tranquilamente. Mas, apesar de todas as suas viagens, de todas as pessoas que conhecera, a casamenteira nunca tinha encontrado um par para si. Em cinco meses, porém, Sage não notara nenhuma amargura em relação a isso, o que

lhe dera coragem para finalmente perguntar:

— Por que nunca se casou, Darnessa?

— Pelo mesmo motivo que você — Darnessa respondeu com uma piscadinha marota. — Meus padrões são elevados demais.

9

NOS DIAS DE MISSA, a rotina do acampamento era reduzida ao mínimo, dando aos soldados a chance de descansar ou botar as tarefas em dia. O capitão Quinn normalmente separava uma ou duas horas para passar com Charlie, mas, como não via o irmão fazia quase três semanas, prometera-lhe a tarde toda. Aproveitaria para evitar as outras pessoas. Todo tapinha caloroso nas costas ou congratulações que recebia pela emboscada da semana anterior pareciam um soco no estômago. Ele não merecia ser festejado.

Como sempre, Charlie queria usar parte do tempo que tinham juntos para praticar algum tipo de habilidade. O pajem ainda estava nos primeiros estágios da arte da espada, o que significava que estava ajudando os ferreiros a fabricar, consertar e fazer a manutenção das armas por um ano. Como um firme defensor do processo, Quinn não interferiria dando aulas de combate real, por mais que seu irmão implorasse. Uma competição informal de arco e flecha estava acontecendo num lado do acampamento, então Quinn o convenceu a atirar facas longe de todo mundo.

Para sua idade e tamanho, Charlie já era exímio em acertar o alvo, por isso o capitão queria que ele treinasse com distâncias maiores. O irmão relutou.

— Quero fazer lançamentos mais rápidos e bonitos. *Você* consegue lançar como um raio.

Quinn ergueu a sobrancelha, encolhendo-se um pouco ao franzir a testa. As suturas tinham sido retiradas no dia anterior e o sol morno de abril fazia a cicatriz coçar e arder.

— O que acha que é mais útil em batalha, acertar seu alvo de longe ou errar de um jeito bonito?

Charlie soltou um suspiro resignado e deu mais três passos para trás. Quinn conteve um sorriso. Não fazia tanto tempo que tinha estado no lugar de Charlie.

Depois de várias sessões de lançamento e mais um aumento de distância, eles estavam tirando as adagas do alvo na parede quando Charlie virou para ele.

— Tem alguma coisa errada? — ele perguntou.

— Não, por quê?

Charlie deu de ombros enquanto tentava tirar uma lâmina emperrada entre duas tábuas.

— Você parece distraído. E errou quatro vezes. Você nunca erra.

— A maioria das pessoas não chamaria isso de *errar* — Quinn disse, batendo no cabo de uma adaga enfiada a menos de oito centímetros do centro do alvo pintado.

— Você chamaria.

Quinn tentou agir como se nada estivesse errado.

— Todo mundo tem dias ruins.

Eles já tinham voltado à linha demarcada quando Charlie voltou a falar.

— Quando passamos pelo capitão Hargrove mais cedo, ele falou alguma coisa e você fez uma careta.

Às vezes Charlie era observador demais para seu próprio bem.

— Que tipo de careta eu fiz?

O menino não olhou para ele enquanto colocava as adagas de treino em cima de um barril.

— Parecia envergonhado.

— Não gosto das pessoas fazendo tanto alvoroço só porque cumpri meu trabalho; você sabe disso.

Charlie pegou uma faca, posicionou os pés e se concentrou no alvo.

— Não é isso. Você anda chateado desde que voltou.

O menino sabia guardar segredo, então não era o medo de que contasse a todos os outros pajens sobre seu fracasso que impedia Quinn de se explicar. Tampouco temia perder a admiração do irmão — Charlie já o admirava muito e deveria saber que Quinn não era perfeito. Na verdade, o problema era que Quinn não tinha encontrado um jeito de consertar seus erros. Até lá, guardaria tudo para si.

Naquele momento, Charlie soltou um grito enquanto era erguido do chão por Ash Carter, que havia surgido em silêncio por trás deles. Quinn ficou grato que Ash tivesse decidido agarrar o irmão, já que ele próprio estava tão distraído que não tinha visto o sargento se aproximar. Seu amigo poderia tê-lo pegado de surpresa com a mesma facilidade.

— Você faltou ao dever, soldado! — gritou Ash, jogando Charlie em cima do ombro e girando. — Precisa estar alerta em todos os momentos! — Ele colocou Charlie, às gargalhadas, no chão e segurou seus ombros para que não caísse. — Pelo Espírito, como você cresceu. Como está, rapaz?

— Bem. O escudeiro Palomar disse que logo vai me colocar na lista de serviço

— disse Charlie com um sorriso orgulhoso.

— Fiquei sabendo — disse Ash. — Mostre para mim o que sabe fazer. — O sargento apontou para as facas e o alvo. Quando a atenção de Charlie estava focada em outro ponto, os olhos castanhos de Ash procuraram os de Quinn com um olhar expressivo. Algo estava acontecendo.

Eles esperaram que Charlie atirasse as três facas de treino, mais a que carregava no cinto. Depois, Ash e Quinn ofereceram suas próprias adagas para que ele atirasse. Com nove facas cravadas no alvo, a dupla teria alguns minutos para conversar em particular enquanto Charlie as buscava.

— Fomos chamados para a tenda do general amanhã de manhã — disse Ash o mais baixo possível quando o menino estava longe demais para ouvir.

Quinn cruzou os braços para disfarçar o enjoo. Ele havia conseguido evitar o pai durante os últimos dias e não tinha recebido outra missão.

— Por quê?

— Não sei — respondeu Ash, olhando para o alvo.

— Talvez ele queira promover você para tenente.

— Pode ser, mas duvido. Ele sabe que não desejo isso.

Aquilo não significava que não aconteceria. Quinn se perguntou se o general pensava que, se Ash tivesse mais autoridade na companhia de cavalaria, ela ficaria mais forte. Talvez seu pai desejasse a presença tranquilizadora que Ash trazia a tudo. No entanto, a patente de Ash não importava para Quinn, desde que o amigo trabalhasse com ele.

Ash ergueu os olhos.

— Você parece preocupado.

— Depois do fiasco da semana passada, acha que eu não deveria estar?

O sargento balançou a cabeça e voltou a olhar para Charlie.

— Todo mundo comete erros, Alex — ele disse. Eles eram amigos desde a infância, mas Ash usava o primeiro nome de Quinn tão raramente que o capitão sabia que queria assegurá-lo de que confiava nele. — Você é novo como capitão. Isso é normal.

Só que nem todo mundo era filho do general e, agora, seus erros também tinham consequências maiores. Os riscos só aumentariam. Quinn observou seu irmão voltar, sofrendo para segurar todas as facas em suas mãos pequenas. Quanto tempo levaria até a vida de Charlie estar em suas mãos? Ele soltou um suspiro profundo.

— Quando é a reunião?

— Uma hora depois da revista matinal. — Quinn assentiu com a cabeça. Ash

pegou sua adaga do monte que Charlie trouxe de volta, depois bagunçou o cabelo do garoto antes de voltar a olhar para Quinn. — Não se atrase.

Na manhã seguinte, Quinn vestiu e limpou o uniforme já impecável, apertando o cinto da espada sobre o gibão com uma apreensão crescente. Será que ele seria rebaixado? Nunca tinha ouvido falar de algo do tipo, mas sua mente tinha ficado agitada com as possibilidades por muito tempo depois de levar Charlie para a tenda dos pajens, visto que deixara o menino ficar com ele e seus oficiais perto da fogueira até tarde da noite.

Ash Carter esperou pacientemente por Quinn fora da tenda que o capitão dividia com Casseck. Quando não tinha mais como enrolar, Quinn se juntou ao sargento e os dois atravessaram o acampamento lado a lado, pegando alguns atalhos entre as fileiras de tendas. Na semana anterior, algumas estruturas permanentes haviam sido desmontadas, o que significava que o exército começaria a se mover em breve. Mas era improvável que Quinn saísse de lá impune.

Quinn viu vários outros oficiais entrando na tenda do general. Era algo muito maior do que ele tinha imaginado. Lá dentro, uma dezena de oficiais de alta patente se reunia em volta da mesa cheia de mapas e relatórios, e o capitão entendeu do que se tratava: uma reunião de inteligência militar. O alívio tomou conta dele quando percebeu que aquilo era uma coisa boa.

Eles ficaram no fundo, junto aos oficiais de patente mais baixa. Quinn avistou o pai na ponta oposta da tenda, escrevendo a uma mesa. A área particular do general tinha os confortos da patente — uma cama larga, um armário de madeira e uma pia, mas nenhuma cortina para garantir sua privacidade. Um oficial nunca estava realmente fora de serviço. Quinn só tinha visto aquela área separada do resto durante as visitas de sua mãe.

O major Murray pediu a atenção de todos, e o general levantou e caminhou até a mesa maior. Depois que todos estavam descansados, os oficiais superiores se alternaram relatando suas ações da semana anterior. Um esquadrão kimisaro fora localizado atravessando a fronteira ao leste e tinha sido perdido nos sopés dos montes Catrix. Os aldeões locais tinham visto grupos de homens como o que Quinn interceptara, mas não houvera nenhum ataque e os homens tinham desaparecido feito fumaça. O combate de Quinn foi detalhado pelo comandante de seu batalhão sem nenhuma menção à impaciência dele.

A reunião continuou com tentativas de encontrar um padrão em todos os acontecimentos relatados. Ninguém pediu a opinião de Quinn e ele não disse

nada. Retraiu-se diante das consequências de seu erro, que se acumulavam. Se não fosse por ele, poderiam fazer mais do que apenas especular.

Agora só restava aprender com seu erro.

Quando a discussão se esgotou, o major Murray pegou uma pilha de papéis e começou a ler ordens em voz alta. Quinn se empertigou ao ouvir seu nome.

— Capitão Quinn: você, três oficiais e trinta homens vão partir para Galarick em dois dias. De lá, vão escoltar as noivas de Crescera à capital para o Concordium deste verão. Apresente uma lista de soldados até o pôr do sol.

O quê?

— Uma guarda cerimonial? — ele falou sem pensar.

Os olhos de todos à mesa se voltaram para ele e o capitão à sua direita abriu um sorriso sarcástico, mas Quinn se concentrou no pai, que retribuiu seu olhar fixo com calma. Os pergaminhos que descreviam as ordens foram passados à frente e Ash os pegou. Ao fim da reunião, quando todos foram dispensados, Quinn continuou parado, esperando uma oportunidade de falar com o pai a sós.

— Pena que meu pai não é general — o capitão Larsen disse ao seu lado. — Eu adoraria ficar na cola de um monte de damas por algumas semanas. — Ele dobrou suas ordens e as guardou no gibão devagar. — Bom, preciso preparar cinquenta homens para cavalgar até o pôr do sol. Pode escolher uma noiva para mim, Quinn? Gosto das loiras. — Larsen saiu calmamente enquanto Quinn fitava suas costas cheio de ódio.

Ao seu lado, Ash ergueu suas ordens para que Quinn as pegasse, mas ele o ignorou. Depois de alguns segundos, o sargento dobrou os papéis — havia vários deles — e limpou a garganta.

— Acho que vou contar para o pessoal aonde vamos.

Ele deixou Quinn sozinho, cerrando e abrindo os punhos. O último coronel terminou sua conversa e saiu, deixando apenas ele e o pai na tenda. O general observou Quinn da mesa, com o mapa aberto.

— Sei que não está contente com sua missão.

— Por que estaria? — Quinn cruzou os braços. — Casamenteiras e nobres presunçosas passando o mais longe possível do perigo. É o sonho de qualquer oficial da cavalaria.

Seu pai lhe cravou um olhar tão afiado quanto sua espada.

— Você não está em posição de desprezar nenhuma missão no momento.

Depois de alguns segundos de silêncio, Quinn baixou os olhos.

— É assim que vou aprender a ter paciência. Essa é minha punição.

O general suspirou.

— Sim e não.

Quinn ergueu os olhos. A parte do *não* despertou seu interesse.

— Na verdade, sou culpado pelo seu erro. Você não esteve presente nessas reuniões antes, como deveria ter sido. Não queria que pensassem que eu o favorecia. — Seu pai limpou a garganta. — O que vou contar a você agora não foi trazido à tona antes, e não quero que se espalhe pelo acampamento.

Seu pai tinha toda a sua atenção agora.

O general apontou para o mapa.

— Minha intuição me diz que o esquadrão que você atacou estava seguindo para o leste. Desconfio que os D'Amiran estão se comunicando com Kimisara.

Era uma acusação grave, mas não sem fundamento. Mais de quinhentos anos antes, a família D'Amiran havia sido responsável pela unificação de Crescera, Mondelea, Aristel e o vale do Tenne no país que agora era chamado de Demora, mas décadas de governo corrupto e decadente levaram os ancestrais de Robert Devlin a derrubá-la trezentos anos depois. Embora a família não tivesse sido destruída, existia apenas às margens até a Grande Guerra quarenta anos antes. Com a anexação de Tasmét, um novo ducado fora criado e dado de presente ao general Falco D'Amiran por seu desempenho nas batalhas para arrancar a província de Kimisara. Era apenas uma fração do antigo poder da família e, considerando sua história, muitos suspeitavam que os D'Amiran não ficariam satisfeitos com as sobras.

— Tio Raymond sabe das suas suspeitas? — Quinn perguntou.

— Ainda não. O inverno foi tão forte que não consegui mandar expedições confidenciais pelas montanhas; o desfiladeiro sul em Jovan estava bloqueado até semana passada. O rei está quase completamente desinformado.

— Então vou ser o mensageiro de suas preocupações. — Aquilo pelo menos era importante.

— Não apenas isso. — O general se debruçou para apontar para o mapa novamente. — A caravana nupcial vai atravessar Tegann.

A fortaleza do duque Morrow D'Amiran. De repente, Quinn entendeu por que Ash havia sido incluído na reunião.

— Você quer que espiemos o duque.

— Discretamente.

Quinn ainda não estava convencido.

— Não tenho muita experiência com esse tipo de espionagem, apenas reconhecimento de terreno.

— Então considere uma chance de aprender algo novo.

Quinn fez cara feia. Aprender novas habilidades sempre tinha sido sua prioridade. Casseck chamava de obsessão. Seu pai havia formulado dessa forma para convencê-lo.

Por outro lado, tudo o que o general precisava fazer era emitir uma ordem. Mas ele queria que Quinn acolhesse a missão, e não apenas obedecesse.

Como o filho não se opôs, o general sorriu.

— Quem você quer levar?

Quinn cruzou os braços.

— Não posso simplesmente levar meus oficiais?

— Ainda não sei — o general respondeu. — Por um lado, não gosto de perder Robert Devlin de vista. Por outro, o príncipe deve ficar mais seguro longe da fronteira.

— Não vou contar para ele que você disse isso.

O general continuou:

— Trinta homens devem bastar para protegê-lo, especialmente no meio de Demora, mas não quero o alvoroço que ele vai criar. — Ele parou. — A decisão é sua.

Talvez fosse apenas uma isca lançada para fazer Quinn se sentir melhor, mas ele a mordeu.

— Não quero destruir o que temos, então vou levar Rob, mas sob um nome falso.

— Muito bem, e mantenha-o longe das moças — disse seu pai, lançando os olhos para a porta aberta da tenda. — Aliás, você vai levar Charlie também.

Quinn ergueu os braços.

— Isso só prova que você está me afastando de algo importante.

— Bobagem. — O general se acomodou numa cadeira. — Você precisa de um pajem e ele pediu para trabalhar com você como presente de aniversário. Seu irmão é bom no trabalho dele.

Sim, Charlie era competente, mas Quinn não conseguiria tratá-lo como qualquer outro pajem. Já era difícil dar ordens a seus melhores amigos, mesmo que eles não se importassem. Fechou os olhos e coçou a testa, esquecendo a ferida e se retraindo quando a dor disparou por sua têmpora.

— Pai, por favor, reconsidere. Levar essas mulheres de um lado para o outro já é ruim o bastante. Eu me sinto uma babá.

— A decisão é sua, mas Charlie já está sabendo, então você teria que dar a má notícia para ele.

Encurralado. De novo.

Seu pai puxou um pergaminho para ler e ergueu a mão em um gesto de dispensa.

— Você tem muitos preparativos para fazer. Sugiro que comece logo.

Quinn saiu antes que as coisas piorassem ainda mais.

10

CASSECK E GRAMWELL JÁ TINHAM ABERTO UM MAPA e estavam marcando os lugares em que a caravana nupcial pararia à noite. Robert e Ash faziam listas de provisões e guarnições. Todos tiveram um sobressalto quando Quinn entrou na tenda, mas ele fez sinal para que relaxassem.

— Acho que todo mundo já ficou sabendo.

Rob abriu um sorriso.

— Até que não é uma punição tão ruim assim.

Quinn balançou a cabeça.

— Não fique pensando besteiras; você vai com um nome falso. É mais do que uma simples escolta.

Casseck ergueu uma sobrancelha loira.

— Mais?

— É uma missão extraoficial de reconhecimento. — Quinn se debruçou sobre o mapa e traçou o dedo ao longo da estrada de Tegann, apontando para a fortaleza no desfiladeiro. — O general está especialmente interessado no que anda acontecendo aqui.

Rob arregalou os olhos.

— O duque D'Amiran está aprontando alguma coisa?

— Talvez. — Eles precisavam abordar essa missão com a mente neutra, senão tudo o que observassem pareceria traição.

Ash apresentou a Quinn os papéis que ele tinha ignorado antes.

— Vou ser o principal batedor em tudo isso?

— Sim — disse Quinn, pegando as folhas. Entre elas, havia uma carta da alta casamenteira de Crescera, a srta. Rodelle, destinada ao seu pai, detalhando os preparativos que havia feito para a jornada. Ele examinou a caligrafia precisa, apreciando o tom lógico com que as informações eram apresentadas. — Vamos passar três noites com o barão Underwood, o que é ótimo. Ele é amigo dos D'Amiran.

Robert espiou por cima do ombro.

— Assim como Lord Fashell. Todas as provisões de Tegann passam pela propriedade dele.

Quinn mordeu a bochecha antes de olhar para Ash.

— O que acha de conseguir um contato dentro do grupo das damas, uma criada ou coisa assim? Ela pode dar informações que não conseguiríamos de outra maneira.

Ash fez uma careta.

— Não posso fazer o reconhecimento? É muito estressante ficar infiltrado tanto tempo.

A experiência de Quinn se limitava ao reconhecimento de terreno; era sempre Ash quem fazia o trabalho mais direto de questionar as pessoas, usando uma história cuidadosamente elaborada para ganhar sua confiança.

— Para mim parece fácil.

Ash deu de ombros.

— Alguém pode sair ferido.

— Ferido? O trabalho nos piquetes é muito mais perigoso.

— Não fisicamente — Ash disse. — Se os contatos descobrem que estão sendo usados, tudo o que você construiu vai por água abaixo. E mentir é mentir. Nunca é prazeroso.

— O que sugere que eu faça? — Quinn perguntou. — Mande alguém com menos experiência?

— Eu não disse que não aceitaria, só que estou ficando cansado. Além do mais — Ash sorriu —, o cenário vai ser melhor do que estou acostumado.

As mulheres. Como sargento, Ash não tinha que esperar até os vinte e quatro para casar, como os oficiais. Embora fosse bastardo — fruto do concubinato do rei com uma criada depois da morte da primeira rainha —, poucas famílias recusariam uma chance de se misturar à realeza.

Quinn puxou o amigo de lado.

— Você tem interesse em usar uma casamenteira para se casar? — ele perguntou baixo.

— Talvez. — Ash evitou seus olhos. — Acho que nenhuma menina prestaria atenção em mim se não soubesse quem eu sou. — Aquela era sua maior vantagem como espião. Ash olhou para o irmão. — Rob diz que vai esperar pelo próximo Concordium, a menos que nosso pai diga o contrário. E você?

A união dos pais de Quinn tinha sido altamente política e funcionara muito bem, mas ele sempre havia resistido à ideia. Odiava se sentir como a soma de suas posses, e não como uma pessoa.

— Planejo fugir disso o máximo possível.

— A vida não se resume ao exército, sabia?

Quinn não queria conversar sobre casamento. As cartas recentes de sua mãe sobre o tema já eram ruins o bastante.

— Você vai ser meu guia, então. Prepare sua história e avise todo mundo.

Ash fez que sim e foi na direção de Robert.

— Me coloque como cocheiro. E me rebaixe para soldado. Vai me dar maior flexibilidade.

Alguns dias depois, Quinn encarava os restos de uma fogueira. Qualquer um podia ver que um grupo de homens tinha passado por ali dois dias antes. Para o olho treinado do capitão, porém, havia muito com que se preocupar. Os viajantes estavam em dez — número típico de um esquadrão kimisaro. Eles tinham posicionado patrulhas itinerantes que cobriam um raio de quase quatrocentos metros. E viajavam rápido. Sem o peso de carroças ou a necessidade de se manter em estradas, percorriam num dia o dobro da distância que a unidade de escolta, e Quinn não tinha nem tempo nem recursos para rastreá-los.

Ash Carter surgiu atrás dele.

— Que bom que trouxemos os cachorros. Poderíamos nunca ter encontrado isso se não fosse por eles.

Quinn concordou.

— Eles se dirigiram para o norte, para dentro de Crescera. Acha que pretendiam encontrar aquele grupo que matamos algumas semanas atrás?

Ash encolheu os ombros.

— Não sei. Mas aquele mensageiro comentou que a fronteira anda movimentada desde que partimos.

Quinn tinha um pacote de mensagens para o rei e seu conselho em Tennegol, mas os mensageiros de seu pai os encontrariam no caminho com relatórios atualizados. O primeiro os havia alcançado na noite anterior, trazendo notícias de que o exército tinha se mobilizado e se espalhado em diversas incursões.

Ele estava perdendo toda a ação.

— Nunca vi um grupo pequeno como esse tão ao norte — disse Quinn. — Eles estavam a poucos dias de Crescera. — Talvez já tivessem chegado lá.

— Devem estar atrás de alimento. Todos os celeiros ficam aqui em cima.

— A pé? Como vão levar de volta grãos suficientes para fazer a viagem valer?

Ash franziu a testa.

— Vai ver querem roubar cavalos aqui. Pelo que fiquei sabendo, metade dos

cavalos foram perdidos em Kimisara.

— Faz sentido — Quinn disse. — Assim fica mais fácil entrar despercebido também. Talvez aquilo a que nosso exército está reagindo no sul seja apenas uma distração de um monte de pequenas invasões aqui ao norte. — Ele já estava escrevendo o relatório em sua mente para que o mensageiro levasse de volta, grato por ter feito o homem esperar.

A dupla montou novamente e voltou para a estrada, onde a caravana esperava. Quinn franziu a testa quando a cabeça morena de Robert entrou em seu campo de visão. Se houvesse kimisaros na região e eles se dessem conta de que Rob estava com a escolta, não tinha dúvida de que tentariam capturá-lo. Kimisara tinha um longo histórico de tomada de reféns, e o príncipe herdeiro seria um alvo tentador demais para deixar escapar. Quinn achava que poderia proteger Rob, mas, quando encontrassem as mulheres dali a alguns dias, tudo ficaria mais complicado.

Ele não tinha pensado em posicionar batedores de piquetes em volta do grupo durante a viagem, mas agora aquilo parecia necessário, especialmente se houvesse mais esquadrões por ali. Uma ideia se formou em sua cabeça enquanto equilibrava a necessidade de proteger Robert com seus planos de espionagem. Ele virou para Ash.

— Tenho um novo trabalho para você, meu amigo.

SAGE COLOCOU SEU BAÚ EM CIMA DO COCHE, depois arqueou as costas e se esticou. A casamenteira revirou os olhos.

— Contratei homens para esse trabalho.

A garota saltou de cima da carroça.

— Parecia bobagem deixar o baú esperando no chão até eles resolverem isso.

— Você está fazendo essa viagem como uma dama — Darnessa repreendeu. — Toda parada ao longo do caminho é uma chance de observar as pessoas sobre quem precisamos saber mais. Se estragar essa imagem, não vai conseguir se aproximar delas.

— Eu sei, eu sei. — Sage endireitou a saia. — Só queria esperar o máximo possível antes de colocar as saias. — A jornada de um mês para Tennegol seria exaustiva, mas Darnessa havia prometido que ela poderia usar calça no caminho de volta.

Sage representou zelosamente o papel de uma nobre tímida enquanto as mulheres chegavam. A maioria não se conhecia e via todas as outras como rivais. Sage imaginou um saco de pano cheio de gatos e se perguntou qual sairia com mais arranhões.

A casamenteira a apresentou.

— Esta é minha assistente, Sage, mas vocês vão chamá-la de Lady Sagera Broadmoor. Ela vai viajar como uma de vocês, e devem seguir suas instruções como se fossem minhas.

— Ela parece a filha do passarinho que treinou os falcões do meu pai quando eu era pequena — disse uma loira, aproximando-se para examiná-la.

— É muito provável que seja mesmo — disse Darnessa. A casamenteira certamente estava sendo gentil, mas Sage se sentiu tratada com condescendência.

Lady Jacqueline cruzou os braços.

— Sage é um nome de plebeia? Ou de bastarda? O que ela é?

Elas falavam como se a garota não estivesse ali.

— Consigo falar em meu próprio nome — Sage disse, ríspida.

A jovem virou a cabeça, olhando de cima como se Sage fosse um inseto que ela pudesse esmagar com o salto do sapato de cetim.

— Então o que você é?

— Nenhum dos dois, mas posso apostar que vou acabar com a sua raça antes de chegarmos à capital. — Sage sorriu e fez uma reverência. — Milady.

Jacqueline parecia prestes a retrucar, mas Darnessa colocou a mão entre as duas.

— Chega. Tudo o que vocês precisam saber é que o nome dela é Lady Sagerra Broadmoor. Se alguma de vocês chamá-la de outra coisa, vai se arrepender pelo resto da vida. — Jacqueline virou e foi embora, seguida por várias outras. A casamenteira rangeu os dentes. — Não correu tão bem quanto eu esperava.

Uma mão pegou a de Sage, que abaixou os olhos, surpresa. Lady Clare. Ela lembrava daquele rosto doce e daquele cabelo. Cachos escuros e brilhantes da cor de xarope de bordo caíam sobre um ombro, nenhum fio fora do lugar. Clare abriu um sorriso tímido.

— É um prazer conhecer você, Sagerra — ela disse, apertando seus dedos e depois saindo para se despedir da família.

Sage a observou se afastar, indiferente ao gesto. Ao longo do inverno, meninas que nunca haviam conversado com Sage de repente queriam ser sua amiga, o que era lisonjeador até ela se dar conta de que aquela gentileza só tinha o objetivo de lhes garantir casamentos melhores. Ninguém nunca a tratava bem a menos que quisesse algo em troca.

A viagem para Galarick era de apenas dezesseis quilômetros, e o grupo nupcial chegou logo depois do meio-dia. Sage encontrou a biblioteca quase imediatamente e pretendia passar o resto do dia ali, mas acabou vagando inquieta pelas muralhas. Galarick lembrava uma fortaleza com uma praça-forte interna e externa e quartéis para soldados, mas era apenas uma mansão glorificada — com toda a grandeza de um castelo, mas sem a força de um. Fortificações eram desnecessárias no interior de Demora, especialmente desde que a fronteira com Kimisara tinha sido empurrada mais para o sul.

Quando as cornetas anunciaram a chegada de sua escolta militar, a curiosidade de Sage foi tanta que ela encontrou um ponto na muralha interna para observar a entrada dos soldados. Eram cerca de trinta, e havia quase o dobro de cavalos. Vários cães de caça caminhavam entre eles, evitando os cascos com destreza. Os cavaleiros, todos de gibão preto, calça e botas, desmontaram ao mesmo tempo e começaram a descarregar as carroças e guiar os cavalos para os estábulos. Havia conversas e risos, mas menos do que ela esperava.

Darnessa também observava ali perto, com o olhar aguçado que Sage tinha associado a julgar as pessoas. A garota se aproximou para ficar ao seu lado.

— São aquelas as carruagens? — Sage apontou para as carroças simples estacionadas uma ao lado da outra. — Pensei que seriam mais refinadas. — Os cerca de dez cocheiros e criados usavam roupas comuns: calça marrom e colete sobre camisa de linho branco.

— Amanhã vão estar mais elegantes — disse Darnessa. — Você já viu soldados antes?

— Não que eu me lembre. — Quase todos os soldados posicionados a oeste das montanhas ficavam em Tasmet e tinham confrontos frequentes com Kimisara. Por mais que tio William tivesse jurado lealdade e carregasse uma espada, aqueles homens *viviam* o voto de uma forma que seu tio nunca havia vivido. Sage sentiu um calafrio ao pensar no que as espadas deles já tinham feito.

— Aquele ali é o capitão, com a medalha de ouro na gola. — Darnessa apontou para um cavaleiro moreno. Seu rosto era bonito, pelo menos de longe, e seu porte, orgulhoso. A casamenteira olhou Sage de soslaio. — Filho do general Quinn. Um ótimo partido.

Definitivamente.

O general havia se casado com a irmã da antiga rainha. Aqueles casamentos e muitos outros haviam firmado uma estreita aliança entre as famílias mais ricas de Aristel, que se revelou fundamental para derrotar a última grande tentativa de invasão kimisara alguns anos antes. Quanto mais Sage aprendia sobre o ofício das casamenteiras, mais suspeitava que a nação só se mantinha unida por causa dele.

Ela franziu a testa enquanto o rapaz comandava parte do trabalho.

— Acha que o pai dele o mandou para o Concordium para casar? Não tem idade suficiente.

— Não sei. Só poderia acontecer daqui a três anos.

— É muito tempo para um noivado — disse Sage. — Devo colocar o nome dele no livro?

Darnessa fez que sim.

— É raro os soldados chegarem perto o bastante para os avaliarmos. Pode fazer uma página para cada um.

Nesse mesmo momento, tocou um sino, anunciando a refeição do meio-dia. O barão de Galarick havia oferecido uma sala para as damas almoçarem e se distraírem, mas Sage relutava a ficar com elas.

— Não estou com tanta fome. Acho que só vou pegar um lanche na cozinha e comer na biblioteca, se a senhora não se importar.

— Desde que realmente coma, não tem problema. Você está magra demais. — Darnessa apertou o braço de Sage.

Sage se soltou. Estava tão acostumada com a casamenteira julgando as pessoas que era difícil saber se era uma crítica ou apenas preocupação, e nenhuma das opções a deixava à vontade.

— Pode deixar.

Darnessa a deixou sozinha. Sage ficou observando os soldados por mais alguns minutos, sentindo uma estranha inveja. Todos os homens ali embaixo se moviam e agiam com propósito, enquanto ela sempre parecia perdida. Claro, a casamenteira a mantinha ocupada, e Sage às vezes até gostava do trabalho, ainda que não admitisse. Mas Darnessa não era muito diferente de tio William: Sage era obrigada a obedecê-la. Soldados também tinham que obedecer aos comandos de outras pessoas, mas por escolha própria, e todos desempenhavam um papel importante nas missões e no destino da nação.

Ela tamborilou o parapeito de madeira à sua frente. Era boa professora; talvez Darnessa pudesse recomendá-la a uma família rica — não naquele ano, talvez no próximo Concordium. Até lá, era provável que a casamenteira se aposentasse, e Sage teria idade suficiente para ser levada a sério pelas pessoas. Dependendo de quem a contratasse, poderia até ter sua própria casa.

Havia aceitado aquele trabalho por desespero e o questionava com frequência, apesar da convicção de Darnessa de que tinha a vocação necessária. Agora, ela via que tinha sido a melhor decisão que tomara em muito tempo. Era um passo em direção à liberdade.

Sage sorriu e saiu para pegar seu livro de registros. Tinha muito trabalho a fazer.

12

O DUQUE MORROW D'AMIRAN OBSERVOU O PÔR DO SOL da torre noroeste da imensa fortaleza de pedra, de costas para o estreito e enevoadado desfiladeiro de Tegann. A primavera havia sofrido para se apoderar da paisagem naquele ano. Só as sempre-verdes esparsas davam um pouco de cor às encostas, que se erguiam abruptas atrás dele, como uma cortina de granito.

Seus olhos azul-claros seguiram o homem que atravessava a ponte levadiça com determinação, parando enquanto a grade era içada para deixá-lo entrar. O traje do kimisaro era tão sem cor quanto o terreno, tornando seus contornos indistintos da paisagem. D'Amiran afagou a barba enegrecida enquanto examinava a floresta escura em busca de sinais dos outros kimisaros que ele sabia que estavam lá. Só um estava visível e, depois de alguns segundos, o duque percebeu que olhava para uma árvore caída, não para um soldado à espera. Incomodava-o que os kimisaros fossem tão eficientes em camuflagem, ainda que, no momento, fossem seus aliados.

A aliança era desagradável, mas o desespero de Kimisara tornara os termos mais aprazíveis. No momento, a nação ao sul queria apenas comida, embora ele não tivesse dúvidas de que, quando se reerguesse, Kimisara voltaria a fazer incursões à província de Tasmet, isso se não montasse outra campanha completa a fim de recuperá-la. Para o duque, não fazia diferença se ficassem com ela; só lhe importava manter os ricos depósitos de cobre ao sul. O ducado fora dado à sua família como recompensa pelo serviço de seu pai na Grande Guerra quarenta anos antes, o que era praticamente um insulto. Embora aquilo parecesse grandioso no papel, era uma terra pardacenta, rochosa e infértil. Tendo sido criado em Mondelea, quando viu pela primeira vez a fortaleza e o terreno que seriam seu lar, Morrow D'Amiran chorou.

Ele tinha pensado que seu pai ficaria bravo com aquelas lágrimas, mas, em vez disso, apenas o puxara de lado e explicara que aquilo não era nada comparado aos séculos de humilhação que sua família havia suportado depois de ser destronada pela dinastia Devlin. Aquele lugar era apenas um ponto de partida para retomar o

que era deles por direito. *Posso não ver esse dia chegar*, o pai dissera. *Mas você verá*.

Ele estava certo sobre a primeira parte. Onze anos depois, tinha dado a alma ao Espírito, e Morrow sofrera vários reveses enquanto ele e o irmão mais novo eram impedidos de subir pelas fileiras do exército — Rewel sequer tinha conseguido chegar a tenente. Impedidos pela ascensão meteórica do general Pendleton Quinn, o novo bichinho de estimação do rei, no campo de batalha e no casamento. Mas, se o duque havia aprendido algo nos seus quarenta e três anos, era que não se venciam todas as batalhas de maneira direta. Algumas eram vencidas como o subir e descer contínuo da maré do oceano que havia observado na juventude, gentil e confiável — útil, talvez —, até um dia arrancar a encosta do despenhadeiro.

A maré estava vindo. Ele só precisava ter mais um pouco de paciência.

Passos atrás dele chamaram a atenção de D'Amiran à chegada de seu convidado na plataforma da torre. Dois guardas cercavam o estrangeiro enquanto ele era recebido pelo nobre pela primeira vez. Nem a desconfiança de seu anfitrião nem a magnificência do lugar pareciam incomodá-lo. Ele parou com os braços cruzados e os pés plantados; o tecido áspero de seu manto ia dos ombros largos até os joelhos.

Como o rapaz não pareceu inclinado a falar, o duque decidiu começar.

— Você é o capitão Huzar, correto?

O homem assentiu uma vez com a cabeça encapuzada, mas não disse uma palavra. Os kimisaros tinham a pele mais escura do que os demoranos de Aristel. Mesmo de perto, ele quase sumia entre as sombras. Tatuagens tribais em seus antebraços expostos contribuía para o efeito.

— Seus homens estão posicionados?

Huzar respondeu com um sotaque pesado, destacando todas as consoantes.

— Sim. Segundo seu cronograma, eles chegaram.

D'Amiran se permitiu um pequeno sorriso.

— Excelente.

Huzar não se comoveu com o elogio. A falta de deferência irritou o duque, mas ele tentou ignorar. As coisas estavam correndo bem demais para insistir em meia dúzia de frases de respeito de uma pessoa que provavelmente nunca havia se dirigido a alguém tão importante quanto ele. D'Amiran entrelaçou as mãos atrás das costas.

— E todos entenderam seus papéis?

— Conforme instruído, apenas seus papéis. Se alguém for capturado, o que é improvável, não terá como delatar os outros. Nem você.

— Seus homens não devem assustar o grupo. — O duque abaixou o queixo para lançar um olhar cortante para Huzar. — Ele só precisa ficar sem comunicação. Desde que achem que não há nada de errado, vão continuar seu trajeto até aqui.

Os lábios de Huzar se contraíram com a implicação de que seus soldados não haviam entendido a missão.

— Eles não vão agir a menos que seja necessário. — Huzar fez uma pausa. — E quanto ao nosso refém? — Ele não conseguia fazer o som do *f*, que saía como um *v* chiado.

D'Amiran fez um gesto de indiferença com a mão.

— Meu irmão está atrás dele. O príncipe Robert é um oficial de cavalaria, então é só uma questão de tempo até ele se afastar da força principal durante uma patrulha. Quando seus homens o levarem pelo desfiladeiro em Jovan, o grosso do exército irá atrás dele, e poderemos agir. Se seus homens ao sul conseguirem trazê-lo para cá através do desfiladeiro, ele será seu.

13

AO PÔR DO SOL, uma fila de criados carregava bandejas para a sala de jantar das damas. As mulheres os ignoraram enquanto arrumavam a mesa e enchiam taças de vinho. Quando o chefe dos criados anunciou que o jantar estava servido, as convidadas se encaminharam para a longa mesa.

Um criado contorceu a boca de repulsa ao ver como as damas mais importantes obrigavam as outras a se curvar ligeiramente a elas. Ele apurou os ouvidos quando a conversa começou, mas, depois de alguns minutos, imaginou que morreria de tédio — os luxos que elas possuíam, as propostas de casamento que tinham recusado e outros assuntos ainda menos interessantes. Só a impressão que elas tiveram dos soldados interessou; eles dariam risada ao ouvir os comentários trocados entre as garotas. Ninguém havia reconhecido o príncipe, o que era um alívio.

A carta da casamenteira havia listado apenas os sobrenomes, mas as damas se tratavam pelo primeiro nome, o que o deixou um pouco perdido até se dar conta de que elas estavam alinhadas na mesma ordem da lista. Ele examinou todas as meninas, uma por vez, ligando nomes a pessoas. Os adornos artificiais eram perturbadores — como conseguiam suportar aquela maquiagem nos cílios? Alguns penteados pareciam definitivamente dolorosos; faziam seu próprio couro cabeludo coçar e o lembravam de que fazia dois meses que não aparava o cabelo — até que percebeu que estava faltando uma moça. Contou de novo. Havia apenas quinze ali.

Com uma reverência respeitosa, aproximou-se da ponta da mesa.

— Srta. Rodelle, posso lhe perguntar se todas as damas estão presentes? Estou vendo um prato a mais.

A casamenteira examinou a mesa e suspirou.

— Sim. Ela deve estar na biblioteca e não ouviu o chamado para o jantar. — A loira à esquerda dela bufou.

Ele concluiu que não havia muito mais a descobrir naquela noite e ficou contente pela oportunidade de escapar.

— Deseja que eu a busque?

A loira, Lady Jacqueline, interveio:

— Já terminamos os dois primeiros pratos. Seria rude da parte dela aparecer agora.

A srta. Rodelle lançou um olhar de advertência para a garota, depois se voltou para ele.

— Se puder levar um pratinho para ela, eu ficaria contente. Obrigada.

O rapaz fez uma reverência, recuou e deu a volta na mesa para montar uma bandeja de comida. Não havia mais pães e ele tinha acabado de decidir que a garota poderia viver sem quando a dama à direita da casamenteira acenou para ele. Com uma careta por dentro, foi até ela, mas, para sua surpresa, ela lhe entregou seu pão.

— Pode levar este para ela; tenho de sobra. — Lady Clare sorriu e olhou em seus olhos; tinha sido a única dama a fazer isso. Nem todas eram esnobes, aparentemente.

Ele saiu da sala e percorreu os corredores escuros que já havia memorizado nas poucas horas desde sua chegada. Na porta da biblioteca, equilibrou a bandeja no joelho por tempo suficiente para abrir a maçaneta e empurrar a porta com o cotovelo. *Entregue a comida, dê uma olhada nela e volte para o quartel.* Pela posição da cadeira vazia e pelo desdém de Lady Jacqueline, era seguro supor que se tratava da última da lista, Lady Broadmoor. Mas ele duvidava que conseguisse descobrir o primeiro nome dela naquela noite.

A moça não ergueu os olhos de seu lugar à mesa perto da lareira, então ele limpou a garganta enquanto se aproximava.

— Perdoe a intrusão, milady, mas trouxe seu jantar. As outras damas disseram que a senhorita não pretendia se juntar a elas.

A garota ergueu a cabeça entre as pilhas de livros.

— Ah, obrigada. — Ela levantou, empurrando os papéis e livros de lado. — Fiz uma bagunça aqui, mas pode dizer ao mordomo que arrumo tudo antes de sair.

Lady Broadmoor estava escrevendo num livro grande. Tentando ser discreto, ele se aproximou para dar uma olhada. Cerca de metade das páginas pareciam ter sido usadas, mas o livro era dividido em seções com dobras nos cantos das páginas, portanto não era um diário. Ele passeou os olhos pelas folhas soltas em volta dela. Cada uma parecia ter o nome de um homem. A página aberta tinha as informações de um dos papéis copiadas. Ela estava transcrevendo anotações. Interessante.

A caligrafia precisa da garota também lembrava muito a da carta da

casamenteira. Uma estranha coincidência, sem dúvida, especialmente considerando o que estava escrevendo. Ele tentou se aproximar, mas ela juntou as páginas e as enfiou no livro antes de fechá-lo. Em seguida, empilhou mais alguns livros em cima dele e os pôs de lado. Juntou os pedaços soltos de papel e os jogou na lareira atrás dela. Quando as chamas se ataçaram, ele conseguiu observar melhor os traços de Lady Broadmoor.

Parecia jovem, talvez apenas dezesseis anos, e mais para alta que para baixa, embora talvez fosse efeito dos saltos. Seu rosto não tinha a beleza embonecada das outras, mas seu sorriso parecia sincero. Ele não soube definir a cor dos seus olhos, já que ela estava de costas para o fogo, e alguns fios finos haviam escapado da trança simples, dando-lhe um ar de quem correria contra o vento. A cor do cabelo também era difícil de definir, já que a luz em movimento lhe conferia tons de vermelho e dourado. E ou as sombras estavam pregando uma peça nele ou o nariz dela era ligeiramente torto, como se já tivesse se quebrado.

Os olhos dela encararam os dele com ousadia, e a moça se deixou observar sem vergonha ou raiva. Quando o olhou de cima a baixo, ele curvou os dedos sob a bandeja, subitamente envergonhado das unhas sujas. Ela apontou para a mesa.

— Pode colocar em qualquer lugar. Eu mesma me sirvo.

Ele percebeu que a estava encarando por tempo demais e, depressa, pousou a bandeja, derramando um pouco da sopa e bagunçando os talheres. Ela voltou a sentar e ergueu a mão para ajudá-lo.

— Acho que não vi você antes — Lady Broadmoor disse.

— Não, milady — ele respondeu, secando a sopa com um pano. — Vim com a escolta. A cozinha estava com falta de pessoal e me mandaram para ajudar.

— Você é um soldado? — Os olhos dela brilharam, e ele fez que sim. — Que gentil da sua parte ajudar! Mas quem não gostaria de dar uma olhada em nossas belas damas? Está espionando para o capitão?

O tom dela era descontráido, mas ele se retraiu e imediatamente se arrependeu disso. A garota continuou como se não tivesse notado sua reação.

— Acho que a curiosidade por elas é natural.

Ela falava do grupo como se não fizesse parte dele. Ou, estranhamente, como se o liderasse.

— Qual é o seu nome? — a moça perguntou.

— Ash — ele respondeu sem pensar. Então, lembrando de como deveria agir, endireitou-se e fez uma reverência. — Ash Carter, milady. Normalmente dirijo coches.

O meio sorriso dela assumiu certa melancolia.

— Ash é um belo nome. Me lembra da floresta em que cresci. Há quanto tempo está na cavalaria?

— Desde que me entendo por gente, milady. Sirvo ao capitão Quinn desde que ele recebeu o comando, mas o conheço desde a infância. — Ele parou, percebendo que tinha dado mais informações do que deveria.

Ela inclinou a cabeça para o lado como um pássaro enquanto o observava. Ele sentiu que havia cometido um erro, embora não conseguisse deduzir qual.

— Bom, sr. Ash — ela disse. — Meu nome é Sagerra e é um prazer conhecê-lo. O que me trouxe para jantar?

— Frango com molho de damasco e vegetais, milady, além de pão, queijo e manteiga. E a especialidade do chef. — Ele ergueu a tampa da tigela. — Sopa de cebola.

Lady Sagerra havia se inclinado para sentir o cheiro que subia do prato, mas recuou em repulsa.

— Eca. Eles colocam cebola em tudo aqui. Nem consigo imaginar uma sopa só disso.

Ele parou, com a tampa no ar.

— Sêrio, milady? É a minha favorita.

Ela apontou para ele fechar a vasilha fumegante.

— Pode tomar, então.

— Eu não poderia fazer isso, milady!

— Por que não? — ela respondeu. — Se eu mandar de volta sem comer, o que acontece?

Ele pestanejou.

— Eles dão para os porcos, imagino.

— E você não toma nada.

Ash balançou a cabeça.

— Vou tomar um pouco na cozinha mais tarde, milady.

Sagerra soltou um som nada elegante.

— Fique à vontade, mas vai ter sorte se conseguir restos frios. Por outro lado, o porco assado da semana que vem vai ter gosto de cebola.

Ele conteve um sorriso. Talvez pudesse transformar aquela relação no contato de que os soldados precisavam dentro do grupo nupcial. E aquele livro dela parecia interessante. Mas ele não queria demonstrar interesse demais.

— Milady, isso é inapropriado.

— Por favor — ela pediu simplesmente. — Sente e relaxe alguns minutos. Passei o dia todo sem conversar com ninguém. E nunca falei com um soldado em

toda a minha vida.

Ele puxou uma cadeira da lateral da mesa para sentar à frente dela. Sagera lançou a colher para ele, que a pegou, abrindo um sorriso acanhado.

— Não sei se tenho muito a dizer, milady.

— Então coma. — Ela dividiu o pão e se debruçou sobre a mesa para oferecer um pedaço a ele, que olhou nervoso. Era muito maior que a porção que ela havia separado para si. — Não estou com tanta fome — Sagera disse.

Ele pegou o pão, com cuidado para não tocar nos dedos dela.

— Obrigado, milady.

Sagera se recostou e começou a comer. Ele seguiu o exemplo dela e não falou nada, embora seus olhos se voltassem toda hora para o livro de registros na ponta da mesa. Para que aquilo servia?

— Então, Ash — Lady Sagera disse depois de comer metade do prato dela —, de onde você vem? Da região do vale do Tenne?

A boca dele estava cheia demais para responder imediatamente.

— Sim, milady. Como sabe?

E por que se importa?, ele questionou em silêncio.

— Sua fala é rápida, algo que notei nas pessoas daquele lado das montanhas.

Ash relaxou um pouco. Uma das primeiras coisas que havia notado era o sotaque crescerano dela — fazia uma leve separação nas sílabas que ele juntava.

— Saí da minha terra para entrar para o exército quando tinha nove anos, mas acho que minha terra nunca saiu de mim.

— Sente falta de lá? Da sua casa?

A resposta exigia uma dose cuidadosa de verdade, mas sem revelar demais.

— Sentia no começo, mas eles nos mantêm tão ocupados que é até bom. O exército é minha família agora.

De repente ele se deu conta de que ela também havia deixado a família para trás em troca de uma nova, mas, ao contrário dele, nunca voltaria para casa. Será que se sentia como ele se sentira anos antes, viajando rumo ao desconhecido, com ansiedade e uma sensação de dever, mas também uma solidão terrível e medo do futuro? Quando seus olhos mais uma vez recaíram no livro de registros embaixo da pilha, ele se perguntou se ela mergulhava no trabalho como ele havia feito.

A mão de Sagera surgiu em seu campo de visão e pegou o livro do topo da pilha.

— Você estava olhando para este?

— Não, milady — ele disse rápido, antes de perceber que ela não estava falando do livro de registros.

— Ah. — Ela pareceu desapontada. — Bom, é uma narrativa bem interessante do reinado de Pascal III. Você o conhece?

Ele sabia muito sobre os reis de Demora, mas ela não precisava saber disso.

— Não muito, milady.

Sagera suspirou.

— Imagino que soldados não precisem conhecer história. — Ela colocou o livro de volta na pilha e voltou para a comida. — Acho que eu estava esperando demais.

Ela imagina os soldados como incultos. Ignorantes. Indignos de conversa. Ele virou a cabeça para a comida para esconder o rosto vermelho de raiva.

— Vocês tiveram algum estudo em seu treinamento? — Sagera perguntou.

Não, ele sentiu vontade de dizer. *Só aprendemos a esfaquear coisas e marchar.* Em vez disso, pigarreou.

— Não tanto quanto a senhorita, tenho certeza.

Ele precisava moderar seu tom ou poderia criar problemas. Ou, pior, estragaria o disfarce e faria papel de tolo diante de toda a companhia.

— Acho que a instrução não é muito necessária no seu trabalho — ela disse.

Ele cerrou o maxilar e se concentrou em um pedaço de pão que se dissolvia na sopa já fria enquanto ela continuava:

— Deve ser mais fácil assim.

— Acha que é mais fácil não saber das coisas? — ele retrucou sem conseguir se conter.

Ela franziu a testa.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Acha que é mais fácil ser obediente como uma criancinha? Não questionar nada? — Talvez houvesse um elemento de verdade naquelas acusações, mas ele se sentiu ofendido de qualquer forma.

— É claro que não — ela disse. — Mas... o sucesso de um exército depende bastante dos soldados seguirem ordens, não concorda?

— Não sabia que a senhorita conhecia tanto sobre assuntos militares.

Sagera suspirou fundo.

— Você segue ou não as ordens que recebe?

Ele não estaria ali se não seguisse.

— Sim, senhorita.

— Já discordou de alguma de suas ordens ou tentou desobedecê-las?

— Não, senhorita. — Ele esfregou o nariz com o polegar e desviou os olhos.

— Era isso que eu queria dizer, sr. Carter — ela falou, afundando um pouco na

cadeira. — Consigo até me identificar com isso. Temos muito mais em comum do que você pensa...

— Acho que é óbvio que não temos nada em comum, milady. — Ele empurrou a cadeira para levantar. — Agora peço licença.

Ele não esperou permissão para sair. Enquanto puxava a porta atrás de si, entreviu o rosto dela, vermelho de fúria.

E pensar que havia gostado dela no começo. Parecera bastante despretensiosa, mas era tão terrível quanto as outras garotas jantando, versadas apenas em roupas e livros.

Ele voltou ao quartel a passos duros, ignorando todos por quem passava. No meio do caminho, se deu conta de que deveria ter avisado que havia deixado os pratos na biblioteca, mas decidiu que Lady Sagerra poderia arranjar alguém para cuidar daquilo. Afinal, soldados eram idiotas demais para saber o que fazer sem que alguém lhes desse ordens.

Parte da mente dele sussurrou que não era culpa dela. Uma mulher, especialmente tendo sido criada nas fazendas sonolentas de Crescera, não precisava saber nada sobre o exército. Ela admitiu nunca ter conhecido um soldado antes. Se ele não estivesse representando o papel de um cocheiro, poderia ter mostrado a ela o quanto era estudado, poderia ter explicado que os melhores soldados eram pensadores.

Mas Lady Sagerra não estava tão errada em relação à importância de seguir ordens.

Antes que se desse conta, chegou à porta do capitão. Olhou rapidamente em volta para confirmar que não havia ninguém, avançou e bateu um código na madeira. Depois de esperar alguns segundos sem obter resposta, abriu a porta e entrou para escrever seu relatório.

DARNESSA TIROU OS OLHOS DO BORDADO quando sua aprendiz apareceu à porta.

— Só vim avisar que vou me recolher agora — Sage disse.

— Você jantou?

— Um criado me levou comida na biblioteca. Imaginei que você o tivesse mandado.

Darnessa assentiu.

— Sim. Você não deveria evitar tanto as damas.

— Tinha muito trabalho para terminar. — Sage hesitou. — Sabia que na verdade ele era um dos soldados da escolta?

— É mesmo?

Sage abriu mais a porta, entrou e se recostou nela para fechá-la.

— Ele disse que estava apenas ajudando, mas acho que estava espionando para o capitão Quinn.

Darnessa deu risada.

— Você devia ter ouvido as meninas no jantar suspirando pelos oficiais. Elas ficariam encantadas se soubessem que estão sendo vigiadas. — A casamenteira ergueu os olhos e viu Sage franzindo a testa, pensativa. — Isso te surpreende?

— Acho que faz sentido do ponto de vista militar. — Sage encolheu os ombros. — Afinal, estamos sob os cuidados deles.

Era óbvio que ela sequer veria o aspecto romântico da ideia.

— De início, pensei que ele poderia ser uma boa fonte de informações a respeito dos outros oficiais — continuou. — Então comecei a conversa de sempre para fazer com que ele falasse.

A raiva na voz de Sage fez Darnessa erguer os olhos.

— Não correu muito bem?

— Não. — Ela se empertigou e ergueu as mãos. — Ele ficou todo transtornado! Tudo o que fiz foi perguntar que tipo de educação tinha recebido.

— E obviamente soou condescendente. — Darnessa balançou a cabeça e abaixou os olhos.

— Não é minha culpa se ele é ignorante!

Darnessa suspirou.

— Nem todos gostam de ler como você, Sage.

— Isso não me ajuda em nada nesse trabalho... — Ela cruzou os braços e voltou a se recostar na porta.

A casamenteira fechou a cara.

— Então talvez devesse se concentrar em coisas que ajudem você a fazer seu trabalho. Como conhecer aquelas garotas. — Darnessa apontou para a porta atrás de Sage. — Vamos precisar encontrar noivos adequados para elas.

— Você já escolheu as meninas — Sage protestou. — O que mais há para fazer até chegarmos lá?

— Como espera conseguir encontrar um par adequado para elas se não as conhece?

— Sei o que elas pensam de mim.

— E de quem acha que é a culpa? Levou menos de dois minutos para começar a disparar insultos hoje de manhã.

O rosto de Sage ficou escarlate, mas ela não disse nada. Darnessa a observou até a garota começar a contorcer as mãos.

— Sabe o nome do soldado?

— Ash Carter. Ele é um cocheiro. — A garota estava fitando a lareira e não notou quando Darnessa teve um sobressalto.

Ash Carter!

A casamenteira voltou rapidamente a olhar para o bordado. Embora a maioria das pessoas soubesse que o rei tinha um filho chamado Ash — um dos nomes mais comuns para um menino nascido fora do matrimônio —, *pouquíssimos* sabiam que o sobrenome da mãe era Carter. O sobrenome oficial dele era Devlinore. O filho ilegítimo servia discretamente ao general Quinn junto com o príncipe herdeiro, e fazia sentido que usasse o nome da mãe. Se fosse ele, era um grande golpe de sorte.

Quanto mais pensava no assunto, mais *sentia* que era ele, aproveitando a oportunidade para visitar a família e os amigos em Tennenbol. E Ash não era um oficial — não havia limites a quando poderia se casar. Ela tentou lembrar do rapaz no jantar. Tinha a pele escura. Tanto a mãe dele como a do príncipe eram de Aristel, então fazia sentido. Sage poderia descobrir a verdade por ela, caso já não tivesse estragado tudo.

— Conversou com ele sobre mais algum assunto?

— Estávamos tendo uma conversa agradável. Ele parecia alguém com quem eu

me daria bem se não estivesse agindo como uma das noivas.

Havia um tom de arrependimento na voz de Sage, o que deixou Darnessa aliviada, mas algo mais apurou a intuição sensível da casamenteira.

— Vamos torcer para que ele não conte aos outros soldados sobre esta noite. Isso só vai dificultar descobrirmos mais coisas.

Sage se encolheu. Ótimo. Depois que se acalmasse, veria que era preciso pedir desculpas. Darnessa só precisava fazer com que ela pensasse que havia chegado àquela conclusão sozinha.

— É melhor descansar um pouco, então — a casamenteira disse finalmente. — Amanhã vamos começar cedo.

Sage assentiu, com ar cansado.

— Boa noite.

Darnessa esperou até a porta se fechar atrás da garota para abrir o sorriso que vinha contendo.

Ah, Sage selvagem, ainda vou arranjar um par para você.

QUINN ESTAVA EXAMINANDO UM PERGAMINHO coberto de anotações quando Charlie chegou com seu jantar. Uma olhada no relógio de vela lhe disse que o pajem já deveria estar na cama fazia tempo, mas ele não conseguiu dar bronca no irmão por tomar conta dele. O prato continuava intocado quando os oficiais entraram em fila e pararam um ao lado do outro mais tarde. Quinn continuou franzindo a testa para a página por alguns segundos antes de colocá-la em cima de uma das pilhas espalhadas à sua volta e erguer os olhos.

— Desculpem, só estava pensando. — As desculpas eram desnecessárias, mas no passado oficiais já o tinham feito esperar só para exaltar a própria patente. Ele considerava aquilo repugnante. Quinn pegou uma folha de pergaminho nova e mergulhou a pena no pote de tinta. — Apresentem seus relatórios.

Cada homem detalhou o que suas equipes haviam descoberto naquele dia sobre a casa grandiosa, as pessoas, as rotinas e o terreno circundante. Quinn cobriu a página com informações e começou outra antes que eles terminassem. Finalmente, pousou a pena, flexionando a mão direita.

— Muito bem. Algumas falhas, mas, com o tempo, todos vão aprender melhor a discernir o que é útil do que não é.

Ele se recostou na cadeira e mordeu o lábio antes de continuar.

— Criados normalmente são as melhores fontes de informação, então peçam para suas equipes oferecerem ajuda e fazerem perguntas. Podem flertar com as criadas, mas sem trivialidades. Aliás... — Ele se inclinou à frente para procurar um pergaminho específico. — Aqui estão as anotações do Rato sobre as damas. Memorizem os nomes e rostos até amanhã.

Casseck pegou a página e a examinou. Franziu a testa ao final.

— Existe algum motivo para não haver muita coisa sobre essa última, senhor?

— Ele chegou a falar com ela pessoalmente. Levou comida para ela na biblioteca.

Cass lançou um olhar para ele por cima da folha antes de passá-la para Gramwell. Quinn o ignorou.

Robert espiou por cima do ombro de Gramwell.

— Diz aqui que ela estava fazendo anotações sobre as pessoas. O que isso significa?

— Ela estava copiando anotações sobre vários nobres... gostos, desgostos, propriedades, esse tipo de coisa. Nenhum motivo para preocupação.

— Para mim, parece um pouco preocupante, senhor. — Cass arqueou uma sobrancelha.

— Pensei o mesmo no começo — disse Quinn. — Mas depois considerei que é a dama de mais baixo nível, então talvez esteja tentando cair nas graças da casamenteira fazendo um pouco do trabalho dela. A srta. Rodelle está chegando aos cinquenta anos, talvez seja difícil registrar tudo sozinha.

Gramwell concordou com a cabeça sem erguer os olhos.

— Faz sentido, senhor.

— É tudo o que tenho. — Ele abaixou os olhos para indicar que a reunião havia terminado, embora pudesse ver que Casseck ainda tinha perguntas. Mesmo assim, seu amigo fez posição de sentido e bateu continência com os outros. Quando Robert e Gramwell saíram, porém, Cass ficou e fechou a porta. Sentou na cadeira diante de Quinn e esperou enquanto ele fingia arrumar alguns pergaminhos. Os dois costumavam deixar as formalidades de lado quando estavam sozinhos, mas Casseck sempre esperava que o outro tomasse a iniciativa.

Finalmente, ele se recostou na cadeira.

— O que foi, Cass?

Casseck encolheu os ombros.

— Só estava pensando que o Rato não fez nenhum contato sólido no grupo. Pensei que era esse o objetivo.

— Ele não conheceu todo mundo ainda. Aonde quer chegar?

— Por que não Lady Broadmoor?

Quinn se remexeu na cadeira.

— O plano era ser uma das criadas.

— Acho que ela seria melhor. Pela sua própria análise, a garota tem a atenção da casamenteira. Poderia ser útil se houver algum problema.

Cass estava certo. Ele voltou os olhos para o resumo de Ash dos últimos dias de patrulha estendida. Havia evidências de outro grupo kimisaro nas redondezas. Ele teria de comunicar aquilo quando o próximo mensageiro viesse.

— Além disso — continuou Casseck —, diz que *ela* travou conversa com *ele*. Fico surpreso que o Rato não tenha aproveitado a oportunidade.

— A conversa terminou quando ela insinuou que o exército era repleto de

ignorantes.

— Li isso. — Cass se inclinou para a frente e colocou os braços sobre a mesa. — Mas, Alex, não faz sentido. Aqui diz que ela começou a conversa de um jeito simpático, então por que o desrespeito súbito? Às vezes o Rato é sensível demais. Não seria a primeira vez que ele tira conclusões precipitadas.

Quinn resmungou.

— Talvez você esteja certo. — O capitão passou a mão pelo cabelo desgrenhado e coçou a nuca. — Mas ele saiu enfurecido. Agora ela não deve estar muito disposta a continuar a conversa.

— Talvez eu possa interceder, dizendo que o Rato é um pouco sensível sobre educação porque nunca aprendeu a ler.

Quinn considerou isso por alguns segundos.

— Isso pode ser interessante. Se ele levar o jantar para ela mais uma vez, a garota não ia se preocupar em esconder o livro de registros dele. O Rato poderia dar uma olhada melhor.

— Pensei que você não estivesse preocupado com isso.

— Não faz mal ser precavido.

— Com certeza — Cass concordou. — Mas, enfim, talvez você duvide da capacidade dele de se comportar perto dela. A moça é bonita?

Quinn se eriçou.

— Meus soldados não estão aqui para flertar, muito menos com as noivas do Concordium.

— Claro — Cass disse, com um leve sorriso. — Mas devo conversar com ela amanhã? Para tentar consertar a situação?

Rato havia causado uma grande bagunça. Quinn soltou um leve suspiro.

— Tudo bem. Pode tentar. Se der certo, ela pode ser nosso contato.

Casseck levantou e se espreguiçou.

— Lembre-se de avisar o Rato do papel dele. — Casseck se virou para sair. — E durma um pouco, Alex. As próximas semanas vão ser mais difíceis do que pensa. — Ele parou com a mão na maçaneta. — Ela vai precisar de um codinome.

Quinn pousou a pena na mesa enquanto relia as anotações do Rato pela décima vez. Aquelas damas eram como uma revoada de pássaros grasnando, seguindo a liderança de quem estivesse à frente.

— Estorninho.

Cass assentiu enquanto abria a porta.

— Estorninhos são aves inteligentes.

— Eu sei. E extremamente irritantes.

OS CARREGADORES VIERAM BUSCAR OS BAÚS DAS DAMAS no começo da manhã seguinte. Sage estava de pé e pronta, mas muitas moças precisavam ser apressadas. Os criados corriam de um lado para o outro, mas ela resistiu ao impulso de se envolver e seguiu seu baú até a ala externa, onde a fila de carruagens esperava. Era uma manhã fria, e Sage se enrolou mais em sua capa enquanto examinava a multidão em busca do rosto que havia conhecido na noite anterior. Depois de alguns minutos, o encontrou cobrindo uma das carruagens com um tecido largo.

As estampas de rosas costuradas no tecido indicavam o prestígio especial das viajantes, já que essa decoração normalmente era reservada à realeza. Sempre havia uma princesa chamada Rose e muitas famílias usavam variações desse nome para insinuar relações com a realeza — havia até uma Rosalynn no grupo delas. Era irônico que outras plantas e flores indicassem bastardos ou berços humildes, exceto no caso dela, mas seu pai tinha orgulho de ignorar as convenções.

Sage observou Ash Carter fixar o dossel sobre a estrutura. O nome dele revelava que era um bastardo ou um plebeu — ou ambos. Aquilo não a incomodava. Ela não tinha notado como era alto e tinha ombros largos, embora não fosse corpulento. A postura submissa que havia exibido na noite anterior ficara para trás; Ash fazia seu trabalho com confiança e eficiência. Sage deu a volta numa pilha de bagagens, querendo se aproximar para falar com ele sem chamar muita atenção. Ele não poderia ser rude se ela o abordasse com tantas pessoas em volta.

Um uniforme preto surgiu diante dela, que ergueu a cabeça para encontrar olhos azuis simpáticos sob um cabelo cor de palha. Um tenente, a julgar pela barra de prata em sua gola.

— Bom dia, milady — ele disse. — Posso ajudar? Parece ter perdido algo.

— Com licença, senhor — ela disse. — Preciso conversar com o cocheiro. Eu o conheci ontem à noite e acho que interpretou mal algo que eu disse. Queria me desculpar.

O tenente olhou para trás.

— Fiquei sabendo disso.

Tinha sido tão ruim assim? Será que todos os soldados estavam irritados com ela agora? O tenente não parecia bravo. Na verdade, estava sorrindo.

Era uma boa oportunidade de aprender sobre os oficiais para Darnessa, mas parecia improvável que ela conseguisse arrancar algo dos soldados antes de resolver a situação com Ash Carter. Talvez pudesse fazer as duas coisas.

O soldado ofereceu o braço.

— Deixe-me intervir por você, milady. Posso ver que só vai ficar tranquila quando isso estiver resolvido. A propósito, sou o tenente Casseck.

— Obrigada. — Ela pegou o braço dele e deixou que a guiasse. — É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Sagera Broadmoor.

— Precisa entender, milady, que Carter é um pouco sensível porque não sabe ler — o tenente disse enquanto caminhavam.

Ela ergueu os olhos em choque.

— Não sabe ler?

Casseck encolheu os ombros.

— É algo bem comum entre os soldados. Eles aprendem principalmente de ouvido. Se não souberem ler antes de entrar para o exército, nunca vão saber.

— É uma pena — ela murmurou.

Eles chegaram à carruagem exatamente quando Carter desceu do assento. Ele bateu continência para o tenente, estreitando os olhos por um breve momento para seus braços dados.

— A carruagem está pronta, senhor. — Ele fez uma reverência constrangida para ela e ergueu os olhos sob as sobrancelhas retas e escuras. — Bom dia, milady. É um... prazer... vê-la de novo.

— Lady Sagera estava me contando sobre a noite passada — disse Casseck antes que ela pudesse falar. — Está preocupada que vocês tenham se despedido mal.

— Sim — Sage se apressou em explicar. — Não tive a intenção de ofender. Por favor, me perdoe, sr. Carter.

— Não há nada a perdoar, milady. — Ele hesitou; suas palavras soavam tão forçadas quanto as dela. — Peço desculpas por ter lhe causado preocupação.

E lá estava de novo: a dicção e o discurso dele eram definitivamente formais. Não combinavam com sua formação, mas Casseck dissera que eles aprendiam de ouvido. Ash devia ser bem esperto.

Carter fez mais uma reverência e começou a dar a volta na carroça. Sage lembrou da maneira como ele tinha olhado para a pilha de livros, dando-se conta

de como devia ter se sentido humilhado quando ela esfregou na cara dele o fato de que não sabia nada sobre o que continham. Ela sabia o que seu pai teria feito.

— Posso ensinar você a ler — ela falou de repente.

Carter deu meia-volta, boquiaberto, e o tenente tirou o braço para olhar para ela.

— É muito generoso da sua parte, milady — Casseck disse.

Mas não era muito apropriado para uma dama. Darnessa não ficaria nada contente, mas Sage poderia usar o tempo com Carter para descobrir informações sobre os oficiais.

— Não seria problema algum — ela insistiu. — Não tenho muito o que fazer durante a viagem. E... talvez pudesse ajudar na carreira do sr. Carter. Acha que seu capitão aprovaria?

Mais que qualquer coisa, Casseck parecia achar graça na situação. Ele cobriu a boca com a mão enquanto olhava para Carter.

— Acho que o capitão Quinn ficaria muito feliz.

— Tem certeza? — questionou Carter. A expressão dele era impossível de interpretar.

— Vou conversar com ele — respondeu Casseck. Uma tensão se estabeleceu entre os dois. Carter deveria estar envergonhado porque o tenente tinha revelado seu segredo.

— Podemos começar agora mesmo — disse Sage. — Tenho uma lousa no meu baú. Posso viajar ao seu lado enquanto conduz e lhe mostrar as letras. — Ela fez uma reverência para o tenente e saiu depressa antes que ele ou Carter pudessem se opor. Seria muito mais agradável do que ficar na carroça com um monte de víboras. Seria um desafio também, ver se ela era capaz de ensiná-lo a ler frases simples até chegarem a Tennenol.

Sage encontrou seu baú ainda destrancando, esperando para ser guardado na carroça. Enquanto o revirava em busca da lousa, Darnessa surgiu ao seu lado.

— O que está fazendo?

A casamenteira provavelmente tinha observado tudo.

— Ao que parece, aquele soldado de que falei para a senhora, Ash Carter, não sabe ler, então me ofereci para ensiná-lo. — Sage tirou a lousa, falando rápido. — Se for com ele na frente, vai ter mais espaço para você e as outras damas na traseira. Também posso conseguir informações sobre os soldados.

Ela parou enquanto esperava a objeção de Darnessa, mas sua empregadora observava Casseck e Carter, que ainda conversavam. O cocheiro parecia pensativo. Depois de alguns segundos, a casamenteira virou para ela e disse

apenas:

— Não esqueça de usar um chapéu.

O RATO RELEMBROU CADA NOME enquanto observava Casseck e Gramwell ajudarem as damas a entrar nas carroças. Lady Broadmoor havia desaparecido, mas, a qualquer minuto eu precisaria da ajuda dele para subir no banco do cocheiro, então ele ficou esperando. O pedido de desculpas o havia surpreendido, mas, mesmo assim, ele havia pensado que, quando Casseck contasse que ele não sabia ler, ela decidiria de uma vez por todas que não era digno do seu tempo. Em vez disso, a moça havia se oferecido para ensiná-lo.

Os cavaleiros montaram e sobrou ainda menos gente no terreno, mas ele não a viu. Teria mudado de ideia?

— Sr. Carter? — veio a voz baixa, e ele se virou, procurando por ela. Levou alguns segundos para se dar conta que estava acima dele, sentada tranquilamente no banco. Um chapéu de palha estava amarrado ao seu queixo por uma fita verde.

Ash tirou as rédeas do banco e subiu com dificuldade.

— Como chegou aqui em cima?

Ela inclinou a cabeça de lado e ergueu uma sobrancelha.

— Subindo.

Cinza. Seus olhos eram cinza. E ele havia esquecido de dizer “milady”.

— Perdão pelo chapéu — ela disse, afastando a aba larga para o outro lado para que ele conseguisse se acomodar no banco sem topar com ele. — A srta. Rodelle insistiu.

Havia sardas cor de mel que ele não tinha notado na noite anterior espalhadas pelo nariz e pelas bochechas dela. De perto, também dava para sentir o cheiro de lavanda e o aroma de sálvia no seu vestido, que ele achava muito melhores do que os perfumes florais com que as outras mulheres se impregnavam. Ele limpou a garganta.

— Só vou conseguir dar a devida atenção à sua aula depois de alguns minutos na estrada, milady.

Ela assentiu.

— Imaginei. Vamos nos virar com o que for possível. — Ela tamborilou na

lousa em seu colo até entrelaçar as mãos sobre o objeto, encabulada.

O banco era largo o bastante para os dois, mas não era acolchoado, e ele se indagou quanto tempo levaria até ela ser vencida pelo desconforto. Esperava que mais do que algumas horas. Ele a achava ligeiramente intrigante. Mas também impertinente. Estorninho era o nome perfeito para ela.

Quando deram o comando de partir, Ash estalou as rédeas e a carruagem avançou. Durante os minutos seguintes, o som dos cavalos, o ranger das rodas e o chacoalhar das rédeas ecoando pelas muralhas de pedra ao seu redor eram altos demais para conversar. Depois que atravessaram o portão, o barulho diminuiu, mas nenhum dos dois falou enquanto a fila de viajantes entrava na estrada ao leste e se espalhava um pouco.

Estorninho voltou a se agitar com a lousa no colo, esperando que ele avisasse que estava pronto para começar. Os olhos dele estavam fixos à frente quando finalmente abriu a boca.

— Posso perguntar por que deseja me ensinar, milady? Não tenho como retribuir sua bondade.

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

— Gosto de ensinar. Ensinei meus primos a ler há alguns anos. — Ela fez uma pausa e tamborilou na lousa. — Tenho certeza de que há muito que pode me ensinar em troca.

— Como o quê? Não sei nem ler.

— Bom — ela disse —, como apontou na noite passada, não sei nada sobre o exército.

Um sinal de alerta disparou na mente dele. Por que ela gostaria de saber sobre o exército?

— Só conheci o tenente Casseck até agora — ela continuou. — Quem são os outros oficiais?

Ele não tinha dúvidas de que tudo o que dissesse pararia naquele livro. Os nomes, porém, não eram algo que ele poderia esconder, então apontou para Gramwell e comentou que era um bom cavaleiro, deixando de mencionar que também era filho de um embaixador.

— E seu capitão? — Ela estreitou os olhos para o vulto cavalgando na frente da fila. — Como ele é?

Ash deu de ombros.

— Bem reservado.

— Imagino que comandar seja algo solitário.

Ele se voltou para ela, surpreso.

— O que a faz dizer isso, milady?

— Bom, talvez não nesta missão, mas imagino que tenha que estar sempre pronto para mandar qualquer um de seus homens para a morte certa. — O canto direito da boca dela se ergueu num sorriso torto. — Não é exatamente uma posição para se fazer amigos.

Ou ela era muito perspicaz ou sabia bem mais sobre assuntos militares do que transparecia. Ele não sabia qual das opções era mais desconcertante.

— Estou pronto para começar quando quiser, milady.

— Maravilha — ela disse. — Sabe a música do alfabeto que as crianças aprendem?

— Um pouco, milady, mas não faz muito sentido para mim.

— Vai fazer depois de hoje — ela disse, firme, traçando o primeiro conjunto de letras na lousa.

E então começou a aula. Ele acelerou o processo fingindo descobrir que sabia mais letras do que imaginava, como aquelas em seu nome ou as que designavam certas unidades do exército. Estorninho aproveitou a oportunidade para perguntar sobre isso e mais de uma vez ele fingiu se distrair com a carroça para interromper as perguntas dela.

— Então vamos viajar uma média de trinta quilômetros por dia — ela disse. — Isso é mais ou menos do que o exército consegue percorrer normalmente?

— Depende. — Ele olhou ao redor em busca de alguma coisa. — Se tiver estradas ou... olhe, milady. Acho que gostaria de testar um pouco do que aprendi. — Ele apontou para a placa fixada num cruzamento do qual se aproximavam.

Sagerra franziu um pouco a testa antes de olhar para onde ele estava apontando.

— Fique à vontade.

Ele se atrapalhou pronunciando as letras. Com a correção paciente dela, conseguiu chegar a “Maple Glen” e “Flaxfield”. Parecendo satisfeito consigo mesmo, apontou para uma placa angulada, que ficou visível quando passaram.

— Aquela começa com...

— Wintermead — Sagerra disse, interrompendo-o. — Está escrito Wintermead. — Ela olhava fixo para a frente.

Ele a observou pelo canto do olho.

— Você não gosta de Wintermead — ele disse, com cautela.

Ela mordeu o lábio, ergueu a mão esquerda e apertou o braço direito, cravando os dedos no músculo. Ele tinha visto atitudes parecidas em soldados. Quando levavam pontos ou tinham os ossos colocados no lugar, apertavam uma área

sensível para tirar o foco do trabalho do cirurgião.

— Tinha esquecido que passaríamos por essa região. — Sagera engoliu em seco duas vezes antes de soltar as palavras. — Meu pai morreu lá.

Ela franziu a testa e voltou os olhos cinza como fantasmas para ele. A emoção bruta que transmitia era tão intensa que ele não conseguiu desviar os olhos.

— Pensei que finalmente tinha começado a superar, mas às vezes parece que foi ontem. Sinto como se eu fosse mordida por um animal selvagem.

A mão direita dela apertou o banco de madeira entre eles, e o soldado teve o estranho impulso de pegá-la e oferecer um pouco de conforto, o que teria sido muito inapropriado.

— Não temos que falar sobre isso — ele disse —, mas talvez ajude.

— Como?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez alivie um pouco da pressão que acumulou, como drenar uma ferida purulenta.

Sagera mordeu o lábio, parecendo achar um pouco de graça.

— Uma analogia pertinente, ainda que um pouco repulsiva.

Ele abaixou a cabeça.

— Desculpe. Sou um soldado. É o tipo de coisa que conheço.

O silêncio dela parecia mais alto do que o estrépito rítmico dos cavalos se esforçando para puxar a carroça. Ele podia ver algo crescer dentro de Sagera.

— O nome dele era Peter — ela disse de repente. Seus olhos lacrimejaram e ele prendeu a respiração, enquanto a roda aos seus pés dava um giro completo. — Ele tinha cabelo escuro e olhos azuis, e lia para mim à luz do fogo enquanto eu costurava suas camisas. Às vezes, quando leio, ouço as palavras na minha cabeça com a voz dele. — Sagera virou o rosto e olhou para a estrada, a voz tão baixa que ele mal conseguia ouvir. — Tenho medo de um dia esquecer sua voz.

Agora o impulso de pegar sua mão era tão forte que ele ergueu o quepe e coçou a cabeça para se segurar.

— Você e sua mãe devem ter ficado devastadas.

Sagera encolheu os ombros.

— Minha mãe morreu muito antes disso. Nem me lembro direito dela.

Ele esperou, mas a moça não comentou de nenhuma madrasta. Teria o pai a criado sozinha? Ele nunca tinha ouvido falar de algo do tipo. Meninas sem mãe sempre eram deixadas com parentes mulheres, pelo menos até os pais voltarem a se casar, mas ficara óbvio que ela era próxima do pai.

— Quantos anos você tinha?

— Doze.

De novo, ela não disse mais nada.

— Tem irmãos? — ele perguntou, despreocupadamente.

— Não.

Outra resposta curta. Havia algo errado. Será que ele estava se intrometendo demais? Tinha esquecido vários “miladys”; talvez ela estivesse incomodada com isso. Ele ponderava como agir quando Casseck aproximou o cavalo da carruagem.

— Carter — o tenente disse de repente, dando um susto nele. — Vamos parar para descansar e comer daqui a pouco. — Ele apontou para uma curva onde a estrada passava perto de um córrego largo e de um bosque. Parecia um lugar de descanso comum entre os viajantes. Boa parte da grama estava gasta e dava para ver resquícios de fogueiras. — Quando terminar de cuidar dos cavalos, o capitão Quinn quer ter uma palavrinha com você. — Ele cumprimentou Sagera com um aceno de cabeça. — Milady. — Ela deu um sorriso e retribuiu o aceno.

Rato guiou a carroça para o local, pensando mais no silêncio dela do que no caminho. Não parecia raiva o que havia encontrado. Era como uma muralha. Ele sabia porque tinha uma igual.

Os oficiais almoçaram em um círculo fechado longe do campo de visão e audição das damas enquanto os soldados se moviam de um lado para o outro, cuidando dos cavalos e distribuindo comida. Charlie esperava ao lado dos oficiais com um jarro d’água. Um soldado começou a contar uma piada de mau gosto, mas abaixou a voz quando notou o olhar afiado do capitão. Quinn se voltou para seus tenentes.

— Vi fumaça. Nosso piquete esquerdo deve ter algo a nos dizer.

Casseck fez que sim.

— O cabo Mason vai patrulhar aquelas bandas. Há algo que deva dizer a eles, senhor?

— No momento, não — respondeu Quinn. — Alguém viu um sinal à direita? — Três respostas negativas. — Fiquem de olho, devemos ouvir notícias em breve. Gram, como está a estrada à frente?

— Livre, senhor — Gramwell respondeu de boca cheia. — A casa senhorial Darrow está pronta para nos receber. Comuniquei que chegaríamos para o jantar e deixamos dois homens para reconhecer o terreno.

Quinn fez um breve aceno de cabeça e ergueu o copo para Charlie encher de água.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

Casseck limpou a garganta.

— Como vai nosso Rato?

— Bem, talvez um pouco desconfortável. Estorninho faz muitas perguntas.

Casseck olhou para um grupo próximo de soldados.

— Ele não parecia desconfortável.

Quinn suspirou.

— Só está representando um papel; deixe que faça isso do jeito dele. — Deu um gole de água, procurando uma forma de dizer o que queria. — Mas tem alguma coisa errada. Alguém descobriu mais sobre ela?

Robert acenou para chamar a atenção.

— Ouvi algumas damas conversando. Cheias de despeito. Inveja por Casseck ter falado com ela. — Ele deu uma piscadinha para o tenente. — Uma hora, falaram na “laia dela”, como se fosse diferente das outras. Não sei como exatamente.

Quinn passou o polegar no lábio inferior.

— Aparentemente, os pais dela faleceram. Talvez tenha vindo de um orfanato.

Gramwell limpou a garganta.

— Tem uma mansão e uma vila chamadas Broadmoor a noroeste de Galarick; passei por lá vindo de Reyan. Lord Broadmoor é muito respeitado, mas não sei mais do que isso.

— Claro feito água suja — resmungou Quinn, cortando um pedaço de carne-seca. — Nada parece fora do lugar, mas tampouco se encaixa direito. Ela pode ser a bastarda de alguém, uma menina da alta nobreza que decaiu no mundo quando os pais morreram, ou outra coisa completamente diferente.

Do outro lado do círculo, Casseck se recostou e cruzou os braços.

— Parece que o Rato tem muito trabalho pela frente.

À NOITE, O GRUPO PAROU NA CASA DE LORD DARROW, a primeira das várias propriedades que a casamenteira havia conseguido para recebê-las. Depois do jantar, Sage se isolou na biblioteca, registrando o que havia aprendido naquele dia e lendo tudo o que atraía seu interesse. Para sua surpresa, Ash Carter apareceu depois de terminar seus afazeres e perguntou timidamente se poderia praticar a escrita das letras. Quando Sage foi para a cama, Clare, que tinha se oferecido para dividir o quarto com ela, já estava dormindo, então não precisou interagir com ela.

O segundo dia de viagem foi igual ao primeiro. Depois de mais uma aula de leitura até tarde, daquela vez na biblioteca do Lord Ellison, Sage voltou ao seu quarto e encontrou Clare sentada de camisola diante da lareira, com os cachos brilhantes emoldurando o rosto claro.

— Aí está você — ela disse. — Fiz chá para a gente.

Sage encarou Clare enquanto deixava o livro de registros sobre a tampa do baú. As outras damas mal haviam olhado para ela em dois dias, então a gentileza devia ter segundas intenções. Mas Clare não tinha o que temer; era a mais valiosa que elas tinham.

Clare ofereceu uma xícara a Sage.

— Fiquei com medo de que esfriasse.

O cheiro de hortelã a convenceu. A biblioteca estivera fria, então ela não conseguiu resistir à promessa de calor da lareira e do chá. Sentou sobre as pernas cruzadas no tapete de pele de carneiro e aceitou a xícara com um agradecimento.

— Você ficou lá até tarde — disse Clare.

Não havia por que ser rude.

— Encontrei um livro que nunca tinha visto antes... e duvido que veja de novo. — Poucas casas tinham livros escritos em kimisaro, mesmo volumes inofensivos de geologia. — E estava ensinando o soldado Carter.

Ele havia frustrado suas tentativas de aprender mais sobre os oficiais. Tanto no dia anterior como naquele, ela havia tentado fazer com que Ash se abrisse

demonstrando interesse pela vida dele, o que não era difícil — o exército parecia fascinante. Costumava ser fácil fazer um homem falar, mas, quando a conversa divagava, ele a trazia de volta para a aula. Por outro lado, era agradável ter um aluno tão interessado. Ash gostava especialmente de vê-la escrever, talvez porque as tentativas dele fossem tão desajeitadas.

Clare ajeitou seu robe azul de seda.

— A srta. Rodelle me contou que você deu aula para seus primos e para órfãos na vila. — Ela disse aquilo sem nada do desdém que Sage imaginara encontrar. — Disse que você só é feliz quando está ensinando ou estudando.

Sage mordeu o lábio, desconfortável com a verdade da frase.

— Acho que... — Ela hesitou. — Acho que tem a ver com meu pai. Não tínhamos casa, mas sempre tínhamos livros que ele trocava ou pegava emprestado. Ele mesmo me educou.

Pensar em seu pai normalmente abria um vazio terrível e devastador, mas, dessa vez, havia apenas uma dor incômoda. Para sua surpresa, quase sentiu falta do sofrimento intenso.

Sage mudou de assunto antes que Clare pudesse dizer algo.

— Também é um efeito colateral de ter ficado de cama por mais de seis meses. — Tio William a havia tirado do barranco e enchido seu tornozelo machucado de neve até que pudesse ser colocado no lugar quando estivessem em casa. Então veio a pneumonia, difícil de tratar devido ao luto e à depressão. — Minhas duas primas mais novas deitavam comigo e eu lia para elas. Ensina as letras e, quando me dei conta, tio William tinha demitido o tutor.

Clare arregalou os olhos castanhos.

— Quantos anos você tinha?

— Na época? Treze. As mais novas me preferiam, mas Jonathan ficou indignado. Sou só alguns anos mais velha que ele, e uma menina ainda por cima.

— Nunca conheci ninguém, menino ou menina, tão inteligente com a sua idade — Clare disse, tímida, com a voz transbordando admiração sincera. Sage olhou para o chá, sem saber o que responder. — Sempre gostei mais das aulas do que meus irmãos — Clare continuou. — Queria ter aprendido mais.

Será que estava pedindo que a ensinasse?

Sage limpou a garganta.

— Até onde chegou nos estudos?

— Aprendi basicamente o que precisava: somas, leitura e poesia. Botânica também, mas limitada a plantas comestíveis. História era minha matéria favorita. Eu roubava os livros dos meus irmãos para ler à noite. — A última frase foi dita

com um sorriso maroto.

Sage percebeu que também estava sorrindo.

— Daqui a dois dias vamos chegar a Underwood. Imagino que tenha uma biblioteca considerável lá.

— Eu nem saberia por onde começar.

— Vai saber se eu te ajudar.

Clare pareceu radiante.

— Seria maravilhoso. — Elas ficaram em silêncio enquanto bebiam o chá. Depois de um tempo, Clare disse: — Posso fazer uma pergunta?

Sage fez uma careta. Agora Clare perguntaria sobre o trabalho da casamenteira. Toda aquela conversa tinha sido só para fazer com que se abrisse. Talvez ela devesse deixar *Clare* tentar fazer Ash Carter falar. Desconfiada, fez que sim e pousou a xícara no chão, perto da lareira.

— Por que não quer ser nossa amiga?

Sage abriu a boca e a fechou rapidamente.

— Não sei se notou, mas ninguém quer ser minha amiga.

— Eu quero.

Sage ergueu os joelhos sob a saia e os abraçou.

— Nunca tive amigas.

— Nunca?

Ela deu de ombros.

— Era inferior demais para as nobres e superior demais para as plebeias quando morei com os Broadmoor.

— E quando vivia com seu pai?

— Viajávamos muito. A maioria pensava que eu era um menino, porque vivia de calça.

Clare olhou para ela com compaixão.

— Sinto muito.

— Não tem por quê. Eu tinha meu pai. Ele era tudo de que precisava.

Aquilo claramente pareceu estranho para Clare.

— Eu quase nunca vejo meu pai. Se não fosse proibido, ele já teria me casado há anos.

— Você sabe como essa lei surgiu? — Clare fez que não, parecendo realmente interessada. Sage abaixou os joelhos e estendeu a mão para pegar a chaleira a fim de servir mais chá, assumindo seu tom professoral. — Dezenas de garotas nobres estavam morrendo na hora de dar à luz, então o rei Pascal III encomendou um estudo que descobriu que a gestação era muito mais segura para uma menina

depois dos dezessete anos. Ele queria redigir uma lei de acordo com isso, mas os nobres se revoltaram e eles chegaram a um acordo. Desde então, é preciso ter pelo menos dezesseis anos para casar da maneira apropriada.

Clare desviou os olhos e mordeu o lábio inferior.

— Minha irmã casou aos dezesseis, dois anos atrás. Agora é a minha vez.

— Como se sente em relação a isso?

Clare deu de ombros, com o rosto inexpressivo.

— E importa?

Sage não soube o que responder. Com frequência, achava melhor aceitar o que não podia ser mudado, mas ela mesma havia rejeitado o que parecia ser seu destino. Bufou. Talvez tivesse sido o destino que a rejeitara.

— E você? — Clare perguntou. — A srta. Rodelle vai lhe encontrar um bom par quando estivermos na capital?

Sage quase cuspiu o chá.

— Por que acha isso?

— É o que Jacqueline vive dizendo. Todas acham que é assim que Darnessa vai pagar você.

— Bom, não é. — Sage tamborilou na xícara. — O que mais ela diz?

Clare escondeu os pés sob a camisola.

— Que eu me rebaixo ao me aproximar de você.

Sage sorriu.

— E você gosta da lama aqui em baixo, junto com os plebeus?

Ela retribuiu o sorriso.

— Muito.

QUINN FRANZIU A TESTA DIANTE DAS MENSAGENS que haviam recebido dos batedores de piquete nos três dias desde que haviam partido de Galarick com as damas. Logo antes do grupo chegar à mansão de Lord Darron no primeiro dia, um dos quatro batedores informara ter encontrado um esquadrão kimisaro. Na noite seguinte, quando pararam na mansão de Lord Ellison, chegara a mensagem de outro batedor, dizendo que também tinha avistado um grupo de kimisaros viajando. Sabendo que não poderia ir atrás deles enquanto zelava pelas damas, Quinn instruiu os batedores a apenas segui-los pelo momento.

Então, naquela noite, chegara a notícia de mais dois esquadrões. Todos viajando rumo ao leste, assim como a escolta. Com dez homens em cada, estavam oficialmente em maior número.

Mas fora o relatório do batedor à frente que mais o perturbara. Ele tinha avançado e passado pela quarta parada deles, o castelo do barão Underwood, entrando na província de Tasmét. Em vez dos esquadrões kimisaros, viu grupos itinerantes de homens de Crescera, teoricamente a caminho do trabalho nas minas do sul de Tegann. Não seria motivo para alarme, mas, ao pesquisar nas tavernas da região sobre o aumento nos negócios, os números não faziam sentido, então o piquete tinha deixado sua área designada e seguido alguns deles. Desconsiderar sua missão original era correr risco de enforcamento, mas Quinn confiava naquele batedor mais do que qualquer outro.

Pouco antes de chegarem à parada noturna, receberam a mensagem codificada do batedor:

Soldados contratados, não mineiros. Três mil.

Acampando sessenta quilômetros ao sul de Tegann. À espera.

Retornando ao posto.

C

Todo um regimento estava se reunindo em Tasmét. No entanto, Quinn ainda estava à espera de que um dos mensageiros de seu pai o alcançasse, então não tinha feito seu relatório. Se não houvesse um esperando em Underwood no dia

seguinte, enviaria um dos seus.

Estorninho — Lady Sagerra — não parava de fazer perguntas durante o dia e quando o Rato a encontrava à noite para mais aulas. Perguntas inocentes que sempre levavam a outras mais profundas. Perguntas que, quando somadas, poderiam fornecer informações muito valiosas para o inimigo. Como o exército se organizava? Como Ash Carter poderia subir de patente? Com que armas ele tinha treinado e a quem reportava? O que comiam? Até os cozinheiros e pajens eram treinados em combate?

Toda noite, ela escrevia naquele livro.

Todo dia, ele via mais sinais de que as damas não a consideravam uma delas.

Todos os instintos dele diziam o mesmo.

Lady Sagerra era uma espiã.

A QUARTA MANHÃ NASCEU CINZA E CHUVOSA, mas mesmo assim Sage pretendia ir ao lado de Ash Carter, então se agasalhou e, pela primeira vez, não se incomodou em colocar o chapéu. As damas andavam de um lado para o outro em alvoroço; a próxima parada duraria três dias, no castelo do barão Underwood. Um banquete estava planejado para a segunda noite, e elas estavam animadas com a ideia de dançar com os oficiais do exército e outros convidados nobres. Em determinado momento, Sage ouviu Jacqueline sussurrar alto que “Sagera poderia dançar com os criados da cozinha”, e suas amigas deram risada.

Sage estava concentrada demais em seus próprios problemas para se importar. Se Darnessa descobrisse o número ridículo de informações que tinha conseguido depois de tanto tempo com Carter, seria um inferno na terra. Ela havia ficado a noite toda acordada considerando como confrontá-lo sobre seu estranho silêncio.

Ele já estava sentado no banco do cocheiro, olhando para as nuvens baixas com o semblante frustrado. Ela precisou chamar seu nome duas vezes para conseguir sua atenção.

Ash baixou os olhos e tirou o quepe.

— Bom dia, milady. Sinto muito, mas hoje é melhor que viaje na traseira da carruagem.

Sage abriu a boca para argumentar que podia aguentar, mas então notou uma balestra ao lado dele no banco e uma espada em sua cintura. Ela olhou para os outros soldados ao redor. Todos estavam equipados com o dobro de armas que de costume. Estariam esperando problemas?

Ao voltar a olhar para Carter, percebeu que a espada dele estava amarrada para ser sacada pela mão direita. Ele sempre escrevia — muito mal — com a esquerda.

— Talvez seja melhor — ela disse. — Considere isso uma compensação. — Ela tirou uma maçã do bolso e a jogou para cima, mirando ligeiramente para a esquerda dele em um pequeno teste.

Ele estava segurando as rédeas com as duas mãos, mas pegou a maçã com a direita.

— Obrigado, milady.

Estranho...

Sage olhou em volta da carruagem e esperou sua vez de subir. Com a chuva, nenhuma das damas queria ficar perto da traseira aberta, então ela sentou em um banco perto da porta de trás, de frente para Clare.

Quando a caravana começou a se mover, sentiu que estava certa em suas suspeitas de que os soldados estavam esperando por algo. Eles se assustavam com qualquer barulho e vigiavam as árvores ao longo da estrada o tempo todo. Depois de cerca de uma hora de viagem, um cachorro saiu em disparada para dentro floresta, e a caravana parou de repente. O cão desapareceu no arbusto, e todos os homens pararam, atentos.

Sage se debruçou para olhar para fora. Carter estava em pé no banco, com a balestra apoiada na curva do braço direito. Poderia não significar nada além de que tinha aprendido a usar a balestra e a espada com a direita porque quase todos faziam assim, mas, por algum motivo, ela duvidava. Por que fingir ser canhoto com ela?

Ele encarava as florestas como o resto dos soldados, intensamente concentrado. Ela examinou as árvores, mas não viu nada. Quando voltou a olhar para Carter, ele a estava observando.

Sem sorrir.

Sage voltou a ficar sob a cobertura da carruagem. Clare acordou assustada de sua soneca e olhou para ela com curiosidade, mas a garota só respondeu dando de ombros. As outras damas, porém, estavam distraídas e reclamavam do atraso. Depois de vários minutos, o cachorro voltou correndo como se não houvesse nada de errado e os soldados relaxaram um pouco. O tenente Casseck cavalgou ao longo da fileira, dizendo a todos que tinham reagido bem à simulação. A julgar pela ansiedade que permanecia em todos os rostos, não tinha sido simulação coisa nenhuma.

O capitão Quinn cavalgou ao lado da carruagem e Sage voltou a observá-lo, já que ele raramente chegava tão perto. Ela nunca o vira fazer nada que parecesse trabalho de verdade. Seu porte era tão imponente quanto o de alguém da realeza; Sage imaginou que ele tinha sido tão mimado por toda a vida quanto o príncipe. Depois de conversar baixo com Carter, Quinn lhe entregou algo que parecia um pergaminho enrolado. Carter o abriu e franziu a testa.

Sage saiu do campo de visão deles, com a mente a mil, mal notando que as carruagens voltavam a se mover. Talvez fosse um diagrama. Ou talvez ele já tivesse aprendido a ler o que estava escrito. Tinha progredido bem rápido.

Ou talvez já soubesse ler.

Era bobagem supor que Carter sabia ler com base numa olhada de poucos segundos, mas, somando com os sinais de que era destro, isso a deixou com uma pulga atrás da orelha. Por que mentir a respeito? O que tinha a ganhar, além de tempo com ela?

Nenhuma ameaça se concretizou no resto da manhã e a chuva leve os impediu de parar para descansar e esticar as pernas como costumavam fazer. Eles chegaram a Underwood uma hora depois do meio-dia, bem antes do previsto, e o rosto dos cavaleiros mostrava seu alívio. As muralhas altas da fortaleza ofereciam segurança contra o que quer que estivesse lá fora. Underwood marcava a fronteira entre Crescera e Tasmét, mas Tasmét era parte de Demora havia mais de uma geração. Certamente eles não se sentiam ameaçados.

Sage quis perguntar ao tenente Casseck sobre o alerta e a reação dos soldados — e talvez até soltar um comentário dissimulado sobre o progresso de leitura de Ash Carter —, mas antes que conseguisse chamar sua atenção, ele e os outros oficiais desapareceram. Ela atravessou uma linha de soldados que carregavam baús e armas para o quartel. Todos deram passagem, mas Sage não conseguiu ver a cabeça loira de Casseck em lugar nenhum. Até Carter havia desaparecido, deixando que o pajem deles cuidasse dos cavalos de sua carroça. O menino parecia pequeno demais para um trabalho como aquele, mas o fazia com competência.

Ela o considerou por um momento. A função de um pajem era atender as necessidades dos oficiais, então deveria conhecê-los bem. Ela mudou de direção para encontrar com ele enquanto levava os cavalos embora.

— Olá, rapazinho — Sage disse. — Você esteve conosco esse tempo todo?

Ele parou de andar e fez uma reverência.

— Sim, Lady Sagerra. Boa tarde.

— Você sabe meu nome, mas não sei o seu — ela brincou.

— Charlie Quinn, milady.

Era quase bom demais para ser verdade.

— Você é parente do capitão?

O menino fez que sim, entusiasmado.

— Ele é meu irmão.

Sage fez uma cara de impressionada.

— Ouvi muitas coisas sobre ele; você deve ter orgulho de ser seu pajem. — Charlie ficou radiante, e a culpa pesou como uma pedra dentro dela. Não se sentia bem manipulando uma criança, mas estava desesperada. — Ainda não

almocei, e você? — ela perguntou. Charlie respondeu que não. — Depois que tiver cuidado dos cavalos, gostaria de comer comigo no jardim? Pensei em fazer minha refeição lá fora, já que a chuva parece estar parando.

— Seria uma honra, milady.

Ela contorceu a boca no que imaginava ser um sorriso.

— Não, sr. Quinn, a honra é toda minha.

O ALÍVIO DE CHEGAR A UNDERWOOD DUROU POUCO.

— Mais dois. — Quinn atirou a mensagem na mesa da sala de reunião do quartel. — Mais dois malditos esquadrões kimisaros. — Ele fechou os olhos enquanto apertava a ponte do nariz e tentava pensar.

— O piquete à frente não informou nada de novo — Casseck comentou enquanto lia o papel e o passava adiante.

— O piquete à frente não informou absolutamente nada — vociferou Quinn, irritado. Respirou fundo e abriu os olhos. — Nenhum mensageiro vindo de Galarick e nenhuma notícia esperando por nós aqui.

— Então mande um mensageiro nosso — disse Rob.

— Podemos nos esconder aqui e mandar um sinal de fumaça vermelha — sugeriu Gramwell. Toda unidade de exército carregava pacotes de pólvora que, quando queimados, soltavam fumaça vermelha, convocando todas as forças nas proximidades ao seu auxílio. — Os kimisaros nunca conseguiriam tomar este lugar com setenta homens.

— A menos que haja mais esquadrões kimisaros em algum lugar — murmurou Rob.

Gramwell discordou.

— Eles precisariam de centenas para derrubar estas muralhas. Se houvesse tantos, com certeza saberíamos.

— Não podemos continuar aqui — disse Quinn. — Underwood é leal ao duque e ninguém está perto o bastante para ver o sinal. Todos os kimisaros que nossos batedores viram estavam seguindo para o leste, então talvez nem se importem conosco. Mas, se descobrirem que Rob está aqui, isso pode mudar. O general vai perceber que não recebeu nenhuma notícia nossa e vai investigar, se é que já não está investigando, então agora precisamos nos concentrar em obter informações sobre o exército que está se reunindo em Tennegol. Acho que não há dúvida de que os D'Amiran estão tramando alguma coisa, mas estão à espera.

O príncipe franziu a testa.

— Do quê?

— O que acontece durante o Concordium? — disse Quinn. — Um monte de nobres gordos e ricos de todos os cantos de Demora deixam suas terras e vão para a capital vestindo todo o ouro que conseguem carregar, escoltados por suas melhores tropas. Eles viajam ainda mais devagar do que nós, então a maioria partiu há mais de um mês; todos que tiveram de atravessar as montanhas foram para o norte e deram a volta por Mondelea.

Cass ergueu a sobrancelha.

— Não tem ninguém em casa. Quando a notícia chegar em Tennenol, pode estar tudo acabado e a passagem fechada.

Quinn assentiu. Tudo o que seu pai mandasse pela passagem sul para Tennenol provavelmente seria parado pelo conde D'Amiran em Jovan, mas se as noivas cresceranas não aparecessem no Concordium, o alarme seria disparado antes. Enquanto o país estivesse ocupado trocando mulheres e dotes, os D'Amiran podiam fazer sua jogada, flanqueando o exército ocidental por trás. Quinn tentou não pensar em como todos os amigos deles — e seu pai — poderiam ser aniquilados. Mas sabia que todos haviam se dado conta disso. Pela primeira vez, ficou feliz que Charlie estivesse com eles. Seu irmão estava a salvo, ainda que por pouco.

— Então o que fazemos? — perguntou Gramwell.

— Fingimos que não há nada de errado enquanto reunimos o máximo de informações possível. Nossos batedores também vão procurar formas sutis de perturbar as coisas. Talvez, quando as damas tiverem atravessado o desfiladeiro em segurança, possamos enviar uma equipe para queimar algumas das provisões deles ou coisa do tipo. Ash fica onde está por enquanto, fazendo o que faz de melhor.

Rob limpou a garganta.

— E Estorninho?

Quinn tirou o cabelo escuro da frente dos olhos. Estava tão comprido que chegava a irritar.

— O que tem ela?

— Você percebeu com quem ela passa mais tempo além do Rato?

Quinn rangeu os dentes.

— Rob, se você sabe de alguma coisa, é melhor falar de uma vez. — Seu primo tinha uma tendência ao drama, mas havia vidas em jogo.

— Lady Clare Holloway. — Rob examinou todos os rostos, mas ninguém pareceu entender por que aquilo importava. — A irmã dela é casada com o conde Rewel D'Amiran, irmão do duque. Representei meu pai no casamento deles dois

anos atrás.

Quinn olhou para Casseck, que ergueu as sobrancelhas. As evidências contra Estorninho eram circunstanciais, mas aumentavam a cada dia. Agora havia a possibilidade de duas espiãs.

Uma batida na porta anunciou um criado com uma bandeja de comida. Quinn percebeu o quanto estava com fome; tinha pulado o desjejum com as questões urgentes da manhã e não comera nada além de uma maçã. O mapa foi deixado de lado e a reunião, interrompida. Ele já tinha devorado metade do primeiro prato e estava servindo mais água no copo quando percebeu que faltava alguém ali.

— Onde está Charlie?

CASSECK EXAMINOU A COZINHA depois de entrar no estábulo e não encontrou nenhum sinal de Charlie além dos cavalos de carga bem cuidados. O pajem adorava acompanhar os oficiais, então o tenente ficou com medo de que algo tivesse acontecido com ele. Decidiu voltar para o quartel. Se Charlie ainda não tivesse voltado, Quinn faria um escarcéu. Todos fariam.

Uma cerca de sebes altas rodeava o jardim. Casseck espiava enquanto dava a volta por ela. Parou de repente. Lá estava Charlie, sentado em um banco ao sol, conversando com Lady Sagerra, que ouvia atentamente. As pernas dele balançavam para trás e para a frente, enquanto vários gestos acompanhavam suas falas. Ela ria quando ele chegava a alguma conclusão. Casseck se escondeu atrás da sebe, torcendo para não ter sido visto.

Ele a observou dar um pãozinho para Charlie e começar a falar. O menino ficou fascinado enquanto Sagerra contava uma história que terminou com ela fingindo dar de cara com alguma coisa. Charlie parecia impressionado.

A moça definitivamente sabia como conversar com crianças.

Sagerra se debruçou e pareceu fazer uma pergunta. Charlie respondeu animado, como se estivesse ansioso para agradá-la, o que deixou Casseck preocupado. Mas o menino não sabia nada de perigoso e era esperto. Não revelaria muito. Não de boa vontade.

O tenente deu a volta pelos cascalhos ruidosos atrás dele. Uma das noivas estava se dirigindo para o jardim. Não conseguia imaginar como ela podia andar com aqueles sapatos. Seu cabelo loiro estava penteado de forma elaborada em volta do rosto de porcelana recém-maquiado. Ela era muito bem provida. Não que Casseck fosse de olhar com desejo para os seios das mulheres, mas os dela chamaram sua atenção, especialmente no vestido rosa decotado que usava. A moça notou seu olhar e sorriu. O tenente fez uma reverência enquanto ela trocava o guarda-sol de mão para estender a mão direita para ele, que a levou aos lábios.

— Boa tarde, milady.

— Para o senhor também. Creio que ainda não fomos apresentados propriamente.

Ele se endireitou.

— Sou o tenente Casseck, Lady Jacqueline.

Ela arregalou os olhos azuis como o céu.

— Então já me conhece? Fico lisonjeada.

Quinn os tinha obrigado a decorar todos os nomes. No caso dela era fácil, porque sempre tentava sobressair às outras. Aproveitando a oportunidade de se aproximar de Sagera e Charlie, ele ofereceu o braço a ela.

— Gostaria de dar um passeio no jardim, milady?

— Seria um prazer! — Havia um brilho duro em seus olhos enquanto ela pegava seu braço. Em poucos passos, estava se apoiando fortemente nele, como se estivesse cansada ou com dor. Casseck a segurou firme, inclinando-se para o lado para evitar o guarda-sol que ela segurava na outra mão.

Jacqueline riu quando eles viraram uma esquina, embora não parecesse sincera.

— Ah, lá está ela — disse, apontando Sagera, cujos olhos se voltaram para os dois, depois se concentraram novamente em Charlie. Não era um olhar amistoso. — Não a vimos no almoço, mas não é uma surpresa encontrá-la aqui. Com todas aquelas sardas, há quem pense que ela deveria evitar o sol, mas acho que *dormiria* do lado de fora se pudesse.

Jacqueline guiou o caminho na direção oposta, e Casseck a acompanhou, relutante. Embora soubesse a resposta, perguntou:

— A senhorita é amiga de Lady Sagera, então?

— De modo algum. Não me relaciono com plebeus. — Casseck parou no meio do passo, e Jacqueline ergueu os olhos. — Você não sabia? — Ela parecia angustiada. — Ah, não! Tinha certeza de que a casamenteira havia contado a vocês, já que nos protegem. Não acredito nisso.

— Lady Jacqueline, está me dizendo que Sagera não é uma dama?

As unhas pintadas dela cintilaram enquanto balançava as mãos, antes de agarrar seu braço.

— O senhor não pode contar a ninguém. É que... pensei que o senhor soubesse.

— Então por que ela está com vocês? — Era óbvio que a moça queria lhe dizer.

— Isso é assunto da srta. Rodelle. Elas não querem que ninguém saiba. Nem sei qual é o nome verdadeiro dela. — Jacqueline voltou os olhos suplicantes para o tenente e respirou com tanta força que ele se preocupou com a resistência do

corpete dela. — Eu não deveria ter falado nada! Por favor, prometa que não vai contar a ninguém!

— É claro que não, milady.

CHARLIE PAROU EM POSIÇÃO DE SENTIDO, parecendo orgulhoso de si mesmo.

— Senhor, almocei com Lady Sagerra. Gostaria de apresentar o relatório sobre nossa conversa.

Quinn ficou dividido entre gritar com o garoto e rir dele. Encostado na porta fechada atrás de Charlie, Casseck tinha dificuldade para manter o rosto sério. Quinn se obrigou a se concentrar em olhar austeramente para o irmão.

— Mas você não pediu permissão. O tenente Casseck teve de sair à sua procura.

— Você disse que precisávamos saber mais sobre ela. Foi uma questão de oportunidade — Charlie disse, solene.

Cass começou a tossir. Quinn se recostou na cadeira e cobriu a boca com a mão.

— Muito bem. Apresente o relatório.

— Primeiro, gostaria de tranquilizar o senhor de que não conversamos sobre o Rato. Ela nem perguntou sobre ele.

Quinn relaxou um pouco.

— O que você descobriu?

Charlie abriu um sorriso triunfante.

— Ela fez dezessete anos no mês passado. — Idade era algo importante para ele. Charlie começou uma narrativa sobre ossos quebrados, subidas em árvores e aulas para os quatro primos enquanto morava com os tios na mansão Broadmoor.

Nada muito útil, embora fosse mais do que o Rato havia tirado dela.

— Sobre o que mais vocês conversaram?

— Principalmente sobre mim, senhor. Ela queria saber sobre minha casa e minha família. Falamos sobre como virei pajem, minhas viagens com o exército, os lugares que já vi e como estou treinando para virar oficial, assim como o senhor.

Informações sobre mim por um terceiro. Ah, Estorninho, você é esperta. Por cima da cabeça de Charlie, ele pôde ver Casseck chegar à mesma conclusão.

— Ela perguntou sobre outros de nós?

— Só se eu era bem tratado. Disse que sim, mas nada além disso para não acabar soltando algo sobre Robert, Ash ou você.

Quinn repassou as informações para encontrar o que o estava incomodando.

— Quando você contou a ela sobre o tempo que passou no exército, o que disse?

Charlie ficou pensativo.

— Falamos sobre o tamanho do exército, a velocidade com que consegue viajar, os tipos diferentes de soldados, como conseguem provisões... — Ele deu de ombros. — Meninas não sabem dessas coisas. Ela achou interessante.

O coração de Quinn se apertou.

— Entendo.

Casseck fechou a porta atrás de Charlie depois que Quinn o dispensou.

— Ele achou que estava ajudando. Duvido que tenha contado algo que não consideraríamos de conhecimento geral.

— A garota consegue fazer as pessoas confiarem nela — disse Quinn, tocando o próprio lábio. — Mas Charlie é muito bom em julgar o caráter de alguém. Sabia quem era o criado que estava nos roubando certa vez, e ninguém consegue mentir sem que perceba.

Casseck sentou diante dele.

— As informações de Lady Jacqueline fazem sentido agora. A Estorninho é secretária da srta. Rodelle.

— Mas por que ela viaja como uma noiva? — Quinn ergueu a mão. — E por que faz tantas perguntas sobre o exército?

— Acha que é espiã?

— Ela fala kimisaro; sabia disso?

Casseck ergueu as sobrancelhas.

— Isso não apareceu nos relatórios do Rato.

— *Eu* falo kimisaro e você também. Isso não nos torna traidores. — Quinn ignorou o olhar que seu amigo lhe deu. — Na outra noite, ela estava lendo um livro sobre mineração escrito por um geólogo kimisaro.

— Leitura densa.

— Mas não contradiz o que o Rato viu. Pode não significar nada a não ser que ela gosta de rochas.

— Alex.

A seriedade na voz dele fez Quinn finalmente olhar em seus olhos.

— Precisamos de informações além das que o Rato pode descobrir.

Quinn assentiu, relutante.
Ele precisava saber o que havia naquele livro.

DEPOIS DA CERIMÔNIA NAQUELE DIA DE MISSA, Sage e Clare passaram a maior parte do segundo dia de estadia na biblioteca de Lord Underwood. Clare devorava os livros que a amiga escolhia para ela, e Sage alternava entre ler e fazer anotações do que havia descoberto com Charlie. O menino tinha respondido prontamente a todas as perguntas que ela fizera sobre o exército; aos nove anos, sabia muito mais do que ela. Aquilo só mostrava o quanto Ash tinha se esquivado. O que ele estava escondendo?

Como Charlie era irmão do capitão, depois de conseguir que o pajem começasse a falar, ela se concentrou na história dele. O menino forneceu mais informações sobre sua casa e sua família do que ela conseguia lembrar. A família Quinn tinha um histórico militar de renome, e parecia que os filhos estavam seguindo os mesmos passos, já que o capitão recebera sua última promoção muito antes dos colegas. Portanto, ou Quinn era brilhante ou, como filho do general, todos tinham motivos para fazer parecer que era.

Quando ela e Clare pararam de ler para almoçar, Sage prestou atenção nos soldados da escolta que encontrou. Pareciam ansiosos, posicionando seus guardas nas muralhas e em frente aos aposentos das damas, o que lhe deu calafrios. No próprio país, eles agiam como se estivessem em território inimigo. Talvez ela conseguisse dar um jeito de conversar com o tenente Casseck naquela noite e perguntar a respeito.

Na esperança de que Ash aparecesse para outra aula, Sage continuou na biblioteca depois que Clare saiu para descansar antes do banquete. Ela não sabia ao certo se estava pronta para confrontá-lo, mas percebeu que sentia falta da sua companhia. Ou talvez só sentisse falta de como ele sempre parecia feliz em vê-la. Balançou a cabeça enquanto guardava um livro de volta na prateleira. Primeiro Clare e agora Ash. Companhia era algo difícil de aceitar no começo, mas, depois de ter um gostinho, tinha se tornado uma necessidade.

Clare já estava vestida quando Sage voltou para o quarto. Ela se ofereceu para trançar o cabelo da amiga, que aceitou, embora parecesse estranhamente quieta.

O silêncio era confortável para Sage, que arrumou os cachos castanhos e brilhantes da outra numa trança embutida enquanto considerava como abordaria o tenente Casseck.

De repente, Sage percebeu que Clare havia feito uma pergunta. Ela tirou um grampo dos lábios.

— O que disse?

— Perguntei se vocês já têm um marido planejado para mim.

— Não sei — Sage respondeu. A pergunta de Clare não parecia feita com segundas intenções; havia medo em sua voz. — Não sou eu quem faz os negócios. Praticamente só colete as informações importantes. Que tipo de marido você quer?

Clare levou os olhos às mãos, que mexiam nas fitas do corpete.

— Só um homem gentil, na verdade, e não muito mais velho do que eu.

Uma memória se encaixou no lugar. Sophia, a irmã de Clare, tinha se casado com o conde D'Amiran dois anos antes, e Darnessa comentou que nenhuma casamenteira de respeito teria unido uma menina àquele homem cruel. Sage prendeu os últimos cachos.

— Isso tem alguma coisa a ver com o marido da sua irmã? — ela perguntou.

— Acho que sim. Ela não é feliz. — Clare fungou como se estivesse segurando as lágrimas. — Ele... não é gentil. E agora ela está grávida. Pela segunda vez, na verdade. — As palavras começaram a sair mais rápido. — Ele ficou bravo e empurrou minha irmã da escada no ano passado, então ela perdeu o primeiro bebê. Vive batendo nela.

Sage sentou no banco e pousou a mão no ombro de Clare, que tremia em seu esforço para não chorar. Clare ergueu os olhos para ela com o medo selvagem de um animal encurralado.

— Eu não queria vir... Meu pai mentiu... Só tenho quinze anos... — Ela soluçou e, sem pensar, Sage envolveu a amiga em seus braços e a puxou para perto.

Ela foi tomada por um forte instinto protetor enquanto Clare revelava os medos que não havia se permitido demonstrar antes. Sage embalou e tranquilizou a amiga. Tio William podia ser um tolo, mas nunca teria feito algo do tipo com ela.

— Não — ela sussurrou de novo e de novo. — Nunca. Não vou deixar que aconteça com você.

Depois de um tempo, o choro de Clare se acalmou.

— Mas o que você pode fazer? — ela soluçou.

— Não sei, mas vou pensar em alguma coisa. Se você só tem quinze anos, é contra a lei que se case.

— Mas não posso voltar para casa solteira. Meu pai vai me matar.

Sage ergueu o rosto dela para encarar o seu.

— Clare, juro que não vou deixar isso acontecer.

Os olhos castanhos da garota se arregalaram com a promessa absoluta de Sage.

— Acredito em você — ela sussurrou.

— Ótimo. Agora vamos lavar seu rosto. Não queremos nos atrasar para o jantar.

SAGE FICOU COM CLARE DURANTE A MAIOR parte da noite e manteve os homens longe dela, por mais que quisesse conversar com Casseck. Foi um verdadeiro banquete em um salão grandioso com muitos convidados. Embora já fosse casado, o barão Underwood se empenhou para impressionar a caravana nupcial e os nobres da região com tudo o que podia proporcionar como anfitrião. Era uma excelente oportunidade, mas, em vez de coletar informações como sempre, Sage ficou apoiando a amiga, que parecia cada vez mais esgotada. Quando sentaram para jantar, o status de Clare colocou várias cadeiras entre elas, mas Sage ficou de olho na amiga, à procura de sinais de outro colapso. Com os olhos nela, enfiou uma garfada de comida na boca, percebendo tarde demais que o prato era feito quase inteiramente de cebolas grandes e viscosas. Sage engasgou, mas se obrigou a engolir, depois deu grandes goladas de vinho para tirar o gosto. A combinação não caiu bem e ela não conseguiu comer mais nada, nem pão.

Depois da sobremesa, Sage voltou a se aproximar de Clare e começou a planejar uma fuga para as duas. O tenente Casseck estava presente, mas, considerando o álcool e os arrotos repulsivos com gosto de cebola, Sage havia desistido de solucionar qualquer mistério naquela noite. Quando a música começou, dois rapazes se aproximaram, e ela virou suas costas e as de Clare para eles, sem se importar se estariam sendo grosseiras.

Darnessa parou na frente delas.

— Está tudo bem?

Sage fez que não.

— Clare não está se sentindo bem, e eu também queria ir embora. Pode encontrar uma desculpa para nós? — Ela lançou um olhar para a empregadora indicando que explicaria tudo mais tarde. A casamenteira concordou com a cabeça.

Quando se encaminhavam para as grandes portas duplas, Casseck as interceptou.

— Lady Sagerra, já está indo embora? Tinha a esperança de dançar com a

senhorita, ou pelo menos conversar.

— Lamento, mas nenhuma de nós está bem hoje. O senhor vai ter que nos desculpar. — Sage fez menção de desviar dele, mas o tenente bloqueou sua passagem. Ele queria falar com ela. Era a oportunidade que vinha esperando, mas não podia deixar Clare sozinha. Casseck a examinou por alguns segundos, depois chamou outro oficial e disse para Sage:

— Se não estão se sentindo bem, talvez um pouco de ar fresco no jardim ajude. — Um soldado ruivo de olhos cor de bronze surgiu ao lado de Clare. — Esse é o tenente Gramwell, milady. — O jovem oficial fez uma reverência e ofereceu o braço para Clare.

Clare olhou para trás, mas Sage se aproximou e sussurrou:

— Ele pode apoiar você melhor do que eu. Não vou deixar que saiam da minha vista. — Tremendo um pouco, Clare pegou o braço dele e deixou que a guiasse para fora. Casseck ofereceu seu braço a Sage, que aceitou e os seguiu para o jardim.

O tenente não disse uma palavra, deixando que a distância crescesse entre eles e o outro casal, mas sem nunca os perdê-los de vista. Sage precisava levar Clare de volta para o quarto. Ela parecia exausta.

— Sua amiga está bem? — Casseck perguntou.

Sage balançou a cabeça com um suspiro.

— Acredito que a viagem esteja sendo demais para ela.

— E a senhorita, como está?

— Eu... — Ela olhou em volta. — Tenho minhas preocupações.

— Algo em que eu possa ajudar, milady?

Clare parecia ter relaxado um pouco. Três dias de observação tinham feito Sage concluir que o tenente Gramwell era um rapaz decente. Talvez um tempo com ele fizesse Clare ter mais esperanças em seu futuro.

— Não vi o soldado Carter desde que chegamos — disse Sage. — Espero que o capitão não esteja descontente com o progresso dele.

— Absolutamente, milady — ele a tranquilizou. — Carter só anda ocupado. O capitão o mandou para uma patrulha hoje.

— Ah? — ela disse, embora não estivesse surpresa. — Pensei que só dirigisse as carroças.

Casseck se retraiu.

— O capitão insiste que todos sob seu comando sejam cavaleiros competentes.

— E guerreiros — ela acrescentou. — Seu pajem me contou que todos tinham treinamento de combate, inclusive os pajens e cozinheiros.

Houve uma pausa.

— Parece que você aprendeu muito sobre o exército.

— Nem tanto. — Ela encolheu os ombros, torcendo para que Charlie não entrasse em apuros por contar muito a ela. — Só não sabia nada antes desta jornada. — Ela virou o rosto para olhar para ele. — O que me faz pensar se estou enganada em acreditar que vocês têm estado apreensivos desde ontem.

Mais uma pausa. O tenente Casseck refletia muito.

— A senhorita é perspicaz, mas não posso dizer nada sobre isso.

A tensão súbita dele a contagiou. Um calafrio percorreu a espinha de Sage enquanto se lembrava de Ash fitando a floresta, pronto para enfrentar o que quer que estivesse lá.

— Estamos sob alguma ameaça?

— Talvez. Mas repito: não posso dizer mais nada.

— Eu... — Ela hesitou. — Queria poder ajudar. Ser mulher é frustrante às vezes. Me sinto inútil.

O tenente virou o rosto coberto de sombras para olhar para ela. Dentes brancos cintilaram no escuro quando ele sorriu.

— Se precisarmos de alguém para subir em árvores, chamamos você.

Sage riu.

— Suponho que seu pajem tenha contado isso.

— Sim. — Antes que ela pudesse perguntar mais alguma coisa, ele disse: — Sabia que o capitão Quinn tem uma irmã da sua idade? Creio que vai noivar no Concordium também.

Sage não se deixou enganar pela mudança de assunto. Ela tinha descoberto aquilo com Charlie.

— Sorte a dela.

Casseck parou de andar.

— Milady, eu a ofendi de alguma forma? Sua voz está fria.

— Você está tentando me distrair. — Ela se empertigou e soltou o braço, certa de que tinha razão. — Não sou uma criança, tenente. Se não for honesto comigo sobre esse perigo, fique sabendo que tenho talento para descobrir as coisas.

— Acredito, milady — ele disse baixo. — Mas também deve acreditar em mim quando digo que não entendemos completamente essa ameaça e tenho ordens expressas para não discutir o assunto com ninguém. O capitão não sabe em quem podemos confiar.

Sage cruzou os braços. Para alguém que se mantinha distante, Quinn tinha um forte controle sobre todos. Já fazia dias que ela o observava, e sempre ficava

surpresa com o porte magnânimo e a maneira como parecia depender de Casseck para fazer todo o seu trabalho.

— O capitão Quinn me deixa curiosa. Ele é mesmo tão maravilhoso quanto Charlie pensa?

Casseck mordeu o lábio como se não quisesse sorrir.

— Ele não é perfeito, mas nenhum homem é.

— E é seu melhor amigo.

Aquilo o pegou de surpresa.

— Como sabe?

Ela deu de ombros e voltou a andar. Casseck admirava o capitão tanto quanto Charlie, então sua opinião nunca seria objetiva.

— Pela maneira como fala dele. Sua postura quando Quinn é mencionado. Ele deve ser como um irmão para você.

Casseck ofereceu o braço novamente.

— Mais do que meus quatro irmãos.

Sage pegou o braço dele e deixou que diminuísse o ritmo.

— Então me conte sobre sua família.

QUINN ENTROU NO QUARTO VAZIO DAS DONZELAS. Não havia muito tempo. Casseck não poderia adiar o retorno de Estorninho para sempre. A luz da lareira emitia luz suficiente para que encontrasse uma vela, a qual acendeu nas brasas. Com ela, pôde ver mais claramente as duas camas e os baús a seus pés. De vista, identificou o baú certo.

A tampa estava trancada, então ele deixou o castiçal de lado, pegou um pequeno palito e colocou mãos à obra. Alguns segundos depois, estava aberto. O capitão levou um momento para decorar como tudo estava organizado antes de vasculhar o conteúdo. O que ele buscava estava no fundo. Debruçou-se para procurar o grande livro de encadernação de couro, sentindo um aroma de lavanda e sálvia. O cheiro desnorteou seus pensamentos por um instante, mas ele pegou o livro, fechou a tampa e o abriu em cima dela.

Sob a luz da vela bruxuleante, examinou todas as páginas da caligrafia de Estorninho: nomes, descrições, propriedades, gostos, aversões, personalidades, linhagens e relações matrimoniais. Nenhuma palavra sobre o exército ou seus movimentos e nada que parecesse codificado. Uma tensão que ele ainda não havia admitido completamente começou a se aliviar.

Perto do fim, encontrou uma seção de homens elegíveis, que incluía seus oficiais. O Rato havia revelado muito pouco, mas as impressões e informações que havia reunido sobre cada um deles em tão poucos dias o deixaram admirado. Se o Rato conseguisse se aproximar dela, seria incrivelmente útil perto de D'Amiran. Estava explorando as possibilidades de uma fonte como aquela quando viu a última página escrita.

Capitão _____ Quinn, nascido ~488, elegível ~512

1º exército, 9ª cavalaria

Pais: General Pendleton Quinn, Lady Castella Carey Quinn

A princípio, achou engraçado que ela não tivesse conseguido descobrir o primeiro nome dele, mas sentiu um nó no estômago quando percebeu como ela

o via. *Arrogante. Distante. Orgulhoso. Reservado.* Por mais que Estorninho avaliasse bem seus companheiros, Quinn ficou perturbado com como era retratado. Abaixo, havia um resumo preciso de sua carreira e de seu lar. Não deveria ter ficado surpreso ao ler os nomes das irmãs listados.

Irmãs: Serena ~490 (casada), Gabriella ~492 (C 509), Isabelle ~493, Brenna ~496, Jade ~497, Amelia ~499

Estavam todos corretos. Ela devia tê-los memorizado em sua conversa com Charlie. Era mesmo esperta. Ao fim, havia uma última anotação.

Charlten (Charlie) Quinn, pajem, nascido ~500

Doce, idealista, inteligente, trabalhador, idolatra o irmão. Em 509, treinando para patente, que receberá em ~518, elegível ~524

A Estorninho pensava adiante.

Mas e quanto a ela própria? Quinn franziu a testa e voltou a uma página que tinha visto de passagem.

Lord William Broadmoor, Lady Braelaura Fletcher Broadmoor

Jonathan 496, Hannah 498, Cristopher 499, Aster 503 (B)

Quatro filhos, todos pequenos o bastante para serem educados por ela. Ou Charlie tinha ouvido a verdade ou a história dela era uma mentira bem elaborada. Seu irmão tinha motivos para acreditar na garota. A esposa de Lord Broadmoor era uma plebeia, mas o sobrenome de Estorninho insinuava que era parente do outro lado da família. Ela era mais velha do que o casamento, o que abria a possibilidade de que na verdade fosse filha ilegítima de Lord Broadmoor. Era muito comum homens nobres terem filhos com criadas, especialmente antes de se casar ou depois de ter herdeiros suficientes — o que era reforçado pela inclusão de uma filha bastarda entre os Broadmoor. Estorninho poderia ter sido educada por uma família que sempre imaginara ser dela e recebido um nome que insinuasse legitimidade. Isso se Sagerra Broadmoor fosse mesmo seu nome — Lady Jacqueline parecia achar que não. Mas Sagerra não estava listada com seus guardiões nem em qualquer outro lugar.

Então quem diabos é ela?

Seu tempo estava acabando. Frustrado, Quinn fechou o livro. O objeto não era perigoso em um sentido militar, o que era sua maior preocupação. Ele o recolocou no fundo do baú e procurou outros livros, papéis ou compartimentos secretos. Sem encontrar nada, reorganizou tudo lá dentro. Fechou e trancou o

baú, depois apagou a vela e a colocou no lugar antes de sair discretamente.

Era quase tarde demais. A voz de Casseck ecoava pelo corredor enquanto Quinn se escondia nas sombras. A dupla passou por seu esconderijo, seguida de Gramwell e Lady Clare. Quinn sorriu consigo mesmo. Estorninho podia não ser uma espiã, mas ele teve o pressentimento de que a página do livro sobre Casseck estava prestes a ficar mais longa.

OS OFICIAIS ACOMPANHARAM AS GAROTAS de volta ao quarto. Sage ficou com receio de ter conversado demais com Casseck até ver o sorriso no rosto de Clare quando Gramwell beijou sua mão. Ela não havia avaliado mal o rapaz.

Elas ajudaram uma à outra a se despir sob a luz do fogo baixo, e Clare preparou chá enquanto Sage pegava o livro. Era melhor anotar o que havia descoberto enquanto ainda estava fresco na memória. Clare estava falando animadamente sobre os detalhes de sua conversa com o tenente Gramwell, do que Sage também poderia tirar proveito. Foi só quando Clare se referiu a Gramwell pelo primeiro nome, Luke, que Sage se deu conta do tipo de impressão que ele havia causado em sua amiga.

Sage virou o rosto para esconder o sorriso e pegou a vela para acender e começar a escrever. A cera no topo estava quente e macia.

Seu sorriso se desfez. Alguém tinha entrado no quarto.

QUINN TAMBORILOU NA MESA DE SUA SALA, à espera. Ele queria a menina. Ela era melhor do que o Rato.

Mas, se Estorninho trabalhava para a srta. Rodelle, precisaria da permissão da casamenteira para usá-la, especialmente considerando o que — quem — precisava esconder. Ele ainda não sabia quem exatamente ela era, e precisava descobrir.

As palavras que ela havia escrito martelaram sua cabeça. *Arrogante. Distante. Orgulhoso. Reservado.*

Não estavam erradas.

Houve uma batida na porta e Casseck entrou, conduzindo a casamenteira. Ela ainda estava com a roupa do banquete, onde o tenente tinha ido buscá-la. Ele a ajudou a sentar diante do capitão e os deixou a sós. Quinn entrelaçou as mãos sobre a mesa e esperou que ela o reconhecesse.

— Obrigado por vir, madame — ele disse antes que ela tivesse a chance de falar. — Peço desculpas por não tê-la encontrado antes.

— Entendo o motivo. — A srta. Rodelle arqueou uma sobrancelha maquiada. — O capitão é um homem ocupado.

Ele se remexeu na cadeira, constrangido.

— Preciso fazer algumas perguntas sobre Lady Sagerra.

— Claro. E eu tenho algumas perguntas sobre Ash Carter.

Ele teve um sobressalto.

— Explicarei o que posso.

Ela estreitou os olhos azuis.

— Pode começar explicando por que está brincando com ela.

Quinn balançou a cabeça.

— Não tive a intenção de fazer isso.

— Mesmo? — Ela se aproximou dele por cima da mesa. — Devo mencionar suas ações ao barão Underwood? Ou talvez ao seu pai?

Ah, direto ao ponto. Mulheres sem rodeios eram uma espécie rara.

— Você parece disposta a protegê-la. É assim com todas as damas?

— É claro — ela retrucou. — Os pais delas as confiaram a mim.

— Mas Sagerra é especial.

— Você a destacou das outras, não eu.

— Sim, destaquei. — Quinn se recostou na cadeira e cruzou os braços. — Preciso dela. Ela está em uma posição única.

A casamenteira foi enfática ao dizer:

— E que posição seria essa?

— Transita facilmente entre os nobres e os plebeus.

— O que aparentemente não é exclusivo a ela. — A srta. Rodelle sorriu levemente quando ele se encolheu.

— Sagerra também é muito observadora. — Quinn entrelaçou os dedos e esfregou os polegares um no outro, escolhendo suas próximas palavras com cuidado. — Ouvi um boato de que ela não é uma dama da nobreza; isso é verdade?

— É... complicado — a srta. Rodelle disse, evitando seu olhar.

— Ilegítima?

— Não, é protegida de um nobre. Com sangue plebeu. — A casamenteira pausou para observá-lo, mas o capitão manteve o rosto inexpressivo. — Ela trabalha para mim como aprendiz, mas, como notou, consegue reunir muitas informações desempenhando o papel de dama. A maioria das noivas ficou indignada com sua inclusão, mas também sabem que ela tem o poder de criar ou destruir seu noivado, então todas pisam em ovos ao tratar com ela.

Tudo sobre Estorninho finalmente fez sentido. Foi um alívio saber que ela não havia mentido. Ele levou o dedo ao lábio, com a mente agitada.

— Acho que posso trabalhar com isso. Preciso de informações que ela pode adquirir.

— Você a quer como espiã?

A boca dele se contraiu.

— Não é meu termo favorito, mas sim.

A srta. Rodelle se empertigou.

— Não vou deixar que seja usada em suas brincadeiras de soldado.

— Não é uma brincadeira. — Quinn balançou a cabeça. — É muito sério. — Ele esperou a frase fazer efeito, vendo a própria raiva se transformar em medo enquanto continuava imóvel. — Preciso saber se posso confiar em você.

Parte da raiva dela retornou.

— Confiança é uma via de mão dupla, capitão.

— Compreendo — ele disse. — Vou ser o mais honesto possível, mas preciso

guardar alguns segredos. — Ele fez uma pausa. — Tenho seu silêncio? O que direi não pode sair desta sala.

A casamenteira fechou a cara.

— Você tem minha palavra quanto ao silêncio, mas minha confiança é outra história.

— Justo — Quinn disse. — Parte da minha missão durante esta escolta era procurar sinais de que a família D'Amiran estava se comunicando com Kimisara.

Os olhos dela se arregalaram.

— E encontrou evidências disso?

Quinn fez que não. Ele não entendia o que significavam os esquadrões que seus piquetes haviam descoberto e não havia por que mencionar aquilo no momento.

— Mas os D'Amiran estão reunindo um exército. Forte o suficiente para enfrentar a Coroa.

— Enquanto metade da nobreza está em Tennegol — ela sussurrou.

— Sim. E somos os únicos que sabemos disso.

— Mas... seu pai, o general, o exército ao sul...

— Está espalhado caçando dezenas de esquadrões kimisaros atravessando a fronteira. — Pelo menos era o que estavam fazendo na última vez em que tivera notícias. — Eles não estão à espera de um ataque vindo por trás. Eu poderia avisá-los, mas nossas comunicações foram interrompidas.

— Então vamos voltar para Crescera, onde é seguro? — perguntou a casamenteira.

— Não. Precisamos seguir em frente, observando o que pudermos e fingindo não saber de nada. Somos os únicos capazes de alertar o rei.

Ela ficou vermelha de raiva.

— Está colocando todos em perigo ao bancar o herói.

— O que acha que vai acontecer se dermos meia-volta? — ele perguntou, calmamente.

O rosto dela ficou pálido.

— Eles vão perceber que sabemos.

— E?

— Seremos mortos.

— Os primeiros de muitos. Fico feliz que entenda isso — ele disse.

A srta. Rodelle fechou os olhos por alguns segundos, respirando fundo; então, os abriu e o encarou.

— Como posso ajudar?

— Quero que as damas continuem sem saber de nada. Todos que têm essa

informação correm risco, incluindo você agora. Se o duque descobrir que sabemos sobre ele, tudo estará perdido. — Ele respirou fundo. — Mas preciso de Sagerra. Como uma dama, ela consegue observar o que não conseguimos. Com sua ajuda, podemos explorar isso.

A casamenteira entendeu tudo.

— Você não pretende contar a ela o que está acontecendo.

— Queria poder, mas, pela segurança dela e dos outros, tem que continuar às escuras por enquanto. — Observadora como era, a srta. Rodelle provavelmente já desconfiava que Robert estava entre eles. Mas não perguntou nada, e era melhor que não tivesse certeza. — Quanto menos Sagerra souber, mais segura estará — ele insistiu. — Só pode saber o necessário. Não é meu desejo vê-la magoada.

A casamenteira olhou firme para ele.

— Se continuar mentindo para ela, será inevitável.

Ele abaixou os olhos.

— Sim, eu sei. Já aceitei isso. Meu trabalho nem sempre é fácil. Assim como o seu.

Quando voltou a erguer os olhos, Quinn encontrou compreensão no rosto da srta. Rodelle, que suspirou.

— Como pretende usá-la? Na situação em que estamos, não vejo isso acontecendo.

— Quero aprofundar sua amizade com Ash Carter. Ela precisa confiar nele e seguir sua liderança.

A srta. Rodelle balançou a cabeça.

— Ela está muito acima dele. A relação beira o inapropriado e vai parecer suspeito.

— Exato — Quinn concordou. — Todas as alternativas que tenho chamam atenção demais para ela. Ninguém nota os movimentos de Ash, por isso ele é tão útil para mim. Eles já são próximos, então, se eu subir a patente dele, vai ser mais fácil ficarem amigos. A partir de amanhã, ele vai se tornar sargento e não vai mais conduzir as carroças.

A casamenteira cruzou os braços.

— Ash Carter não é o nome do filho ilegítimo do rei?

Ele voltou a focar nela.

— Sim. Você está bem informada.

— Porque sei o nome de um rapaz elegível com sangue real? Você me ofende — ela disse.

Ela sabia daquilo desde o princípio.

— Suponho que seja por isso que tenha permitido que ela se aproximasse dele. Sagera sabe disso?

A srta. Rodelle fez que não.

— O nome dela é Sage, aliás. Na verdade, eu queria ver se ele seria um bom noivo para ela. Se ela soubesse, teria destruído a possibilidade com sua teimosia.

Quinn esfregou o rosto para impedir que o calor se espalhasse pelas bochechas. Ele tinha a impressão de que a mulher ainda pretendia fazer a união.

— Acho que, quanto antes ela descobrir essa informação, melhor. Exceto pela parte do casamento, claro. — Ele se inclinou para a frente. — Mas agora preciso que me diga tudo o que sabe sobre Sage para conseguirmos lidar melhor com ela.

A srta. Rodelle arqueou as sobrancelhas.

— Quanto tempo você tem?

SAGE ACORDOU CEDO NA MANHÃ SEGUINTE, ainda louca para bater em alguma coisa. Ela havia examinado seus pertences depois que Clare fora para a cama, tentando descobrir se tinham mexido em algo. Nada estava exatamente fora do lugar, mas algo parecia errado. Folheou o livro de registros em busca de sinais de que tinha sido pego e encontrou dois pontos de cera de vela nas páginas e uma mancha que tinha certeza de que não estava lá antes. Era o livro que o intruso queria.

E tinha sido Ash Carter.

Ele sempre fora fascinado pelo livro. Antes, ela imaginava que era porque não sabia ler, mas, em retrospecto, todos os minutos que haviam passado juntos tinham sido para se aproximar do livro. E ele não era o único. O tenente Casseck a havia impedido de voltar para o quarto mais cedo. Ela sabia o bastante sobre o exército para entender que nenhum deles teria agido sem as instruções do capitão, que Casseck dissera ter aprovado a farsa de Ash no dia em que partiram de Galarick.

Sage terminou o café da manhã rápido e deixou Clare com uma desculpa qualquer sobre sair para dar uma volta. Ela foi para o jardim furiosa, na esperança de gastar um pouco de energia, mas isso só a lembrou da volta com Casseck na noite anterior. Os soldados eram exatamente como as pessoas da colina Garland — só eram simpáticos quando queriam algo dela. Fora uma tola por não ter visto antes.

Distraída por seus pensamentos, deu a volta em um arbusto e quase trombou com um homem.

— Lady Sagerra — o soldado Carter disse com um sorriso afoito. — Estava procurando a senhorita para uma aula de leitura hoje.

— Quase não te reconheci — ela disse, olhando-o de cima a baixo. Ele usava as roupas pretas de um cavaleiro em vez do casaco e da camisa de linho marrons com que Sage estava acostumada. As mãos dele estavam limpas e seu cabelo preto tinha sido aparado, fazendo-o parecer mais velho.

Ash sorriu e ergueu os braços para mostrar melhor o uniforme. Não era um traje novo — o desgaste em algumas partes mostrava que tinha pelo menos um ano. A raiva dela cresceu ainda mais. Tudo nele era uma mentira?

— Fui promovido a sargento. Chega de carruagens para mim. — Ele abaixou os braços. — E devo agradecer à senhorita por isso, milady.

— Por quê?

A frieza na voz dela pareceu pegá-lo desprevenido. Ash deu um passo para trás.

— O capitão Quinn disse que meu esforço fez com que me destacasse.

— E você quer continuar?

— Se a senhorita também quiser. — Ash a observou desconfiado.

— Então não há hora melhor do que agora. — Sage deu meia-volta e saiu andando enquanto ele se esforçava para segui-la. Não puxou conversa enquanto ela o guiava para dentro do castelo.

Na biblioteca, longe dos olhos dos criados de passagem, Ash fechou a porta atrás deles.

— Alguma coisa errada, milady? — o sargento perguntou.

— Você que me diz — Sage respondeu, andando até uma escrivaninha. — Gostaria que tentasse algo antes de começarmos. — Ela pegou um papel da pilha numa mesa e usou um bastão de carvão para escrever duas frases. Depois virou e entregou o papel para ele. — Leia isto em voz alta, por favor.

Ele arregalou os olhos escuros para ler o texto. Havia um tremor na sua voz enquanto obedecia.

— Eu menti para você. Já sei ler.

Sage cruzou os braços. Tinha pensado que ouvir aquilo da boca dele a faria se sentir melhor, mas não fez.

— Fique à vontade para se explicar. Comece do começo, da noite em que nos conhecemos.

Ele abaixou o papel e engoliu em seco.

— Recebi ordens de observar as damas.

Não era nenhuma surpresa para ela.

— Então é um espião.

— De certa forma, sim, milady.

— Não entendo — ela disse. — Por que nos espionar, *me* espionar?

Ash apertou os lábios.

— Eu precisava fazer um contato dentro do grupo, sob ordens do capitão Quinn, para nos informar de qualquer coisa fora do comum.

O estômago de Sage se revirou.

— Então eu era isso para vocês.

— Não — ele disse rápido, depois fez careta. — Quer dizer, sim. Não queria usar a senhorita, mas então você se ofereceu para me ensinar a ler e o tenente Casseck viu isso como uma oportunidade. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — E o capitão Quinn também.

Os olhos dela se inflamaram.

— Você tem ideia de como é humilhante saber que passei dias fazendo papel de idiota?

Ash abaixou a cabeça.

— É pior do que fingir ser iletrado e ignorante? Pelo menos suas intenções eram nobres.

Mas não eram. Sage queria ajudá-lo, sim, mas também queria informações para Darnessa. Outro pensamento passou pela cabeça dela.

— Você não acabou de ser promovido, acabou? Sempre foi um sargento e cavaleiro.

Ele fez que sim.

— É mais fácil circular como soldado. Ninguém presta atenção em você.

Sage deveria ter desconfiado. Muitos dos maneirismos dele não combinavam com a baixa patente. Mas gostava tanto dele que não tinha imaginado que mentiria para ela.

— Desculpe, milady — Ash sussurrou. — Eu estava seguindo ordens. Odiei todos os minutos. Quer dizer... — Ele abaixou os olhos com um sorriso encabulado. — Realmente gostei da sua companhia.

Será que ele era mesmo tão diferente dela? Só porque Sage era boa em tirar informações dos homens não significava que gostava daquilo. O Espírito no céu sabia que havia manipulado até Charlie.

Sage limpou a garganta.

— Isso não é tudo. — Ela lhe lançou um olhar cortante. — Ontem à noite invadiram meu quarto e leram meu livro de registros.

O rosto dele ficou pálido. Ela estava certa. Tinha sido ele.

— Por quê? — Ela tentou continuar com raiva, mas só ouviu mágoa na própria voz.

Ash ergueu as mãos, suplicante.

— Você fazia tantas perguntas. Estava sempre anotando observações. Para um soldado parece...

— Espionagem — Sage completou. — Especialmente se é isso que *você* está fazendo.

Ele concordou, angustiado.

— Desculpe. Eu não queria.

Naquela primeira noite, ela tinha comentado sobre seguir ordens e ele havia ficado irritado. Sage tinha achado que ele estava exagerando, mas agora percebia que tinha atingido um ponto sensível. O que mais o capitão o havia obrigado a fazer?

— Mas eu queria limpar seu nome — ele disse. — E, com o que o capitão descobriu, precisávamos ter certeza.

Sage se empertigou. Casseck havia fugido das perguntas dela na noite anterior, mas ali estava uma oportunidade para arrancar algumas respostas... Diante desse pensamento, ela se retraiu. Quem era o verdadeiro manipulador ali?

— Já sei que existe algum tipo de perigo. O que está acontecendo?

Ele balançou a cabeça.

— Não posso dizer a você. Nem eu sei de tudo. Meu trabalho era só encontrar alguém em quem confiar.

— Como posso confiar em *você*, Ash Carter? Mentiu para mim por dias.

Os ombros dele se afundaram.

— Acho que não pode.

Sage sentiu uma pena súbita. Ele tinha fracassado em sua missão, mas havia apenas seguido ordens.

— Por que o capitão está procurando alguém em quem confiar? — ela perguntou baixinho.

— Ele queria um contato a quem recorrer se houvesse problemas ou que pudesse me informar se ouvisse algo estranho. — Ele abaixou os olhos para o papel amassado em sua mão. — Mas você tem razão. Estraguei tudo. Desculpe. — Ash deu um passo para trás. — Se me der licença, vou sair agora.

— Espere — ela disse, com a consciência pesando pelas próprias mentiras. Seria tudo tão mais fácil se pudesse dizer que era tão plebeia quanto ele. Mas será que eles ainda iam se interessar por ela se soubessem que não era uma dama? — Não quero que se meta em encrenca.

Ash deu de ombros.

— Ainda tenho tempo para fazer amizade com uma das criadas. Só vai ser mais difícil agora que voltei a cavalgar.

— Não seja ridículo — ela disse, temendo como Quinn poderia reagir se Ash falhasse. — Serei seu contato.

Ele ficou radiante e ergueu os olhos escuros para encarar os dela.

— Não está brava, milady?

Ela fechou a cara, embora sua raiva tivesse praticamente se dissolvido.

— Não disse isso. Seu capitão podia simplesmente ter me perguntado o que eu estava escrevendo ou ter explicado do que precisava, sabia?

— Ele nunca teve a intenção de magoar você — Ash disse, aproximando-se alguns passos. De perto, parecia mais alto. — Fiquei de repassar o pedido de desculpas dele.

— Hunf! — Sage franziu a testa enquanto erguia os olhos para ele. — Então pretendia me contar a verdade em algum momento?

Ash fez que sim.

— Amanhã.

— Como? Você não ia cavalgar em vez de conduzir a carruagem?

Ele abriu um sorriso bonito.

— Recebi permissão de cavalgar com você, se estiver disposta.

Sage retribuiu o sorriso, embora soubesse que Quinn não teria permitido algo assim a menos que lhe desse o que queria.

— Se me tirar daquela carruagem, estou disposta a qualquer coisa.

DEPOIS DO ALMOÇO E DE UMA SONECA muito necessária para compensar a noite insone, Sage foi à procura de Darnessa e a encontrou bordando na antessala de sua suíte.

— Como está Clare? — ela perguntou antes que Sage pudesse dizer qualquer coisa.

— Ah — disse a garota, lembrando-se da noite anterior. — Melhor. Receio que a viagem seja um pouco demais para ela. Ainda preciso pensar, mas temos que discutir o futuro dela antes de chegar a Tennesol.

Darnessa encolheu os ombros.

— Muito bem, falamos depois a respeito. Tem conversado com Ash Carter? Não o vi muito desde que chegamos.

Sage mordeu o lábio.

— Ele foi promovido, então tem novas funções. — A casamenteira não precisava saber que ele sempre tinha sido sargento.

— Jura? Alguma relação com você e suas aulas?

Ela estava descontraída demais. Darnessa tramava alguma coisa.

— Ele acha que sim — Sage disse. — Não vai mais dirigir a carruagem e se ofereceu para me ensinar a cavalgar como agradecimento.

— Parece justo.

Sage já sabia cavalgar muito bem — tio William tinha sido surpreendentemente liberal nesse sentido e até a levava para caçar algumas vezes. Ela só dissera aquilo para Darnessa pensar que Ash lhe devia algo. Mesmo assim, esperara um pouco de resistência.

— Não pensei que aprovaria.

— Por que não? — disse Darnessa. — As damas sempre cavalgam, e eu bem que gostaria de mais espaço para esticar as pernas na carruagem.

— Sim, mas cavalgar com um plebeu?

Darnessa olhou para Sage.

— Foi assim que ele se definiu? — Ela voltou a baixar os olhos e balançou a

cabeça em reprovação. — Um rapaz bonito fala um monte de meias verdades e você acredita nele? Deve estar perdendo o tato, minha aprendiz.

A disposição da casamenteira em permitir que cavalgasse com Ash deixou um gosto ruim em sua boca, mas Sage saiu sem dizer nada. Darnessa a estava manipulando. Ela *queria* que Sage passasse um tempo com Ash. E só havia uma explicação lógica: estava tentando casá-la. Queria aquilo a ponto de permitir que Sage não agisse como uma dama. Aquilo talvez não incomodasse Sage, que queria mesmo passar um tempo com Ash, mas havia algo mais. Algo que Darnessa queria que ela descobrisse sozinha.

Portanto, ela saiu à procura da única pessoa que pensou que poderia lhe contar. Encontrou Charlie perto da cozinha, levando alimentos e provisões para as carroças. Parou ao lado dele para oferecer ajuda. Precisou de apenas algumas perguntas disfarçadas até o pajem revelar informações suficientes na volta à cozinha. Depois de mais uma viagem, daquela vez carregando um saco de maçãs, ela voltou ao quarto, sentindo-se zozna.

Espírito no céu, aquilo explicava *tudo* — a fala refinada de Ash, a maneira como abandonava as formalidades, sua frustração em receber ordens... e a atitude de Darnessa.

Sage contemplou o fogo da lareira, deixando que as chamas baixas e oscilantes acalmassem seus pensamentos caóticos. A casamenteira não podia evitar, Sage pensou. Ash tinha sido o único homem por quem Sage havia demonstrado algum interesse, portanto, naturalmente, a mulher supusera que aquilo significava que eles deveriam se unir. Mas Darnessa não sabia que ele só passava seu tempo com ela porque Quinn havia mandado.

Sage sentiu um frio repentino. Se Ash *tivesse* algum interesse nela, desapareceria assim que descobrisse que não era uma noiva do Concordium — nem mesmo era uma dama. Ele poderia ter quem quisesse. Nem Lady Jacqueline ia recusá-lo.

Não, a casamenteira estava enganada. Sage não tinha nada a oferecer a Ash.

Exceto a ajuda de que os soldados precisavam. E sua amizade.

Sim, isso ela poderia fazer.

No meio-tempo, era obrigada a realizar seu trabalho. Pegou seu livro de registros das camadas mais fundas do baú e foi até a página sobre o capitão Quinn. Com os dedos trêmulos, pegou a pena e escreveu na página em branco ao lado.

Ash Devlinore “Carter” (B) nascido ~489

Sargento, 1º exército, 9ª cavalaria

Pai: Rei Raymond Devlin

Ela se recostou e ouviu o sino do jantar ecoando pelas paredes de pedra e entrando pela janela. Não achava que conseguiria escrever mais naquela noite, então guardou o livro de volta no baú, embaixo das calças no fundo. Lembrou de repente do sorriso astuto da casamenteira quando se separaram mais cedo, e sua boca se abriu num sorriso irônico.

Quer que eu cavalgue, Darnessa? Tudo bem. Foi você quem pediu.

O DUQUE D'AMIRAN ERGUEU OS OLHOS DE SEU JANTAR no Grande Salão de Tegann enquanto um homem amarrado era levado diante dele. A farda preta e dourada do prisioneiro estava rasgada e cheia de lama, e ele cheirava a suor e excremento. D'Amiran cobriu o nariz com o lenço perfumado de limão e fez sinal para tirarem a mordaça.

— Traidor! — o mensageiro balbuciou. Ele tentou cuspir, mas sua boca estava seca demais.

O duque manteve a compostura. Em pouco tempo, aquele homem estaria suplicando para morrer, mas D'Amiran duvidava que ele soubesse o suficiente para valer o esforço. Mesmo assim, tinha algumas perguntas, especialmente sobre por que seu irmão estava com dificuldades de encontrar o príncipe. Aquilo deixava seus aliados inquietos.

— Como capturamos este homem? — ele perguntou.

Por hábito, o capitão Geddes remexeu na orelha esquerda, da qual faltava um grande pedaço.

— Nossos aliados kimisaros o capturaram. Ele levava uma mensagem do general Quinn a fim de encontrar o comandante da escolta em Underwood. — Ele tirou um maço de papéis do bolso do gibão e o pousou sobre a mesa. — As cartas estão codificadas.

O duque olhou para elas enquanto falava com o prisioneiro.

— Estou correto em presumir que você não consegue decifrar isso?

— Sim. — O mensageiro retribuiu o olhar com determinação.

— Posso descobrir para vossa excelência — ofereceu o capitão.

D'Amiran balançou a cabeça.

— Duvido que o general Quinn se daria ao trabalho de codificar mensagens só para enviar a chave junto. — Ele apertou os lábios. — Mas me incomoda que ele use essas precauções. Deve ter suas suspeitas. — D'Amiran cobriu o nariz novamente enquanto fazia sinal para o homem ser levado embora. — Concentre seus esforços naqueles tópicos, capitão.

Os guardas começaram a arrastar o mensageiro em direção à porta dos fundos do salão. O homem não resistiu, tampouco cooperou.

— Faça-me um favor, capitão — o duque gritou atrás da máscara improvisada. O líder da guarda deu meia-volta. — Espere até eu terminar de comer para se dedicar de verdade. É difícil digerir propriamente ao som de gritos.

SAGE LEVANTOU CEDO E VESTIU CALÇA, botas e camisa de linho, com um colete de feltro pesado por cima; amarrou e cobriu o cabelo com um quepe de lã e o capuz de seu gibão marrom desbotado, depois guardou seus pertences e deixou a ala de hóspedes antes que mais alguém acordasse. Foi andando até a cozinha, passando despercebida por criados e soldados comuns e tomando um café da manhã rápido antes de sair para os estábulos. Quando encontrou o cavaliço-chefe, perguntou qual dos cavalos estava separado para Lady Sagerra. Ele o apontou, contente por delegar mais uma tarefa na manhã ocupada. Ela revirou os equipamentos de cavalaria até encontrar uma sela com estribos já ajustados no comprimento certo e a levou até a baia.

Eles não a haviam tratado com condescendência, emprestando-lhe um pônei ou um burro de carga, e sim a montaria reserva de um dos cavaleiros. Ela ofereceu uma maçã para a égua cinza-escura e começou a penteá-la com uma escova, fazendo amizade rápido com ela. Depois de verificar o animal em busca de sinais de coxeio ou ferimentos, Sage pegou a sela da porta da baia e a colocou sobre o dorso alto da égua.

Enquanto se abaixava para prender a cinta, ouviu uma voz conhecida.

— Garoto, a sela precisa de um apoio para uma dama; você precisa colocá-lo antes de prender a cinta.

Sage sorriu e não lhe deu ouvidos.

Ash abriu a porta da baia e chegou por trás dela.

— Você me ouviu? Primeiro precisa colocar o apoio lateral em cima. — Ele pegou o braço dela, que se endireitou para encará-lo.

— Se não se importa, prefiro ficar sem — Sage disse.

Ele ficou paralisado, com a mão ainda no antebraço dela. A garota batia na altura do queixo dele, e precisou inclinar o pescoço para trás para encará-lo, de tão perto que estava.

— Se já tivesse tentado cavalgar de saia, entenderia o porquê.

Ash soltou o braço dela e deu um passo para trás, boquiaberto. A maneira como

os olhos dele a percorreram não era diferente de como outras pessoas olhavam quando a viam de calça, mas Sage precisou resistir ao impulso de se virar. Ele balançou a cabeça.

— Ir na frente da carroça ou sentada de lado na sela é uma coisa, milady, mas acho que a srta. Rodelle vai achar isso demais.

Sage piscou para ele.

— Então sugiro que me ajude a me esconder enquanto for possível.

Do lado de fora, ela virou a cabeça para o sol e se banhcou nos raios quentes. Não sentiria falta daquele chapéu idiota, mas terminaria o dia com muito mais sardas do que havia começado. Parecia justo em troca da liberdade conquistada. Na estrada, Sage observou a paisagem com fascínio. Os campos de cultivo foram ficando menos comuns à medida que o terreno ficava mais rochoso e as áreas arborizadas por que passavam se alargavam. O grupo estava começando a atravessar Tasmét, que, tecnicamente, não era outro país, mas parecia exótico aos olhos dela. Em Crescera, só as casas mais ricas eram feitas de pedra, enquanto as dos camponeses eram construídas com madeira e tinham grama no telhado. Ali, até as casas mais pobres eram de pedra e tinham telhado de ardósia.

No começo, ela ficou envergonhada, pensando que parecia uma menina impressionável do interior, ainda mais agora que sabia a verdadeira identidade de Ash. Além disso, fazia anos que ele ia à província com o exército, então nada era novidade para ele, mas pareceu se encantar com as impressões dela, apontando as veias de minerais coloridos que percorriam as paredes por onde passavam. A vergonha dela foi se desfazendo aos poucos.

Ash também estava muito mais aberto às suas perguntas sobre o exército. Ele falava dos companheiros como se fossem irmãos, o que ela imaginou ser sincero. Sage quis saber o que ele diria a respeito.

— Você já sabe sobre a minha família — ela disse. — Como é a sua?

Ele deu de ombros.

— Não tenho muito a dizer. Meu pai é... bem conhecido. Cresci vendo-o de longe. Minha mãe era muito dedicada a mim, mas a vi poucas vezes nos últimos anos. O exército é minha família agora. — Ele evitou os olhos dela. — Acho que meu nome deixa claro o que sou.

— Isso não faz diferença para mim — ela disse, percebendo que ele ainda não estava pronto para se revelar. — Me conta do treinamento de pajem. Mal consigo acreditar em algumas das funções que seu capitão confia a Charlie.

Ash franziu a testa. Ele tinha a pele escura de um aristelano e o cabelo quase preto. Ela nunca conseguiria ter a cor dele mesmo se ficasse ao sol durante o

verão todo, contrariando os incontáveis sermões de sua tia para não estragar a pele.

— O que mais me lembro são os trotes, a maneira como os meninos mais velhos atormentavam os mais novos. O pai de Quinn era coronel na época. Um dia depois de Quinn chegar, ele foi até o pai e disse que preferia sair do exército a ter de servir ao lado de babacas como aqueles pelo resto da vida.

Por mais que o capitão a desagradasse, Sage teve que dar risada.

— Acho que ele foi obrigado a ficar.

Ash fez que não.

— O pai disse que ele poderia voltar para casa se quisesse; afinal, ninguém ia dar uma lição naqueles moleques. — Ele abriu um sorriso tenso. — Quinn encarou como um desafio, voltou para a tenda dos pajens e começou uma briga.

Sage bufou.

— Imagino que ele tenha ganhado o respeito de todos os meninos naquele dia e virado tenente na semana seguinte.

Ash ignorou o sarcasmo dela.

— Não. Levou uma surra feia, mas se recusou a dizer quem tinha batido nele. Acho que foi a coisa certa, considerando que ele tinha começado. — Ash ficou encarando as orelhas de sua montaria. — Foi um ano bem difícil para ele. Nunca vou entender por que não saiu do exército.

— O que aconteceu? — Sage achou aquilo um pouco intrigante. — É óbvio que superou tudo e se deu bem.

— Não sei direito — Ash disse. — Só se esforçou em ser correto e fazer a coisa certa. Conquistou amigos aos poucos, incluindo eu, até quase todo mundo admirá-lo de alguma forma. Ele levou a responsabilidade bem a sério. Ainda leva. Quando éramos escudeiros, todas as brigas e trotes tinham acabado e os pajens já estavam cuidando de tarefas normalmente deixadas para os escudeiros, que puderam sonhar mais alto.

A devoção dos amigos de Quinn a ele era profunda, vinha desde a infância. Ela não conseguiu evitar a impressão de que aquilo fazia todos quererem agradá-lo agora, mesmo quando suas ordens eram desagradáveis. Embora no momento ordenasse apenas pequenas mentiras e farsas, provavelmente não pararia por ali até alguém enfrentá-lo.

Ash virou o rosto para ela. A luz do sol iluminava seus olhos escuros de um ângulo que os fazia cintilar com um forte tom de mogno.

— Então, a resposta curta é: na idade de Charlie, nós não fazíamos aquelas coisas. Que oportunidade perdida!

Sage percebeu que Ash também tinha sido pajem e escudeiro, mas ainda não era um oficial. Ela estava prestes a perguntar o porquê quando ele disse:

— E a senhorita, Lady Sagerra? Se meteu em alguma briga na infância? Ou só subia nas árvores e atirava pinhas nos inimigos?

Ele estava brincando, mas ela respondeu a verdade.

— Três brigas, na verdade. Perdi a primeira. Meu pai disse que eu estava sendo nobre demais com um menino que era tão covarde que não queria enfrentar alguém do próprio tamanho. No nosso segundo confronto, usei o joelho esquerdo com ótimos resultados. Acho que ele ficou sem andar direito por semanas.

Ash se encolheu.

— E a terceira?

— Foi mais uma disputa de inteligência contra um oponente desarmado.

— Assim vai me matar de curiosidade.

Sage encolheu os ombros.

— Era um metido desocupado, que ficava falando mal das meninas. Às vezes eu até concordava, mas quando ele disse que poderia vencer uma garota em qualquer coisa menos chorar, eu o desafiei a uma queda de braço kimisara. — Ash nunca tinha ouvido falar daquilo. — Eu que inventei — ela explicou. — Eu tentaria empurrar seu braço para baixo enquanto ele resistiria com o cotovelo apoiado na mesa. — Sage esticou o braço com o punho voltado para si para demonstrar.

— Parece que você tinha vantagem.

Ela concordou.

— Foi o que ele disse. Então perguntei do que ele tinha medo, já que era tão superior.

— Quem venceu?

— Depende do ponto de vista. Só empurrei o braço dele até certo ponto. — Ela abriu o braço em um ângulo largo e virou para Ash com um sorriso maldoso. — Mas aí soltei. — Ela voltou o braço com tudo, demonstrando como o menino tinha dado um soco no próprio rosto.

Ash se matou de tanto rir, assustando os cavalos e todos ao redor. Depois disso, tentou se controlar. Sage pensou por um momento que ele poderia chegar a cair do cavalo. Os outros soldados ficaram encarando, mas ele fez sinal para pararem enquanto tomava ar, chorando de tanto dar risada. O sargento finalmente se acalmou e secou os olhos com as luvas.

— Ah, não acredito que você fez isso. É absolutamente diabólico.

— Não achei que funcionaria tão bem quanto funcionou — Sage disse,

balançando a cabeça. — Ele caiu da cadeira e cortou o lábio. Tinha sangue por toda parte. — Ash começou a rir de novo. — A melhor parte foi a cara dele. — Ela levou o punho à boca de novo e fez uma expressão cômica de espanto. — Claro que tio William não achou tão engraçado. Nem o pai do garoto.

Ash apertou a barriga como se a estivesse segurando para não cair. Quando Sage ouviu a própria gargalhada, se deu conta de que fazia muito tempo que não ria de verdade.

A primeira parada deles para descansar e esticar as pernas fez Sage perceber um dos problemas de seu traje. Alguém de fora suporia que era um homem comum, portanto não podia sentar com as damas. Ela teria ficado com Ash, mas ele tinha questões importantes para discutir com os oficiais e insistiu que a garota não poderia ficar perto deles. Sage decidiu que comer sozinha era um preço pequeno a se pagar pelo privilégio da cavalgada.

Quando pararam para almoçar, Ash pediu licença, mencionando que faria um turno de patrulha assim que voltassem para a estrada. Sage já havia deixado claro que não precisava de ajuda para desmontar, então o tenente Casseck esperou até ela estar no chão para se aproximar. Ele parecia ter superado o choque de vê-la vestida e cavalgando como um homem.

— Milady — ele disse. — Tenho um pedido do capitão Quinn relacionado ao irmão dele, Charlie.

Ela olhou para Quinn conduzindo seu cavalo aonde outro oficial e Ash se reuniam perto de uma mesa improvisada com um mapa.

— Por que ele mesmo não me pede?

Casseck deu de ombros.

— É meu trabalho executar as ideias dele.

Sage revirou os olhos. Ela desmaiaria de choque no dia em que Quinn fizesse algo pessoalmente em vez de sair dando ordens. Ou talvez ele tivesse vergonha demais para olhar na cara dela depois de fazer Ash mentir; nesse caso, não era preguiça, mas covardia.

— Pode falar, então.

— Você está ciente de que nossa situação desenvolveu certo grau de perigo. O capitão acredita que, se colocar Charlie sob sua supervisão, terá menos com que se preocupar. Charlie ainda vai ter suas obrigações de pajem, mas seria designado parcialmente a você e às outras damas. Carter não pode cavalgar ao seu lado o dia todo nem comer com você, mas Charlie pode.

Ela ergueu a cabeça para olhar nos olhos de Carter.

— Estou correta em supor que, se formos atacados, Charlie corre menos perigo de se ferir se estiver entre o grupo das mulheres?

O tenente fechou a cara.

— Sim, mas isso não quer dizer que estamos à espera de um ataque.

Ele poderia estar falando a verdade. Naquela manhã, os soldados estavam alertas mas não tão nervosos quanto antes, embora estivessem todos completamente armados. Ela abriu a boca para perguntar do que estavam à espera, mas Casseck a interrompeu.

— A senhorita perguntou como pode nos ajudar e estou falando a verdade quando digo que isso vai permitir que nos concentremos em entender a ameaça. Não é um pedido de pouca gravidade. O capitão Quinn não cede o controle facilmente, muito menos sobre seu irmão.

Sage suspirou e concordou com a cabeça.

— Eu aceito, por Charlie. — Ela se sentiu tratada com condescendência, mas o fato de Quinn estar preocupado com a segurança de Charlie lhe deu arrepios. Quem poderia ferir uma criança?

DEPOIS DO ALMOÇO, Sage observou Ash cavalgar na dianteira em sua patrulha. Ele parecia confiante de que voltaria antes da parada da noite, mas a forma como Casseck franziu a testa enquanto o observava partir a preocupou. Por que Quinn mandaria o sargento sozinho? O capitão dava ordens enquanto eles se preparavam para avançar.

Ela se acomodou na sela e virou para Charlie a seu lado.

— Seu irmão parece um homem de ação, sempre com pressa.

O pajem fez que sim.

— Nosso pai diz que deu essa missão para ele aprender a ter paciência.

Sage segurou o riso. Talvez o general soubesse que o filho não era tão maravilhoso quanto todo mundo achava.

— Quer ver minha faca? — Charlie perguntou. — Minha mãe mandou fazer uma especial. — Ele tirou a adaga da cintura, exibindo com orgulho as iniciais douradas marcadas no cabo. Parecia enorme na mãozinha dele. — Meu irmão também tem uma.

— Meu pai me deu uma faca quando eu tinha sua idade — Sage disse. — Mas eu perdi. — Ela contou para ele que havia fugido e que a esquecera quando seu tio a encontrara num barranco e a levara para casa.

Charlie arregalou os olhos castanhos.

— Por que fugiu, milady? Seu tio era cruel?

— Eu achava que sim na época. — Ela abriu um sorriso triste. — Meu pai tinha acabado de morrer, e quando isso acontece com alguém que você ama nem sempre se pensa com clareza.

— Meu pai diz que pensar com clareza é a qualidade mais valiosa de um oficial — contou Charlie, solene.

— Imagino que ele saiba disso por experiência própria — ela respondeu com a mesma gravidade.

Ash ainda não tinha voltado quando eles chegaram à propriedade seguinte. A mansão Middleton tinha muralhas altas e grossas no estilo que ela havia notado

nos lugares por onde passaram desde que saíram de Underwood. Tasmet havia sofrido séculos de combates e invasões. Ela imaginou que, se viajassem ao sul rumo a Kimisara, casas como aquela ficariam ainda mais fortificadas. Sage ajudou Charlie a carregar o baú dela até o quarto que dividiria com Clare, sentindo um nervosismo cada vez maior entre os soldados enquanto observavam os caminhos do leste em busca do companheiro desaparecido. Já havia passado o jantar e o sol estava se pondo quando a escolta começou a organizar uma expedição de busca.

Agora de vestido, Sage observou os oficiais deliberarem do alto da muralha externa da propriedade. Charlie estava inquieto ao seu lado e ela tentou tranquilizá-lo, apesar de seus próprios medos. Precisava de algumas respostas diretas de Casseck naquela noite, mas, no momento, ele estava distribuindo instruções. Quinn estava ao lado do tenente, de braços cruzados. Como podia parecer tão despreocupado? Não sentia nenhuma culpa por ter mandado Ash sair sozinho? Ela nunca tinha visto o próprio capitão sair em patrulha e, embora não soubesse muito sobre o exército, aquilo lhe parecia errado. Um comandante nunca deveria ordenar que os outros fizessem algo que ele mesmo não faria.

Cinco cavaleiros estavam armados e montando seus cavalos quando quatro sons de trombeta soaram ao longe. Os soldados relaxaram no mesmo instante e Charlie se recostou nela, aliviado.

Alguns minutos depois, um cachorro grande desceu a estrada saltitante sob o crepúsculo, seguido por Ash, cavalgando como se estivesse ansioso para voltar, mas nem tanto. O portão se abriu e ele entrou trotando e fazendo uma série de sinais manuais para os cavaleiros no pátio. Casseck virou a cabeça para sua equipe reunida e eles voltaram para os estábulos com suas montarias.

Casseck se aproximou enquanto Ash desmontava.

— Desculpa preocupar vocês, Cass — Sage ouviu Ash dizer. — Mas valeu a pena.

O tenente inclinou a cabeça e olhou para a muralha onde Sage estava com Charlie. Ash virou para cumprimentá-los antes de sair andando com Casseck. Charlie fez menção de correr atrás deles, mas ela o segurou.

— Espere. Tenho certeza de que eles têm assuntos importantes para discutir. Agora que sabemos que ele está seguro, você deveria ir para a cama.

— Mas aposto que está com fome. Vou levar algo para ele comer.

— Não, está tarde — Sage disse. — Deixe que eu cuido disso. — O pajem começou a reclamar novamente, mas ela ergueu um dedo. — Seu irmão me deixou encarregada de você, soldado, e estou mandando que vá para a cama. — Sage apontou para o quartel. — Agora.

Charlie obedeceu com um “Sim, senhorita” amuado e ela foi à cozinha pedir uma bandeja de comida. Carregada, atravessou o pátio e abriu a porta do estábulo com o pé, usando o quadril para empurrá-la o suficiente para passar. Além dos cavalos, o lugar estava quase deserto, e Sage atravessou as baias em silêncio seguindo as vozes do outro lado. O tenente estava dando um sermão em Ash.

Ela se aproximou em silêncio da porta da baia e parou atrás da divisória, onde não podia ser vista. Através de uma fenda entre as tábuas, viu Casseck olhando para baixo atrás do cavalo, mas Ash estava fora do seu campo de visão.

— Você deixou todo mundo com medo, sabia? — disse o tenente.

Incluindo eu, Sage pensou.

Ash levantou de onde estava agachado, provavelmente verificando os cascos da égua.

— Eu sei me cuidar. — Sua voz reverberou com confiança e autoridade, muito diferente da forma como ele falava com ela.

Casseck não se intimidou.

— Não contra cento e trinta homens.

Sage reprimiu um grito de espanto.

Ash bufou.

— Eles não estão todos juntos.

Sage franziu a testa. Eles estavam cercados? Não era de se surpreender que Quinn não queria que ninguém soubesse. Darnessa entraria em pânico.

— Certo, então, dez — Casseck reconheceu. — Você é bom, mas nem tanto. — Ash cerrou o maxilar e passou a escova na égua marrom, fazendo-a estremecer e bater o casco de felicidade. Casseck fez carinho no pescoço dela enquanto continuava. — Não podemos nos dar ao luxo de perder ninguém, muito menos você. De agora em diante, todas as patrulhas vão ter pelo menos dois homens; três seria melhor.

Ash balançou a cabeça.

— Não temos homens suficientes para espalhar dessa forma. Ficaremos vulneráveis.

— Já estamos vulneráveis — Casseck rebateu. Antes que Ash pudesse discordar, ele se aproximou, colocando a mão sobre a escova para fazê-lo prestar atenção. — Estou falando sério. Ninguém mais vai sair sozinho, muito menos você. Seu pai ia me matar se eu ficasse parado e deixasse você agir dessa forma.

Sim, dê ouvidos ao Casseck. Sage desejou que o tenente estivesse no comando em vez de Quinn. Era óbvio que ele se importava mais com a segurança dos homens.

Ash virou o rosto para encará-lo.

— Acho que você está esquecendo quem está no comando aqui — ele disse devagar.

Sage precisava intervir antes que Ash se metesse em problemas. Ela deu a volta pela parede, fazendo bastante barulho para não pensarem que estivera ouvindo escondida. Os olhos de Casseck se voltaram para a entrada assim que ela apareceu, e Ash se enrijeceu, virado de costas. Depois de encará-lo por um longo momento, o tenente tirou a mão e enganchou o polegar no cinto.

— Vou conversar com o capitão. Ele vai fazer você ouvir a razão.

Casseck deu a volta por Ash, dirigindo-se à porta da baia. Ash virou para vê-lo ir, pousando os olhos em Sage enquanto Casseck passava por ela com um cumprimento gentil. Ela ficou parada na porta enquanto Ash a examinava com uma expressão difícil de interpretar antes de se voltar para o cavalo.

— Há quanto tempo está aí? — ele resmungou.

Era melhor admitir.

— O suficiente para ouvir algumas coisas interessantes. — Ele não disse nada e continuou a esfregar a égua com movimentos rápidos e furiosos. A raiva dela cresceu para se igualar à dele. — Não vim te espionar, se é isso que está pensando. Vim porque pensei que estava com fome. Não precisa agradecer.

— E agora sabe quem eu sou — ele retrucou. — Meus parabéns.

A raiva dela evaporou. Ele não queria que ela soubesse. Quinn provavelmente o obrigava a esconder — ele conseguiria mais informações como plebeu.

— Você é filho do rei — ela disse calmamente. — Sei desde ontem. Não vou contar a ninguém.

Ele parou de esfregar e encostou a testa no dorso da égua.

— Esse seu hábito é bem irritante, sabia?

O veneno em sua voz não combinava com o alívio em seus ombros, mas ele parecia transtornado, então Sage manteve o tom neutro.

— E que hábito seria esse?

— O de sair por aí descobrindo tudo que não deveria saber, ouvindo o que não deveria ouvir, trazendo à tona tudo o que deveria ficar escondido. — Ash virou para ela com acusação nos olhos. — Ao mesmo tempo que me engana sobre quem é e quais são seus objetivos. Ele girou e atirou a escova com estrondo em uma cesta, assustando a égua, que comia.

Ele expirou com força.

— Já era ruim pensar que você seria desperdiçada com algum velho rico pomposo. Mas li seu livro. — Ele cruzou os braços e virou para olhar furiosamente para ela. — Você não está lá. Nem como noiva. Nem como

Broadmoor. *Você não existe.* Mesmo assim, vem aqui agora, se fazendo de dama preocupada. Hoje de manhã estava cavalgando como um homem; semana passada, se fingia de professora. A pergunta é: quem você vai ser amanhã?

Ela abaixou os olhos.

— Sua amiga.

— Já tenho amigos. Nenhum deles dá tão pouco e tira tanto quanto você. — Ele avançou alguns passos e tirou a bandeja das mãos dela. — Pode sair agora.

Fazia dias que ele sabia que ela estava mentindo — talvez desde o começo. Se Quinn havia desconfiado que era uma espiã ou estivesse ligada aos cento e trinta homens ao redor deles, Ash devia ter se esforçado muito para tentar provar que ele estava errado, até finalmente invadir o quarto dela para limpar seu nome. Mas ainda não sabia quem ela era.

E Sage não podia contar.

— Boa noite, Sagerra Broadmoor — ele disse. Havia um tom decisivo na voz dele e naquele adeus tácito.

Ele só queria a verdade e, como seu amigo, merecia isso.

— Sage — ela sussurrou.

— O quê?

Ela endireitou os ombros e se obrigou a olhar em seus olhos.

— Meu nome é Sage.

Os olhos escuros dele encararam os dela por alguns segundos, esperando, mas ela não encontrou forças para falar.

— E o que vem depois de Sage? — ele incentivou delicadamente. — Não é Broadmoor.

— Fowler — ela sussurrou. — É o sobrenome de passarinhos, como meu pai. Lady Broadmoor é irmã da minha mãe. Eles me acolheram quando ele morreu.

— E agora?

Sage baixou os olhos.

— Trabalho para a casamenteira. Sou aprendiz dela.

— Como ela te paga? Com um marido rico?

— É claro que não. — Um forte rubor subiu por seu pescoço até o contorno de seu couro cabeludo. — Não quero casar.

— Nunca?

— Nunca — ela respondeu firme, erguendo os olhos novamente.

Ash desviou o olhar ao ouvir um ruído atrás de Sage. Ele ergueu a comida para mostrar ao tenente Gramwell.

— Já vou indo, senhor — ele disse. — Estava apenas agradecendo Lady Sagerra, que fez a gentileza de me trazer isto. — Ele se inclinou para ela sobre a bandeja, olhando em seus olhos uma última vez. — Espero que cavalgue comigo amanhã, Sage Fowler — sussurrou.

COM OS OLHOS ARREGALADOS, o duque D'Amiran leu a mensagem apressada do barão Underwood: *O príncipe Robert está no grupo de escolta*. A mensagem também confirmou o que eles haviam descoberto com o mensageiro: o filho do general Quinn era o líder da unidade. O duque se arrependeu de não ter questionado o prisioneiro a respeito de Robert, mas tinha partido do princípio de que o homem não saberia nada de valioso sobre aquele pelotão. Mas aquilo não tinha importância; agora D'Amiran sabia. Tanto o filho como o sobrinho do rei estariam sob seu teto em questão de dias. Ele não poderia ter planejado melhor.

A ideia original era deixar que os kimisaros ao sul sequestrassem o príncipe Robert e o levassem através do desfiladeiro de Jovan para que o general Quinn enviasse uma parte significativa de suas forças em perseguição. Os kimisaros seguiriam para o norte e voltariam pelo desfiladeiro de Tegann; em seguida, os dois desfiladeiros seriam bloqueados, prendendo muitos demoranos do outro lado dos montes Catrux. Com a separação, a unidade ocidental do exército demorano seria mais fácil de derrotar. Depois disso, os kimisaros ficariam livres para devolver o príncipe a Tennegol em troca de um resgate. Ou matá-lo — D'Amiran não dava a mínima.

O duque chamou Geddes e atualizou o capitão sobre a situação enquanto escrevia uma carta a seu irmão em Jovan, instruindo o conde a mandar seus aliados kimisaros atravessarem o desfiladeiro sem o príncipe. D'Amiran havia presumido que seu irmão Rewel não tinha encontrado Robert por incompetência, mas, na verdade, era porque o príncipe não estava com o general Quinn ao sul. Apesar de toda a euforia de descobrir que o príncipe herdeiro estava vindo diretamente para Tegann, havia uma pequena complicação. Se os kimisaros não tivessem Robert como isca, o general enviaria menos soldados em sua perseguição. Mas D'Amiran estava empolgado demais para se preocupar com isso.

— O príncipe está viajando com um nome falso — ele disse a Geddes. — Isso pode significar que a escolta se sente ameaçada, mais um motivo para não

botarmos medo neles. Não quero que entrem em pânico; minhas recompensas podem se ferir. Seja como for, quero dar uma olhada no jovem Quinn. Dizem que ele é igual ao pai, embora isso não me pareça um elogio. — Era curiosidade mórbida que o movia.

D'Amiran dobrou a carta e levou o bastão de cera até a vela na mesa.

— Também me questiono por que o general designaria o próprio filho para essa missão.

— Acha que é para nos espionar, vossa excelência? — Geddes perguntou.

Aquelas cartas codificadas — ainda ilegíveis — eram prova de que o general Quinn não confiava em ninguém.

— Sem dúvida. Mas ele também pode estar tentando fazer o príncipe voltar à capital, o que talvez signifique que eles têm informantes que precisamos evitar. Seja como for, não podemos contar ao capitão Huzar sobre Robert. Da próxima vez que sair em patrulha pelo desfiladeiro, diga apenas que o príncipe está a caminho. Quando o tivermos, talvez possamos obrigar os kimisaros a nos apoiar um pouquinho mais antes de o entregarmos. — Talvez precisasse deles quando seu exército enfrentasse o de Quinn.

— Não sei se podemos confiar neles, vossa excelência — o capitão disse, passando o polegar na ponta cicatrizada da orelha.

D'Amiran riu enquanto selava o pergaminho.

— Sei que não podemos. Mas é o terceiro ano de fome e flagelo. Kimisara vai trocar qualquer coisa por comida, então vão fazer o que quero.

Geddes jogou o cabelo castanho sobre a orelha mutilada e estendeu a mão para pegar a remessa.

— Estou preparado para buscar suas recompensas pessoalmente.

O duque balançou a cabeça enquanto entregava a carta.

— Relaxe, capitão; a esta altura, não temos como perder.

— E os soldados que estão escoltando as noivas? — Geddes perguntou, enfiando a carta no gibão.

— Não são motivo de preocupação. No momento, só evitam que eu tenha de trazer as mulheres até aqui eu mesmo. Se as coisas correrem mal no sul antes de podermos marchar, ainda haverá tempo para nos voltarmos contra os kimisaros aqui. — Ele riu. — Vamos ser heróis por salvar e devolver Robert. Podemos até deixar os soldados da escolta ajudarem, embora talvez o jovem Quinn venha a sofrer um acidente fatal. Na pior das hipóteses, podemos usá-los para conseguir informações. Deixe-os em paz por enquanto.

O RATO SE DEITOU EM SUA CAMA NO QUARTEL, cheio de pensamentos relacionados a Estorninho para dormir, apesar do cansaço. O que o havia possuído para pressioná-la daquela forma? Tentou se convencer de que era apenas porque a garota jamais ficaria à vontade a menos que pudesse ser ela mesma. Na verdade, era a tensão de sua própria farsa que o fazia correr riscos insensatos. Quase havia arruinado tudo; não tinha se dado conta do quanto poderia perder até o momento em que a mandara ir embora.

Mas ela não tinha ido.

Sage Fowler. Ele sabia o nome, mas ouvir de sua boca era como um presente. Ela confiava nele. Queria contar para ele, assim como ele queria contar para ela.

Então ela ficou ali, corando até suas sardas desaparecerem, enquanto ele a pressionava mais, perguntando o que precisava saber. As respostas tinham provocado alívio. E decepção.

Ele grunhiu e esfregou o rosto. Tivera sorte até aquele momento, mas temia que mais cedo ou mais tarde aqueles olhos cinza o desarmariam por completo no pior momento possível.

SAGE FICOU ACORDADA NA CAMA que agora dividia com Clare, pensando no alívio no rosto de Ash quando lhe dissera seu nome. Ele sabia que ela havia mentido e que não era uma dama. Sabia que não era ninguém.

Mesmo assim, queria ser seu amigo.

— Sage? — murmurou a outra no escuro, pegando-a de surpresa. Pensara que estivesse dormindo. — Está acordada?

— Sim.

— Está todo mundo falando de você.

— Quem é todo mundo? — Sage perguntou.

— Todas as damas. Elas observam você e falam coisas horríveis. Não sei como defendê-la.

Sage franziu a testa. Aquilo poderia indicar problemas.

— É só entre elas?

— Sim, todas têm medo da Darnessa. Não falam perto dela, mas a casamenteira sabe. Disse que você não faz nada sem a permissão dela.

Sage deu de ombros. Seu pai sempre dizia que fofoca era para pessoas pequenas.

— Então não precisa me defender. Se me importasse com o que as pessoas pensam de mim, eu... — Sage se interrompeu. Estava prestes a dizer que teria que se casar, mas pareceu um pouco indelicado considerando o que Clare seria obrigada a fazer. Ela limpou a garganta. — Onde você estava quando voltei?

— Ah. — Clare se revirou. — Fui dar uma volta com o tenente Gramwell de novo.

— De novo?

— Passeamos todos os dias depois do jantar, mas hoje os soldados estavam ocupados com alguma coisa, então saímos mais tarde. — Houve uma longa pausa. — Você acha indecoroso?

Sage sorriu e estendeu o braço para apertar a mão de Clare.

— De maneira alguma.

ELE QUASE SUSPIROU DE ALÍVIO QUANDO a viu tomando café da manhã ao nascer do sol com os criados à frente da cozinha, vestida para cavalgar. Sentou ao seu lado no banco e ofereceu um grande morango maduro.

— Bom dia, amiga — disse baixinho.

Sage pegou a fruta e olhou para ele, acanhada.

— Queria pedir desculpas por ontem à noite — ele disse. — Estava cansado e fui bastante injusto, mas fico feliz em finalmente entender seu papel em tudo isso.

— Não precisa se desculpar. Nós dois agimos sob ordens. — Haviam acabado os biscoitos do pote, e Sage ofereceu metade do seu. — De agora em diante, vou fazer minhas próprias escolhas, mas não sei se você tem liberdade para fazer o mesmo.

Ele aceitou o biscoito, roçando o dedo no dela.

— Tenho a impressão que está acostumada a seguir seu próprio caminho.

— Pode agradecer ao meu pai por isso. — Sage sorriu envergonhada.

Ele daria qualquer coisa para ter conhecido aquele homem.

— Estou ansioso para saber mais sobre ele hoje.

Os olhos dela brilharam no rosto pálido.

— Estou ansiosa para contar mais.

Casseck não ia deixá-lo patrulhar naquele dia. O tenente tinha apresentado seu argumento diante dos oficiais na reunião da noite anterior, e o capitão fora obrigado a aceitar que todas as patrulhas tivessem pelo menos dois cavaleiros a partir de então. Pelo menos ele teria uma companhia agradável. Como era de se esperar, mal tinham chegado à estrada quando Sage começou a fazer perguntas.

— Pode me dizer o que aconteceu ontem? — ela indagou. — Queria perguntar ontem à noite, mas fomos interrompidos.

A preocupação nos olhos dela era gratificante, mas desnecessária. Eles não haviam recebido notícias do piquete à frente, então ele havia saído para procurá-lo. Descobriu que o rapaz estava apenas doente por causa de um lugar por onde havia passado alguns dias antes. Não era uma doença fatal, mas era...

inconveniente, causando seu atraso.

— Não havia perigo nem era nada de interessante — ele disse. — Uma cidade por perto está sob quarentena. Tinha algum animal morto no poço e a doença se espalhou rápido. Se evitarmos a água na região, vamos ficar bem. Mas valeu a pena a investigação.

— De que tipo de enfermidade se trata?

Ele hesitou. Sage não era delicada demais, mas ele não estava com vontade de descrever dois dias de diarreia e vômito.

— É algo passageiro que prefiro não detalhar a você, sendo ou não uma dama de verdade.

Ela entendeu o que aquilo significava.

— Passageiro porque a doença passa logo ou porque o doente logo passa dessa para uma melhor?

Ele riu.

— A doença é passageira.

Ela refletiu.

— Não seria útil infligi-la nos seus inimigos?

Ele freou o cavalo abruptamente para olhar para Sage. Pelo Espírito, era genial.

— Alguma coisa errada? — ela perguntou, puxando a égua cinza e olhando ao redor.

— Não, é só que... é uma ideia incrível. — Eles poderiam enfraquecer Tegann. Talvez até o exército ao sul.

— Mesmo? Eu só estava brincando.

— Eu não — ele disse. — Espere aqui. Preciso conversar com Casseck. Ele girou o cavalo e acenou para o amigo. Depois de alguns minutos de conferência, voltou para o lado de Sage e lhe lançou um olhar incisivo. — Não pode comentar nada a respeito disso.

Ela balançou a cabeça.

— Você tem minha palavra. — Eles observaram dois cavaleiros e um cachorro correrem à frente. Cass já estava colocando o plano em ação. — Pode levar o mérito por essa ideia — ela disse.

— Bobagem. Se der os frutos que espero, arranjo uma patente para você. — Ele virou a cabeça para olhá-la. — Seu pai ficaria orgulhoso.

Sage ignorou a mudança de assunto.

— Você evita chamar a atenção para si mesmo quando faz um bom trabalho, mas aceita levar a culpa mesmo quando desnecessário.

Ele deu de ombros.

— Dou o crédito a quem merece.

— Acho que seria um bom oficial. Já pensou nisso?

— Não é a primeira a sugerir. — Ele balançou a cabeça. — Mas meu irmão é tenente. Não posso estar no mesmo nível que ele.

— O príncipe — ela murmurou. — Não quer competir por uma promoção com ele.

— Exato. Já é difícil o bastante para ele. Prefiro apoiá-lo.

— Entendo — ela disse. — Só queria que não se subestimasse.

— E talvez eu nem queira a patente. Só acorrenta a pessoa ao dever por anos.

— Ele apontou para Cass e Gramwell, cavalgando alguns metros à frente. — Está vendo os dois? Como precisam agir o tempo todo? Compare aquilo a mim, aqui com você. Essa é uma liberdade que eles não têm.

Sage olhou de lado para ele.

— Você não me engana, Ash Carter. Tem ambição e é um líder nato. Mas admiro seu senso de dever e honra.

O rosto dele ficou vermelho enquanto procurava uma maneira de mudar de assunto.

— Por falar em honra, se seus pais eram casados e seu pai era passarinho e não camponês, por que seu nome é Sage?

— Eles gostavam, acho.

— Isso não me convence — ele disse, olhando para a frente com uma mão sobre os olhos para bloquear o sol do fim da manhã.

— É um dos nomes da sálvia, a erva favorita da minha mãe. Meu pai dizia que ela fritava as folhas e as comia puras, especialmente quando estava... me esperando. — Ela sorriu. — Então, quando nasci... — Sage baixou a voz e os olhos.

— Quando você nasceu... — ele incentivou.

As sardas dela sumiram quando corou.

— Meu pai disse que eu tinha um cheiro doce e a pele macia, como folhas de sálvia. Depois que falou isso em voz alta, nenhum outro nome serviu. Sage também representa sabedoria e conhecimento, que eram importantes para ele. — Ela mordeu o lábio antes de continuar. — E a planta tem qualidades terapêuticas. Mais de uma vez, meu pai falou que eu era o único remédio capaz de aliviar a dor da morte da minha mãe. — Ela cutucou as unhas. — Gosto desse nome.

— Eu também — ele garantiu. — Tem muito significado. — Sage corou de novo, mas ele fingiu não notar, concentrando-se na estrada. — Parece que seus pais casaram bem. Foi isso que fez você escolher a profissão?

— Não, foi meio sem querer. Meus pais casaram por conta própria. Minha mãe era filha de um flecheiro.

— Deixe-me adivinhar — ele disse. — Como passarinho, o pai dele vendia penas para o pai dela para fabricar flechas.

— Quase. Meu pai foi criado num orfanato e nunca conheceu os pais. Ele vendia as penas como aprendiz. — Um sorriso sonhador iluminou seu rosto. — Ele racionava o que tinha para vender, para poder visitá-la quase todos os dias.

Ash não conseguia tirar os olhos dela.

— Deve ter tido uma infância difícil, sem pais.

Sage fez que não.

— Na verdade, o convento inspirou seu amor pelos estudos. Se tivesse sido criado fora dele, talvez não fosse tão bem instruído. Ele também tinha mais opções de aprendizagem, já que não havia uma profissão familiar. Quando tinha treze anos, viu minha mãe pela primeira vez e, como o flecheiro já tinha um assistente, escolheu a profissão mais próxima. Nove anos depois, eles fugiram juntos.

— *Nove anos?* — ele disse. — É muita dedicação.

— Falou o soldado de carreira — ela rebateu de brincadeira antes de voltar a ficar séria. — Eles poderiam ter se casado antes se os pais dela tivessem aprovado. Eles eram terríveis, por isso meu pai se recusou a me mandar para eles depois que ela morreu. Fiquei só com ele, sempre viajando.

— O que aconteceu com seu pai?

— Houve uma onda de febre forte no final do verão. Ele cuidou de mim antes de se contagiar, então, por um bom tempo, me culpei. Perto da morte, chegou a me chamar de Astelyn. Achava que eu era minha mãe. — Ela fitou um ponto entre as orelhas da montaria. — De certa forma, fico grata, porque lhe servi de consolo.

Tudo que o ela tinha na vida havia morrido aos doze anos.

— Desculpe — ele disse.

— Não é culpa sua.

— Verdade, mas fiz você reviver essa história só por curiosidade.

— Não, você estava certo antes. — Ela expirou e fechou os olhos. — Me sinto muito melhor depois de drenar a ferida. A maior parte do ressentimento finalmente passou. Talvez agora consiga cicatrizar de verdade.

Ela estremeceu e olhou para ele, radiante.

— Agora me conte da sua cicatriz.

A mudança de assunto o pegou de surpresa.

— Como assim?

— Esta aqui. — Ela apontou para o olho esquerdo dele. — Como conseguiu? Parece recente.

— Ah, isso — ele disse, esfregando a testa. — Levei um coice de um cervo que não estava tão morto quanto eu pensava.

— Mentiroso. — O tom brincalhão dela escondia um traço de alerta.

Ele imaginou que não havia mal em contar para ela.

— Na verdade foi um pique kimisaro no mês passado. Mas tenho uma cicatriz aqui em cima de um cervo, como falei. Ele apontou para um ponto perto da orelha. — Eu tinha treze anos.

Ela se recusou a ser distraída.

— Você esteve em muitas batalhas, então?

— Claro — ele disse. — Estou no exército desde os nove anos. Mas foram mais conflitos pequenos do que batalhas propriamente ditas. A situação com Kimisara está tensa, mas não foi declarada guerra. — *Ainda*, acrescentou para si mesmo.

Eles cavalgaram em silêncio por um trecho, mas ele sabia em que Sage estava pensando.

— Sim — ele disse, abruptamente.

Ela levou um susto.

— O quê?

— Você quer saber se já matei. A resposta é sim. Algumas vezes, na verdade.

— Ah.

— A primeira foi a mais difícil. — Ele não conseguia entender a necessidade de contar tudo para ela, mas tampouco conseguia resistir. — Bom, não foi difícil na hora, considerando que ele estava tentando me matar, mas a maneira como me senti depois foi chocante. Matar tira algo de você que não há como recuperar. — Ele engoliu em seco. Lembrava de tudo: os gritos, o cheiro de sangue e medo, a sensação da carne do outro sendo perfurada, a luz se apagando em seu olhos. — Eu tinha quinze anos. Usei uma lança.

O rosto de Sage se encheu de compaixão.

— Depois ficou mais fácil?

Ele fez que sim.

— Em dias bons, digo a mim mesmo que é mais fácil porque sou mais habilidoso ou que eles iam me matar se eu deixasse, que estou vingando meus amigos ou que algum outro motivo justifica. Em dias ruins... — Ele olhou fixamente para a estrada, sem conseguir lembrar do rosto do último homem que

havia matado, embora fizesse poucas semanas. De quantos outros havia esquecido?

— Você acha que é porque gosta — ela completou. — Que é um monstro.

Ele olhou nos olhos dela, com medo de que o visse daquela forma.

— Sim.

O sorriso dela era doce, tranquilizador.

— Mas não é.

— Como você sabe? — O fato de que ela o interpretava tão bem lhe deu esperanças de que estivesse certa.

— Porque ainda se preocupa com isso.

A TERCEIRA MANHÃ DE CAVALGADA MANTEVE O RITMO confortável das anteriores. Sage aprendeu mais sobre o treinamento de pajens e escudeiros, e Charlie lhe contou tudo sobre seus avós que moravam em Aristel. A mãe de Ash também viera do extremo oriente, mas ele não dissera nada além de que ela tinha se casado recentemente.

Por sua vez, Sage falou sobre como capturava filhotes de aves e os treinava com o pai. Quando Charlie não estava com eles, ela entretinha Ash com suas histórias sobre os pretendentes que espionava, e como ela e Darnessa descobriam o que os homens queriam numa esposa.

— Pensei que seu tio mandaria você à srta. Rodelle para encontrar um marido, não para trabalhar para ela — ele comentou.

— Ele tentou no último outono — Sage explicou. — Marcou a entrevista e só me contou depois. Fiquei furiosa.

Ele sorriu.

— Então você sabotou a entrevista?

Ela não respondeu na hora.

— Não, eu fiz um esforço pela minha tia, que se esforçou tanto por mim.

— Você fala como se tivesse sido em vão — Ash comentou, franzindo as sobrancelhas.

— E foi. Arruinei tudo em questão de minutos. Darnessa me provocou, mas definitivamente não demonstrei nenhuma maturidade.

— Pelo jeito como fala, parece que queria que tivesse sido melhor.

Sage encheu as bochechas de ar e bufou devagar antes de responder.

— Sim e não. Eu nunca seria feliz fingindo ser algo que não sou. Mas queria que ser eu mesma não causasse tantos problemas. Eu e meu tio William nunca nos demos bem, mas ele cuidou de mim quando eu estava mal, então devo meu melhor esforço a ele. Mas meu melhor esforço foi péssimo. — Ela abriu um sorriso triste. — Uma coisa é não querer casar. Outra bem diferente é descobrir que ninguém nunca casaria com você.

Ash ergueu as sobrancelhas.

— Não acho que isso seja verdade.

— Sabia que Darnessa me contratou porque eu seria uma comparação desfavorável em relação às outras garotas? Que os homens escolheriam as moças que ela queria quando recebessem a escolha entre elas e mim? — Ela não tinha mais pensado no assunto. Por que agora a incomodava?

— Acho difícil de acreditar.

— Não é difícil se você souber do que um homem gosta. Muitos são distraídos pela aparência e não veem a incompatibilidade de espírito. — Ash não parecia convencido, então ela tentou explicar. — Por exemplo, um homem prefere meninas mais quietas, de corpo delicado e cabelo loiro, mas o que ele *precisa* é de uma menina mais extrovertida que equilibre suas tendências antissociais. A que Darnessa quer para ele é mais alta do que ele gostaria, não muito magra e tem cabelo castanho. Então tinjo meu cabelo de um tom mais escuro, coloco um salto alto e um vestido... com bastante enchimento. Quando nos conhecemos, falo bastante e a outra menina segura a língua. Comparada comigo, ela é mais próxima daquilo que ele quer, e ele a escolhe.

Sage deixou de fora como Darnessa achava que ela tinha talento em deixar as pessoas desconfortáveis.

— Então vocês manipulam os homens a escolherem o que vocês querem? — Ash parecia indignado.

— Eu pensava dessa forma no começo, mas uma boa casamenteira dá às pessoas aquilo de que elas precisam. A maioria das pessoas foca no que quer. E nem sempre fazemos isso. Alguns homens só precisam sentir que estão no controle. — Sage fez uma careta. — É desafiador e gratificante criar uma relação que desenvolva amor, mas não acho que eu consiga fazer isso para sempre. Algum dia, vou encontrar uma nova aprendiz para Darnessa e tentar arranjar um trabalho como professora. Ainda sou muito nova para isso.

A expressão dele era difícil de interpretar.

— Se o processo funciona tão bem, por que não o aplica a você mesma e pede para Darnessa lhe encontrar um marido?

— Porque prefiro cometer um erro sozinha a entregar meu destino nas mãos de outra pessoa. — Ela sorriu para ele de viés. — E acredite em mim: sou muito boa em cometer erros.

Ash virou o rosto, mas ela pôde ver seu sorriso.

— Sei como é — ele disse. De repente, estreitou os olhos na direção de uma linha de fumaça ao sudeste. Com um puxão das rédeas, conduziu seu cavalo para

fora da estrada. Sem pensar, Sage o seguiu, deixando os outros cavaleiros passarem.

— O que é aquilo? — ela perguntou, com um frio na barriga, mas ele parecia mais animado do que preocupado.

Ele se virou sobre a sela. Não conseguia ver Casseck em lugar nenhum — ele devia estar patrulhando longe da estrada. Ash fez alguns sinais para o capitão alguns metros atrás deles. Quinn deu de ombros e fez um movimento de “vá em frente”.

Ash olhou para Sage.

— Quer ver o resultado da sua ideia? — Ele se inclinou na direção dela e sussurrou: — Se conseguir me acompanhar. — Ele esporou o cavalo e cavalgou à frente.

Franzindo a testa, ela impeliu Shadow, a égua que vinha cavalgando nos últimos dias, a acelerar. Ash fez sinal para Charlie vir junto e o garoto obedeceu com um sorriso ansioso. Quando passaram na frente da caravana, Ash assoviou para um dos cães, que foi correndo ao lado deles.

Eles cavalgaram em silêncio por quase uma hora. Ash se manteve alerta aos arredores, com a balestra pronta e a espada à mão. Até Charlie estava com uma lança, o que deixava Sage apreensiva, pensando no primeiro homem que Ash havia matado. Ela se sentiu impotente, ainda que não fosse capaz de manejar uma arma se tivesse uma, mas Ash não teria levado os dois com ele se estivesse esperando perigo.

Depois de alguns quilômetros, entraram à direita em uma trilha larga e cavalgaram por mais uns quinze minutos. Quando o cachorro disparou para fora do seu campo de visão, Ash freou.

— O que foi? — ela sussurrou, aproximando-se.

Ele sorriu como uma criança encantada.

— Espere.

Eles voltaram para as árvores e, depois de alguns minutos, Sage começou a observar Ash pelo canto do olho. De perfil, o nariz dele era reto e ligeiramente aquilino; sua boca se contorcia num meio sorriso, sugerindo o senso de humor que ele costumava esconder. Ele se sentava a prumo na sela, com uma elegância e uma confiança naturais que ela não tinha notado quando conduzia a carroça, embora agora entendesse o motivo. Sage o conhecia bem o bastante para ver que ele estava relaxado, mas sua cabeça se inclinava e virava infimamente em direção aos ruídos da floresta enquanto seus olhos permaneciam focados. Seu pai chamava aquilo de “ver com as orelhas”.

A espada ao seu lado era simples mas elegante — e letal, sem dúvida, se ele a usasse com a mesma graça e eficiência com que fazia todo o resto. Sage se perguntou se o rei sabia o filho que tinha. Era uma pena que a origem dele o excluísse de uma posição oficial na realeza. Seria aquele o motivo de ter entrado para o exército?

Sage voltou a erguer os olhos para ele e notou que a observava. O retorno do cão os salvou da conversa constrangedora. Enquanto se aproximava correndo, ela viu algo pendurado em sua boca. Ash fez sinal com a cabeça para Charlie, e o garoto desmontou e foi ao encontro do cão, que soltou dois animais na frente dele. Charlie se ajoelhou, acariciou o cachorro e lhe deu um biscoitinho, depois tirou um pedaço de papel de uma fenda escondida na coleira. Fez mais um carinho atrás da sua orelha, levantou e pegou o que ela agora podia ver que eram dois coelhos gordos.

Charlie levou os dois para Ash e sorriu para Sage. Ela finalmente compreendeu. Os cachorros trocavam mensagens com os batedores mais distantes. Assim como o pai dela, provavelmente usavam apitos que os animais podiam ouvir, mas os humanos não.

Ash colocou os coelhos sobre o cepilho da sela e leu a mensagem antes de se dirigir a Charlie.

— Pode montar; não preciso mandar nada de volta. Ele já deve estar a quase um quilômetro daqui. — Ash guardou o bilhete no gibão e Sage tentou não ficar magoada por ele não ter mostrado o que dizia.

Dava para ver que Ash não gostava daquilo, mas tinha suas ordens. Ele ergueu os coelhos pela corda que os ligava.

— O que acha de guisado para o jantar? Sem cebolas.

Algo chamou a atenção dela, que estendeu a mão para a pata traseira do animal.

— Foi pego com um laço — ela disse, apontando um trecho do pelo que tinha sido arrancado. Sage virou a pata para estudá-la. — Hoje de manhã.

— Muito bem, Fowler. — Ele disse seu nome como se fosse um elogio. — Vê mais alguma coisa?

Sage examinou um dos coelhos. Ela se aproximou e apertou a barriga.

— Já destripado. — Franzindo a testa, apertou com mais força, depois o puxou para seu colo. Seus dedos encontraram uma incisão na barriga, onde ela enfiou a mão.

Ash sorriu enquanto Sage tirava um recipiente de vidro com água, tampado com uma rolha de cera.

— Nosso batedor voltou à cidade que está sob quarentena e nos mandou um

presente.

Ela ergueu os olhos, fascinada.

— Uma arma engarrafada.

LEVOU MENOS DE UMA HORA PARA ELES VOLTAREM à estrada e se juntarem à caravana. Casseck havia voltado de sua patrulha e agora encarava Ash, que retribuiu sem piscar. Eles se encararam a alguns metros de distância enquanto Sage observava do dorso de Shadow, constrangida. Finalmente, Casseck cavalgou à frente, passando por Ash para falar com ela.

— Milady — ele disse. — Por favor não se afaste assim novamente. Carter é tão despreocupado com a própria segurança que se esquece dos outros. O capitão Quinn nunca ia se perdoar se algo lhe acontecesse.

Ash esporou seu cavalo e trotou para trás para conversar com Quinn.

— Desculpe — Sage disse. — Não pensei que seria perigoso. — Ela ergueu os olhos para Casseck com falsa inocência. — Talvez, se me contar mais sobre nossa situação, eu possa agir com mais prudência. Senhor.

Casseck fechou os olhos brevemente, como se estivesse rezando por paciência.

— Srta. Sage, cavalgar na mata não é útil para nós. Deve se ater a lugares que podemos patrulhar.

— Como banquetes e bailes? — ela disse, com sarcasmo.

Ele olhou para ela com firmeza.

— Sim.

Sage franziu a testa.

— Como isso pode ser útil?

— Nem todas as batalhas são combatidas no campo, milady. O duque D'Amiran é um homem ambicioso, e as pessoas falam mais na companhia de vinho e belas damas.

— Você me chamou de Sage. Já sabe que não sou uma dama — ela o acusou. *Caramba, Ash, tinha de contar tudo para eles?*

Casseck sorriu de leve.

— Temos sorte de você poder atuar nos dois campos. Criados gostam de falar. — Ele acenou com a cabeça e instigou o cavalo adiante, afastando-se.

Ash retornou depois de informar o capitão, mas ela não estava no clima para

falar. Ele não forçou nenhuma conversa, mas Sage podia senti-lo observando-a de soslaio. Perto da próxima parada, subiram uma colina e ele mostrou os picos das montanhas, agora visíveis no horizonte a leste. Ash sabia que ela estava ansiosa para vê-los, mas Sage mal prestou atenção na vista. Quando entraram na propriedade, ele se manteve perto dela.

— Eu nunca colocaria você em perigo — ele disse baixo, enquanto a ajudava a descer da sela.

Ela ergueu os olhos para ele. Havia uma ruga de preocupação entre suas sobrancelhas escuras.

— Eu sei.

— O que Casseck disse? Você mal falou desde que voltamos. — Ele deixou a sela num parapeito e pegou a rédea de sua égua para guiá-la por trás de Sage.

Ela parou de esfregar Shadow e virou. Olhou ao redor, mas todos estavam ocupados cuidando de suas respectivas montarias.

— O tenente Casseck me pediu para ficar com os olhos e ouvidos abertos quando chegarmos a Tegann. Disse que o duque é ambicioso.

Ash fechou a cara.

— Isso é curioso, para alguém tão bravo por causa do perigo inexistente em que coloquei você hoje.

— Se já estamos em perigo, que diferença faz? — ela sussurrou. — Especialmente se posso ajudar?

Ash deu um passo para perto dela, forçando-a a erguer a cabeça e encarar seu rosto aflito.

— É só que... eu que meti você nessa história. Ele não deveria se intrometer.

Ash olhou para Sage como na noite em que ela confessara seu nome — como se ela fosse a única coisa no mundo. Só que, dessa vez, não havia nenhuma bandeja entre eles. Ela notou seus olhos atraídos pela boca dele, pelos três fios curtos de bigode que ele devia ter esquecido de barbear pela manhã. Umedeceu os lábios com a língua, esperando... alguma coisa.

De repente, Shadow deu um passo para o lado, derrubando-a com tudo contra ele. Ash a pegou nos braços e ergueu os olhos, com irritação no rosto. O topo da cabeça morena de Quinn apareceu por cima do dorso do cavalo.

— Desculpe, Carter — ele disse. — Minha espada tocou a égua sem querer.

— Tudo bem, senhor. — Ash colocou Sage de volta em pé, se afastando assim que ela estava firme, de modo a tocar o mínimo possível nela.

Ele a ajeitou como se fosse um vaso na prateleira.

Com o rosto vermelho, ela pegou as rédeas de Shadow e partiu.

DE COSTAS PARA A LAREIRA DO GRANDE SALÃO, o capitão Huzar observava o duque D'Amiran com o rosto duro. Seus braços estavam cruzados, e o duque notou como isso fazia as tatuagens se ligarem umas às outras. Para D'Amiran, desenhos na pele eram algo vulgar, mas os de Huzar tinham uma espécie de poesia deslizando.

— Minhas fontes dizem que nossos homens serão enviados pelo desfiladeiro sul sem o príncipe — Huzar disse. — Por quê?

O duque conteve uma cara feia. Ele teria de encontrar os espiões e eliminá-los. Ou contratá-los para si, porque eram incrivelmente velozes. Sorrindo, fez sinal para o kimisaro se juntar a ele à mesa, que tinha comida suficiente para dez homens, embora jantasse sozinho.

— Você deveria comer, meu amigo. Sei que está com fome.

Huzar ignorou o convite.

— Vou comer quando meu povo puder comer.

D'Amiran se recostou na cadeira de madeira ornada e limpou os dedos no guardanapo de linho.

— A verdade é que descobri que o príncipe Robert está a caminho daqui, com a escolta.

— E não nos informou.

— Estou informando agora. Não quero que o capturem antes do planejado. — Ele deu um gole no vinho sem tirar os olhos de Huzar.

— Por que não deveríamos capturá-lo? Ele é o objetivo. Quanto antes, melhor.

— Não necessariamente; isso pode estragar tudo. Nada mudou além do momento em que ele estará em nossas mãos, o que é vantajoso. — O duque pousou o cálice na mesa. — Instruí meu irmão a falar para seus homens criarem o maior caos possível ao leste das montanhas. Eles podem ficar com tudo o que conseguirem carregar ao atravessarem o desfiladeiro para cá; isso não é da minha conta.

O rosto de Huzar relaxou um pouco, mas ele não disse nada.

— O príncipe e os outros chegarão em dois dias. Se seus homens fizerem seu trabalho...

— Eles vão fazer — Huzar interrompeu.

— Então não haverá com o que se preocupar. — D'Amiran cerrou o maxilar. — Vamos capturar o príncipe e avisar quando estivermos prontos para entregá-lo a vocês. Até lá, você não deve vir aqui a menos que eu o convoque.

Um criado serviu um grande prato fumegante de carne fatiada sobre a mesa. O estômago de Huzar roncou alto.

— Não gosto dessa programação. Por que esperar tantos dias para agir?

D'Amiran se inclinou à frente e pegou uma pilha de carne com o garfo de servir, derramando sangue por toda a mesa enquanto a trazia ao prato.

— Paciência, meu amigo. Atacar a coroa não é algo leviano. Devo provar aos meus aliados que sou capaz de vencer e preciso saber onde o exército demorano está antes de marchar. — Ele cravou o garfo na carne e a ergueu. — Considere o seguinte: poderíamos ter matado esta vaca antes, mas então teríamos muito menos para comer. Esperar a hora certa nos permite alimentar muito mais pessoas.

Huzar encarou a comida.

— Mais comida não adianta de nada se muitos morrem de fome enquanto esperam.

— E morrer de fome por solidariedade não ajuda você a realizar suas missões. — O duque colocou uma garfada na boca e mastigou deliberadamente.

O capitão kimisaro engoliu em seco.

— Seus argumentos foram ouvidos. Vamos esperar. Por enquanto.

— Vou mandar meu cozinheiro preparar um presente para você levar aos seus homens. — D'Amiran abriu um sorriso benevolente. — Para lhes dar força e paciência.

Huzar assentiu.

— Vamos precisar de ambas.

OS HOMENS NÃO ENTENDIAM POR QUE as mulheres adoravam bordar, mas Quinn desconfiava que servia como desculpa para desviarem o foco da conversa e evitarem olhares diretos, como a casamenteira estava fazendo agora. Ele cruzou as mãos atrás das costas e esperou que ela começasse.

— As coisas estão indo bem para Ash Carter — a srta. Rodelle disse de sua cadeira ao lado do fogo. — Por mais que eu não tenha gostado quando ele desapareceu com Sage por mais de duas horas, levando ou não o pajem.

Quinn encolheu os ombros, fingindo indiferença.

— Ela não correu perigo em momento nenhum. Precisávamos ganhar a confiança de Sage depois de esconder tanta coisa dela.

— E esse é o verdadeiro motivo? — ela questionou, apertando os lábios.

— Não sei o que quer dizer. Me senti obrigado a deixar que ela visse algo importante. É fundamental que confie em Ash.

A srta. Rodelle continuou a falar com os olhos no bordado.

— Preciso que me prometa uma coisa.

Os ombros dele ficaram tensos com o impulso de cruzar os braços.

— Não posso fazer promessas às cegas.

— Não é um simples pedido pela segurança de Sage. — A casamenteira abandonou a atitude evasiva ao erguer os olhos. — Se ela estiver sob suas ordens, você deve me assegurar que, assim como qualquer outro soldado seu, será capaz de se defender.

Quinn ergueu as sobrancelhas.

— Quer que eu a arme e a ensine a lutar?

A casamenteira abaixou o bordado. Aquilo era importante para ela.

— Não quero que Sage fique indefesa. É injusto arriscar a vida da menina sem que tenha noção alguma de como se defender.

Quinn fechou os olhos e apertou a ponte do nariz.

— Não é agradável pensar em ensinar alguém como ela a matar.

— A alternativa é pior, capitão — a srta. Rodelle o lembrou.

— Ela vai ter que confiar em Ash mais do que confia agora.
A casamenteira voltou a olhar para seu trabalho.
— Acho que sei exatamente como fazer isso.

OS PENSAMENTOS DE SAGE GIRAVAM E CAÍAM feito as folhas sopradas pelo vento que anunciava chuva. Toda vez que ela achava que tinham se acalmado, avistava Ash e sentia um frio na barriga. Até a noite anterior, não tinha percebido como ele raramente a tocava. Quando o cavalo a jogara em seus braços, sentira brevemente... *alguma coisa*.

Mas ele mal tinha olhado para ela. E o que quer que fosse havia desaparecido como fumaça.

Ash a tinha cumprimentado com o “Bom dia, amiga” de sempre e logo depois de partirem a deixara sozinha com Charlie. Sage não o culpava por estar atarefado demais para cavalgar com ela, porém, mesmo com Charlie ao seu lado, sentia uma solidão opressiva. Disse a si mesma que era porque Darnessa havia falado que ela deveria viajar na carruagem no dia seguinte, uma vez que chegariam a Tegann e ela tinha uma missão a cumprir. Por mais que fosse ajudar Ash e os outros soldados, não estava ansiosa para aquilo.

O comboio parou e Sage olhou ao redor. À frente, podia ver a névoa sobre as colinas, avançando na direção deles. Os soldados começaram a abaixar as coberturas das carroças e pegar as capas de chuva. Ash conduziu sua égua marrom até a direita dela.

— A chuva vai começar em breve — ele disse. — O capitão quer que você e Charlie sigam na carroça pelo resto do dia. Não há motivo para se ensoparem. — Ele desmontou e ergueu as mãos para ela.

— Consigo descer sozinha — Sage disse, irritada. Ninguém nunca se oferecia para ajudar Charlie a montar e desmontar, e ele só tinha nove anos.

— Eu sei que consegue — Ash respondeu. — Mas posso ver que sente dores. Não está acostumada a cavalgar por tanto tempo. — Ele continuou com os braços estendidos.

Três dias de cavalgada a haviam cansado. Sage tentou não corar com a ideia de Ash ter notado aquilo. Com um suspiro resignado, passou a perna esquerda com cuidado sobre o cepilho para desmontar de frente para ele. Ela estendeu as mãos,

mas Ash as ignorou e pegou sua cintura. Ele a desceu entre os dois cavalos, sem demonstrar qualquer intenção de soltar. Sage tinha total consciência de que ninguém podia vê-los.

Ele olhou para ela.

— Melhor? — perguntou baixinho. Ela fez que sim e estendeu a mão para pegar a rédea, mas ele apertou as mãos e Sage voltou a erguer os olhos, surpresa. Ele se aproximou. — Você vai ter que se portar como uma dama de novo amanhã, não é? — sussurrou ele.

O olhar perscrutador no rosto dele a assustou. Sage tentou disfarçar com uma resposta petulante.

— Infelizmente. Com vestido e tudo.

Ele ignorou seu tom de voz.

— Vou sentir falta das nossas conversas.

O calor se espalhou pelas bochechas dela.

— Talvez, quando partirmos de Tegann, eu possa cavalgar de novo.

— Estava pensando em passarmos mais tempo juntos em Tennenhol. Posso apresentar você ao meu pai. Talvez encontrar um cargo de professora para você lá.

— Eu não... não... — Ela respirou fundo para se acalmar. Ele estava tão perto que inebriava todos os seus sentidos. O cheiro de sua jaqueta de couro se misturava à espuma de barbear de sempre-verde que ele usava. — Não quero nenhum favor especial de você.

— Eu sei. É uma das poucas pessoas que não quer. Não tem ideia de como me sinto com isso.

O olhar dela vagou para a boca dele. Ash não havia deixado passar nenhum ponto ao se barbear naquela manhã. Sage lambeu os lábios, nervosa.

— Na verdade, tenho sim. Ninguém presta atenção em mim a menos que queiram alguma coisa.

— É por isso que você prefere a companhia das crianças.

Sage pestanejou.

— Geralmente, sim.

— E a minha companhia? — Com uma leve pressão, seus dedos a puxaram para perto.

O pânico subiu por sua garganta. Sage segurou nas mangas dele para se firmar, percebendo só agora que seus braços estavam apoiados nos dele. Ela travou os joelhos e se obrigou a virar a cabeça e se soltar.

— É agradável.

— *Agradável.* — Ash tirou as mãos e deu um passo para trás, cerrando a boca. Ele balançou a cabeça e emitiu um ruído baixo de desgosto. — Imagino que não deveria ter esperado nada além disso.

Ele pegou as rédeas dos dois cavalos e saiu em disparada, sem olhar para trás.

Sage viajou na carroça de equipamentos, tentando distinguir os vultos dos cavaleiros atrás deles. A chuva fazia barulho demais tamborilando sobre a cobertura de lona para ela ter qualquer conversa com Charlie, que deitou ao seu lado e cochilava encostado a uma sela. Sage se sentiu grata por ficar sozinha com seus pensamentos.

Ash estava certo quando sugerira que ela preferia a companhia das crianças. As motivações delas eram simples e puras. Confiavam com facilidade, amavam sem restrições e odiavam sem culpa — coisas que ela não fazia desde a morte do pai.

Darnessa a usava. Tio William a havia usado. Tia Braelaura tentara transformá-la em algo que nunca poderia ser. Clare precisava de força e orientação.

Mas Ash queria coisas *para* ela.

Queria fazê-la feliz, tentava incluí-la quando podia, se oferecera para conseguir algo que sabia que ela gostaria, mas jamais pediria. E, quando havia descoberto que ela não era uma noiva, quis saber se desejava casar. Por quê? Ele poderia ter quem quisesse. Até uma hora antes, ela não havia considerado por um momento sequer que poderia ser *ela* quem ele queria.

Mas então Sage entrara em pânico e estragara tudo. Mas Ash não era do tipo que desistia fácil. Tentaria outra vez?

E ela pretendia dizer as coisas certas se ele tentasse? Sage fechou os olhos e lembrou da forma como ele olhara para ela, da forma como se sentira quando ele pegara sua cintura e se aproximara.

Sim. Pretendia.

Sage pegou no sono ao lado de Charlie e cochilou a tarde toda até a parada seguinte. Acordou com Ash abrindo a traseira da carroça e sentou com dificuldade para olhar para ele. O sargento se concentrou em Charlie, puxando o garoto ainda dormindo para a beira da grade em que estava deitado enquanto ela esfregava o rosto e se preparava para dizer o que tinha ensaiado.

Ash, eu deveria ter agradecido a você; mas fui pega de surpresa...

Ele não olhou para ela em nenhum momento, só pegou o garoto no colo e saiu sem dizer uma palavra. Sage teve de descer sozinha e seguir as damas até seu quarto. No último segundo, lembrou como estava vestida, voltou ao carro de

bagagens e colocou o baú pesado nas costas.

LORD FASHELL OS RECEBEU POR APENAS UMA NOITE, mas deu tudo de si, deliciando os hóspedes com um banquete completo. Ele havia até contratado um quarteto de músicos, o que significava que haveria um baile depois. Sage sofreu durante o jantar. Estava sentada longe de Clare e perto dos filhos mais jovens da família. Como a maioria dos homens que conhecia, eles passaram a noite tentando impressioná-la com suas conquistas e seus contatos. Depois de um tempo, ela lembrou que tinha um trabalho a fazer e sua mente começou a registrar o que deveria anotar mais tarde; mesmo assim, ouvia sem prestar muita atenção.

— Como somos a propriedade mais próxima de Tegann, temos uma grande responsabilidade com o duque D’Amiran — disse o rapaz à sua direita.

Sage virou a cabeça com a menção ao duque.

— É mesmo?

O jovem — de olhos verdes, canhoto, bronzado, dois ou três centímetros mais alto do que ela, mãos calejadas, adaga bastante usada ao lado do corpo... Qual era mesmo seu nome?... Bartholomew — continuou:

— Quase todos que vão ou vêm da capital passam por aqui. O desfileiro ainda está fechado para as carroças, então vai haver um excedente de viajantes. As senhoritas têm lugar garantido em Tegann, naturalmente, então vão esperar lá até estar tudo liberado, mas logo a fortaleza vai estar cheia. Algumas pessoas podem voltar aqui se as chuvas demorarem demais para chegar.

— Nosso pai recebeu várias cartas hoje, suplicando por sua hospitalidade — acrescentou o irmão à esquerda dela (olhos azuis, destro, sem metade do mindinho esquerdo). — Felizmente, podemos dar conta.

Ela arregalou os olhos.

— Vocês têm uma vantagem em relação a mim. Não tenho ideia de quem estará lá.

Os irmãos soltaram vários nomes, muitos dos quais ela reconheceu, mas não faziam muito sentido. Poucos tinham propriedades suficientes para ser considerados para um casamento do Concordium. Tinha a impressão de que a

maioria tinha algo em comum, que não conseguia identificar o que era. Porém, como nunca tinha conhecido nenhum deles, incentivou os rapazes a descreverem cada um dos lordes, rindo e comentando como as impressões deles eram perspicazes.

Quando os últimos pratos foram tirados da mesa, os dois irmãos a chamaram para dançar, e Sage os fez decidir no cara ou coroa quem seria o primeiro. Enquanto Bartholomew a guiava, ela fez uma carinha desapontada para o outro — como era o nome dele? — para tranquilizá-lo. Sage ficou contente ao ver que o tenente Gramwell havia levado Clare para um canto silencioso, lembrando-lhe que ainda precisava conversar com Darnessa sobre o assunto. Fez uma careta. A casamenteira provavelmente não ficaria feliz com o que estava acontecendo. Sage estava surpresa por ela ainda não ter notado.

— Alguma coisa errada, milady? — seu parceiro perguntou.

— Ah, não — Sage disse com falsa vivacidade. — Só lembrei que rasguei a barra do meu vestido azul descendo daquela maldita carroça e esqueci de mandar a criada consertar. — Ela fez uma cara amuada. — Não acho que dê para costurar a tempo para o primeiro banquete em Tegann, e é a cor que me cai melhor.

— Quem fica desapontado sou eu, Lady Sagerra, por não ver tal vestido, se é ainda mais bonito do que este.

Ela corou.

— Não me provoque; sabe que vou me casar em poucas semanas. — Sage abaixou o queixo e ergueu os olhos por entre os cílios longos. — Só torço para que meu noivo dance tão bem quanto você — ela disse, um pouco esbaforida, apoiando-se no rapaz. Ele sorriu e a apertou com mais força.

Enquanto seu parceiro a rodopiava pelo salão, Sage avistou o tenente Casseck observando-a com um sorriso irônico. A expressão dela vacilou. E se ele contasse a Ash sobre seu flerte? Será que Ash veria aquilo como um sinal de que seus sentimentos não importavam para ela? Suspeitaria de suas motivações se tentasse reverter o que havia acontecido naquela manhã?

Por que tudo tinha que ser tão complicado?

Sage folheou o livro, acrescentando anotações das conversas daquela noite. Um nome mencionado chamara sua atenção, e ela parou para ler sobre ele. O lorde devia ter lhe parecido familiar porque havia pedido uma das noivas em casamento no ano anterior. Ela hesitou ao ver que outro pedira Lady Jacqueline. Ambos foram recusados, obviamente. Mas a coincidência a surpreendeu, e Sage virou as páginas para onde havia resumido as informações sobre as noivas do Concordium.

Ela franziu a testa enquanto examinava os pedidos que elas haviam recusado, ou melhor, que os pais delas haviam recusado em seu nome. Garotas com chances de entrar para o Concordium normalmente recusavam ou protelavam os pretendentes no ano anterior. O interessante era que nenhuma proposta havia sido apresentada através de uma casamenteira, mas, como Darnessa havia se queixado no mês anterior, vários casamentos tinham chegado a acontecer daquela maneira nos últimos tempos.

Sage arrancou uma página em branco do final do livro e registrou catorze casamentos recentes entre famílias de Crescera e Tasmét — todos arranjados pelos D'Amiran. Por quê? E tantos! Aquelas uniões não eram algo novo — geralmente traziam alguma vantagem às famílias, mas catorze em dois anos era fora do normal. Ela voltou as páginas e copiou os dotes ao lado dos casais.

Oito envolviam tropas e armas, supostamente para ajudar a proteger contra invasões kimisaras, totalizando mil e oitocentos homens. Dois eram grandes somas de ouro. Três envolviam quantidades gigantescas de trigo e outros grãos. O restante era uma combinação de armas, ouro e alimento. Ao todo, o suficiente para um pequeno exército.

Era aquilo que os D'Amiran estavam fazendo.

Sage traçou uma linha no meio da página e listou as mulheres do Concordium do outro lado. Então, detalhou as propriedades de cada uma que sabia de cor: dinheiro, milícias, propriedades, contatos. Todas elas eram valiosas. Tinham sido escolhidas por aquele motivo.

E, no dia seguinte, estariam presas em Tegann como moscas numa teia de aranha.

Ela tinha que contar ao capitão Quinn.

Casseck e Gramwell passaram por Sage e entraram numa sala ao fim do corredor do quartel, mas ela esperou até Ash aparecer, a caminho do mesmo lugar, para sair das sombras. Ele pegou a mão dela e a girou com força antes de soltá-la fazendo cara feia.

— Nunca mais me assuste desse jeito. Eu poderia ter quebrado seu punho.

— Desculpa — Sage disse sem fôlego. Em nome do Espírito, ela tinha esquecido que ele estava chateado com ela por causa daquela manhã. Escutaria o que tinha a dizer? — Preciso conversar com o capitão Quinn.

A expressão dele ficou mais sombria.

— Por quê?

— Não é um assunto simples — Sage insistiu. — E ninguém pode ouvir.

Ash apertou os lábios.

— Tudo bem. — Ele tomou o braço dela e a guiou pelo corredor até um quarto que Sage imaginou que compartilhasse com outro soldado. Ash pegou uma vela e voltou para o lado de fora para acendê-la numa tocha, depois entrou e trancou a porta. Ele apoiou as mãos nos quadris. — É arriscado vir aqui.

— Acha que uma passarinhiera não sabe andar pelas sombras? — Ela não esperou pela resposta dele. — Primeiro, quero saber por que não vai me levar até o capitão Quinn.

— Melhor não falar com ele. Se alguém vir, pode pensar que sabe o que estamos planejando. Amanhã vou guiar uma carroça de novo. Você pode se dirigir a mim se precisar falar conosco, ou mandar mensagens através de Charlie. — Ele fez uma pausa. — É o melhor que posso fazer; agora, por favor, me conte o que é tão importante que não pode esperar até amanhã.

— Sei o que está acontecendo. — Sage pegou o pergaminho enrolado. — Hoje descobri quem está viajando para esta região e vai estar em Tegann ao mesmo tempo que nós. — Ela descreveu rapidamente o que havia anotado. — Olhe todos estes casamentos. Veja os dotes que vêm com eles. São o suficiente para construir um pequeno exército. E isto — ela apontou para a outra coluna — é o que temos conosco agora.

Ash olhou para ela em vez do papel que tentava lhe mostrar.

— E qual é sua conclusão?

Ela respirou fundo.

— Acho que o duque está planejando pegar as noivas e obrigar as famílias a apoiá-lo. Somando todas as riquezas de Crescera a seus aliados, ele tem um exército e recursos para armá-lo e alimentá-lo. Pode conquistar todo o lado oeste dos montes Catrix com o que já tem e protegê-lo com o que nossas mulheres proporcionarem. Aqueles homens ao nosso redor, os cento e trinta de que ouvi vocês falarem, estão lá para garantir que vamos chegar a Tegann e depois nos aprisionar lá. Os nobres com poder suficiente para deter o duque estarão no Concordium e tudo vai estar acabado antes de eles perceberem que não chegamos.

— Você desvendou tudo isso sozinha? — ele perguntou devagar.

— Sim. — Sage de repente duvidou de si mesma. Ela abaixou a página, envergonhada. Ash pegou o papel e o examinou em silêncio. Quando ela criou coragem para levantar os olhos de novo, encontrou-o olhando fixamente para ela com o que só podia ser medo.

— Fale — ele sussurrou com a voz rouca. — Fale agora que sempre foi leal a

nós, que não está trocando de lado agora.

Os olhos dela lacrimejaram.

— Você *ainda* duvida de mim?

— Diga, Sage.

— Eu juro! — ela quase gritou. — E pode ir para o inferno se não acredita em mim. — Sage virou para sair, mas ele a pegou pelo braço.

— Desculpe. Não vá, por favor. — Ele a puxou pelos cotovelos, mas não para tão perto quanto a havia puxado de manhã; aquilo ela tinha estragado. — É só que... Santo Espírito, isso muda tudo.

— Então eu estou certa?

— Vamos discutir isso hoje à noite, mas, sim, acho que está.

— O que posso fazer?

— Não sei, mas é pior do que imaginávamos. — A seriedade em sua voz a assustou, e Sage começou a tremer. As mãos dele subiram para os ombros dela. — Mas, graças a você, talvez possamos aumentar nossas chances.

— Graças a mim?

— Sim, a você — ele disse. — Temos sua arma e, se funcionar, teremos muito menos inimigos contra os quais lutar. Mas vamos precisar de tempo. Leva cerca de três dias para os efeitos da doença surgirem.

— Por favor, deixe-me ajudar — ela suplicou. — Vou ficar maluca se não me der nada para fazer.

Ash suspirou.

— Sage, você não é uma dama. Não entende o que isso significa? Se o duque descobrir, será inútil para ele, exceto pelas informações. Ele já está planejando traição; acha que hesitaria em torturá-la? Não a mantivemos no escuro porque não confiamos em você ou a consideramos incapaz, mas para protegê-la. Quisera o Espírito que você fosse uma dama. Seria mais fácil mantê-la a salvo.

Ela baixou os olhos.

— Estou me sentindo boba agora.

— Não se sinta. Estaríamos às cegas e indefesos sem você. Isso é fato. — Ele ergueu o queixo dela gentilmente. — Sua capacidade de descobrir as coisas por conta própria é insuperável, mas também preocupante. Você sabe demais.

Sage inspirou fundo e expirou, resignada.

— Vou aceitar que não pode me contar tudo agora se jurar me contar o que puder e tudo mais depois.

— Eu juro.

Os ombros dela se afundaram, derrotada.

— E agora? Volto a me comportar como uma dama? Flerto e fico de ouvidos bem abertos?

— Sim — Ash respondeu. — Casseck me contou que é boa nisso. — O sorriso dele vacilou um pouco. — E tenho uma missão de verdade para você, se estiver interessada.

A SALA FICOU EM SILÊNCIO ENQUANTO TODOS ENCARAVAM a folha de Estorninho.

— Não adianta nada questionar o que teríamos feito se soubéssemos disso — Quinn disse mais para si mesmo do que para os outros. — Vamos focar no que podemos fazer agora.

— Nossa lista de opções é bem curta — Rob disse, com a voz amargurada. — Os números deles são sete vezes maiores que os nossos, sem contar os kimisaros. Sou o único que vale a pena manter. Vocês todos estão mortos e sabem disso.

Quinn dobrou o papel e o guardou no gibão. Saber de onde o exército vinha não era tão relevante quanto descobrir como detê-lo.

— Olhem aqui — ele disse, passando o dedo sobre o mapa. — Estamos acompanhando esses esquadrões, achando que estavam espalhados ao acaso enquanto viajavam para o leste, mas, à medida que foram crescendo, começaram a assumir a forma de um círculo.

Com um lápis de carvão, ele traçou o avanço da escolta ao longo da estrada de Tegann.

— É uma roda conosco no centro — disse Cass. — Para impedir nossas comunicações e qualquer chance de fuga.

Quinn concordou.

— Exato. Mas como estávamos a caminho de Tegann, eles não tinham motivo para agir a menos que desviássemos da rota. Já estávamos fazendo o que eles queriam.

Rob ironizou:

— Agora estou me sentindo bem melhor.

— *Mas* — Quinn ergueu um dedo — existe um buraco. — Ele apontou para um espaço ao norte do círculo. — Não há ninguém ali.

Rob se animou.

— Deve ser a posição daquele esquadrão que eliminamos no mês passado.

— Foi o que pensei também — disse Quinn. — Pode ser uma saída. — Ele se endireitou. — Quem vai pegar o relatório do nosso piquete à frente pela manhã?

— Gramwell ergueu a mão. — Informe-o que vamos manter patrulhas na fortaleza pelo tempo que for possível, mas não podemos garantir que vamos conseguir falar com os batedores a partir de amanhã.

— O que ele deve dizer aos outros batedores? — perguntou Gramwell, curvando-se para tomar nota.

Quinn refletiu.

— Mande os piquetes ao norte e a oeste vigiarem o espaço vazio. Diga para enviarem um sinal se for fechado. O sul pode se juntar ao leste no desfiladeiro.

Gramwell assentiu e tomou mais notas.

— Quando vamos usar nossa arma engarrafada? — perguntou Robert.

— Quero que ela seja despejada na cisterna de Tegann na segunda noite. Tem um banquete planejado para essa data; vai ser uma boa distração.

— Quem vai fazer o reconhecimento? — perguntou Casseck. — O quartel-mestre? Faz sentido que se interesse pela origem da água.

— Vamos enviar Estorninho.

Cass trocou olhares com Rob.

— É prudente?

— Faz todo o sentido — respondeu Quinn. — Ela pode dar uma volta e fazer um monte de perguntas tolas e inocentes, e basta bater os cílios para conseguir todas as respostas.

Rob franziu a testa.

— Acho que você superestima os encantos dela.

— Você não a viu hoje — disse Cass. — Em questão de minutos já estava com dois rapazes na palma da mão, e acho que nem estava se esforçando.

Quinn se eriçou.

— Esse comentário quer dizer alguma outra coisa?

— De maneira nenhuma — disse Casseck, tranquilo. — Estou apenas apoiando sua decisão.

Quinn quase desejou que Cass tivesse tentado convencê-lo do contrário, mas era tarde demais; ela já havia dito ao Rato que aceitava a missão.

— Agora vamos pensar em outras estratégias de defesa. Quer a doença funcione ou não, e quer funcione a tempo ou não, temos que encontrar alguma forma de eliminar o maior número possível de homens de D'Amiran.

— Veneno? — sugeriu Gramwell.

— Duvido que consigamos colocar as mãos em algum até amanhã — disse Quinn. — Mas vamos ter que tomar cuidado em relação a isso na nossa comida. Tratem de avisar todo mundo.

— Que tal um incêndio? — disse Casseck. — A fortaleza de Tegann é quase toda de granito, o que permitiria que nos escondêssemos. No mínimo, pode causar pânico e queimar provisões.

Quinn assentiu.

— Gosto da ideia. Quanto óleo temos?

Cass balançou a cabeça.

— Infelizmente, não muito. Podemos roubar um pouco em Tegann.

— Álcool — sugeriu Rob.

— Tudo o que temos é vinho e cerveja — disse Gramwell. — Não são fortes o bastante para queimar.

— Não — respondeu Rob com um sorriso. — Mas temos os irmãos Stiller.

Alguns segundos depois, o príncipe saiu da reunião e logo voltou trazendo os soldados Gregory e Tim Stiller, que vinham de uma grande família de cervejeiros e destiladores ao norte de Crescera. Eles dirigiam as carroças de equipamentos, e eram soldados fortes e confiáveis, apesar de terem sido punidos algumas vezes por destilarem sua própria bebida no acampamento. O interesse súbito do capitão em suas habilidades os desconcertou.

— Quanto álcool puro vocês conseguem tirar de, digamos, um barril de vinho? — ele perguntou.

Os irmãos trocaram olhares nervosos antes de Tim responder:

— Talvez um quarto de um barril, senhor, mas boa parte é inútil.

— Inútil?

— Venenoso, senhor — esclareceu Gregory. — Não serve para beber e é altamente inflamável.

— Mais inflamável do que aguardente?

— Sim, senhor — Gregory respondeu. — Queima bem discretamente, inclusive. As chamas são quase invisíveis. Aguardentes potáveis têm uma chama muito mais forte. É assim que os testamos.

— Engraçado você mencionar isso — Quinn disse, tamborilando na mesa. — Nossa intenção é precisamente causar um incêndio. Quanto tempo demoraria para destilar?

— Um barril, senhor? No mínimo seis horas.

— Excelente. Do que precisariam para montar um destilador ainda hoje?

Os irmãos se entreolharam novamente, relutantes.

— Nós, hum, não precisamos de nada. Já temos um pronto, senhor — Tim respondeu finalmente.

Quinn olhou para eles.

— Muito bem, então. Comecem a trabalhar.

NA MANHÃ SEGUINTE, Sage tomou especial cuidado com a aparência, fazendo um esforço real para se misturar às outras damas. Ash observou de seu banco na carroça enquanto um dos rapazes da noite anterior, Bartholomew, despedia-se dela. Casseck deu um soco no pé de Ash ao passar. O sargento fez uma careta e revidou com um chute. Lembrando o que Ash dissera na noite anterior, Sage abriu um sorriso deslumbrante para o rapaz que segurava sua mão. Ele a ajudou a entrar na carruagem e ela lançou um olhar presunçoso para suas companheiras de viagem. *Falem sobre isso*, pensou.

Se não fosse pelo nevoeiro cinza que cobria a paisagem, Sage poderia ter admirado o cenário. Mas as horas passaram arrastadas enquanto a carroça sacolejava e atravessava a lama. Seu vestido ficou todo manchado e úmido por ter escolhido o lugar mais perto da traseira, mas dali conseguia ver Ash conduzindo a carroça atrás dela. Às vezes, ele retribuía seu olhar e sorria.

As armas estavam visíveis novamente, e a tensão entre os soldados era pior do que no dia em que haviam chegado a Underwood. Sage retorceu as mãos no colo até que os pontos em carne viva por ter segurado as rédeas comesçassem a sangrar. Se tivesse descoberto antes o que estava acontecendo, haveria tempo de elaborar um plano para escaparem? A sensação de que era sua culpa estarem entrando — voluntariamente — em uma armadilha por falta de alternativa não a abandonava. Ela olhou para Ash, que balançou a cabeça de leve, como se soubesse em que estava pensando.

Sendo ou não sua culpa, agora Sage faria de tudo para ajudá-lo — e para ajudar a todos.

O clima fazia com que o ritmo fosse lento, e eles chegaram a Tegann ao pôr do sol — mais de duas horas depois do planejado. Os candeeiros fixados em volta da fortaleza emitiam suas luzes em círculos amplos e enevoados. Seu anfitrião, o duque D'Amiran, cumprimentou a casamenteira sob a luz que caía rapidamente e se ofereceu para mandar levar bandejas com o jantar e água quente para os quartos das damas, de modo que não tivessem que se vestir e esperar para comer. Sage

deixou que o tenente Gramwell a ajudasse a descer da carruagem e olhou ao redor, na esperança de observar qualquer coisa útil. Mas ela mal conseguia distinguir as formas das muralhas ou das edificações. Identificava apenas o portão interno, que parecia a boca de uma fera prestes a devorá-los. Sentiu um calafrio.

Considerando seu status, Sage esperou até todas passarem antes de seguir para a ala dos hóspedes, depois da torre central. Ash seguiu logo atrás, carregando seu baú. Quando o colocou no quarto dela, Sage avançou para ajudar a empurrá-lo até o pé da cama. O sargento se aproximou para sussurrar:

— A cisterna fica no quadrante sudoeste, caso queira se perder por lá amanhã.

Sage lançou um olhar para a porta aberta atrás deles.

— Pode me fazer um favor e lavar minhas roupas? — Ele olhou para Sage, sem entender, e ela explicou: — Minhas calças e coisas do tipo. Estão cheias de lama da cavalgada.

O sargento fez que sim e ela abriu rapidamente o baú e tirou um fardo do fundo. Ash pegou e deu uma piscadinha.

— Mas não vão ter um cheiro tão bom quanto antes.

— Não tem problema — ela disse, aliviada por ele parecer tê-la perdoado pelo dia anterior.

Clare entrou enquanto ele saía, seguida por um criado carregando uma bacia de água quente. Sua amiga tinha uma expressão sonhadora, e Sage achava que podia distinguir a forma de um pergaminho dobrado enfiado em seu corpete. Sage virou para o outro lado com um sorriso e foi pegar a chaleira.

Quando estavam a sós, tomando outra xícara de chá depois do jantar, Clare confessou a Sage o que sentia pelo tenente Gramwell e que ele retribuía seu afeto, então mostrou a carta que ele havia escrito. Obviamente, nada daquilo era surpresa para Sage, mas ela recomendou cautela e discrição.

— Sei que prometi impedir um casamento arranjado para você, e realmente pretendo fazer isso, mas precisa tomar cuidado. Não o conhece muito bem, e tentar aprofundar a relação de vocês não seria bom para sua reputação. Para ser sincera, acho que os dois combinam, mas ele só vai poder casar daqui a três anos.

— Por que o exército tem essa regra? — perguntou Clare.

— A vida de um jovem oficial é difícil e perigosa, e casamento e filhos são distrações que eles não podem se dar ao luxo de ter. Aos vinte e quatro anos, já foram promovidos a capitão ou expulsos do exército. — Sage encolheu os ombros. — É a lei há mais de cem anos, e ninguém lembra quando começou. Particularmente, acho que foi feita para impedir que os nobres, especialmente os filhos mais novos que só fariam isso para conseguir casamentos melhores,

entrassem para o exército. A dedicação sincera às fileiras é fundamental.

Clare ponderou por alguns momentos.

— Até lá vou ter dezoito anos, mas não me parece tão mal.

— E você casaria com um homem da sua escolha, em vez de ser leiloada como uma vaca.

A amiga a observou com curiosidade.

— Se não gosta da profissão de casamenteira, por que é aprendiz da srta. Rodelle?

— É uma longa história, mas ninguém nunca ia querer casar comigo, então precisei escolher meu próprio caminho. Darnessa me ofereceu um trabalho e o aceitei.

Aquilo foi uma surpresa para Clare.

— Por que ninguém casaria com você? Foi a casamenteira quem disse isso?

— Passei a infância subindo em árvores, caçando passarinhos e usando calça — explicou Sage. — Se existe um momento para ensinar uma garota a se comportar como uma dama, há muito tempo já ficou para trás, porque minha tia tentou por quase quatro anos e não conseguiu nada.

— Você é sempre elegante com os parceiros de dança e nas conversas do jantar — Clare disse.

— Sim, mas é puro fingimento — Sage insistiu. — Na verdade, só estou reunindo informações para uniões futuras.

Clare parecia desconfiada.

— Notei como alguns soldados olham para você. Especialmente aquele com quem você passa mais tempo.

Sage descartou a ideia com um gesto.

— Na maior parte das vezes, é por curiosidade, assim como você olharia para um menino de vestido. Cavalgo e converso com eles porque pediram minha ajuda.

— Em quê? — perguntou Clare.

Sage procurou um motivo vago mas crível.

— Eles gostam de ter uma ideia dos lugares em que ficamos, basicamente. Não podem entrar nos aposentos das damas, mas, para nos proteger, precisam saber se tem portas e janelas nos fundos, esse tipo de coisa.

— Ah, acho que faz sentido.

— Por falar nisso — disse Sage. — Gostaria de dar uma volta comigo pela fortaleza?

Na manhã seguinte, Sage e Clare se vestiram para a missa semanal na capela com a ideia de chamar a atenção de alguém que pudesse ajudar. Uma oportunidade se apresentou quando o filho do mordomo do duque serviu o chá delas no café da manhã e perguntou se havia algo que pudesse fazer para deixá-las mais à vontade. Sage estava com a boca cheia de torrada e perdeu a chance de falar com ele na hora, mas Clare foi rápida.

Tocando o braço dele levemente, a garota usou todo o poder de seus grandes olhos castanhos e perguntou se alguém poderia mostrar o castelo para elas depois.

— Minha amiga e eu nunca vimos um lugar tão... magnânimo.

O menino assentiu como se hipnotizado e ofereceu seus humildes serviços. Clare abriu um sorriso que fez brilhar suas bochechas claras e bateu os longos cílios devagar.

— Não vejo a hora, senhor.

Ele fez uma reverência e saiu tropeçando para servir as outras xícaras em êxtase. Sage piscou admirada para a amiga, sentindo-se uma amadora na presença de uma profissional. O tenente Gramwell não tinha nenhuma chance.

Felizmente para elas, Thomas Stewart sentia um orgulho especial do abastecimento de água da fortaleza e as guiara para lá assim que pediram. Mas o acesso não era nada simples. A cisterna ficava dois andares abaixo do solo, e era fechada no alto e drenada por válvulas embaixo.

— É reabastecida pela chuva, então Tegann é imune a cercos — ele se gabou.
— Está um pouco baixa agora, mas as chuvas de primavera vão chegar em breve. Também vão liberar o desfiladeiro para a jornada de vocês.

Como entrar? Elas não poderiam simplesmente derramar a água da garrafa pelo dreno na muralha do castelo.

— Como fazem a manutenção? — Sage perguntou.

— Todo verão, drenamos e limpamos a água. — Ele apontou para uma boca de lobo no chão. — Meninos entram e esfregam as paredes. Tegann usa a água do rio durante esse tempo.

Clare fez uma careta horrorizada.

— Deve ter meses de sujeira, folhas e até animais mortos lá dentro!

— Ah, mas temos um jeito de evitar isso, milady. — Ele as guiou para uma entrada de criados e uma escotilha de madeira sobre um retângulo de pedra elevado. — Tudo o que desce pelos drenos passa por este filtro.

Thomas abriu a tampa e puxou uma corda. Depois de algum tempo, surgiu uma cesta que parecia uma peneira. Algumas pedras pequenas e folhas mortas jaziam no fundo.

— Isso fica no fundo perto de uma tela e pega tudo o que não deve passar. Limpamos ambas regularmente.

Clare elogiou a estrutura inteligente enquanto Sage refletia. Seria difícil entrar, mas não impossível.

— Estamos muito longe do topo da cisterna? — Sage perguntou.

Ele devolveu a cesta para o fundo.

— Fica a uns sete ou oito metros daqui. Também tem um dreno no encanamento.

Clare espiou o buraco negro.

— É maior do que eu pensava. O dreno também é grande assim?

— Precisa ser, milady. Quando limpamos a cisterna, um menino azarado precisa descer e limpar a última seção.

Clare estremeceu.

— Parece escuro, sujo e apertado.

— E é, mas tem que ser feito de vez em quando para a segurança e o conforto de damas como a senhorita.

SAGE DEIXOU CLARE PASSEAR NO JARDIM com o tenente Gramwell enquanto traçava diagramas da cisterna e maneiras de chegar ao poço de manutenção. Darnessa bateu na porta e ela escondeu o trabalho e se preparou para inventar desculpas, mas a casamenteira não questionou o que estava fazendo.

— Precisamos conversar sobre Clare — ela disse apenas.

Sage se retraiu e concordou com a cabeça.

— Ela está recebendo atenção demais daquele oficial. Pessoalmente, acho que seria uma boa união, mas ela é uma noiva do Concordium. Precisamos colocar um fim nisso.

— Não podemos casá-la — Sage objetou. — Ela só tem quinze anos. O pai mentiu para que pudesse ser incluída.

— Eu sei — disse Darnessa. — Mas quis tirar a menina das mãos dele. É melhor casá-la cedo a deixar que seja entregue a um marido como o da irmã.

— Conversamos na noite do banquete em Underwood. Ela chorou até passar mal. — Sage fez uma careta de culpa. — Deixei que Gramwell a levasse para passear pelo jardim e foi aí que tudo começou, mas juro que não era minha intenção. Ele só apareceu exatamente quando Clare precisava.

Darnessa sabia tão bem quanto Sage que Gramwell precisava esperar mais três anos para se casar. Ela emitiu um som pensativo.

— Talvez possamos encontrar algo errado nela que a torne menos desejável e a família se contente com Gramwell. De onde é a família dele mesmo?

— Do norte. — Sage puxou o livro de registros e virou até a página sobre ele. — O pai foi embaixador em Reyan, mas acabou de se aposentar em Key Loreda, de onde é.

A casamenteira ficou radiante.

— Filho de um embaixador! Isso é bom para nós. Key Loreda tem uma tradição de que a noiva mora com os futuros sogros por um ano antes do casamento. O casal fica comprometido como se fossem casados, mas é considerado dever da sogra treinar a esposa do filho.

Sage fez uma careta.

— Que horror!

— Não se sua sogra gostar de você, e Clare é um doce. Acho que ela seria bem recebida por qualquer mulher de bom senso. Vamos ver o que podemos fazer por ela. — Darnessa examinou as outras páginas sobre os oficiais e fez uma pausa. — Você não tem uma impressão muito boa sobre o jovem capitão Quinn. Ele foi indelicado com você de alguma forma?

— Nunca conversei com ele — Sage admitiu. — Só vejo o que exige dos outros.

— O trabalho de um comandante é ser exigente.

— Mas nunca o vi botar a mão na massa — Sage argumentou. — Tenho mais respeito por pessoas que não mandam os outros fazerem as coisas por elas.

A casamenteira encolheu os ombros e apontou para a página ao lado a respeito de Ash Carter.

— É irônico você ter tão pouco sobre um homem com quem passa tanto tempo.

— Eu o conheço, então tenho menos chances de esquecer dados a seu respeito. — Sage pegou o livro de volta. — Enquanto isso, posso detalhar melhor os outros.

— Vejo que também descobriu quem ele é.

Sage ergueu os olhos com uma careta.

— Você poderia ter me poupado um bom constrangimento se tivesse me contado.

Darnessa riu baixo.

— Para falar a verdade, não tinha certeza. E não queria influenciar sua investigação.

— Hunf. — Sage se voltou para o livro. Queria terminar o diagrama.

— Poderíamos tentar arranjar um casamento para Carter no Concordium.

— Vou perguntar para ele — Sage disse, tentando parecer indiferente. Ela não tinha a menor intenção de fazer isso. — Mas não acho que esteja interessado. Parece ocupado demais sendo soldado.

— Se é o que diz. — Darnessa levantou para sair.

— Ah, a propósito — disse Sage. A casamenteira parou e olhou para trás. — Não me pergunte os detalhes, mas não beba água depois desta noite, a menos que fervida. Pode não ser seguro. Fale para as criadas e para as damas, da maneira que achar mais adequado.

Darnessa só respondeu com um aceno de cabeça, fazendo Sage desconfiar que

Quinn estava revelando informações à casamenteira que se recusava a permitir que Ash contasse a ela.

Depois que ficou satisfeita com seu resumo sobre a cisterna e outras informações relevantes, Sage dobrou as duas folhas, enfiou-as sob o corpete e foi almoçar. Os criados estavam preparando o Grande Salão para o banquete daquela noite, então um almoço informal fora preparado em mesas longas no jardim ao lado do salão, mas nenhum soldado estava presente.

Suas informações eram fundamentais, e Sage esperava que alguém fosse falar com ela em breve. O jardim parecia um lugar lógico para encontrá-la, então ela fez um prato e escolheu um banco embaixo de uma árvore para comer e esperar. Sage estava prestes a desistir quando avistou Charlie recolhendo os pratos das outras damas. Ela abriu um sorriso sincero quando ele se aproximou.

— Olá, soldadinho.

O sorriso do pajem a derreteu. Ele era um menino tão doce e bem-disposto — nada parecido com o irmão arrogante.

— Posso levar o prato para a senhorita? — Entendendo que tinha segundas intenções, ela assentiu, tirou discretamente os papéis do corpete e os colocou embaixo do prato antes de entregá-lo a ele.

Ela o observou voltar para a cozinha, imaginando se o menino sabia que segurava o destino da nação entre dois pratos sujos.

— ALGUMA OPINIÃO? — Quinn perguntou.

Casseck examinou o diagrama da cisterna.

— Os desenhos dela são melhores que os do Ash.

— Não vou contar para ele que você disse isso.

— Quem vai ao banquete, você ou eu? — perguntou Robert.

— Eu — respondeu Quinn. — Vou fazer uma breve aparição para D'Amiran me ver.

Rob sorriu.

— Quer dizer que posso levar Charlie para a cisterna?

— Não — Quinn respondeu. — Ele é meu irmão e minha responsabilidade. Você vai manter a discrição daqui em diante. E, se alguém perguntar, vai voltar a ser o tenente Ryan Bathgate, mas prefiro que ninguém pergunte. Vai ser mais fácil de tirá-lo daqui ou escondê-lo se for um fantasma.

Robert soltou um suspiro dramático.

— Foi bom enquanto durou. Talvez eu me esforce mais para conseguir uma promoção afinal.

Quinn revirou os olhos.

— Ainda falta muito para você. Alguma dúvida? — Ele olhou ao redor outra vez. — Muito bem. Vão se preparar para o jantar.

Charlie atravessou o corredor escuro em silêncio ao lado do irmão. Ao primeiro sinal de qualquer pessoa, estava preparado para agir como um pajem guiando seu comandante bêbado para a cama, mas a passagem estava deserta. Todos os criados deveriam estar no banquete.

Eles encontraram uma escotilha de madeira retangular exatamente onde as anotações de Lady Sagerra descreviam. O capitão ergueu a tampa e puxou a corda, contando a distância. Um metro e meio até a cesta. Tirou a cesta, colocou-a de lado e olhou para trás.

— Vamos tentar em pé. Acho que deve ter espaço suficiente para você se mover.

O menino espiou a escuridão. Não tinha medo do escuro, mas aquilo não era simplesmente noite — não haveria lua nem estrelas para guiar seu caminho. Seu irmão tinha dito que alguns garotos desciam para limpar o poço, então deveria ser seguro. E Alex — seu capitão — precisava dele. Era algo que só Charlie poderia fazer.

Antes que perdesse a coragem, sentou na beira do buraco e voltou a erguer os olhos, apalpando as garrafas escondidas em seu colete. Ele ergueu as mãos e sussurrou:

— Pronto.

Alex pegou seus braços e o abaixou. Em seguida, a tampa foi recolocada e o cheiro de umidade e pedra envolveu Charlie como um cobertor.

Ele desceu oscilante até onde o poço encontrava o dreno horizontal. Que direção levava para a cisterna? Tateou à sua volta até seus dedos esbarrarem numa tela de metal, seguindo-a até a beirada. Devia ser para aquele lado. Ele foi apalpando em volta, tentando determinar o que prendia a tela no lugar. Quase riu de alívio ao descobrir que ela era mantida simplesmente por ganchos nas laterais. Ergueu a tela, deixando espaço suficiente apenas para ele passar.

Curvando-se e contorcendo-se, conseguiu enfiar as pernas e o resto do corpo pela outra passagem horizontal até conseguir descer escorregando de quatro. Aparentemente, as paredes costumavam ser lodosas, mas, sem chuva, haviam ressecado. Ele controlou a descida facilmente, às vezes raspando os dedos nas pedras. A escuridão total era perturbadora. Ele não conseguia ver nem um palmo à frente.

Charlie foi devagar, com medo de que os barulhos pudessem ecoar e chamar a atenção, até chegar a uma borda. Havia um dreno em algum lugar por ali, então passou os braços ao redor, tentando identificar se era isso ou a cisterna. Alguns cascalhos pesados tombaram e caíram na água lá embaixo. Era o lugar certo.

Ele ergueu os cotovelos e tirou o primeiro frasco de dentro do colete. Tirou da manga uma haste fina de metal e perfurou a tampa de cera. Suas mãos tremiam enquanto derramava a água, que espirrou um pouco em seus dedos. Depois de finalmente esvaziar o primeiro, repetiu o processo com o segundo. Quando acabou, estava pingando de suor. Secou o rosto com a manga úmida antes de voltar a guardar as garrafas.

Completada a missão, foi voltando de costas pela fossa. Girou o corpo no espaço pequeno e recolocou a tela de malha. Depois de dar um assvio baixo, o rosto preocupado do seu irmão surgiu acima dele. As mãos de Alex o pegaram e o puxaram para cima.

Ele colocou Charlie em pé. Depois da escuridão da cisterna, o corredor parecia claro.

— Acabou? — o capitão perguntou baixinho.

Charlie estava inebriado pela sensação de sucesso.

— Sim, senhor. — Ele lambeu o suor em volta da boca e bateu continência antes de secar a testa com a manga.

Alex expirou com força e o puxou num abraço. O gesto pegou Charlie de surpresa, mas ele o retribuiu, sorrindo. Mal podia esperar para dizer aos outros meninos no acampamento que era um espião de verdade.

SAGE HAVIA ENROLADO E TINGIDO O CABELO de uma cor avermelhada com um dos tônicos em seu baú; sentiu que havia exagerado, mas pensou que a ajudaria a se misturar. Ela até havia posto enchimento na parte de cima do vestido e se esforçado para cobrir as sardas com pó. Ela e Clare estavam reunidas com as outras às portas do Grande Salão enquanto o tenente Casseck passeava por entre as damas, examinando os rostos.

Clare estava agitada.

— Seria grosseria da minha parte perguntar à sua excelência sobre Sophia? Faz meses que não recebo notícias dela.

— De maneira alguma — Sage a tranquilizou. — O irmão dele é casado com sua irmã. Isso torna vocês parentes. — Em silêncio, ela se perguntou que influência Ash poderia exercer para manter Sophia em segurança. Não era culpa dela estar casada com um traidor.

Casseck passou por elas pela terceira vez e parou de repente.

— Lady Sagerra? — ele chamou.

Sage sorriu e estendeu a mão.

— Boa noite, tenente.

Casseck beijou sua mão e depois a de Clare. Qualquer outra dama faria um escândalo se fosse cumprimentada depois de Sage, mas Clare não se importou. Darnessa surgiu naquele momento e levou Clare à frente da fila para apresentá-la ao duque, que já estava lá dentro, perto das portas centrais, recebendo as convidadas. Sage ficou a sós com Casseck.

— Seria pretensão demais pedir uma dança, milady? — Casseck perguntou.

Sage hesitou. Ash não estaria lá, mas com certeza ficaria sabendo pelos outros soldados. No entanto, ela teria de dançar com alguém e gostava de Casseck.

Como se lesse seus pensamentos, o tenente acrescentou:

— Tenho certeza de que o sargento Carter não vai se importar.

Ela corou. Será que ela era motivo de zombaria entre os amigos dele?

— Seria um prazer, tenente.

— Mal posso esperar. — Ele fez uma reverência e saiu. Sage voltou a esperar na fila. As duas damas à frente dela olharam para trás antes de se aproximar uma da outra para cochichar, mas Sage estava absorvida pela ideia de que Casseck havia demorado para reconhecê-la. Todo um mundo de possibilidades se abria se ela era capaz de ter uma aparência diferente o bastante para enganar as pessoas. Observou as criadas correndo de um lado para o outro em suas tarefas enquanto a fila avançava devagar. Com tantas comitivas entrando e saindo, uma criada estranha não chamaria muita atenção.

O Grande Salão estava decorado com coroas de flores primaveris importadas de algum lugar muito mais quente do que Tegann, e juncos no piso exalavam aromas doces enquanto a multidão de convidados circulava por ali. Em um dos lados, as mesas transbordavam de carnes, frutas e pães, o que era ainda mais impressionante para Sage, já que ela sabia a distância que aquilo tudo precisara percorrer para chegar até lá. As damas à frente dela pareciam alheias a todo o esplendor à sua volta. Talvez estivessem tão acostumadas com aqueles luxos que em momento algum parassem para pensar de onde vinham.

O tamanho do salão já a deixou deslumbrada — os aposentos de hóspedes da mansão Broadmoor caberiam ali tranquilamente. Era um anexo relativamente recente à fortaleza, construído quando a família D'Amiran recebera o ducado de Tasmet, quarenta anos antes. Aparentemente, mais de cento e cinquenta anos vivendo praticamente no exílio não tinham diminuído seu gosto pela opulência. As altas janelas de vitrais exibiam cenas da história da família tornando Demora uma nação única, embora deixassem de lado a briga que haviam arranjado com Casmun trezentos anos antes, arruinando suas relações comerciais. A perda do trono cem anos depois também era omitida.

Sage teve tempo de sobra para observar o duque enquanto esperava para ser apresentada a ele, sendo a última das damas, como de costume. Morrow D'Amiran tinha mais de quarenta anos e escurecia a barba e o cabelo para dar a ilusão de juventude, mas suas mãos e sua testa tinham as rugas da meia-idade. Ela não podia negar que ele era bonito num sentido convencional. Os traços do rosto eram bem talhados e os dentes eram retos e brancos. Ele não havia se permitido engordar como tio William e seus modos eram agradáveis, mas seus olhos azuis eram frios e calculistas. Sage fez uma reverência baixa e se concentrou no piso enquanto Darnessa a apresentava.

— Não conheço a família Broadmoor — disse o duque, segurando a mão dela.
— Onde fica sua propriedade?

— Cerca de um dia ao norte da colina Garland, vossa excelência — Sage

respondeu, em dúvida se queria parecer intrigante para ele, mas decidindo tender ao desinteresse. Ela precisou de muito autocontrole para não puxar a mão do aperto leve mas firme de sua mão.

— O tio dela é um lorde de menor importância, vossa excelência — interveio a casamenteira. — Ele é procurador de todos os bens da mãe dela, incluindo seu dote. — Era uma frase minuciosamente elaborada para dar a entender que Sage tinha um status e uma riqueza muito maiores do que seu guardião.

— Sim, isso explicaria por que nunca ouvi falar dela. — Ele fez uma pausa e olhou para Sage de cima a baixo enquanto a garota tentava não se contorcer. — Você parece que gosta de ficar ao ar livre.

A pele dela. Ele estava comentando sobre suas sardas. Sage se arrependeu de não ter usado mais aquele chapéu ridículo. Abaixou a cabeça e fingiu constrangimento.

— O último inverno foi tão confinador que receio ter exagerado no sol quando chegou a primavera, vossa excelência.

Seu anfitrião abriu um sorriso sincero.

— Minha cara, aí está um sentimento que entendo. Mesmo anos depois de chegar aqui, os invernos da montanha me fazem ter saudades do clima ameno de Mondelea que conheci na infância. — O que havia começado como uma frase saudosa terminou com um tom de rancor. A mão dele apertou mais a dela.

Ele era jovem quando sua família chegara a Tasmet. Antes, viviam perto da linha de pobreza, mas era claro que lembrava de sua casa de infância com saudosismo. Sage respondeu com uma mistura de empatia e adulação:

— Vossa excelência me mostra que não há vergonha em sentir falta do que deixei para trás na minha própria casa.

A mão dele relaxou.

— Não, milady, vergonha nenhuma. — Ele se curvou para beijar a mão dela. — Espero que aproveite bem seu tempo aqui e encontre alegria em sua nova casa, onde quer que venha a ser.

— Agradeço, vossa excelência, do fundo do coração — Sage murmurou, abaixando os olhos de novo enquanto se afundava em uma reverência.

A casamenteira também fez uma reverência ao duque e levou Sage embora.

— Muito bem — Darnessa sussurrou em seu ouvido. — Agora vá se divertir, mas não se esqueça que tem um trabalho a fazer.

Sua empregadora não fazia ideia do que estava em jogo além de meras informações para casamentos. Talvez Quinn não tivesse contado tudo para ela, afinal. Sage odiava mantê-la às escuras, mas por mais protetora que Darnessa

pudesse ser, não era uma boa ideia contar nada no momento. De qualquer forma, aquele não era o lugar para isso.

Clare já estava dançando com o tenente Gramwell, então Sage se misturou à multidão, tentando ligar os nomes às pessoas. Era engraçado: os comentários caricaturais dos rapazes de sua última parada tinham sido tão certos que conseguia identificar muitos dos nobres ali presentes. Nem todos os noivos haviam chegado ainda; Sage suspeitava que muitos nobres casados de status mais alto estavam ali para firmar sua aliança ao duque antes que ele agisse. Depois que partissem, os outros teriam lugar para ficar na fortaleza. Ela torceu para que as idas e vindas protelassem por alguns dias cruciais o plano de D'Amiran de casar as mulheres com seus aliados.

A julgar pelo fluxo contínuo de rapazes que a chamavam para dançar, ela era um bônus inesperado entre as noivas e provavelmente seria concedida a alguém que o duque considerasse leal — isto é, se sua imagem como dama nobre se mantivesse, claro. Sage observou o enorme salão repleto de leais apoiadores, cuja soma dos bens ela conhecia, e os comparou ao tamanho da guarda de honra da nação. Começou a ponderar se deveria encontrar um homem que pudesse gostar dela o bastante para protegê-la — caso acontecesse o pior.

Mas ela nunca poderia dar as costas para Ash e os demais soldados. Ganhando ou perdendo, continuaria firme ao lado deles, mesmo se significasse perder tudo.

Como se atraído pelos pensamentos dela, Casseck surgiu ao seu lado.

— Estou aqui para cobrar sua promessa, milady — ele disse com um sorriso.

Ela pegou sua mão e Casseck a guiou para o lado oposto do salão, onde havia menos gente. O duque era como o centro de um alvo — as pessoas se aproximavam dele feito flechas. Ela ficou feliz em evitá-lo. Como ninguém estava perto o bastante para ouvir, também poderia falar mais abertamente.

— O que achou das minhas anotações? — ela perguntou. — Foram úteis?

— Muito impressionantes — Casseck respondeu. — O capitão Quinn ficou bastante satisfeito.

— Não fiz por ele — Sage disse, um pouco áspera.

— Mesmo assim, o capitão ficou grato. — Casseck a girou, mantendo-a de costas para o duque e os outros que o orbitavam. Ela viu uma janela decorada representando o general Falco D'Amiran expulsando os kimisaros de Tasmét.

— Quando ele pretende agir? — Ninguém prestava atenção neles, mas Sage manteve as frases cuidadosamente neutras.

— Já agiu.

Ela pisou em falso na dança.

— Já?

— Charlie nem foi dormir muito tarde.

É claro que Quinn havia usado o irmão mais novo. Sage rangeu os dentes.

— Que bom que ele achou alguma utilidade para o garoto.

Casseck ergueu uma sobrancelha.

— Entendo sua preocupação, mas não sei quem mais poderia ter cumprido a missão.

Sage virou a cabeça, sem querer admitir que ele estava certo. Casseck a jogou um pouco para a esquerda e ela ficou mais uma vez de frente para o vitral.

— Quando as relações desandaram entre a família real e os D'Amiran? — Sage perguntou, para mudar de assunto. — A Grande Guerra restituiu o privilégio da família, mas as coisas desandaram rápido. — Ela apontou para a janela.

Casseck olhou por cima do ombro.

— Fico surpreso de você não saber. Teve a ver com o Concordium de vinte anos atrás.

Quanto mais Sage aprendia sobre as casamenteiras e o poder que detinham, mais convencida ficava de que administravam o país por baixo dos panos.

— Não sou aprendiz da srta. Rodelle há tanto tempo.

— Aparentemente, o bom duque voltou para casa de mãos abanando. Ofereceram várias noivas para ele, que recusou todas.

— Devia querer alguém que não podia ter.

Casseck encolheu os ombros.

— Alguns dizem que era Gabriella Carey, mas ela casou com o rei Raymond um ano antes disso, então essa teoria não faz muito sentido.

A mãe de Quinn era uma Carey — irmã mais nova da rainha Gabriella. Havia se casado com o capitão Pendleton Quinn por volta da época do noivado da outra, mas tinha sido uma cerimônia discreta para uma união de famílias tão poderosas. O alarde das núpcias do rei devia tê-la ofuscado.

A dança que eles estavam fazendo envolvia vários giros, mas Sage sempre acabava de frente para a janela.

— Você está tentando me manter de costas para todo mundo? — ela perguntou, um pouco exasperada.

A culpa perpassou o rosto dele.

— Eu, ah, só gosto de ficar de olho no ambiente. Hábito de soldado.

— Não precisa se desculpar por isso — ela disse. — Só fico grata por não ter vergonha de ser visto com uma dama tão inferior.

— Pelo que vi hoje, milady, pouquíssimos têm esse tipo de reserva. — Ele a

virou um pouco de lado para variar.

— Foi impressão minha ou você teve dificuldade de me encontrar em meio ao grupo mais cedo?

— Tive, sim. A senhorita parecia... diferente. — Ele se retraiu. — Espero que não soe como uma ofensa.

Sage mal ouviu a última parte. Seu coração martelava com a ideia de que alguém que a conhecia tão bem quanto Casseck não a havia reconhecido.

No dia seguinte, ela testaria até onde aquela descrição poderia levá-la.

CASS DANÇAVA COM ESTORNINHO do outro lado do salão. Seu cabelo estava avermelhado, de modo que, por alguns segundos, Quinn não teve certeza de que era *mesmo* ela, mas então a garota inclinou a cabeça para o lado como fazia quando refletia e ele teve certeza. Ele atravessou a multidão que cercava o duque.

— Vossa excelência — o capitão disse com uma reverência. — Desculpe por não ter encontrado o senhor na noite passada quando chegamos. Estávamos tão atrasados que precisei tratar de alguns assuntos importantes.

D'Amiran o cumprimentou com um aceno majestoso.

— Não tem importância, capitão; seus oficiais cuidaram de tudo. — Ele fez uma pausa e olhou Quinn de cima a baixo. — Então você é filho de Pendleton Quinn.

— Sou, vossa excelência. — Quinn não deixou de notar que o duque havia omitido a patente de seu pai. Na juventude, os irmãos D'Amiran haviam entrado para o serviço militar, mas tinham saído antes de chegarem a capitão. Segundo seu pai, Morrow tinha potencial, mas contava demais com a reputação do pai. Quinn havia aprendido a não ser daquele jeito desde cedo.

Os olhos azul-claros continuaram a estudá-lo.

— Armand, não é? Você não parece muito com ele.

— Alexander, vossa excelência. O nome do meio do meu pai.

O duque fungou.

Ou D'Amiran estava tentando irritá-lo ou não lembrava da aparência do general. Quinn era praticamente igual ao pai, com a pele mais escura da mãe oriental.

— Na verdade, acho isso uma vantagem, vossa excelência.

— Sem dúvida. — O duque escolheu um biscoito folhado da bandeja que um criado lhe ofereceu. — Vai aproveitar esta missão para visitar seu tio?

A princípio, Quinn pensou que fosse uma sugestão de que D'Amiran sabia que seu pai o mandara para espioná-lo, mas considerou que podia ser uma conversa casual e inocente.

— Claro, vossa excelência. Posso mandar seus cumprimentos ao rei ou o senhor vai viajar conosco para o Concordium?

O sorriso do duque tinha dentes demais para ser natural.

— Ficarei grato se mandar meus cumprimentos a ele e a seu pai.

Ou prefere mandar minha cabeça numa bandeja? Quinn conhecia o olhar de um homem que odiava outro. Era o terceiro na lista do duque, atrás apenas de seu pai e do rei. Voltou os olhos para Casseck e Sage. Ela continuava de costas para eles. Ao se dirigir a D'Amiran novamente, fez um gesto indicando o salão.

— Vossa excelência organizou um espetáculo magnífico. Acredito que não fica em nada atrás do que já vi no palácio.

— E você deve ter propriedade para falar, já que passou tanto tempo lá.

As pessoas sempre tinham inveja de sua posição, e Quinn estava cansado disso. Só Robert e Ash sofriam mais. Ele conteve um sorriso. Era o terceiro na lista de novo.

O duque continuou:

— Imagino que as acomodações estejam à altura dos padrões com que está acostumado.

— Mais do que aceitáveis, vossa excelência — ele respondeu. — Agradeço pela hospitalidade.

D'Amiran pareceu irritado por seu sarcasmo nunca render nenhuma resposta.

— Bom, tenho certeza de que tem deveres a cumprir.

Mais uma vez, em vez de se mostrar ofendido, Quinn simplesmente sorriu e respondeu à dispensa com uma reverência. Com um último olhar na direção de Casseck e Sage, saiu pelas portas principais e voltou para o quartel.

SAGE LEVANTOU ANTES DO AMANHECER e colocou um vestido de lã simples, amarrando o corpete rapidamente no escuro. Em seguida, passou um xarope para escurecer o cabelo antes de fazer uma trança, enrolá-la atrás da cabeça e cobrir com uma touca. Uma olhada no espelho de mão mostrou o reflexo de uma simples criada em vez da dama imponente que todos tinham visto na noite anterior. Depois de pegar uma trouxa de roupa suja, ela saiu do quarto.

Ninguém prestou atenção nela enquanto se dirigia à lavanderia. Poucos tinham acordado, na verdade — a maioria ainda estava se recuperando da noite anterior. Sage deixou a trouxa na lavanderia vazia com as outras roupas de seu grupo e começou a procurar lugares para explorar, pensando em começar pela cozinha. Encontrou uma válvula da cisterna, o que lhe deu a ideia de encher um dos jarros da prateleira. Não havia hora melhor para espalhar a contaminação do que aquela.

Na cozinha, encontrou várias cestas de pães e queijos numa mesa central. De ressaca, o cozinheiro mal ergueu os olhos antes de mandar que ela levasse uma.

— Já estava na hora de vocês começarem a aparecer. Saia pelo portão principal. Seja rápida, os guardas estão famintos.

Ele achava mesmo que ela era uma criada. Perfeito. Sage sorriu, pegou uma cesta e um copo de metal e saiu com seu jarro pelo lado norte da fortaleza. Equilibrando os pesos com cuidado, atravessou o portão interno e a muralha externa e subiu os degraus de pedra mais próximos da casa de guarda. Dois guardas sonolentos se endireitaram quando ela entrou.

— Oi, doçura — um cumprimentou da frágil cadeira de madeira em que estava sentado. — Você é um colírio. Veio nos despertar?

Naquele momento, Sage se deu conta de que não estava nem um pouco preparada para lidar com as liberdades que aqueles homens tomariam com uma criada comum. Receosa, deixou a cesta na mesa e serviu água no copo. Quando a ofereceu para o guarda que havia falado, ele pegou seu punho e a puxou para o colo dele. Sage gritou. Ele apertou suas nádegas e sussurrou no seu ouvido:

— Você me acordou, doçura. Que tal ficar um pouco mais para me fazer

companhia? O Hix aqui não é muito divertido, mas você parece ser. — A barba por fazer do homem roçou contra a bochecha dela. Ele lhe deu um beijo desajeitado que cheirava a vinho.

Sage gritou e o empurrou para levantar. Ele riu antes de beber a água. Um fio molhado escorreu pelo queixo e sobre o uniforme azul dele, misturando-se a várias outras manchas escuras que pareciam vinho — ou sangue. Ele ergueu o copo para ela e piscou. Sage ficou encarando, sem querer se aproximar, embora uma parte dela quisesse dar *mais* água contaminada para o homem. Ele puxou o copo de volta e o balançou.

— Vem pegar, doçura.

O outro guarda, Hix, interveio dando um tapa leve na nuca do amigo.

— Deixa disso, Barley. Ela tem mais o que fazer. — Ele pegou o copo e o estendeu para ser servido. Com as mãos trêmulas, Sage o serviu e esperou que terminasse. O homem devolveu o copo e pegou dois pãezinhos da cesta, jogando um para o amigo que a encarava.

— Anda, me dá um queijinho — Barley disse, e o guarda jogou um pedaço. Ele teve dificuldade para pegar, soltando um palavrão quando o queijo escapou de suas mãos. Inclinando a cadeira para trás, ele o pegou no chão de pedra e deu uma mordida enquanto observava Sage sair. — Depois vou atrás de você — gritou enquanto ela fechava a porta atrás de si.

Sage colocou a cesta e o jarro no chão para endireitar a roupa e secar o rosto na manga, sentindo-se uma tonta por pensar que seria fácil sair andando por aí como uma criada. Que bela espiã ela era.

Sob a alvorada, mais longa graças às montanhas orientais, ela viu vários guardas de azul e branco posicionados em intervalos ao longo da muralha; os mais próximos a olhavam com expectativa. Respirou fundo enquanto juntava suas coisas e lembrava que estava mais segura a céu aberto.

Os encontros seguintes correram bem, e Sage avançou a partir da muralha norte. Nenhum dos guardas tentou nada, embora um na torre nordeste a tivesse encarado por tanto tempo que ela ficara vermelha. Sage contemplou as montanhas para evitar seu olhar fixo, observando um falcão vir voando do sul e rodear um ponto perto do desfiladeiro.

Na muralha oriental, no meio do caminho entre os guardas, passou por um homem sentado, encostado a uma pequena torre desocupada.

— A senhorita pode me dar um pãozinho? — ele perguntou baixo.

Ela parou de repente, balançando a água na jarra.

— O que está fazendo aqui? — Sage perguntou, assustada.

Ash estreitou os olhos para ela e fechou a cara. Seu cabelo escuro estava espetado em ângulos estranhos onde tinha se apoiado contra a muralha.

— Eu poderia perguntar o mesmo a você. — Ele levantou e se aproximou para pegar um pãozinho. — Porque sei que ninguém pediu para fazer isso.

— O nome disso é iniciativa.

— Não, é se colocar em perigo desnecessariamente.

— Sei me cuidar — ela disse, tentando esquecer o homem na casa de guarda.

— Não, não sabe. Volte para a cama. — A voz dele tinha um tom de comando.

— Não até os pães terminarem. — Sage passou a cesta para o outro braço e deu as costas para ele. — Vai parecer suspeito se eu parar agora — ela disse por cima do ombro.

— Caramba, Sage, isso não é brincadeira! — ele grunhiu em resposta.

Furiosa, ela continuou a descer pelos lados leste e sul, dando a volta até a torre circular no canto sudoeste antes de os pães e queijos acabarem. Ainda havia um pouco de água no jarro, então ela decidiu subir a torre até os últimos guardas antes de voltar para a cozinha. O acontecimento na casa de guarda a abalara mais do que admitiria. Parte dela queria desistir e voltar para a cama, mas definitivamente não faria isso depois de Ash ter mandado. Ela estava erguendo a saia para subir os degraus para o alçapão aberto quando ouviu a conversa dos homens lá em cima.

— Tô te falando, senhor, era ele. Já vi ele antes, da última vez que escoltamos sua excelência pra capital.

— Mas ele não parece com o rei.

Sage ficou paralisada. Eles deviam estar conversando sobre Ash.

— A mãe dele é oriental... Ele tem o cabelo preto e a pele escura. Estou dizendo que era ele, e sua excelência vai querer saber, senhor.

Sage recuou para onde não seria vista se eles olhassem para baixo. Uma terceira voz autoritária perguntou:

— Você contou para alguém?

O primeiro soldado respondeu:

— Não, senhor. Só consegui identificar a cara dele depois, e o senhor é o primeiro pra quem tô contando.

— Então fique de boca fechada — veio a resposta rígida. — Sua excelência já sabe e, se você estragar os planos dele abrindo o bico, vai implorar por uma execução rápida.

Sage não esperou para ouvir mais e fugiu, grata por estar usando botas de couro

macio, silenciosas nos degraus de pedra. Eles sabiam quem era Ash e estavam planejando sequestrá-lo. Ela precisava alertá-lo — e rápido.

Desceu toda a escada correndo até o andar de baixo, com medo de que os guardas a notassem se voltasse a sair pela muralha. No térreo, obrigou-se a dar a volta pela ala externa até a base da pequena torre onde Ash estava. Ela pegou uma pedra e a atirou na estrutura. Errou e tentou de novo até conseguir acertar onde queria. A cabeça morena de Ash apareceu na beirada para olhar para baixo.

Tentando ser discreta, Sage fez sinais dizendo que ele precisava descer para falar com ela. Ash fez que não, mas a garota bateu o pé. Por que ele não acreditava que era importante? Finalmente, ele apontou para a edificação atrás dela e desapareceu. Sage despejou o restante da água no chão e colocou a jarra e o copo dentro da cesta antes de se dirigir para as portas duplas.

Os cheiros de metal e couro coberto de óleo a receberam quando abriu a porta direita e entrou na casa de armas. Uma única tocha na parede iluminava a passagem vazia. Ash entrou como um raio pelo lado oposto. Ela não fazia ideia de como ele havia chegado ali tão rápido. O sargento andou até ela, pegou seu braço e a empurrou de leve para um dos depósitos completamente escuros.

— Sabe, ao contrário de você, eu tinha um motivo para estar lá em cima — ele sussurrou, furioso. Ash fechou a porta e trombou nela com tanta força que Sage se desequilibrou para trás, acertando uma caixa aberta empilhada no canto. Um objeto afiado a cutucou e ela estendeu o braço para sentir o que era e recolocar dentro do engradado. Mal conseguia ver sob a luz fraca das rachaduras na porta, então segurou o colete de Ash para ter certeza de que ele estava olhando para ela.

— Ash, eles sabem quem você é. Querem capturá-lo.

Agora ela tinha toda a atenção dele.

— Quem sabe?

— Os guardas na torre; eu os ouvi conversando. Um deles reconheceu você. Ele colocou as mãos nos braços dela.

— Fale exatamente o que disseram. Cada palavra.

Ela repetiu tudo e acrescentou:

— Você precisa sair daqui.

— Eles não estavam falando de mim.

— O filho do rei, Ash. É *você*.

— É Robert.

— O *príncipe Robert*? — ela exclamou. — Como...

— Ele estava conosco esse tempo todo, sob um nome falso.

— Mas... como pode ter certeza de que estavam falando dele? — Ash também

era valioso para a coroa. E para ela.

— Confie em mim. Mas você está certa, precisamos tirá-lo daqui. Hoje. — Ele apertou seu ombro. — Desculpe por ter ficado bravo. A essa altura, eu já deveria confiar em você, ainda que vir aqui não tenha sido...

Ele parou de falar ao ouvir o som da porta da casa de armas se abrindo. Dois guardas entraram no corredor, rindo e conversando. Eles passaram pelo esconderijo de Sage e Ash, abriram um armário do outro lado do corredor e começaram a vasculhar os equipamentos. O sargento encostou na porta para ouvir por alguns segundos, depois voltou para perto dela e sussurrou:

— Estão pegando balestras para a patrulha. Assim que acharem as flechas, vão embora.

Sage se encheu de pavor e agarrou a gola dele freneticamente.

— Ash, as flechas estão aqui dentro.

— O quê?

— *Tem uma caixa de flechas atrás de mim.*

SAGE OUVIU ASH PRENDER A RESPIRAÇÃO. Antes que conseguisse dizer mais alguma coisa, ele a puxou para perto.

— Você precisa me perdoar pelo que vou fazer agora — ele sussurrou, abaixando o braço para erguer a saia dela.

— O que... — Mas ele a silenciou com sua boca. Foi algo tão inesperado, tão urgente, que Sage nem registrou como um beijo quando ele pressionou o corpo contra ela, forçando-a para trás. Com a mão subindo pelo seu vestido, Ash a ergueu do chão e a colocou em cima dos engradados enquanto a outra puxava os laços do corpete. Murmurando um pedido de desculpas, ele abriu as pernas dela com o quadril e se encaixou entre elas.

O corpete ficou mais frouxo e ele se inclinou para a frente e levou a boca ao ouvido dela.

— O que quer que faça, não deixe que vejam seu rosto.

Deixar que quem visse seu rosto? Ela não conseguia ver nada, o que só tornava a proximidade dele ainda mais avassaladora. Finalmente, Sage entendeu. Eles precisavam de uma desculpa para estar escondidos e ainda tinham que dar a impressão de que estavam lá havia algum tempo. Mas aquela farsa não podia ser unilateral — Sage precisava fazer alguma coisa. No entanto, era difícil pensar com as mãos dele abrindo ainda mais seu corpete. Ela puxou os cordões do colete de Ash, mas não conseguiu abri-los, então levou os braços às costas dele e tirou a camisa de dentro da calça. Ash puxou a manga dela e passou os lábios pela sua clavícula, deixando um estranho rastro de chama fria em sua pele. Ele colocou as mãos entre o corpete e a camisola fina de linho — embaixo de onde as mãos dele tinham estado quando a ajudara a desmontar do cavalo, bem onde havia escondido o bilhete no dia anterior...

Sage estava com uma mão embaixo da camisa dele, no meio das suas costas, atônita ao sentir os músculos rígidos dele em seus dedos. O calor da respiração de Ash ardeu em sua pele enquanto a mão direita dele tirava sua touca. Ash enfiou o nariz no cabelo solto na nuca dela, inspirando devagar e com vontade. Parecia

algo estranho de se fazer. Ela virou o rosto para a gola dele. Ash tinha um cheiro infinitamente melhor — de sabonete com essência de sempre-verde... linho limpo... couro... e algo indefinido que só a fez querer inspirar mais fundo.

Ash ficou paralisado e recuou um pouco, roçando os cílios na bochecha de Sage enquanto aproximava sua boca da dela.

— Sage — ele sussurrou.

Ela fechou os olhos e entreabriu os lábios. *Sim.*

A porta se abriu, lançando uma luz ofuscante em seu rosto. Ela soltou um grito agudo, e Ash a protegeu com seu corpo. Um guarda com a tocha na mão continuou imóvel por um segundo antes de desatar a rir. Seu companheiro espiou pelo batente e começou a rir também. Sage baixou a saia e tentou recolocar o corpete, sabendo que Ash estava bloqueando seu rosto da visão deles enquanto erguia a calça afrouxada.

— Saiam daqui, vocês dois — disse o homem com a tocha. Ele deu um passo para trás e abriu mais a porta. Ash avançou de frente para ele para que Sage pudesse sair discretamente atrás. Ela pegou sua cesta, mantendo o rosto virado para o outro lado. — Agradeça por estarmos com pressa, rapaz, senão poderíamos aproveitar também.

Ela viu os punhos de Ash se cerrarem com a provocação do guarda, mas, para seu alívio, em vez de dar um soco, ele se abaixou para pegar a touca que ela havia deixado cair. O vestido se remexia a cada passo, e ela segurou o corpete para impedir que se abrisse mais enquanto saía tropeçando e se recostava contra a porta. Sage sentiu um nó de pânico na garganta quando o soldado pegou o braço de Ash e se aproximou do ouvido dele.

— Fale para seu comandante que, se algum de vocês for pego assim de novo, vai ter que ouvir do capitão Geddes. — O homem empurrou Ash para cima dela. — Agora saia, rapaz.

Com a mão nas costas dela, Ash a guiou para fora, enquanto risos ecoavam pela porta. Ela tropeçou num monte de terra e por pouco conseguiu se manter de pé.

— Aqui — Ash sussurrou, guiando-a para a capelinha ao pé da torre, ao lado de onde estava pouco antes.

Lá dentro, Sage se afundou no banco enquanto Ash fechava a porta e aproximava o olho de uma fenda nas tábuas. Ela mal teve coragem de respirar enquanto ele vigiava o pátio por alguns segundos. Por fim, recuou.

— Acho que estamos seguros. Não tem ninguém lá fora.

Com as mãos trêmulas, Sage ajeitou as meias, depois levantou e alisou a saia. Ash estava a menos de meio metro, enfiando a camisa dentro da calça. O coração

dela batia tão forte que teve a impressão de que ele conseguia ouvir.

— Precisamos contar para o capitão Quinn imediatamente — ela disse com a voz rápida e sussurrada.

— Vou contar assim que... — Ash se atrapalhou com o cinto sob a pouca luz que atravessava o vitral sujo. Quando finalmente encontrou o fecho que estava procurando, endireitou e arrumou o cabelo amassado. De repente, Sage se pegou desejando sentir o cabelo dele em suas mãos. Com o rosto em chamas, abaixou a cabeça para se concentrar em arrumar o corpete.

Ash colocou a manga esquerda dela de volta sobre o ombro, assustando-a a ponto de erguer os olhos para o rosto dele entre as sombras.

— Preciso ir — ele disse baixinho. — Mas você deveria esperar alguns minutos e arrumar o cabelo; está uma bagunça. Seu rosto está todo vermelho.

— Talvez eu só não esteja tão acostumada com esse tipo de coisa. — Ela se livrou da mão que continuava em seu ombro. Nos últimos dois dias, havia se permitido pensar em como seria ser beijada por Ash, mas será que tinha sido tudo uma farsa? Será que ela havia demonstrado desejo demais para representar seu papel, enquanto para ele não passava de fingimento? Os olhos dela arderam com o que temeu que se tornariam lágrimas.

Por um longo momento, ele não disse nada. Depois sussurrou:

— Eu também não.

O sargento deu meio passo à frente. Com o banco encostado atrás de seu joelho, Sage não tinha como recuar sem cair. O colete dele encostou nas mãos dela e Sage as encarou, confusa. O que deveriam estar fazendo? Ash estava tão perto que ela conseguia sentir sua respiração. Queria ver o rosto dele, mas não conseguia erguer os olhos além de sua clavícula. Em vez disso, concentrou-se na veia visível sob o pescoço de Ash, cujos músculos se flexionaram ao engolir em seco.

As próximas palavras de Ash saíram à força, como uma confissão.

— Se me saí bem, foi só porque já havia imaginado tantas vezes.

De repente, Sage precisou se lembrar de respirar.

Com a determinação de quem toma uma decisão difícil, Ash estendeu a mão e ergueu o queixo dela. Ao mesmo tempo, colocou o braço esquerdo em volta da cintura dela, puxando-a junto a si. Seus olhos se encontraram por uma fração de segundo; Sage mal teve tempo de entender o que estava acontecendo quando o rosto dele se aproximou do seu.

No começo, estava tremendo tanto que não conseguiu reagir. Os lábios dele pressionaram os dela e Sage tentou se entregar, tentou responder de uma forma

que dissesse a ele o que queria, mas não sabia como. A confiança de Ash hesitou diante da resposta insegura dela, e ele recuou. Sage quase entrou em pânico. Não podia acabar daquele jeito. Ela se recostou contra ele, erguendo as mãos para puxar a gola aberta de sua camisa. *Não pare.*

Os lábios deles se reencontraram e, dessa vez, Ash pareceu espantado, mas só por um instante. Em seguida, puxou-a mais para perto, erguendo-a na ponta dos pés. Ela fechou os olhos enquanto os dedos dele subiam por seu maxilar para se afundar no cabelo dela.

Um som — mais um gritinho do que um suspiro — escapou dela e os lábios dele se contraíram num meio sorriso. O que segundos antes era desajeitado se tornou natural, e Sage nem precisou parar para pensar antes de se entregar à suave pressão da boca dele. O segundo suspiro dela foi mais baixo e proposital, e Ash o ecoou. Os dois sorriram um pouco antes de buscar mais.

Assim como o primeiro, o terceiro suspiro não foi intencional, mas a reação dele foi mais do que Sage poderia ter esperado. Os beijos de Ash ficaram mais intensos, mais insistentes. Seus braços fortes apertaram o corpo dela enquanto a tirava completamente do chão. Os dedos dela soltaram um pouco a camisa e todos os músculos do seu corpo relaxaram contra ele. Sem o apoio dele na sua nuca, Sage teria se derretido aos seus pés.

Nada na imaginação dela tinha chegado perto daquilo.

Ash recuou e Sage abriu os olhos agitados. Ele ainda estava perto demais para ser visto claramente; sua respiração se misturava à dela.

— Eu... preciso ir.

Sage concordou, encostando o nariz no dele. Como a luz não tinha mudado no salão minúsculo, mal haviam se passado dois minutos, embora ela pudesse jurar que tinha sido uma hora.

Ele se aproximou e encostou a testa na dela. Por mais um minuto, eles continuaram colados um ao outro. Sage pousou as mãos no peito dele, igualando suas respirações trêmulas.

— Você precisa ir — ela conseguiu dizer.

Ele fez que sim e levou a mão até o queixo dela para passar o dedo em seu lábio inferior antes de se curvar de novo.

— Você é tão linda — Ash sussurrou encostado à boca dela e dando-lhe um beijo suave em seguida.

Aos poucos, ele foi soltando o abraço, passando os dedos pela bochecha e pela cintura dela como se não suportasse soltar. Deu um passo para trás e ajustou o colete. Depois, foi embora.

OS OFICIAIS AINDA ACORDAVAM, mas, em questão de cinco minutos, todos já estavam vestidos na sala de reunião. Uma patrulha estava marcada para aquela manhã; eles partiriam assim que possível sem que os guardas de D'Amiran soubessem, o que provavelmente ofenderia o anfitrião. Os quatro homens agora incluiriam Robert e cavalgariam depressa rumo ao buraco ao norte no cerco kimisaro, que torciam para ainda estar aberto. Voltariam com um dos batedores de piquete posicionados lá e deixariam o príncipe para fugir a pé com o outro. Se a sorte estivesse com eles, quando se dessem conta de sua ausência já estaria longe.

Não havia tempo a perder. Precisavam reunir as provisões e preparar os cavalos. Quinn os dispensou, e Rob e Gramwell saíram correndo da sala, mas Casseck continuou ali. Quando a porta fechou, sentou-se à frente de Quinn e se inclinou sobre a mesa.

— Por que o Rato não trouxe Estorninho para o círculo? Ela já sabe de quase tudo.

Quinn estava concentrado no mapa.

— Foi a decisão certa esperar. Depois que ela entrar, não há como voltar atrás.

— Alex. — Casseck olhou firme para ele. — O que não está me contando?

Quinn fechou os olhos e massageou as têmporas.

— Rato deu um beijo nela.

— Entendi. — Como Quinn não respondeu por vários segundos, Casseck limpou a garganta para esconder o que parecia demais uma risada. — Já não era sem tempo.

Quinn ergueu os olhos afiados.

— Você acha isso engraçado?

— De jeito nenhum. É complicado sentir ciúmes.

— Você acha que estou com *ciúmes*? — Quinn bateu a mão na mesa com força.

O pote de nanquim quase caiu, mas Casseck o pegou com habilidade e o recolocou na mesa.

— Não é por você que ela está se apaixonando — ele disse baixo. —

Estorninho precisa ser protegida, sim, mas esse não é o verdadeiro motivo para não trazê-la para dentro do círculo.

Quinn expirou devagar, preferindo não responder.

— É cedo demais. Ainda precisamos tirar Rob daqui e, se falharmos, a última coisa que quero é que ela esteja envolvida. Se tivermos sucesso, tudo muda, e o Rato vai precisar ensinar algumas coisas para ela enquanto ainda confia nele. Mas vou resolver isso muito em breve. Prometo.

— Assim que possível. Amanhã.

Quinn fechou os olhos e concordou.

— Amanhã.

D'AMIRAN SABIA QUE O EXCESSO DE CONFIANÇA poderia ser fatal, mas as coisas estavam correndo bem. Mais do que bem: ele tinha Robert.

Sorriu enquanto mais um lorde assinava a lista de aliados. Todos haviam jurado dedicar seus recursos à causa depois que ele estivesse com todas as mulheres sob seu controle, embora não os tivesse informado do pacto com Kimisara. Era apenas um detalhe, e quanto menos soubessem melhor, ainda mais considerando o ódio que a maioria sentia depois de anos se defendendo de grupos invasores.

Lord Fashell se aproximou e fez uma reverência.

— Vossa excelência — ele disse. — Trago as últimas provisões, algumas notícias e um humilde pedido. — D'Amiran assentiu e o lorde continuou: — Tudo o que vossa excelência queria está sendo trazido para seus depósitos. Minha propriedade está acomodando os viajantes a caminho de Tegann e temos orgulho de oferecer esses serviços à sua causa.

— Fico feliz de poder contar com você — o duque disse com gratidão. — Sua lealdade é reconhecida e apreciada.

Fashell fez mais uma reverência em agradecimento.

— Quanto à notícia, vossa excelência, haverá um atraso em algumas das chegadas. Uma doença está afetando boa parte dos viajantes na região e muitos não podem continuar a jornada no momento.

— Uma doença? — D'Amiran franziu a testa, preocupado. — Quanto tempo vão demorar para se recuperar?

— Apenas um ou dois dias — Fashell se apressou em tranquilizá-lo. — Talvez vossa excelência nem tenha notado com a movimentação e tantas chegadas, mas imaginei que seria bom informar.

Um pouco aliviado, D'Amiran sorriu.

— Sim, mais uma vez agradeço sua atenção às minhas necessidades. Se essa é a única notícia, gostaria de ouvir o pedido.

— Algo pequeno, vossa excelência, a respeito de uma das damas que chegou aqui há dois dias. — Fashell limpou a garganta. — Meu filho Bartholomew ficou

bastante encantado por Lady Broadmoor e tive a impressão de que ela não foi prometida a ninguém ainda.

O duque franziu a testa, pensativo.

— Broadmoor... — Ele se lembrava dela... uma garota simples e miúda, cheia de sardas, magra e com olhos que evitavam os dele, mas observavam todo o resto.

— Sim, claro. Não sei ao certo que propriedades ela traz. Provavelmente não muitas, já que nunca ouvi falar dela.

— Propriedades não são uma preocupação para nós, vossa excelência, graças à sua generosidade. Não vamos nos opor se achar vantajoso oferecê-la a outro, mas pensei que não faria mal em pedir, se não tiver utilidade para ela.

— Absolutamente, Lord Fashell. — D'Amiran cruzou as mãos. — Vou considerar seu pedido, levando em conta os serviços que me prestou. — Pelo momento, ficaria por isso mesmo, já que ainda não podia prometê-la a ninguém. Se ela havia chamado a atenção de Bartholomew, ele precisava ver com seus próprios olhos o porquê.

Fashell fez uma última reverência.

— Era tudo o que eu queria, vossa excelência.

O capitão Geddes cruzou com Fashell ao entrar.

— Vossa excelência — ele disse, com uma reverência esbaforida. — A patrulha da escolta não retornou e não conseguimos encontrar — ele olhou ao redor para os outros presentes e coçou a orelha esquerda — todos eles — completou, tentando transmitir o sentido com o olhar. — Mas não consideraria um atraso por enquanto.

— Quantos partiram? — perguntou D'Amiran.

— Quatro, senhor. Não pareciam oficiais, mas partiram cedo e sem nos comunicar.

— Todos foram identificados?

— Vimos apenas três hoje — disse o capitão. — Tem sido confuso, vossa excelência. Mas tenho certeza de que são quatro: Quinn, Casseck, Gramwell e Bathgate. Este último não é visto desde ontem.

Os olhos do duque se estreitaram.

— Então sugiro que os encontre.

NAQUELE DIA, SAGE NÃO CONSEGUIU MANTER A CONCENTRAÇÃO por nada. Embora botasse a culpa do rosto vermelho no sol quente de primavera, na sua cabeça reviveu dezenas de vezes os acontecimentos da manhã, com as palavras de Ash ecoando em sua mente. Ninguém nunca a havia chamado de linda, mas ela não duvidava da sinceridade dele.

Uma vez, permitiu-se até imaginar o episódio na casa de armas sem o fingimento ou o medo do flagra. E sem uma caixa de flechas cutucando suas nádegas, ela pensou com um sorriso. Isso só a fez imaginar alternativas mais ternas, o que inflamou suas bochechas ainda mais, até se lembrar do perigo que todos enfrentavam. A culpa também a perturbava — que tipo de distração seria para Ash?

No jantar, escolheu um lugar de onde poderia observar o exército em sua mesa de canto. Robert deveria estar entre eles. Ash não a queria conversando com os oficiais, especialmente ali em Tegann, dando a entender que ela teria descoberto quem era ele. Casseck era franco demais, parecia quase incapaz de mentir, mas Gramwell...

O olhar do tenente vagava para Clare a cada poucos minutos. Ele havia ignorado inúmeros protocolos cortejando Clare, mas ninguém fez nenhuma objeção. Antes, Sage supôs que ele estava tão apaixonado que não conseguia se conter, mas fazia ainda mais sentido que ninguém o havia impedido porque ele era o príncipe. Sim, era totalmente possível que ele fosse o príncipe disfarçado.

Como se os dois tivessem lido sua mente, Clare pediu licença e saiu pelas portas principais em direção ao jardim. Menos de um minuto depois, seu admirador a seguiu discretamente. Ele iria embora naquela noite, e era provável que quisesse se despedir. Ela sorriu. Se alguma daquelas mulheres merecia a atenção da realeza, era sua amiga.

Sage trombou em Charlie no caminho de volta para o quarto. Ele ergueu uma trouxa de roupas.

— Milady, me mandaram entregar isto — ele disse.

Deviam ser sua calça e sua camisa limpas. Ela ficou grata por tê-las de volta. Sage considerou perguntar a Charlie sobre Robert, mas não seria justo com o menino, e ela havia prometido a Ash que pararia de fazer perguntas, porque ele responderia todas depois. Então disse apenas:

— Obrigada. Boa noite, soldadinho.

Ele balançou a cabeça e saiu às pressas. Em vez de colocar o embrulho no baú, Sage o abriu, na esperança de encontrar uma mensagem de Ash. Uma protuberância em uma das meias de fato se revelou um toco de vela envolto por um pedaço de pergaminho.

Se confia em mim com sua vida, acenda esta vela. Quando terminar de queimar, me encontre na passagem inferior do quartel oeste.

A

Com a mão trêmula, Sage acendeu o pavio e a colocou num suporte. Levaria menos de duas horas para queimar completamente, então ela vestiu a calça limpa e deitou na cama para esperar. Jogaria o bilhete na lareira antes de sair, mas, até lá, seguraria o papel e ficaria lendo as palavras sem parar. *Se confia em mim com sua vida...*

Ela confiava. E naquela noite provaria.

Sage entrou no corredor e o encontrou encostado à parede oposta da tocha que ardia baixo, de braços cruzados, silencioso como uma sombra. Seu olhar a seguiu até ela parar à sua frente.

— Estava quase torcendo para você não vir — ele disse.

Ele não queria que ela se envolvesse porque era perigoso, mas Quinn precisava dela e, portanto, Sage tinha um aliado improvável no capitão. Os olhos dela percorreram os traços do rosto que tinha passado a conhecer tão bem nas semanas anteriores — desde as sobrancelhas quase pretas, passando pelos olhos tão escuros e profundos que Sage poderia mergulhar dentro deles, até a barba rala que já tocara seu rosto.

— Vim porque confio em você — ela sussurrou.

Ele mordeu o lábio enquanto pegava a mão direita dela entre as suas e inspirava fundo.

— Amanhã, tudo vai mudar. Se partir agora, não vou pensar mal de você nem lhe pedir mais nada. Vou continuar fazendo tudo ao meu alcance para protegê-la do que está por vir. — Ele virou a mão de Sage e passou o polegar por sua palma, fazendo uma fásca subir pelo braço dela. — Mas, se ficar, você se compromete

conosco. Será uma jogadora de quem dependemos e em quem confiamos. Não há meio-termo nem como voltar atrás. Precisa decidir hoje.

— Você é um tolo se pensa que vou embora — ela disse, decidida.

Ele se encolheu.

— Pessoas vão morrer, Sage. Nas nossas mãos e nas deles. A maneira mais segura de se proteger é não se envolver. É a verdade.

Ela apertou os dedos dele entre os seus.

— Eu sei. Não tenho medo. — Mas Sage estava tremendo.

— Você promete seguir ordens, sem questionar ou hesitar? — Ele a observou com um sentido tácito.

Por ele?

— Sim — ela sussurrou. — Prometo.

Ele relaxou um pouco e assentiu.

— Então tem uma coisa que preciso fazer primeiro.

Ash levou a mão dela aos seus lábios e a beijou, depois, apertando firme seus dedos, guiou-a pelo corredor escuro até a última porta. Sem bater, abriu e fez sinal para Sage entrar na sala sem janelas usada como depósito do quartel. Velas fixadas na parede de pedra iluminavam uma confusão de cadeiras, mesas e camas amontoadas de um lado, e havia uma pilha de colchões de palha no canto. Vários páletes tinham sido puxados para o meio do espaço aberto e empilhados de dois em dois com uma grande coberta sobre eles. O significado daquilo a surpreendeu — era tão inesperado, tão diferente do que ela pensava dele — que sua mente só registrou negação.

Ela ouviu Ash trancar a porta e tirar o gibão de couro, sentiu suas mãos em seus ombros enquanto a virava de frente para ele. Com uma mão, acariciou a bochecha dela enquanto a outra descia para seu cinto.

— Minha doce e inocente Sage — ele sussurrou, mas ela ainda não sabia o que pensar.

Ela ouviu um estalo no cinto de Ash e, embora continuasse a olhar nos olhos dele, viu uma adaga embainhada na mão que ergueu entre os dois.

— Hoje, vou te ensinar a matar.

SAGE ESTENDEU A MÃO PARA A ARMA e Ash girou o cabo para que ela segurasse com o polegar na ponta.

— Assim.

Ela já havia empunhado uma faca antes; seu pai a ensinara havia muitos anos, mas aquilo era diferente. A maneira como estava segurando agora, com a lâmina fechada em seu punho apontando para baixo, era inútil para qualquer coisa além de esfaquear e cortar. Sage engoliu em seco.

— Estou pronta.

— Tem certeza?

Sage sabia que o medo mais profundo dele era de ser um monstro, de gostar de matar. Agora, ele teria que ensinar a ela aquilo que mais temia. Sage fez que sim com a confiança que ele precisava ver, e a expressão do sargento se tornou firme, determinada.

Antes de começar, ele mostrou os pontos em que uma armadura era mais vulnerável, pressionou as mãos dela onde as artérias ficavam mais próximas à superfície e demonstrou os ângulos de lâmina que explorariam ambas as coisas. Depois, deu a volta para guiá-la em uma postura defensiva, pousando os braços sobre os dela para posicioná-la e forçá-la a se agachar sob o peso do próprio corpo. Sage estremeceu com um frio súbito quando ele deu a volta para parar na frente dela novamente.

Ash a fez partir para cima dele com a adaga empunhada de vários ângulos, dizendo que não hesitasse sempre que ela relutava. As críticas dele a irritavam, mas Ash estava tão sério que ela conteve o impulso de retrucar.

Na terceira vez que Sage vacilou ao avançar, ele tirou a arma da mão dela e, num piscar de olhos, jogou-a contra a esteira com a lâmina contra sua garganta. Ela sempre o tinha visto como um soldado, sabia que matava pessoas, mas, pela primeira vez, entendeu como era forte e mortal.

— Te assustei? — Ash perguntou, se afastando. Ela fez que sim. — Ótimo. — Ele jogou a adaga no colo dela enquanto Sage sentava. — Levante e tente de

novo.

Uma determinação fria se instalou dentro dela, e Sage começou a progredir como Ash queria, ganhando elogios sinceros dele de vez em quando. Depois de quase três horas, o sargento derrubou a adaga da mão dela e perguntou:

— E agora?

Sem pensar, ela pulou em cima dele, jogando o ombro contra seu estômago. Sage o surpreendeu tanto que Ash se desequilibrou com o golpe e caiu de costas na esteira. Ela ouviu um baque terrível quando sua cabeça acertou o pálete. Horrorizada, ajoelhou-se enquanto Ash grunhia e estendia o braço para ela. Sage abaixou, mas percebeu seu erro quando ele a agarrou pelo pescoço e a puxou forte.

— Você está morta — ele sussurrou.

Ela socou o braço dele.

— Não é justo!

— Você acha que isso é um jogo? — Ash perguntou. — É justo lutar contra um homem com o dobro do seu tamanho?

O protesto dela perdeu força.

— Não.

Ele soltou a mão.

— Ótimo. De novo.

Ash a atacou por trás, pela frente, de lado. Torceu os braços dela e curvou seus dedos para abrir sua mão à força, fazendo-a se debater contra ele com todas as suas forças. Sage aprendeu a usar os pés dependurados para encontrar apoio e achar pontos vulneráveis se estivesse fora do chão. Ele mostrou quais ossos dela eram mais fortes, onde era mais fraca, como se deixar ferir para ganhar uma vantagem fundamental, como cair. Sage teve mais quedas duras no pálete do que conseguia contar.

Faltavam duas velas para eles queimarem todas, o que mostrava que devia estar quase amanhecendo. Sage estava mais cansada do que nunca, mas não se atreveu a reclamar. No entanto, não conseguia evitar que seus reflexos estivessem mais lentos e suas forças se esvaíssem. Finalmente, caiu ofegante na esteira enquanto Ash a cutucava com o pé esquerdo.

— De novo.

— Estou cansada demais — ela ofegou.

— Não importa. De novo.

— Não consigo — ela reclamou, girando para se apoiar com as mãos e os joelhos trêmulos.

— Consegue, sim. — Ele cutucou com mais força. — Levanta.

A raiva tomou conta de Sage, que usou a chama para acertar a parte de trás do joelho direito dele com o cotovelo. Ash caiu de costas com um grunhido, e ela agarrou seu cabelo e o puxou para baixo. Pressionou o antebraço na garganta dele enquanto Ash se debatia para pegá-la. Sage se aproximou o bastante para dizer sem ar:

— Você está morto.

Pela primeira vez, ele sorriu.

— Muito bem.

Sage desabou em cima do sargento.

— Chega, por favor — ela murmurou sobre o ombro suado dele.

Seus braços fortes a abraçaram e ele a puxou para perto, pousando a bochecha no topo da cabeça dela.

— Chega — ele tranquilizou. — Acabamos.

Sage quase chorou de alívio enquanto agarrava a camisa dele e apoiava a cabeça nela.

— Por que você foi tão duro comigo?

Ash ergueu o queixo de Sage e olhou para ela com uma intensidade que tirou seu ar.

— Porque, se você morrer, vai ser culpa minha, e não conseguiria viver com isso. — Ele se inclinou, aproximando-se tanto que seus lábios roçaram os dela quando sussurrou: — Nem sem você.

Ela não soube quem beijou quem daquela vez, mas não importava. Calor irradiava dos lugares em que se tocavam, trazendo uma energia que não acreditava ser possível. As mãos e os braços que a haviam frustrado durante a noite toda com sua velocidade e sua força agora se moviam devagar e acariciavam com suavidade. Hesitante, Ash explorou as curvas das costas e dos quadris dela. Com seus suspiros, Sage o incentivou a se atrever mais, até sentir as mãos dele descendo e dando a volta por suas coxas.

Ash virou de lado para ficar de frente para ela, que agarrou a cintura dele com uma ânsia de se aproximar ainda mais. Os dedos de Sage tocaram a pele onde a camisa dele havia escapado, fazendo-o gemer baixo contra o cabelo dela. A garota sorriu e passou a mão sob o tecido. Subiu os dedos pelos músculos rígidos das costas dele, gostando da maneira como ele reagia ao seu toque. Então a boca dele estava na dela outra vez, com uma avidez igual à que Sage sentia, e Ash ergueu a blusa dela para que reagisse da mesma maneira.

Suas mãos calejadas eram macias ao traçar sua coluna. Quando Ash abriu os

dedos, pareciam cobrir suas costas inteiras. Os dedos dela encontraram uma cicatriz larga sob o ombro dele — evidência de seu passado e de seu futuro mortal, de sua força. Mas ali, naquele momento, ele era vulnerável ao toque mais suave. Estremecia ao menor som que ela fazia. Sage se sentiu inebriada pelo poder, ainda que *ele* fosse muito mais forte. Mas Ash nunca poderia machucá-la. Bastava Sage dizer não para ele parar.

Só que ela não queria dizer não.

Sage enfiou o rosto no cabelo dele enquanto Ash dava beijos carinhosos no seu pescoço. Um calafrio o percorreu quando sentiu a respiração dela na sua orelha.

— Ash — ela sussurrou.

As mãos dele nas suas costas se cerraram e o corpo dele ficou completamente duro. Ash enfiou o rosto no ombro dela, grunhindo:

— Santo Espírito, *NÃO!*

Sage tinha feito alguma coisa errada.

— Você não precisa parar...

— Sim, preciso. — Os olhos dele estavam desesperados enquanto se recostava e tirava as mãos da blusa dela. — Tem coisas que você não sabe, Sage.

— Então me conte.

— Em breve, minha querida. Prometo. — Ele a envolveu em seus braços e a beijou com ternura enquanto a última vela se apagava. — Mas não hoje.

UM RUÍDO NO CORREDOR A DESPERTOU. Ash ainda estava acariciando suas costas quando Sage pegara no sono. Havia puxado a coberta bolorenta sobre os dois, mas a maior parte do calor vinha dele.

— Precisamos levantar — Ash sussurrou.

Sage se aconchegou.

— Não quero — murmurou contra a camisa dele.

Ash beijou o topo de sua cabeça.

— Nem eu, mas precisamos.

Sage grunhiu e puxou o cobertor, percebendo que podia ver um pouco através da luz que entrava por baixo da porta. A sombra de dois pés surgiu e uma batida ecoou pela sala. Ash levantou e, só de meia, atravessou o piso de pedra. Ela sorriu quando o ouviu tropeçar na adaga esquecida e soltar um palavrão.

Ele abriu uma fresta da porta e Sage cobriu os olhos com o braço para se proteger da luz súbita.

— Estou vendo que a aula correu bem — disse uma voz seca. Era o tenente Casseck. Ela não se importava com o que ele pensava, mas aquela luz era forte demais.

— Cale a boca — disse Ash. — O que está acontecendo?

— D'Amiran percebeu que Robert sumiu. Quer ver Quinn imediatamente, mas ele ainda está devagar pelo vinho de ontem. — Sage não sabia se Casseck estava se referindo ao duque ou ao capitão.

Ash olhou para ela por cima do ombro.

— Pode levá-la de volta para o quarto discretamente?

— Sim.

— Precisamos de cinco minutos.

— Dou no máximo três.

Ash fechou a porta na cara do tenente, depois a reabriu quando Casseck bateu de novo.

— Obrigado — Ash agradeceu relutante, aceitando a vela que seu amigo

ofereceu. Ele trancou a porta e virou para ela. — Vamos arrumar você primeiro. Seu cabelo está uma verdadeira bagunça.

Sage sentou e começou a ajeitar a faixa dos seios com dificuldade. Estava solta nas costas, e ela não sabia como arrumar sem tirar a blusa. Ash colocou a vela numa mesa e se agachou ao seu lado.

— Deixe-me ajudar. — Ela se encolheu quando ele ergueu a parte de trás da blusa dela. As mãos dele puxaram os laços, mas a faixa só ficou mais frouxa. — Ah — ele disse, envergonhado. — As fitas romperam nos ilhós. Espero que você tenha outra.

Ele deveria saber, porque tinha vasculhado o baú dela. Mas Sage disse apenas:

— Tenho, sim.

Ela se concentrou em amarrar as botas enquanto Ash tentava arrumar seu penteado, mas só conseguiu aumentar ainda mais a bagunça. Sage tirou as mãos dele e partiu o cabelo com habilidade. Ash suspirou e levantou, erguendo-a em seguida. Ele foi até a frente de Sage e afrouxou o cinto dela para enfiar a camisa dentro da calça. Mesmo com a distração das mãos dele ali, Sage conseguiu fazer uma trança e escondê-la sob a touca. Ash jogou a jaqueta para ela e fez sinal para que saísse da esteira, de modo que pudesse empilhar os páletes no canto. Quando achou que estava pronta, tentou dobrar o cobertor, mas desistiu e só o enrolou. Ash o pegou e o jogou em uma pilha no canto.

Certamente haviam se passado três minutos, mas não houve nenhuma batida na porta para apressá-los. Ash a viu olhar para a porta e disse:

— Ele vai voltar quando for seguro levar você para o quarto.

— Por que você não pode me levar?

— Porque não acho que sou capaz de andar ao seu lado sem que fique óbvio o que aconteceu na noite passada.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Pensei que não tinha acontecido nada. — Ele a ignorou e enfiou a camisa dentro da calça. O estômago dela se revirou. Por que ele não olhava nos seus olhos?

O capitão queria usá-la, mas Ash não. Ela tinha visto sua relutância quando a fizera prometer cumprir ordens e a ensinara a lutar. Que outras coisas Quinn havia imposto a Ash?

Depois daquela noite, a resposta era óbvia: Ash não tinha permissão de ficar com ela, por mais que quisesse. A raiva subiu em seu peito. O capitão achava que Sage não era boa o bastante? Nada daquilo era da conta dele.

— Está pronta para ir? — Ash perguntou.

Sage cruzou os braços.

— Não, não estou. Quero conversar.

Ele congelou com a mão na calça.

— Sobre o quê?

— Sobre as coisas que ainda não sei. Você disse que não podia ser ontem à noite. Bom, já é de manhã.

Ash engoliu em seco. Uma batida na porta o salvou, e ele quase correu para atender.

— Trinta segundos — sussurrou Casseck pela fresta.

Ash a chamou e ela foi até ele.

— Fale comigo, Ash.

Ele a puxou junto a si.

— Hoje à noite, prometo. Vou contar tudo.

A boca dele estava na dela, e Sage se derreteu, mal conseguindo pensar no que havia de tão errado naquilo e por que alguém tentaria impedir o que eles tinham se parecia tão certo. Até Darnessa era a favor.

Uma única batida os interrompeu.

— Vejo você à noite — ele murmurou antes de abrir a porta e entregá-la a Casseck.

O tenente a levou até o fim do corredor e lhe entregou uma pequena pilha de lenha.

— Isto é para o quarto de Lady Sagerra — ele disse como se não houvesse nada de errado. Eles andaram lado a lado através do pátio vazio. A maioria dos criados devia estar tomando café da manhã, enquanto os nobres ainda dormiam.

Sage sabia que deveria se importar com sua reputação, mas o que mais a preocupava era o que Casseck pensava de Ash. Se o tenente contasse ao capitão o que tinha visto...

— Nós não...

— Eu sei. Conheço Ash. — Casseck olhou para ela. — É com você e com sua honra que me preocupo. Aquelas mulheres com quem está viajando devem achar que você dormiu com metade dos soldados. — Sage revirou os olhos, mas Casseck continuou sério. — Se outras pessoas ouvirem o que elas falam, pode acabar encurralada por um homem que acha que pode fazer o que quiser com você. Teríamos de matá-lo, com sorte antes que chegasse longe demais.

Sage pensou no homem na casa de guarda.

— Talvez possamos usar isso a nosso favor.

Casseck parou para encará-la.

— Não. Absolutamente não. Seria ir longe demais. *Nunca* vamos usar você dessa maneira.

Ela lhe lançou um olhar acusador.

— O capitão Quinn não se importa em se aproveitar das pessoas, incluindo Charlie.

Casseck balançou a cabeça.

— Se a senhorita realmente pensa isso, milady, não o conhece.

Sage virou e continuou em frente, fazendo Casseck se esforçar para acompanhá-la. Ela estava cansada de todo mundo defendê-lo, cansada de não saber de nada, cansada de ver Ash sucumbir às exigências do capitão.

Acima de tudo, estava cansada de ser um fantoche nas mãos de Quinn.

QUINN ATRAVESSOU O PÁTIO PARA ATENDER AO CHAMADO do duque D'Amiran e subiu os degraus até o topo da muralha externa num ritmo enérgico.

— Vossa excelência — ele chamou ao se aproximar. — Desculpe ter demorado tanto para encontrá-lo; houve um erro de comunicação quanto a onde o senhor estava. — Ele fez uma reverência baixa, depois se endireitou com uma expressão inquisitiva, tentando não parecer tão cansado quanto estava.

— Quero uma explicação, capitão — disse o duque. — Quatro de seus homens saíram em patrulha ontem, sem minha permissão e sem a companhia dos meus guardas.

Quinn pestanejou.

— Não sabia que precisávamos de permissão ou escolta, já que estamos sob a autoridade do rei. Mas vou providenciar que no futuro vossa excelência seja avisado. Não representamos mal nenhum.

— Mal nenhum? — grunhiu D'Amiran. — O que me diz do relato de homens armados vagando pelas minhas terras, assustando meus trabalhadores? Se meus poucos campos não puderem ser plantados a tempo por causa do caos, quem vai pagar pelo prejuízo? Você? Soldados destroem por força do hábito, mas homens como eu precisam prover a subsistência do povo.

O incidente tinha sido inventado ou associado falsamente à sua patrulha, mas Quinn fingiu arrependimento.

— Se meus homens forem de fato culpados por esses danos, garanto à vossa excelência que a coroa vai mais do que cobrir seus prejuízos.

— Você é bem generoso com os cofres reais, capitão — o duque zombou. — É a influência da sua mãe ou do seu pai que permite tais liberdades? Sua patente já deixa claro que ser filho do general garante uma carreira frutífera.

Quinn ignorou o insulto.

— Não cabe a mim julgar, vossa excelência. Só faço meu melhor para seguir ordens.

O rosto de D'Amiran ficou sombrio.

— Nesse caso, capitão, vou dar novas ordens ao senhor, já que está embaixo do meu teto. Você e seus homens estão proibidos de sair da fortaleza até segunda ordem. Não vão patrulhar fora dos meus portões e vão se submeter a uma revista três vezes ao dia, conduzida pelo meu capitão para garantir que nenhum outro rosto desapareça.

— Quem está desaparecido, vossa excelência?

D'Amiran encarou seus olhos com frieza.

— Você parece ter perdido um dos seus oficiais.

— Acho que vossa excelência deve estar mal informado. — O tom de Quinn era brando, respeitoso. — Ainda não passamos revista à tropa hoje, mas avistei os dois há poucos minutos.

— Sim, mas havia três ontem. Quatro, incluindo você. Quando sua patrulha retornou, um dos seus homens tinha sido substituído por outro. Mais baixo e imundo.

Quinn retribuiu o olhar com espanto.

— Me disseram que o sargento Porter caiu do cavalo e deslocou o ombro. Só posso sugerir que o homem em questão seja ele, que não estava sentando ereto ao retornar. Posso trazê-lo até vossa excelência, caso queira vê-lo.

— Não — seu anfitrião falou com desprezo. — Tenho certeza de que cobriu bem seus rastros.

— Vossa excelência — Quinn disse com cautela —, não sei bem por que acha que eu faria uma coisa dessas, nem como. Se o ofendi, violei sua hospitalidade ou nos mostramos indignos de sua confiança, peço sinceras desculpas e imploro por uma chance de reparar nossos erros. Talvez devamos partir. Há tempo suficiente no dia para reunir as mulheres e levá-las de volta à mansão de Lord Fashell. Podemos esperar lá até o desfiladeiro ser liberado.

— Não seja ridículo, capitão. — O pânico que perpassou o rosto de D'Amiran deixou claro que ainda não estava preparado para agir. — Não bastasse as acomodações serem inferiores, o local está tomado por uma doença. Só quero que respeite minha autoridade em minhas terras, um direito concedido pela coroa.

Quinn abaixou a cabeça.

— Como vossa excelência desejar. Existe alguma outra restrição? Podemos continuar a nos mover livremente dentro das suas muralhas e tomar conta das damas que temos a missão de proteger? Nossa única preocupação é a honra e a segurança delas, e soldados desocupados são a ruína de um comandante.

O duque fez um gesto irritado.

— Sim, claro. Mas se mais alguém do seu destacamento desaparecer, será

responsabilizado pessoalmente.

— É claro, vossa excelência — Quinn disse. — Meus homens podem ser revistados agora, se seu capitão estiver pronto para a primeira inspeção. — Ele deu um passo para trás e gesticulou educadamente para o guarda atrás de D'Amiran guiar o caminho.

Casseck sentou numa cadeira à mesa, de frente para Quinn.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

O capitão esfregou o rosto enquanto detalhava sua conversa com o duque.

— Acho que ele está preocupado com o desaparecimento de Robert — Casseck disse. — Provavelmente o tinha prometido a Kimisara.

Quinn bocejou.

— Pode ser. Seria um refém valioso. Ash comentou que o povo kimisaro está passando fome.

— Por falar em Ash — disse Casseck —, como ele e os outros estão indo lá fora?

— Porter disse que estão cansados de carne de esquilo e precisam de um banho, mas no geral está tudo bem. Nenhum ferimento. Ash passou mal aquela vez, mas, se não fosse por isso, não teríamos nossa arma engarrafada. Como está Charlie?

— Bem. Nos estábulos, cuidando de Surry e Shadow. Três dias, certo?

— No mínimo. — Quinn esfregou o pescoço e bocejou de novo. — O que precisamos fazer hoje, Cass?

— Está tudo pronto. Temos mais dois barris pequenos dos dois tipos de álcool. A equipe de Gramwell terminou de verificar os encanamentos. Nossos turnos de vigia cobrem todas as áreas que você definiu e temos uma lista atual de quem está aqui. Vários grupos vão partir hoje e outros estão chegando. Mas os homens estão cansados.

— Bom, agora que não vamos mais cavalgar haverá menos coisas para fazer. Mas cuide para que todos descansem; vão precisar.

— Você também precisa dormir um pouco, Alex. Vai tirar um cochilo. — Casseck apontou com a cabeça para a porta lateral.

Quinn coçou a nuca.

— Talvez seja uma boa ideia. — Ele levantou para ir até o quarto anexo que eles dividiam.

— Estorninho vem para a reunião hoje à noite. — Casseck afirmou, em vez de perguntar.

— Sim.

— Ela ainda não sabe, não é?

— Não. — Quinn não olhou para trás enquanto abria a porta.

— *Rato*. — Casseck esperou que ele parasse. — Sugiro que esteja de armadura quando for contar a ela.

SAGE DORMIU DURANTE O ALMOÇO E O JANTAR. Acordou assustada quando uma bandeja de comida foi colocada na mesinha ao lado da cabeceira. Clare sentou na ponta da cama e tirou o cabelo da frente dos olhos dela.

— Como está se sentindo?

Sage sentou com um grunhido. Era como se tivesse sido atropelada por uma carroça.

— Já estive melhor.

— Onde passou a noite toda? — Clare perguntou. — Ouvi você sair, mas não voltou. Fui procurar Darnessa depois de algumas horas.

A casamenteira estava esperando quando Sage voltara naquela manhã, descabelada e cheirando a suor. Ainda que Darnessa a tivesse chamado de tudo menos de meretriz, era um sermão que Sage não queria lembrar. Esfregou o rosto e tentou pensar.

— Na latrina — ela disse. — Os soldados disseram que passamos por uma vila com uma doença terrível. Devo ter pegado.

— É por isso que Darnessa mandou não bebermos a água?

— Provavelmente. Acho que ela não me avisou a tempo.

Clare sorriu com pena.

— Trouxe o jantar para você. Está disposta a comer?

A barriga de Sage roncou em resposta.

— Sim, obrigada. Acho que o pior já passou. — Clare lhe entregou uma xícara de chá de ervas e observou enquanto Sage tentava beber devagar. — Aconteceu alguma coisa interessante hoje?

— Muitas partidas e chegadas. O duque D'Amiran está furioso com alguma coisa. Passou quase o dia todo andando de um lado para o outro nas muralhas externas, encarando a floresta.

Sage sorriu consigo mesma.

— O que nossa escolta anda aprontando?

Clare ofereceu um pãozinho para ela.

— Vi poucos deles além dos soldados que patrulham ao nosso redor de vez em quando. Acho que estão mantendo a discrição. Uma das criadas disse que o duque estava gritando com o capitão Quinn hoje de manhã.

Sentindo-se culpada, Sage disse:

— Sinto muito por não ter visto Gramwell hoje.

— Ele me falou ontem à noite que não poderia me escrever ou se aproximar por um tempo, mas que, se o duque dissesse alguma coisa interessante, eu deveria contar a você. — Clare estreitou os olhos. — Por que seria perigoso um membro da nossa escolta falar comigo?

— Ele disse “perigoso”? — Sage perguntou.

— Não, mas não sou boba, e você muito menos.

Ash deveria se sentir da mesma forma quando ela o enchia de perguntas.

— Clare, uma situação arriscada está se formando e não posso revelar os detalhes, mas não porque não confie em você. Qualquer pessoa que souber estará correndo risco.

— E, quando tudo acontecer, como vou poder ser útil se não souber de nada?

— Vou contar para você. Ou um dos soldados vai. Ou Darnessa. — Sage acrescentou a casamenteira porque desconfiava que ela sabia muito mais do que revelava. Elas se encararam com teimosia até ouvirem uma batida na porta.

Clare levantou e colocou a bandeja no colo de Sage.

— Vou tentar me contentar com isso por enquanto. — Ela deu a volta na cama para atender a porta e voltou com um bilhete. Antes que Sage pudesse impedi-la, ela o abriu e leu, depois o entregou.

Capela principal, uma hora antes da meia-noite.

A

Sage ergueu os olhos para Clare, que a encarava de volta com as sobrancelhas erguidas.

— Você não estava passando mal ontem à noite, não é? — Clare perguntou. — Estava com ele. — Sage pressionou os lábios e a amiga revirou os olhos. — Só me avise quando eu tiver de começar a temer que você não volte.

Sage esperou cheia de nervosismo na capela escura, tão ansiosa para rever Ash quanto para confrontar o capitão. Ela sentiu um vento atrás de si e o calor de uma pessoa às suas costas. Solto um grito quando um braço pegou sua cintura. Uma mão enluvada cobriu sua boca e ela foi erguida do chão. Sage a mordeu, preparando o braço para acotovelar o agressor com todas as suas forças.

— Pelo amor do Espírito! — Ash sussurrou em seu ouvido. — Sou eu.

Ele a soltou e ela virou para empurrá-lo.

— Você quase me matou de susto!

Os dentes de Ash cintilaram sob a luz fraca enquanto ele chacoalhava a mão no ar.

— Boa reação. — Ele tirou a luva e flexionou os dedos. — Ai.

— Você mereceu. — O coração dela estava batendo tão forte que podia senti-lo na ponta dos dedos.

— Mereci mesmo. — Ele a puxou de lado, olhando ao redor. — Vamos a uma reunião de planejamento, mas tenho que explicar uma coisa primeiro. — O coração de Sage tinha começado a se acalmar, mas então deu outro pulo. Ash respirou fundo. — Robert já foi, então agora é seguro dizer para você quem ele era.

— O tenente Gramwell, certo? — Ela queria mostrar que tinha descoberto sozinha.

— Por que acha isso?

— Você não queria que eu conversasse com os oficiais, então devia ser um deles. Gramwell não deixava Clare em paz, e quem senão um príncipe seria tão atrevido com uma noiva do Concordium? E ele falou para ela que não a veria por um tempo. — Sage ouviu Ash grunhir baixo. — Vou fazer de tudo para tornar a união possível. Ela daria uma rainha maravilhosa.

— Pela primeira vez, você está enganada. — Ele ergueu a cabeça de repente ao ouvir um barulho perto do altar, então puxou o braço dela. — Por aqui.

Ash a guiou por uma porta lateral e a puxou na direção dos aposentos dos soldados. Ao longo do caminho, ela tentou descobrir onde tinha errado. Ele a guiou para dentro do quartel, parando para fechar a porta atrás deles.

— Quinn — Sage disse quando ele virou para ela.

Ash teve um sobressalto.

— O quê?

— O príncipe Robert estava fingindo ser o capitão Quinn.

Ele engoliu em seco.

— Sim. — Ele olhou preocupado para a porta do capitão.

Ela esperou, mas Ash não disse mais nada. Depois de alguns segundos, Sage arriscou:

— Casseck é na verdade o capitão?

— Dá para parar com os palpites? — Ash levou a mão direita ao seu rosto, com os olhos escuros fixos nos dela. — Tem uma coisa que preciso te contar. Algo

importante.

— O quê? — ela sussurrou, deixando o mistério de lado. Agora, entendia por que ele estava nervoso. Ash queria dizer o que não podia revelar antes. As palavras que mudariam tudo.

Ele hesitou.

— Ensaiei isso várias vezes, mas ainda não sei como contar.

Ela se aproximou e colocou uma mão trêmula no braço dele. *Por favor*, pensou sem conseguir pôr para fora. *Não preciso de palavras bonitas, só...*

A porta do capitão se abriu, lançando um feixe de luz na direção deles.

— Capitão?

Sem abaixar a mão, Ash virou a cabeça devagar para ver o tenente Gramwell, que percebia agora sua intromissão.

— Desculpe, senhor, mas estamos prontos para começar quando quiser.

Ash respondeu com um aceno breve.

— Obrigado. Preciso só de alguns minutos.

Gramwell fechou a porta depois de lançar um olhar arrependido para Sage. De novo, eles estavam a sós sob a luz de uma única tocha. Ash continuou a encarar a porta, cerrando o maxilar.

— *Você* — ela sussurrou. — *Você* é o capitão Quinn? — Os olhos escuros dele se voltaram para ela, envergonhados. A fúria da compreensão se espalhou pelo corpo de Sage como um incêndio incontrollável, queimando todas as terminações nervosas em sua pele.

Era tudo mentira.

Tudo nele não passava de *mentira*.

Não existia Ash Carter.

A visão dela se turvou. Sage recuou, soltando o braço dele, para em seguida mudar de ideia e lançar o punho cerrado na direção do seu rosto. Com a mão que antes repousava na bochecha dela, Quinn desviou do golpe e segurou seu punho, forçando-o a descer num arco veloz. Com o braço esquerdo, ele imobilizou os braços dela ao lado do corpo e a puxou com força para perto de si.

— Talvez eu mereça isso — o capitão disse, apertando-a. — Mas não podemos nos atrasar por causa de um nariz quebrado.

O braço direito dele estava pressionado entre os dois, comprimindo a mão esquerda de Sage com o cotovelo. Ele a envolveu com uma perna para imobilizá-la. Sage não conseguia se mover nem um centímetro.

— Seu duas caras filho da puta! — ela sussurrou. — É assim que um oficial honrado do reino se comporta?

— Para proteger a coroa, sim. — A frieza dele só a enfureceu mais, e Sage se contorceu e se debateu contra a pressão ferrenha dele, com o punho esquerdo latejando de dor. — Você mesma nem sempre foi honesta sobre sua identidade e suas motivações, *milady*.

Era algo cruel de se dizer. A cada segundo, o Ash que ela conhecia se afastava mais, e a verdade era que nunca havia sido real.

— As minhas mentiras nunca tiveram a intenção de usar ou ferir as pessoas, *capitão Quinn*. — Sage disparou o nome como um xingamento.

Quinn olhou para Sage sem piscar até ela virar o rosto. Tinha caído na farsa dele como uma garotinha apaixonada — logo ela, que se orgulhava de sua perspicácia, de sua capacidade de enxergar através das máscaras. E por quê? Porque queria um príncipe, um conto de fadas. A maré de raiva baixou, deixando para trás um abismo de mágoa, o que era pior ainda. Ela relaxou contra ele com um soluço abafado.

Quinn afrouxou a perna e aliviou a pressão nas costas dela o bastante para que libertasse o braço direito. Sage poderia ter tentado escapar dos braços dele naqueles segundos, mas não queria mais tentar. Ele secou suas lágrimas com os dedos enquanto ela encarava o vazio. Era humilhante. Não tinha chorado nem quando seu pai morrera.

— Nunca quis magoar você — ele sussurrou.

Ela não responderia, não olharia para ele, não faria nem sim nem não com a cabeça.

— Sage, por favor, me perdoe pela maneira como tudo aconteceu. Daqui em diante, só direi a verdade; prometo.

Como ele poderia achar que aquilo significava alguma coisa?

— Não quero sua verdade. Eu a odeio. — A voz dela soou abafada aos seus próprios ouvidos. — Odeio você.

— Vou dizer mesmo assim: eu te amo, Sage Fowler. De todas as coisas que disse e fiz, *essa* é a mais verdadeira.

De todas as coisas que Quinn poderia ter dito, aquela era a pior. Com a mão esquerda livre, ela recuou e deu um tapa na cara dele com toda a força.

SAGE IGNOROU OS SORRISOS SOLIDÁRIOS de Casseck e Gramwell ao passar por eles. Mas ela não os odiava — a culpa era do capitão, que agora puxava uma cadeira para a mesa. Quinn gesticulou para Sage sentar, o que ela fez sem encará-lo. Sage se recusava a voltar para o quarto. Talvez fosse por teimosia; talvez por lealdade a Darnessa e Clare. Talvez simplesmente não suportasse a ideia de ser deixada de fora. Mas, quando ele tinha oferecido libertá-la de qualquer participação nos planos deles, ela apenas virou as costas e caminhou até a sala de reunião.

Os tenentes esperaram silenciosos do outro lado da mesa enquanto Quinn sentava ao lado dela. Eles a trataram como uma deles, e não como um bichinho de estimação, como tinha medo de que acontecesse, embora talvez aquele respeito fosse inspirado pela marca vermelha no rosto do capitão.

O que ela descobriu era assustador. Os cento e trinta homens de que tinha ouvido falar eram na verdade duzentos soldados kimisaros, embora pelo menos dez tivessem sido mortos. Enquanto Quinn mostrava para ela como os esquadrões estavam dispostos ao redor deles, sua mente fez uma associação.

— O comandante deles está aqui. — Ela apontou para um grupo perto do desfileiro. Todos a encararam.

— Por que diz isso? — perguntou Quinn.

— Naquela manhã em que eu estava na muralha, um falcão treinado rodeou este ponto antes de pousar. Estava vindo do sul.

— Como sabe que não era só um falcão comum? — Quinn perguntou. Em resposta, ela ergueu a sobrancelha, e ele bufou sem sorrir. — Certo. Uma passarinhira sabe a diferença.

A maior parte da reunião foi dedicada a definir a reação dos soldados caso o duque agisse antes da doença fazer efeito. A responsabilidade dela seria reunir e esconder as damas e, se fossem levadas, ficar alerta a uma tentativa de resgate. Portanto, depois de tudo que tinha feito por Quinn, ele queria que ela ficasse só esperando.

— Posso fazer mais — Sage argumentou. — Como mulher, posso oferecer... distrações específicas.

Quinn ignorou a ideia.

— Fique à vontade para desmaiar se necessário, mas estamos falando de uma batalha, Sage.

De alguma forma, seu nome na boca dele era um insulto; Quinn não tinha o direito de tratá-la de maneira tão informal. Sage cruzou os braços.

— Eu estou falando de uma batalha. Os guardas de D'Amiran são lascivos. Podemos usar isso a nosso favor.

Os olhos de Quinn se arregalaram.

— Nem pense nisso. — Casseck e Gramwell se remexeram desconfortáveis. — Além do mais — ele continuou, com o olhar incisivo —, você prometeu seguir ordens, se lembro bem.

— E *voce* prometeu... — Ela hesitou. Um silêncio constrangedor caiu sobre os tenentes, que olhavam para tudo menos para o capitão. Sage beliscou o próprio braço para se segurar. Ela não choraria. Não ali. Suas unhas se cravaram na carne através da jaqueta e da camisa, mas ela manteve a compostura.

— Srta. Sage — o tenente Casseck disse —, é isso que precisamos de você. É realmente importante e deixa um homem livre para lutar.

Sage apertou com mais força enquanto virava para Casseck. A expressão dele era franca, sincera. Por isso ela cedeu, mas permaneceu em silêncio durante o resto da reunião.

Gramwell saiu quando dispensado, mas Casseck continuou ali.

— Preciso verificar algumas coisas antes de levá-la de volta — Quinn disse. — Pode esperar com ela?

Casseck fez que sim.

Depois que Quinn saiu, o tenente puxou uma cadeira e ficou de frente para Sage, mas não disse nada. Depois de um minuto, ela perguntou:

— Há quanto tempo estou envolvida?

— Desde a noite em que ele te conheceu — Casseck respondeu. — O codinome para o primeiro agente a entrar numa situação é Rato, porque ele deve pegar as migalhas sem ninguém notar. Mas você o viu e isso mudou tudo.

Ela cerrou os punhos embaixo da mesa. Quinn a tinha usado desde o primeiro dia.

— Eu também tinha um codinome?

— Ele chamava você de Estorninho.

Estorninho. Um pássaro inútil e irritante que grasnava todos os seus segredos.

Casseck a observou lutar contra as lágrimas.

— Mentir não foi fácil para ele — o tenente disse. — Na verdade, quanto mais tempo passava, mais difícil ficava.

— O que está feito está feito — Sage disse, com frieza. Ela só queria dormir e esquecer tudo. — Se Quinn não tivesse feito o papel de Rato, talvez nunca tivessem descoberto o que estava acontecendo. — Casseck concordou e eles voltaram a ficar em silêncio. Finalmente, ela disse: — Lembro do Rato sendo mencionado durante a reunião... Vocês falavam dele como se não estivesse aqui.

— É uma tática de espionagem. Confunde qualquer pessoa que possa estar ouvindo e diminui a confusão sobre quem está fazendo o quê, no papel de quem, e quais são as relações entre todo mundo. — Casseck puxou a cadeira mais para perto e apoiou os cotovelos na mesa, claramente aliviado com o assunto profissional. — O hábito também é útil para quem está trocando de identidade. Mantém os personagens separados na cabeça da pessoa, facilita sair de um e entrar no outro.

A implicação a fez passar mal. *Eu te amo, Sage Fowler*. Qual das duas pessoas tinha dito aquilo? Importava? Uma era uma mentira e a outra ela odiava.

Casseck balançou a cabeça como se lesse seus pensamentos.

— Não, srta. Sage, sou o amigo mais antigo dele e posso dizer...

A porta se abriu, e Sage e Casseck tiveram um sobressalto quando Quinn entrou. Ele olhou de um para o outro antes de caminhar até a porta do quarto.

— O que quer que estivesse prestes a dizer, tenente, guarde para você.

Casseck encolheu os ombros para Sage, encabulado.

Quinn voltou alguns segundos depois, enfiando algo no gibão.

— Acho que podemos ir agora. — Ele saiu pela porta sem esperar por ela. Sage olhou para o tenente antes de levantar e ir atrás.

— Sage — Casseck chamou, e ela parou para olhar para trás. — Só... pegue leve com o capitão. — O tenente sorriu. — Ou pelo menos não bata nele de novo.

Quinn esperava por ela no corredor.

— Foi boa a conversa? — ele perguntou, erguendo a sobrancelha.

— Muito informativa — ela respondeu com frieza.

— Quer me dizer alguma coisa?

— Não, acho que já me expressei o bastante por hoje.

Ele esfregou a bochecha.

— Eu mereci.

— Pelo menos em alguma coisa concordamos. — Ela se sentiu ligeiramente

satisfeita, mas também sabia que o capitão podia ter desviado do golpe. Quinn tinha deixado que batesse nele.

Voltaram em silêncio. Não havia nenhum guarda além do posicionado à porta do Grande Salão, que não parecia interessado em nada além de coçar a orelha. Eles chegaram à ala de hóspedes sem ver mais ninguém. Ao chegar ao quarto, Sage virou para deixá-lo sem se despedir, mas Quinn a segurou pelo cotovelo.

— Você está envolvida, por bem ou por mal — ele disse —, então precisa tomar precauções extras. — Relutante, Sage fez que sim e o capitão continuou: — De agora em diante, não vá a lugar nenhum a menos que realmente precise, e sempre fale para alguém onde está. Não confie em nenhum bilhete que não venha diretamente de nós ou que não reconheça como meu.

Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta, pegou uma faca e a colocou na mão dela.

— Leve isso com você aonde quer que vá.

Sage olhou para a adaga embainhada. O cabo era preto e tinha duas letras douradas gravadas: *AQ*.

— Se tiver algum problema, um dos meus homens vai perceber. Se nenhum estiver por perto... lembre do que te ensinei.

Ela não queria aquela arma — a faca pessoal dele —, mas sua lógica fazia sentido.

As mãos de Quinn ainda seguravam a sua.

— Vai ficar bem?

Ela apertou a faca e fez que sim.

— Boa noite, Sage. — Ele ergueu a mão dela até a boca e deu um beijo leve como uma pluma em seus dedos. Ela puxou a mão ao toque dos seus lábios e Quinn a soltou.

Sage entrou no quarto, recusando-se a olhar para ele enquanto batia a porta na sua cara. Fechou o trinco com força e o som ecoou em meio ao silêncio.

Não tinha ideia de como enfrentaria o dia seguinte.

NA MANHÃ SEGUINTE, Quinn cumpriu seus deveres e fez suas inspeções, pensando em como seu pai desejava que ele aprendesse a ser paciente. Bom, agora estava aprendendo à força.

Ele criou o hábito de dar várias voltas por dia nas muralhas interna e externa, e às vezes se demorava nos pontos de onde podia ver o jardim. No local onde se encontrava agora, podia ver Sage sentada num banco de pedra. Ela havia tingido o cabelo e usava um vestido que a fazia parecer um daqueles pavões maquiados que ele estava protegendo, mas Quinn reconheceu a forma como andava, como virava a cabeça de lado ao sorrir e como cruzava as mãos quando estava estressada. Um par de rapazes a rodeava, disputando sua atenção. Ele se debruçou no parapeito de madeira e observou, desejando em silêncio que ela olhasse em sua direção, o que não aconteceu.

O capitão estava tão concentrado que só foi notar Casseck quando já estava ao seu lado.

— Então, o que disse para ela ontem à noite? — ele perguntou.

Quinn abaixou os olhos.

— A verdade.

— Certo. E qual foi a reação dela?

— Não foi verbal, mas ficou bem clara. — Ele esfregou a bochecha ainda dolorida.

— Sinto muito.

— Estava esperando isso, mas tinha de contar mesmo assim. — A mágoa e a fúria não haviam sido uma surpresa, mas a expressão vazia que tomara conta dela depois tinha sido o pior. Foi um alívio quando ela reuniu emoções suficientes para bater nele depois daquela apatia.

— Ela vai se acalmar com o tempo, Alex. Vocês ainda podem se reconciliar.

Quinn bufou.

— Se D'Amiran não nos matar antes.

— Otimista como sempre. O que me lembra: vim fazer meu relatório.

Quinn se endireitou.

— Diga.

— Foram tantas as chegadas que eles estão montando tendas agora. — Casseck apontou para o pátio interno, onde estavam armando uma grande lona circular. — Mas são poucos os guardas com eles, o que significa que não temos muito com que nos preocupar além dos soldados de D'Amiran.

— E dos kimisaros. — Quinn apontou para o topo da torre de granito. — As bandeiras lá no alto mudaram de lugar hoje de manhã. Imagino que seja assim que o duque conversa com eles. — Ele tocou o lábio enquanto observava a atividade no pátio. — É uma boa notícia sobre as chegadas, embora seja tarde demais para pegar a doença. Se der certo.

— Essa é a outra boa notícia — disse Casseck. — Acabei de encontrar Charlie na latrina. Não estava se sentindo muito bem.

Aquela era mesmo uma boa notícia, mas Quinn não conseguiu sorrir, devido à culpa se retorcendo em seu estômago.

A CRIADA ENTROU PARA PREPARAR O QUARTO PARA A NOITE. Ela empilhou mais lenha perto da lareira e espanou as cinzas das brasas antes de acendê-las. Depois, pendurou uma chaleira sobre as chamas baixas para que as damas tivessem água quente para o chá e limpou as mãos no avental. Aquele quarto era mais fácil de arrumar do que os outros — suas ocupantes eram menos exigentes. Sempre acabava se esforçando mais nele, simplesmente porque as damas eram gentis e davam valor ao seu trabalho. Naquele dia, porém, estava com um pouco de dor de barriga, e cumpriu suas tarefas com pressa para ter tempo de descansar antes do jantar.

Ela espanou e afofou as almofadas nas poltronas, trocou as velas menores e tinha acabado de virar para fazer a cama quando a porta se abriu atrás dela e um dos guardas do castelo entrou, olhando para ela com maldade. Ele era enorme e tinha uma aparência perigosa, com um pedaço grande de uma orelha faltando. As intenções dele ficaram óbvias quando trancou a porta atrás de si e mandou um beijo para ela. Desesperada, a criada olhou para a janela pequena. Alguém viria ao seu socorro se gritasse? O homem sorriu enquanto ela tentava calcular se chegaria à abertura antes de ele alcançá-la.

A criada pulou em cima da cama, rolando pela coberta de cetim e parando em pé do outro lado. Chegando à janela aberta, tomou fôlego para gritar o mais alto possível, mas a mão dele cobriu seu rosto e a puxou para trás. Em poucos segundos, ele a tinha jogado no chão, e só soltou sua boca para apertar os dedos carnudos em volta do pescoço dela.

— Sugiro que fique quieta — ele sussurrou com malícia em seu ouvido. A criada começou a chorar.

O homem tirou uma faca grande do cinto e a encostou no ombro dela.

— Não estou exatamente no clima agora, mas isso pode mudar dependendo de como responder às minhas perguntas. Podemos começar com algo simples. — Ele recuou e olhou para a criada de cima. — Como se chama?

— Poppy — ela choramingou. — Poppy Dyer.

— E de onde você vem, pequena Poppy Dyer?

— Da colina Garland.

— Você foi contratada pela casamenteira como criada das damas para a jornada? Ela fez que sim, com lágrimas escorrendo para o cabelo.

— Por favor, não me machuque.

— Você está indo bem, Poppy. — O guarda sorriu, mas não trouxe nenhum alívio para ela. — Vamos tentar algumas perguntas mais difíceis. Como se chamam as mulheres que dormem neste quarto?

Poppy engasgou.

— Lady Clare Holloway e Lady Sagera Broadmoor.

O homem balançou a cabeça desapontado.

— Sei que isso não é exatamente verdade, pequena Poppy. — Ele levou a faca da clavícula à cintura dela, e cortou os cordões de seu corpete para abri-lo, fazendo-a se debater brevemente. — Vamos tentar mais uma vez. Como se chamam as mulheres que dormem neste quarto?

A srta. Rodelle não queria que ninguém soubesse que Sage na verdade era sua aprendiz. Mas nenhum segredo tolo da casamenteira importava diante da ameaça daquele homem.

— Clare Holloway — ela soluçou. — E Sage Fowler.

— Muito melhor — o guarda disse, com a voz amena, pousando a ponta da faca no decote de seu vestido de linho. — Agora vamos descobrir o que você sabe sobre Sage Fowler.

SAGE VOLTOU PARA O QUARTO ENTORPECIDA. Não conseguia lembrar de metade do que havia acontecido naquele dia. Como um cavalo de antolhos, só conseguia se concentrar no que estava diretamente à frente dela. Se não via Quinn, não tinha que pensar nele.

Ela se jogou na cama, desejando poder pegar no sono na mesma hora, mesmo naquele vestido ridículo, com espartilho e tudo; mas haveria uma reunião naquela noite e ela tinha notícias a dar. Era provável que o capitão a buscase em breve, a menos que fosse covarde demais para fazê-lo pessoalmente.

Alguém bateu na porta. Sage grunhiu e saiu da cama. O céu lá fora ainda estava claro, então era cedo demais para Quinn. Clare não bateria, então só podia ser Darnessa.

— Pode entrar — ela gritou.

Enquanto a casamenteira abria a porta, Sage sentiu um rompante de raiva. Boa parte da turbulência emocional dos últimos dias a lembrou de quando tio William lhe dissera que ela teria a avaliação com a casamenteira. Tudo aquilo, passado e presente, tinha sido orquestrado pela mulher. Ela se levantou e encarou Darnessa.

— Há quanto tempo você sabia? — Sage perguntou. — Desde o começo?

Darnessa suspirou enquanto fechava a porta.

— Desde Underwood. Deixei que ele te usasse. Mas não era para acontecer dessa forma.

Sage deu um passo à frente, estreitando os olhos.

— Como exatamente era para acontecer?

A casamenteira torceu as mãos, parecendo pequena pela primeira vez.

— Vocês deviam ser só amigos. Deveria confiar nele, ajudá-lo. Minha esperança era de que, quando tudo isso acabasse, você se permitisse vê-lo como algo mais.

— *Algo mais.* — Sage cerrou os punhos. O controle frágil que ela havia mantido o dia todo começava a ruir.

— Só queria que você fosse feliz. E você *estava* feliz — Darnessa insistiu.

- Ele mentiu para mim.
- Você também mentiu para ele.
- *A mando seu!* — Sage gritou.

Darnessa deixou os braços caírem e se endireitou.

- Não fiz nada disso para me divertir, Sage. Nem ele.

Por mais furiosa que estivesse, Sage sabia que a primeira parte era verdade — a casamenteira nunca abusava de sua influência, e punia quem o fazia. Quanto a ele... Era mais fácil sentir ódio do que admitir que ela havia acreditado que um príncipe poderia se apaixonar por ela. Não era tão cega ao status e ao poder como pensava.

- Ele não é quem pensei que fosse.
- E quem sou eu, Sage? A alta casamenteira... ou Darnessa?
- O que isso quer dizer?
- Representamos vários papéis ao longo da vida... isso não faz com que todos sejam mentira. — Darnessa se aproximou, erguendo as mãos em súplica. — Sou a alta casamenteira de Crescera. Tomo decisões calculadas que afetam a vida de centenas, talvez milhares. Sou essa pessoa. — Ela parou quando sua saia encostou na de Sage e estendeu a mão no espaço entre elas. — Também sou apenas Darnessa. Sua amiga.

Sage deu um passo para trás antes que Darnessa pudesse tocá-la.

- Você não é minha amiga — ela disparou. — É a alta casamenteira há tanto tempo que esqueceu como *não* manipular as pessoas. Amigos não fazem isso.

- Você não é nenhuma especialista em amizades. — Darnessa abaixou a mão.
- Mas está certa. Peço desculpas.

- Isso não conserta nada. — Ela passou pela mulher e caminhou até a porta, abrindo-a para encontrar Clare do outro lado com uma expressão culpada. Dando meia-volta, Sage se dirigiu à casamenteira. — Boa noite.

Darnessa assentiu, com o rosto enrugado como um guardanapo usado. Clare abriu passagem para ela, depois entrou e trancou a porta atrás de si. Por alguns segundos, as duas se encararam a alguns metros de distância.

- Você está bem? — Clare sussurrou.

- Não — disse Sage. — Era tudo mentira. — Ela caiu em prantos, e Clare a abraçou e deixou que chorasse.

QUINN LIMPOU A TESTA DE CHARLIE COM UM PANO FRIO.

— Como está se sentindo, rapaz?

— Melhor agora. — Charlie apertou a barriga e se remexeu no beliche do quarto que o irmão dividia com Cass. — Daqui a um minuto levanto e termino meu trabalho.

O capitão balançou a cabeça.

— Não, fique aqui. Vai passar daqui a uns dias. Só descanse.

— Como você sabe?

O nó na garganta de Quinn se apertou.

— Já vi isso antes.

— Entendi — Charlie respondeu. — Mas vou pegar o balde.

— Não, deixa que eu pego. — Quinn levantou e pegou o balde fedorento coberto por uma toalha suja e molhada. — Tenho que cuidar de algumas coisas, mas fique aqui e me chame se precisar de algo. Beba esse chá quando achar que consegue. Isso são ordens.

Charlie fez que sim, fechando os olhos febris enquanto o irmão saía.

Quinn levou o balde até a latrina, esvaziou e limpou. Depois, lavou o rosto e as mãos na água fervida e jogou a camisa no caldeirão fumegante em que os soldados já tinham começado a lavar as roupas contaminadas. Não podia se dar ao luxo de deixar mais alguém adoecer, muito menos ele próprio.

Mas tinha deixado que acontecesse com Charlie. A lógica era incontestável — o pajem não seria um lutador a menos; eles precisavam de um sinal precoce de que a doença funcionaria; e Charlie já tinha se exposto ao derramar o líquido na cisterna. Nada daquilo aliviava a sensação de culpa.

Quinn voltou para o quarto, deixou o balde onde Charlie poderia pegá-lo e trocou a camisa antes de sair para buscar Sage para a reunião daquela noite. Ele chegou cedo, com medo de que ela fosse ao quartel desacompanhada.

Ela atendeu a porta, usando calça e pronta para sair, mas Quinn entrou antes. Uma chama baixa na lareira proporcionava a única luz, mas a visão dele já estava

acostumada o bastante para ver a vermelhidão inchada em volta dos olhos dela. Sage havia chorado.

Por causa dele, do que tinha feito.

Quinn só foi perceber que tinha mais alguém no quarto quando houve um movimento perto da lareira. Era apenas Lady Clare. Ela levantou para cumprimentá-lo, e ele se perguntou o que sabia. Concluiu que não muito. Sage não colocaria sua amiga em risco, mas, pelo olhar hostil da moça, ele viu que sabia o bastante para responsabilizá-lo pelas lágrimas de Sage.

— Capitão Quinn — Clare disse, estendendo a mão. — Creio que não fomos apresentados formalmente.

Ele tocou os dedos dela com os lábios. Sage observou, impassível.

— Lady Clare, é um prazer conhecê-la.

Clare tirou a mão.

— Estava saindo agora mesmo para conversar com uma das criadas. Imagino que já vai ter saído quando eu voltar. — Seus olhos castanhos eram duros e passavam uma mensagem silenciosa: *Se machucar minha amiga de novo, vai se ver comigo.*

Ele fez uma reverência e a moça saiu, lançando um último olhar para Sage. Quando ficaram a sós, Quinn limpou a garganta.

— Diga o que tem a dizer — ele pediu.

Sage pareceu confusa.

— Sobre o que descobri hoje?

— Bom, pode ser. — Ele arrastou os pés. — Ou qualquer coisa que gostaria. O que quiser saber... Vou responder tudo agora.

Uma onda de surpresa perpassou o rosto dela, dando uma faísca de vida à sua postura desanimada.

— Certo, então. Por que continuou mentindo depois que contei quem eu era? E não diga que foi para me proteger.

— Principalmente para proteger Robert. — Ele tentou não demonstrar nervosismo. — Mudei a missão do Rato no último minuto e, como nunca tinha sido um agente secreto antes, aproveitei a oportunidade para aprender. Ainda precisávamos de um capitão, porém, e Rob parece muito comigo. Pensei que, depois de alguns dias, retomaria minha função e ninguém notaria caso ele continuasse um pouco distante. Quando você se ofereceu para me ensinar a ler, não pude dizer não, então entrei no jogo, especialmente porque você e aquele livro se tornaram mais interessantes. Eu também gostava da liberdade de não ser capitão. — Ele tentou sorrir. — E da sua companhia.

Sage esperou, sem dizer nada.

Quinn respirou fundo.

— A questão é: descobrimos que estávamos cercados e manter Rob escondido se tornou uma necessidade. Se eu tivesse voltado à minha função...

— Teria revelado quem ele era — ela completou.

Quinn concordou e abaixou os olhos.

— Todas as decisões que tomei nos colocaram na melhor posição possível para estragar os planos de D'Amiran, e Robert está seguro agora. Não me arrependo de nada, exceto de ter magoado você. Mas... — Ele hesitou. — Poderia ter contado antes. Foi covardia.

— Você não precisava me beijar — ela disse rígida. — Não fora da casa de armas, pelo menos.

— Não precisava mesmo. — Ele ergueu os olhos para Sage. O beijo dela era como um raio de sol. — Mas eu queria.

Sage corou e desviou os olhos, abraçando os cotovelos à frente do corpo. Ele só não sabia se de raiva ou vergonha.

— Você foi uma complicação, Sage, que eu nunca teria como prever. Queria poder fazer com que entendesse. — Quinn encolheu os ombros, desamparado. — Mas eu mesmo não entendo. Só sei o que sinto.

Os olhos cinza dela o encararam de volta, mas Sage continuou em silêncio.

Quinn engoliu em seco. Ele tinha sido um tolo de pensar que suas mentiras eram perdoáveis. Amá-la só piorava as coisas.

— Nem sei seu primeiro nome — ela disse abruptamente. — Mas acho que posso te chamar de capitão como todos os outros. — Ela desviou os olhos de novo e corou num tom escuro de rosa.

Pelo Espírito, não era de surpreender que ela o tratasse como um estranho.

— Alexander — ele sussurrou. — Alex.

— Alex — ela sussurrou de volta, com uma suavidade na voz.

Era o bastante. Por enquanto.

ALEX. O NOME ECOAVA EM SUA MENTE TODA VEZ que Sage olhava para ele. Era um nome forte, combinava com o homem que detinha a atenção de seus oficiais com confiança e liderança naturais. Mas também apresentara uma leveza e uma intimidade quando ele o sussurrara no quarto dela. Às vezes, Sage olhava nos olhos escuros dele e via um vestígio de incerteza lá no fundo. As palavras de Darnessa voltaram à sua cabeça.

Representamos vários papéis ao longo da vida... isso não faz com que todos sejam mentira.

Gramwell estava fazendo seu relatório sobre os testes do que os homens de D'Amiran notariam ou não. Os soldados tinham conseguido alguns barris de óleo e dois tipos de álcool muito puro, e planejavam distribuí-los pela fortaleza para ajudar a criar pânico e destruir armas. Vários dos guardas do duque tinham faltado na última refeição ou comido pouco, e Sage notou a ausência de três lordes no jantar, evidências de que a doença estava se espalhando.

— Mas os lordes podem ter contraído a enfermidade no caminho para cá — ela comentou, com medo de que confiassem demais na ideia dela. Pelo Espírito, como Quinn tomava decisões de vida ou morte com tão poucas informações?

— Como Charlie passou mal hoje à tarde, estou otimista — ele disse.

Quinn havia deixado o próprio irmão adoecer para testar a arma. Era típico dele. Ela cruzou os braços e desviou os olhos, mas não antes de notar a culpa no rosto do capitão.

Sage prestou atenção nos lugares onde colocariam o óleo e o álcool para poder manter as mulheres longe daquelas áreas. A conversa se voltou para como enfrentar o longo quartel com dormitórios independentes no pátio externo, de preferência com vários guardas doentes dentro, e Sage ficou ouvindo sem prestar muita atenção enquanto estudava seu mapa da fortaleza. Era baseado quase unicamente no desenho dela, mas com alguns acréscimos. Ela mal ergueu os olhos quando Gramwell saiu e voltou com dois homens recrutados que pareciam irmãos. Os oficiais começaram a questionar os soldados sobre como começar um

grande incêndio rapidamente.

— Não é difícil, senhor — o mais baixo dizia. — Só precisa espalhar. Evapora bem rápido, depois enfraquece. Mas, se pegar no começo, pode ser explosivo.

Aquilo chamou a atenção de Quinn.

— Explosivo?

Os dois soldados concordaram, e o mais baixo continuou:

— Em um espaço fechado, é mortal. Posso mostrar pro senhor?

— Se puder fazer isso sem nos matar... — Quinn disse, erguendo as sobrancelhas.

— Claro, senhor. Só preciso de uma garrafa e um pouco da bebida.

Os materiais foram trazidos e o mais baixo despejou um dedo de líquido transparente numa garrafa vazia. Ele levou o polegar ao gargalo e girou o líquido um pouco, até a maior parte quase desaparecer. Então, mantendo a garrafa tampada, colocou na mesa e fez sinal para todos recuarem.

Quinn puxou Sage para trás, de modo que ela teve que espiar por cima de seu ombro. Ele manteve o braço em uma posição protetora, pronto para afastá-la ainda mais se necessário. Tão de perto, era impossível não sentir os aromas de couro, sabão de sempre-verde e linho — a combinação característica dele. Sage sentiu que estava se apoiando no capitão. Para ver melhor.

O soldado mais alto pegou uma lasca de madeira acesa da tocha na parede — um tanto nervoso, percebeu Sage. O braço de Quinn a envolveu, os músculos tensos como a corda de um arco.

Em um movimento rápido, o primeiro soldado soltou a garrafa e o segundo derrubou a lasca acesa na abertura, depois os dois pularam para trás. Um estouro sonoro ecoou pela sala enquanto uma chama azul disparava, transbordando chama pelo gargalo durante alguns segundos. Então acabou. O homem mais baixo pegou a garrafa e a girou de novo, e um traço de chama azul dentro dela cintilou e desapareceu.

Quinn a soltou e deu um passo à frente.

— Excelente. Como fazemos isso acontecer numa sala grande?

A dupla pareceu em dúvida.

— É preciso colocar no ar, senhor — o homem mais baixo disse. — Você pode atirar algumas garrafas como esta na sala.

— Mas evapora bem rápido, certo? — perguntou Casseck.

O homem balançou a cabeça.

— Demoraria um pouco ainda pra conseguir esse efeito. Mas talvez seja o suficiente... as chamas se espalhariam como um rio, de um jeito diferente. — Ele

balançou a garrafa no ar.

A discussão se voltou para essa possibilidade, mas Sage se pegou lembrando de um cuspidor de fogo que tinha visto na infância. O homem jorrava uma nuvem fina de álcool no ar e a acendia com uma tocha. Uma vez, criara um círculo de névoa, dera um passo para trás e o acendera à frente dele. Ela sorriu.

— Tenho uma ideia — ela disse.

— Você sempre tem. — Quinn disse, enquanto o resto da sala ficava em silêncio. — Conte para nós.

— Bom — Sage disse, envergonhada por todos estarem olhando para ela. O capitão fez um gesto encorajador com a cabeça. — Estava pensando em foles.

— Foles? — ele repetiu, com a testa enrugada. — Aqueles de atizar o fogo da lareira?

Sage retorceu as mãos.

— Sim, bom, alguns verões atrás, estava muito quente e eu e meus primos pegamos foles, colocamos água e borrifamos um no outro. Se... se só tiver um pouco de água dentro, não sai como um jato, mas uma névoa...

Quinn arregalou os olhos.

— Uma névoa inflamável.

Sage concordou com a cabeça e todos sorriram.

— Isso é genial — disse o homem mais alto, olhando embasbacado para ela. — Quem é você?

— Soldado Stiller, essa é Sage Fowler — disse Quinn, ou melhor, *Alex*, com um sorriso que fez o sangue em suas veias esquentar. — Nossa arma secreta.

D'AMIRAN PROTEGEU OS OLHOS DO SOL e ficou alguns minutos observando a menina antes de se aproximar. Ela parecia tão inocente, sentada no banco sob uma árvore florida no jardim, com um livro pesado no colo. Não muito bonita, porém, e bastante magra. O que Quinn via naquela plebeia? Ele deu de ombros. Talvez simplesmente desse a ele o que queria; como uma falsa noiva, não tinha obrigação de preservar sua virtude.

Geddes, porém, acreditava que o apego de Quinn não era superficial. Por isso era bom que o jovem capitão estivesse longe. D'Amiran tinha aprovado o pedido de Quinn de levar uma equipe ao rio para buscar água potável naquela manhã — acompanhada por seus próprios guardas, claro. O tolo expressara preocupação com o nível baixo da cisterna e resmungara que seus cães de caça estavam confinados, mas era uma vantagem para o duque tê-lo fora do caminho por algumas horas.

Quando sua sombra a cobriu, a garota ergueu os olhos e fez menção de levantar, mas o duque fez sinal para que continuasse sentada.

— Posso lhe fazer companhia, milady?

— É uma honra, vossa excelência — ela disse, com os olhos pálidos arregalados de deslumbre.

— Estava apenas curioso com o que está lendo — D'Amiran disse, sentando no banco de pedra quente e se inclinando para perto. — Não é sempre que vejo uma dama concentrada em um volume tão grande.

— É da sua magnífica biblioteca, excelência — ela disse, acanhada. Então virou os joelhos na direção dele, para que não pudesse se aproximar mais. Provavelmente estava com a adaga que Geddes tinha visto Quinn lhe dar escondida na saia. — Espero que não se incomode de tê-lo trazido aqui. É tão mais agradável ler do lado de fora.

— Mas não por muito tempo. — D'Amiran apontou para as nuvens que se acumulavam nos picos orientais. — Finalmente vamos ter chuvas, e o desfiladeiro vai se abrir. Daqui a poucos dias, vão poder continuar sua viagem.

Ela soltou um suspiro sonhador.

— Acho que vou sentir saudades daqui. Como vim dos campos abertos de Crescera, sempre imaginei que as montanhas fossem escuras e ameaçadoras, mas não são. Tegann nos recebeu com amor, e nunca me senti tão segura.

A pequena passarinhiera era *boa*. Contra vontade, D'Amiran se viu encantado. Ele voltou sua atenção para um pajem que se aproximava, vindo da torre.

— Vossa excelência — o menino disse com uma reverência. Seu rosto estava pálido e ele não conseguia parar direito em pé, como se estivesse com dor de barriga. — O capitão Quinn já está retornando do rio.

A menina ergueu a cabeça. O duque sorriu consigo mesmo.

— Muito bem. Diga ao capitão Geddes para me encontrar na muralha sul.

Quando o pajem foi embora, D'Amiran se voltou para ela.

— Foi uma ótima conversa, ainda que breve, mas deve me dar licença, milady. Tenho questões a resolver.

Ela ergueu a mão para tocar no braço dele.

— Posso perguntar por que nossa escolta foi até o rio?

— Parece que seu capitão não confia que posso fornecer água suficiente para todos aqui — ele disse. — Ou talvez só não aprecie o sabor dela.

— Da sua cisterna? Ah, eu vi aquele sistema maravilhoso, excelência. O capitão sem dúvida está exagerando. Quanta bobagem!

A expressão dela era um misto de receio e indignação, o que o deixou intrigado, mas talvez ela estivesse com medo de que alguém descobrisse sua relação com Quinn. D'Amiran fez uma reverência e beijou sua mão antes de partir para o pátio externo e a muralha sul. O capitão Geddes esperava em um lugar de onde poderiam observar a aproximação do portão traseiro.

Quinn não havia reclamado de não poder levar armas, mas parecia que alguns dos cães de caça tinham capturado coelhos. Nenhum dos cachorros parecia ansioso para voltar aos muros da fortaleza enquanto rodeavam os soldados da escolta, queimando energia. Durante alguns minutos, o duque e seu capitão observaram as carroças subirem a colina.

— Vossa excelência conversou com a garota? — Geddes perguntou.

— Sim — respondeu D'Amiran. — Não faz meu tipo, mas entendo parte do encanto. Ela é definitivamente sedutora quando quer. — O duque sorriu. — Imagino que a vadiazinha planeje seduzi-lo para que se case com ela, mas não acho que já tenha conseguido algo. Destruiria a carreira dele e seria um escândalo enorme e muito divertido de acompanhar. Minha dúvida é: seria mais arrasador tirá-la dele antes ou depois de Quinn ter um gostinho? As duas opções são

poéticas, não acha?

Geddes puxou a orelha mutilada.

— Não acho que vossa excelência deva esperar mais.

— Concordo. — D'Amiran suspirou. — Mas com essa doença, vai ser difícil marchar logo. — Ele refletiu por um momento. — Pensei que a demora das chuvas fosse um sinal da aprovação do Espírito. Tive certeza disso quando descobrimos que o príncipe estava vindo na nossa direção, mas agora estou coberto de problemas. Robert fugiu, essa maldita doença atrasa meus aliados e o idiota do meu irmão não para de inventar desculpas para não marchar.

— Tudo vai estar pronto amanhã, vossa excelência — tranquilizou o capitão.
— Alguns atrasos são inevitáveis.

— Eliminar a escolta poderia ser complicado. A vigilância deles é incômoda e não podemos enfrentá-los diretamente sem colocar algumas vidas em risco. — O duque inclinou a cabeça para o destacamento que entrava pelo portão. — Deveríamos tê-los derrubado agora, enquanto vários estavam no rio, mas perdemos a chance. Podemos enfrentá-los durante uma das revistas?

— Não sem perder alguns de nossos homens. Eles escolheram bem a localização — o capitão admitiu.

D'Amiran fez um gesto de desprezo.

— Não teria sido muito divertido mesmo. Não sei como Quinn conseguiu tirar o príncipe daqui, mas o desgraçado já causou complicações demais. Quero que sofra, para depois poder contar tudo ao pai dele. O que nos leva à garota.

Geddes limpou a garganta.

— Ela o visita no quartel à noite, vestida de homem, mas ele a acompanha na ida e na volta. Talvez possamos separá-los e capturá-la. Como não é uma dama, o que mais podemos pressupor senão que é uma espiã?

— E enforcá-la? — D'Amiran sorriu. — Isso sem dúvida ia provocá-lo, mas é um pouco prosaico. — Ele contemplou a distância com melancolia. — Preciso de poesia na minha vida para enfrentar este lugar cinzento.

— Então a use como desejo; é só uma plebeia. Nada levaria Quinn ao socorro dela mais rápido. E levantar o braço contra vossa excelência seria traição, passível de pena de morte.

— Sim. — O duque soltou a sílaba arrastada. — Seria um poema com certeza.

O pajem de antes subiu correndo a escada mais próxima, agachando-se ainda mais antes de se aproximar.

— Vossa excelência! — ele disse ofegante, apertando a barriga.

D'Amiran deu um passo para trás do garoto. Ele cheirava a esgoto.

— O que foi?

— Vossa excelência tem uma visita. Da floresta.

Huzar. O duque fez uma careta e olhou para Geddes.

— Encontre-o e leve-o para meus aposentos. Vou recebê-lo lá.

— A essa altura ele já deve estar lá, vossa excelência — o pajem falou.

D'Amiran estreitou os olhos e Geddes interveio:

— Há quanto tempo ele chegou, garoto?

— Uns trinta minutos, senhor.

— E só estamos sabendo disso agora? — vociferou Geddes, esbofeteando o garoto com a mão aberta.

— Peço o perdão de vossa excelência, mas tive de usar a latrina antes. Era urgente.

Geddes ergueu o braço para acertar o garoto, mas D'Amiran levantou a mão para impedi-lo. O capitão paralisou.

— Por que nenhum outro mensageiro foi enviado no seu lugar? — o duque perguntou.

O pajem se encolheu para fugir de Geddes.

— Todos os outros estão doentes, vossa excelência. Piores do que eu.

— Todos?

O menino fez que sim.

D'Amiran soltou um som indignado e saiu andando. Geddes o seguiu enquanto ele descia a escada e dava a volta pelo pátio até o portão interno. Enquanto atravessavam o jardim, o duque avistou Fowler e Lady Clare caminhando juntas. A primeira o observou subir a escada para a torre. Naquele momento, ele soube que ela não era objeto dos afetos de Quinn — era espiã dele. Adoraria fazer os dois pagarem.

Quando chegou aos seus aposentos, parando para recuperar o fôlego depois da subida, percebeu que o capitão Huzar tinha enviado um subalterno. D'Amiran sentou e examinou o rosto impassível à sua frente.

— Tenho uma mensagem do meu comandante. — O soldado kimisaro destacava as consoantes como Huzar. Começara a falar sem nenhuma saudação.

Irritado, o duque gesticulou para ele continuar. Os kimisaros aprenderiam como tratar corretamente um nobre depois que tudo estivesse resolvido.

— Os kimisaros estão voltando para casa.

— COMO É? — bradou D'Amiran, levantando-se de um salto.

O rapaz continuou sem pestanejar.

— O acordo está quebrado. Mantivemos nossa parte, mas você não. Seu

exército não marcha. Não há príncipe. Não esperaremos mais. Voltaremos para casa e pegaremos nosso pagamento ao longo do caminho.

— Vou caçar vocês e enforcá-los um por um...

— Não vai. Nós estaremos longe do seu alcance antes de seus soldados doentes conseguirem montar em seus cavalos doentes.

A verdade da afirmação enfureceu o duque, que pegou uma faca do guarda mais próximo e avançou contra o kimisaro. De perto, ele pôde ver que não passava de um garoto.

— Você está errado num aspecto — D’Amiran disse. — Não existe “nós”.

O jovem reagiu apenas com uma leve careta quando a lâmina se cravou em seu pescoço. Ele se manteve em pé mesmo enquanto o sangue jorrava pelo tapete diante da lareira. D’Amiran continuou perto até o soldado cair estatelado, saboreando a pequena vitória que era ter um kimisaro aos seus pés, o devido lugar deles. O duque sorriu enquanto limpava o rosto e devolvia a faca para o guarda.

— Limpem essa bagunça e pendurem-no na lateral da torre para avisar que não precisam esperar por ele. — Ele se virou e se dirigiu ao quarto para trocar a camisa suja e lavar o sangue da barba. — E me tragam a garota. Hoje.

QUINN- ALEX, SAGE SE CORRIGIU — foi buscá-la assim que escureceu. Ela o deixou entrar no quarto e ele começou a andar de um lado para o outro imediatamente.

— Tudo mudou duas vezes hoje.

— Soube que vocês foram até o rio — Sage disse.

Ele fez que sim.

— Pegamos um pouco de água limpa e conseguimos entrar em contato com nossos batedores. Eles encontraram Robert e também um mensageiro do exército principal, que agora está ocupando Jovan. Parece que o general decidiu montar sua base lá, mas não sei por quê.

— Não é uma boa notícia?

— Sim e não — ele respondeu. — Agora que as chuvas começaram, a maior parte do exército vai ficar presa do lado errado do rio Nai durante a cheia. Mas tem um batalhão logo depois do desfiladeiro. Eles poderiam chegar aqui em cinco ou seis dias. Os piquetes querem atravessar o desfiladeiro e pedir ajuda, mas sem chama vermelha, vai levar o dobro de tempo.

— Chama vermelha? — perguntou Sage.

— Pacotes especiais fechados com cera — ele explicou. — Quando queimam, soltam chamas e muita fumaça vermelhas. Só são usados para emergências absolutas, para convocar todas as forças nas proximidades. Tenho cinco.

Ela lembrou de um detalhe de sua volta com Clare.

— Eles têm algumas na torre, para Tegann pedir ajuda. Mas a deles é verde.

Alex fez que sim.

— Verde é para as milícias locais. Vermelho é para o exército real, embora teoricamente qualquer um leal à coroa deva aparecer. Estou pensando em usar uma nossa amanhã. No mínimo, vai assustar os aliados de D'Amiran, indicando que o exército está a caminho daqui.

— E como você vai levar algumas para os batedores?

— Não tenho como — ele disse, chutando o pé da cama, frustrado. — Mesmo

se conseguirmos sair desse rochedo, tem um círculo de kimisaros ao nosso redor. De acordo com os batedores, eles estão se movendo de novo.

Sage se lembrou do que precisava contar a ele.

— Vi um homem entrar escoltado na torre. Pareceu kimisaro.

Alex parou de andar.

— Quando?

— Mais ou menos uma hora atrás.

— Ainda está aqui?

— Eu... não sei.

Alex assentiu.

— Vou perguntar para meus patrulheiros o que viram. Está pronta para ir?

— Sim. Clare está falando para todo mundo que fiquei doente.

Ele sorriu.

— Estão todos caindo feito moscas por aqui, graças a você. — Sage corou e Alex se aproximou alguns passos, com o rosto sério. — Devemos muito a você, Sage.

Seu coração acelerou com o olhar dele. Ela tinha ficado aterrorizada quando soubera que Alex tinha ido ao rio, pensando que poderia sofrer uma emboscada. Então lembrou do que mais havia acontecido naquele dia.

— O duque veio me ver enquanto vocês estavam fora.

Alex parou.

— O que ele queria?

— Nada de mais. — Ela repetiu a conversa para ele. — Acha que significa alguma coisa?

Alex franziu a testa.

— Talvez sim, talvez não.

— Ele costuma conversar com Clare, mas ela tinha saído para pegar água. Talvez só estivesse procurando por ela.

— Você estava sozinha?

Sage fez que sim.

— Falei para você não fazer isso.

— Eu estava ao ar livre — ela argumentou. — Foram só alguns minutos.

— Estamos contando as horas até o mundo vir abaixo. — Alex estendeu a mão na direção do braço dela. — Muita coisa pode acontecer em poucos minutos.

Ele não achava que ela era capaz de decidir o que era arriscado. Furiosa, Sage empurrou sua mão com o cotovelo.

— E eu não sei que alguns minutos podem mudar tudo?

O sangue se esvaiu do rosto dele, deixando sua pele normalmente escura mais pálida. Alex estendeu a mão para ela mais uma vez, dando-lhe um calafrio.

— Sage, por favor. Não me importo com o que ele faça comigo, mas você...

Como ele continuava fazendo aquilo? Como a fazia querer arranhar a cara dele num minuto mas beijá-lo e tranquilizá-lo no seguinte?

— O que foi isso? — O momento terminou quando os olhos escuros dele se voltaram para a janela. O som de um grito chegou do pátio. Ele atravessou o quarto para olhar do lado fora. — Tem alguma coisa errada. — O capitão foi para a porta. — Fique aqui.

Sage ignorou o comando e o seguiu.

— Pensei que não podia ficar sozinha.

Ela pensou que ele fosse insistir, mas, em vez disso, pegou a mão dela.

— Então, pelo amor do Espírito, fique perto de mim e faça o que eu disser.

Sage mal conseguiu fechar a porta atrás de si antes de Alex puxá-la pelo corredor. Por todo o pátio interno, as pessoas erguiam os olhos para a torre.

Na concha sustentada por pilares acima da torre, queimava uma grande pira, lançando uma luz dourada sobre as muralhas de granito. O corpo ensanguentado de um homem pintado com a estrela de quatro pontas de Kimisara pendia enforcado. Um soldado de preto se aproximou deles e disse que todos estavam dizendo que era um espião capturado.

— Acho que o kimisaro que você viu ainda está aqui — Alex comentou com a voz seca.

SAGE OBSERVOU OS OFICIAIS DISCUTIREM O QUE AQUILO SIGNIFICAVA.

— Se quer dar uma mensagem com um cadáver, você o pendura onde todo mundo possa ver — Casseck insistiu. — Ele está pendurado no lado oeste, não num mastro no topo. Os kimisaros estão todos lá. Eles abandonaram D'Amiran.

— Aquele devia ser o pobre coitado que deu a notícia — disse Gramwell. — Mas por que iriam embora? Tem alguém vindo daquela direção?

Alex ergueu uma mão.

— Não importa. Agora o relatório da manhã faz mais sentido. A ausência deles deixa uma abertura para levar a chama vermelha até os batedores, mas pode não continuar assim por muito tempo. A hora é agora. — Casseck e Gramwell concordaram. — Depois que os batedores estiverem com ela, dois deles podem ir até onde o sinal pode ser visto em dois dias. Vai demorar no mínimo mais uns cinco até chegarem reforços, então vamos supor um total de dez. Tirando o homem que for, ficamos com vinte e nove para assumir o controle deste lugar.

— Viável — disse Casseck. — Ainda mais se os batedores restantes conseguirem entrar.

— O que eleva nossos números a trinta e três. — Alex cruzou os braços. — Então agora precisamos pensar em como sair. Que tal o esgoto, Gram? Você encontrou um dreno perto do rio no lado leste. — Ele indicou o ponto no desenho.

Gramwell balançou a cabeça em negativa.

— A saída é fechada por uma grade de ferro velha, mas sólida. Consegui soltar uma barra vertical, mas as outras estão bem firmes. Nenhum de nós conseguiria passar. Só Charlie, mas ele nunca chegaria tão longe sozinho no escuro, ainda mais se a floresta estiver cheia de guardas de D'Amiran.

Alex concordou com a cabeça e Sage se sentiu aliviada pela doença do garoto facilitar aquela decisão.

— Que tal um cachorro? — perguntou Casseck. — É longe, mas não impossível.

— Eles estão todos doentes — Gramwell disse. — Não contávamos com isso. Foi sorte termos entrado em contato com os batedores hoje de manhã.

— Qual é o tamanho da grade? — Sage perguntou.

Gramwell arregaçou a manga para mostrar as marcas que tinha feito no braço. Casseck pegou uma corda com nós para medir.

— Uns dezoito centímetros de altura e pouco menos de trinta de largura.

Sage colocou a corda no canto da mesa para visualizar o tamanho. Depois de alguns segundos, ergueu os olhos.

— Eu consigo passar.

Alex suspirou.

— Sabia que você ia dizer isso.

Casseck e Gramwell se entreolharam, mas não ousaram dizer nada.

— Talvez seja melhor eu ver como Charlie está enquanto vocês discutem — ela disse. Seria melhor se não estivesse lá.

Sem dizer uma palavra, Alex apontou para a porta lateral e Sage entrou no quarto anexo. Ela se ajoelhou ao lado da cama de Charlie e tirou o cabelo suado do menino da testa. A respiração dele era profunda e regular, um sinal de que estaria bem melhor de manhã. A espada de Alex jazia ao lado da cama, e ela concluiu que ele vinha cuidando do irmão. Só havia uma outra pessoa a quem ele confiava Charlie, e essa pessoa era ela.

Alex abriu a porta e parou aos pés de Charlie, com os braços cruzados.

— Não gosto da ideia.

Ela não ergueu os olhos.

— Tem alguma melhor?

— Ainda não. Preciso de tempo para pensar.

— Não temos tempo. — Sage levantou para encará-lo. — Sei como atravessar a floresta em silêncio e como me localizar à noite. Consigo subir em árvores e rochedos. Só vão notar minha ausência quando for tarde mais, isso se notarem. Você pode me enviar antes da revista vespertina.

— E quando der de cara com um dos sentinelas de D'Amiran?

— Tem menos sentinelas lá fora, com a doença se espalhando. — Ela ergueu o queixo. — E você me ensinou a lutar. Eu me viro.

Ele estreitou os olhos.

— Uma aula não torna você uma guerreira, só menos indefesa.

— *Você* me colocou nisso. — Ela cruzou os braços para imitar a postura dele.

— Foi um erro. — Ele fechou os olhos e levou a mão à testa. — Não precisa me punir. Faça isso bem o bastante sozinho.

— A questão aqui não somos nós — ela disse. — É o que precisa ser feito. E a única pessoa que tem chances de fazer.

— Sei que você me odeia. — Ele baixou a mão e focou nela. Pela primeira vez, Sage percebeu como ele parecia cansado. Andava dormindo? — Mas não posso te perder, Sage. Acabaria comigo.

— Alex — ela disse, e ele se encolheu. O fato de nunca ter ouvido ninguém dizer o nome dele até a noite anterior fizera Sage se perguntar se alguém o chamava assim, e como ele se sentia a respeito. Se todo mundo só o chamava de “senhor” ou “capitão”, seria fácil esquecer que ele era outras coisas. Teria assumido o papel do Rato para fugir disso?

— Acho que vou estar mais segura lá fora do que aqui dentro amanhã — ela sussurrou. — Me deixe ir.

Os ombros dele relaxaram, e Sage soube que tinha vencido a discussão.

SAGE OBSERVOU ALEX APOIAR OS PÉS E SE AGACHAR para pegar a treliça de pedra entalhada sobre o dreno do encanamento. A sujeira grossa em volta da tampa veio junto, mas ela pôde ver que tinha sido retirada recentemente, e os pedaços de terra e musgo só serviam para esconder esse fato. Era muito pesada, e ele a ergueu e tirou do caminho apenas o bastante para que ela conseguisse passar. Juntos, encararam a escuridão lá embaixo.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Alex perguntou.

— Sou a única que tem chances de conseguir.

Ele assentiu sem tirar os olhos do buraco.

— Sabe o caminho?

— O melhor possível.

— Sabe onde encontrar meus batedores?

— No pico ao sul do desfiladeiro.

— E está com a faca que te dei?

— Ao alcance da minha mão.

Alex virou e a segurou pelos cotovelos, abaixando-se para encostar sua testa na dela. Sage não sabia quem estava tremendo mais. Era muito fácil imaginar que ele era Ash novamente, e ela se permitiu pensar isso, sentir isso. Fechou os olhos e coordenou sua respiração à dele.

Alex ergueu a mão para tirar alguns fios soltos da nuca dela.

— Me deixa dizer uma última vez, Sage. Por favor.

— Não. — Ela se afastou, balançando a cabeça. Não era Ash, e Sage não queria ouvir.

Ele a soltou, deixando as mãos caírem ao lado do corpo.

— Então me deixa pedir d...

— Não — ela repetiu. Não sentiu tanta satisfação quanto pensou que sentiria ao ver suas palavras o atingirem como socos.

Ele abriu a boca de novo para dizer alguma coisa, então apertou os lábios e concordou.

— Estou pronta — Sage disse, mesmo sem estar.

Alex assentiu e pegou os braços dela de novo, depois a ergueu e a baixou devagar pelo buraco úmido.

— Estou de pé — ela disse quando suas botas tocaram o fundo do túnel. Ele a soltou. A maneira como seus olhos a perscrutaram indicava que não conseguia vê-la nas sombras.

— Se entrar em apuros, juro que não vou descansar até te encontrar — ele disse baixinho.

Sage podia ter fingido que já tinha ido embora, mas não queria sair sem responder.

— Eu sei.

EM SILÊNCIO, SAGE ATRAVESSOU A ESCURIDÃO ABSOLUTA, apalpando o caminho que Gramwell havia descrito. Ela precisava andar curvada, arrastando os pés pela água gelada e viscosa. Às vezes, tropeçava em pedras ou — pior — objetos mais macios não identificados. Felizmente, depois de poucos minutos, seus pés já estavam dormentes por causa do frio.

Ela tentou não pensar nele. *Alex*. Em seus olhos suplicantes e seu toque macio, na maneira como suas mãos tremiam quando soltaram as dela. Em sua promessa de largar tudo se ela entrasse em apuros. Se os soldados fracassassem, Sage poderia nunca mais vê-lo. Ou talvez o visse pendurado no alto da torre.

Ainda que o odiasse, Alex não merecia aquilo.

Ela tropeçou numa pedra protuberante e se segurou no que torceu para ser uma raiz de árvore crescendo pela parede para se equilibrar. A dormência nos dedos das mãos e dos pés se espalhou pelos braços e pernas. Seria aquela a sensação de estar morta — sem ver, ouvir ou sentir nada, vagando no escuro por toda a eternidade?

Um vislumbre de luz cintilou pelas paredes à frente, e ela cambaleou na direção com um soluço grato. Depois de uma curva, a grade apareceu ao fim do túnel. Mais alguns passos e ela tocaria as barras, ouviria os insetos e as criaturas noturnas. Sage se concentrou para distingui-los dos ecos atrás dela. Não parecia haver nada de diferente.

Aliviada, apalpou as barras verticais até encontrar a mais fraca. Arrancou-a, fazendo cair um monte de terra e ferrugem. Seus olhos distinguiram suas mãos pálidas brilhando sob o luar, o que a inspirou a passar a fuligem no rosto, no pescoço e nas mãos. Era como no dia em que conhecera a casamenteira, exceto que, dessa vez, estava tentando conseguir o efeito contrário. O pensamento a fez sorrir um pouco, e ela o usou para focar na missão, como Alex precisava que fizesse.

Quando se contentou com a camuflagem, agachou e começou a tentar passar o corpo pelo buraco maior na grade de metal, primeiro os braços e a cabeça, com o

rosto para baixo. Ser magra e ter seios pequenos eram uma vantagem. A faixa que ela havia costurado para segurar a chama vermelha em sua cintura estava firme e não causou nenhuma dificuldade. Seus quadris, porém, eram outra história.

Sage grunhiu e se esforçou para passar, resmungando mentalmente que deveria ter pegado um tablete de manteiga para facilitar a passagem. Ela abaixou um pouco a calça e se contorceu para a frente e para trás, avançando mais alguns centímetros com dificuldade. As barras de metal corroído raspavam contra sua pele exposta e ela mordeu o lábio inferior para não gritar enquanto empurrava os pés e se puxava com os braços. Com um lampejo de agonia, conseguiu avançar mais um pouco, batendo a cabeça na rocha que usava de apoio para se puxar e acertando os joelhos na grade. Mesmo com a dor em tantos lugares ao mesmo tempo, arfou e gemeu de alívio.

Mas agora estava completamente molhada, suja de lama e sangrando. Terminou de passar as pernas e ajeitou a calça. Sentou e olhou o túnel, sem saber se recolocava a barra. Em vez disso, levou-a consigo. Não faria mal ter mais uma arma. Depois de parar outra vez para ouvir sinais de pessoas, desceu a barragem com cuidado e se voltou para o sudeste.

O terreno rochoso e o fim da primavera significavam menos vegetação rasteira, então Sage não tinha muito o que diminuísse seu ritmo. Em pouco tempo, já estava a quase cinco quilômetros da fortaleza e virou para o leste ao longo de uma colina íngreme quando sentiu que havia algo errado — a floresta estava silenciosa demais. Apoiou as costas numa árvore e prendeu a respiração para escutar. À sua direita, talvez a menos de quarenta metros, um graveto estalou ao ser pisado.

Ela não estava sozinha.

Não poderia segurar o ar para sempre. O mais silenciosamente que pôde, fez várias respirações rápidas e trêmulas, tentando não criar grandes nuvens de vapor no ar gelado, embora ele com certeza já soubesse onde ela estava. Apertou a barra de ferro enferrujada com as mãos suadas. Ouviu folhas secas sendo esmagadas, mais alto que as batidas do seu coração. Mais perto.

Sage inspirou fundo e saiu correndo em disparada. Um vulto alto atravessou o arbusto atrás dela. O vento açoitou seus ouvidos enquanto corria mais rápido do que nunca, mas ela sabia que seu fôlego não duraria para sempre.

Ele estava chegando perto.

Ela desviou por entre as árvores, tomando ar e mudando de direção o máximo que conseguia, saltando pelas rochas. O luar facilitava ver aonde estava indo, tanto para ela quanto para seu perseguidor. A respiração ofegante dele estava logo atrás. Uma curva à esquerda a fez vislumbrar uma mão tentando pegar seu capuz.

Segundos depois, dedos o tocaram.

Sage virou e bateu a barra de metal contra o braço estendido. Ele gritou e ela ouviu um osso se quebrar, mas sua fração de segundo de triunfo acabou quando perdeu o equilíbrio e caiu para trás, rolando colina abaixo. A arma improvisada saiu voando enquanto ela se protegia e descia rolando, cobrindo a cabeça e o pescoço em vez de tentar impedir a queda. O homem resmungou de dor enquanto caía atrás dela.

Sage rolou por cima de samambaias e rochas até bater com violência contra um tronco ao pé do barranco, o que tirou seu ar completamente. Ela não conseguia respirar. Por um momento apavorado, pensou que nunca mais conseguiria, mas então o ar abençoado voltou a entrar em seus pulmões, surpreendendo-a com seu ardor frio. Ela ofegou e tossiu descontroladamente.

— Desgraçada! — Uma mão grande puxou seu cabelo. Sage foi colocada em pé e lançada contra uma árvore. Ela viu estrelas e sentiu seu cabelo se soltar. O homem a jogou de quatro no chão, de frente para ele. Sage viu o pé do agressor subir logo antes de chutar suas costelas com força, e caiu de costas nas rochas afiadas. Um gemido de dor escapou de seus lábios. — Ora, ora, o que temos aqui? — ele provocou. — Uma garotinha perdida na floresta.

A adaga de Alex estava pressionada contra suas costas. Por algum milagre, não havia se perdido. Não precisava fingir muito para choramingar e levar a mão às costas machucadas. Ela tinha acabado de tocar o cabo quando o vulto enorme abaixou a mão para erguê-la pela garganta.

Sage sentiu o bafo e a saliva dele em seu rosto enquanto o homem a puxava para perto.

— Não se preocupe, coração. Sua excelência vai fazer tudo ficar melhor.

As estrelas — reais e imaginárias — se apagaram, substituídas pela escuridão crescente enquanto Sage desembainhava a adaga. Ela a enfiou na axila exposta do soldado com todas as forças que conseguiu reunir. A pressão no pescoço de Sage se aliviou apenas o suficiente para que conseguisse recuperar um pouco o ar, então ela girou o cabo para mover a lâmina cravada. Sangue quente se espalhou por sua mão, e um segundo esguicho lhe mostrou que havia encontrado uma artéria. Os contornos de sua visão estavam ficando brancos enquanto sua mão finalmente o soltava, mas já era tarde demais. Sage estava caindo — e nunca soube se chegou a encostar no chão.

QUINN OBSERVOU O RELÓGIO DE VELA QUEIMAR lentamente durante a noite. Cass tinha ido para a cama fazia tempo e insistira para que ele fizesse o mesmo, ainda que soubesse que seria impossível para o capitão dormir. O silêncio era seu companheiro, e Quinn o recebera de braços abertos, mergulhando nele.

O silêncio significava que Sage não tinha sido pega. Significava que estava a salvo.

Ela o odiava.

Quinn havia decidido não declarar seu amor novamente até ela estar pronta, mas ele poderia estar morto àquela hora do dia seguinte; por isso havia tentado, mas ela não deixara. Tinha sido pior do que na noite em que ele dissera aquilo pela primeira vez, o que quase o havia destruído.

Ele olhou para a vela. Três da madrugada.

Casseck dissera que ela ia se acalmar, que ia perdoá-lo com o tempo, mas seu amigo não conhecia a ferocidade de Sage como ele, não entendia a dor e a perda que havia sofrido com a morte do pai. Por muito tempo, Sage não havia tido ninguém. Quinn não tinha dúvida de que era a primeira pessoa em quem ela confiava — e que ela amava — em anos. Aquela era a pior parte: Sage tinha se aberto de novo para alguém, e ele havia estragado tudo. Consequia aguentar a perda de sua própria felicidade, mas destruir a dela era insuportável.

Não deveria tê-la deixado ir. Toda a coragem que Sage possuía não compensava sua fragilidade e seu tamanho. Deixar que fosse era um sinal de que ele não a amava o bastante ou de que não conseguiria negar nada a ela.

Quatro horas.

Sage o entendia melhor do que ninguém, então talvez isso contasse a seu favor. Ele tinha revelado a ela seu medo mais profundo — de que fosse um monstro — e Sage havia se recusado até mesmo a cogitar a possibilidade. Claro, aquilo tinha sido antes de ele mostrar sua disposição para mentir quando necessário. Até para ela.

Alguém pode sair ferido.

Ash havia dito aquilo de maneira tão indiferente que, na época, ele não tinha entendido que era algo a ser levado a sério. Mas era um ferimento pior do que um golpe físico, pior do que facadas e cicatrizes. Ele daria qualquer coisa para voltar àquela primeira noite e começar do zero. Vê-la sorrir pensativa e dizer: *Alex é um belo nome.*

Era isso que ele era para Sage: Alex. Ouvir seu próprio nome da boca dela naquela noite havia revelado algo que ele não sabia que estava tão profundamente escondido. De todos os seus amigos, apenas Cass ainda o chamava de Alex, e só em particular, quando queria insistir em algo. Até para Charlie ele era o capitão agora. Mas, com Sage, não precisava estar sempre certo e no controle. Ou melhor, não precisaria. Os poucos minutos em que havia se permitido ser completamente livre tinham sido os melhores de sua vida, embora agradecesse ao Espírito que ela o tivesse chamado de Ash. Se ela não o tivesse chamado à razão, a noite teria terminado de um jeito diferente e Sage nunca, jamais, seria capaz de perdôá-lo. Agora, pelo menos, tinha uma chance, ainda que mínima.

Cinco horas.

Em menos de dezesseis horas, tudo estaria acabado. Se Sage tivesse conseguido, não importaria se ele fracassasse, se morresse. As pessoas certas saberiam a tempo de ter uma chance de deter o duque, e ela viveria. Mandá-la tinha sido a coisa certa. Sage era forte e esperta. E agora estava segura.

Ele ergueu os olhos quando Casseck entrou no quarto, esfregando o rosto. Não parecia ter dormido muito. Trocaram um olhar e Alex assentiu. Cass sorriu com alívio. Um minuto depois, Charlie chegou, parecendo pálido, mas quase completamente recuperado. Àquela hora do dia anterior ele estava em agonia e, como penitência, Alex tinha limpado todos os baldes que o irmão enchia. Aquela noite seria o momento perfeito para atacar.

O pajem foi buscar água para que eles pudessem se barbear. O café da manhã foi ensopado frio e pão amanhecido — eles tinham cozinhado os coelhos que os cachorros haviam pegado. Era quase hora da revista matinal com o capitão do duque, Geddes. Ele ficaria furioso ao descobrir quem havia escapado de sua armadilha. Alex sorriu consigo mesmo enquanto vestia uma camisa limpa e penteava o cabelo.

Caía uma garoa pesada, o que significava que o desfiladeiro seria liberado a tempo dos reforços passarem. Tudo o que os soldados precisavam fazer era causar danos suficientes a D'Amiran para que ele não conseguisse fechar o desfiladeiro antes que chegassem. Graças à ideia brilhante de Sage, ele estava mais otimista que nunca.

Os homens se enfileiraram de acordo com suas patentes e Geddes se aproximou, com o sorriso de desprezo de sempre. Alex não conseguiu conter um sorriso também enquanto saudava com a cabeça — ele nunca bateria continência para aquele cretino de orelha podre.

— Todos os meus homens estão presentes ou contabilizados.

O capitão mal olhou para as colunas atrás dele.

— Estou vendo. — Ele puxou a orelha enquanto olhava Alex de cima a baixo. — Noite longa? Parece cansado.

— O teto de nossos aposentos é como uma peneira. Foi difícil dormir com a chuva entrando.

— Minhas sinceras desculpas. — Geddes não parecia nada sincero. — Foi uma noite difícil para mim também.

Alex não se importava. Agora que Sage estava segura, ele tinha trabalho a fazer antes daquela noite.

— Se isso é tudo, veremos você daqui a algumas horas para a próxima verificação.

Geddes assentiu e virou para ir embora. Alex olhou para Casseck e o tenente gritou sentido antes de dispensar as fileiras. Eles não tinham nenhum anúncio para aquela manhã. Todos os homens sabiam seu papel e aonde ir.

— Ah, capitão. — Geddes deu meia-volta. — Quase esqueci. Encontrei uma coisa que você perdeu. — Ele revirou o gibão, murmurando: — Está aqui em algum lugar.

Alex rangeu os dentes enquanto Geddes procurava. Havia esperado exatamente aquele momento para atrapalhar o máximo possível. A chuva estava encharcando o gibão de Alex e ele sabia que o mesmo ocorria com os homens atrás dele.

— Ah, aqui está.

Não havia como Geddes ter demorado tanto para encontrar um objeto tão grande em seu gibão...

Não.

Pelo Espírito, NÃO.

Geddes ergueu uma adaga de cabo preto para todos verem. As iniciais douradas no cabo estavam cobertas de fuligem.

Os joelhos de Alex cederam, mas Cass já estava segurando seu cotovelo para mantê-lo de pé.

— Calma — seu amigo sussurrou.

Ele travou os joelhos enquanto Geddes dava um passo em direção a ele, estendendo a faca com um sorriso. A chuva escorria pela lâmina em fios escuros

lavando a fuligem.

Pequenos riachos vermelhos.

Sangue.

ALEX MAL CHEGOU AO QUARTO ANTES DE VOMITAR no balde que Charlie usara no dia anterior.

Por quantas horas ele havia ficado sentado ali fora, presunçoso e satisfeito? Quantas horas fazia que ela estava morta enquanto ele acreditava em sua segurança? Enquanto ele sorria, se barbeava e comia como se não houvesse nada de errado?

Mais uma onda o atingiu e ele chorou, sem se importar se Casseck, Gramwell e Charlie o vissem como fraco, porque nada importava no momento, exceto que Sage estava morta. A culpa era dele, e ele queria morrer também.

Muito depois de seu estômago ter se esvaziado, a ânsia acabou passando. Um pano úmido surgiu diante do seu rosto e, como ele não fez nenhum movimento para pegá-lo, Casseck limpou a saliva e o vômito. Alex estava sentado no chão entre as duas camas e se recostou em uma.

— Eu a matei — ele sussurrou.

— Não — disse Cass com determinação. — Não é culpa sua.

Alex sacudiu a cabeça e levou a mão ao rosto antes de se dar conta de que ainda estava com a adaga na mão. Ele abriu os dedos — os músculos estavam contraídos de tanto apertar e o desenho no cabo tinha se gravado em sua carne. O sangue marrom-avermelhado havia se acumulado nas linhas da palma de sua mão.

O sangue dela estava em suas mãos.

O capitão pulou para o balde de novo e ficou sentindo ânsias por mais cinco minutos sem que saísse nada.

Limpou o próprio rosto dessa vez, e Cass lhe ofereceu um copo d'água. Charlie esperava no canto, preocupado.

— Você também está ficando doente? — o menino perguntou.

— Não, eu só... — Alex parou de falar enquanto uma nova emoção surgia.

Ia matar todos eles.

Foi só quando Casseck perguntou “O que foi?” que ele se deu conta de que não havia dito em voz alta.

— Vou matar todos eles — disse então. — O duque, Geddes e todos os homens que se colocarem no caminho.

Cass balançou a cabeça.

— Se ele se render, você não pode fazer isso.

A raiva crescia dentro de Alex. Ele aqueceu a alma com aquela chama.

— Espere só para ver.

— Eles têm direitos e privilégios por lei. Isso pode acabar com a sua carreira, botar você na prisão.

— Não me importo. — Alex se levantou.

Houve uma batida e o sargento Porter enfiou a cabeça lá dentro.

— Com licença, senhores, mas a srta. Rodelle quer ver o capitão.

Alex fechou a porta do quarto, deixando o balde fétido lá dentro, e fez sinal para Porter deixá-la entrar. Casseck sussurrou alguma tarefa para Charlie e o menino saiu enquanto a casamenteira entrava. Os olhos azuis dela ardiam de raiva enquanto secava a saia.

— Onde ela está?

— Srta. Rodelle...

— Não sou idiota. Ela passou a noite aqui. Deixei que usasse minha aprendiz para espionagem, mas não vou permitir que a transforme numa...

— Ela está morta.

A casamenteira parou no meio da frase, com toda a cor se esvaindo do rosto.

— O quê?

— Ela está morta. — Toda vez que Alex dizia aquela palavra, sentia-se mais calmo. — Foi pega tentando trazer reforços para cá.

— Mas... você tem certeza?

— Sim. — Alex apertou a adaga em sua mão. — Tenho.

— Você a viu? — insistiu a mulher.

Pela primeira vez, ele hesitou.

— Não.

— Então é possível que ela esteja viva?

Mas Geddes teria feito outro tipo de provocação se eles estivessem com ela. Ele tinha dito:

Foi uma noite torturante para mim também.

Alex vacilou e se segurou na mesa para se equilibrar. A faca caiu com estrépito e ele se soltou na cadeira em que passara a noite toda sentado, esperando enquanto ela era...

— Não sei.

— Viva ou morta, ela está na torre — disse Casseck. — Nas masmorras, na enfermaria ou nos aposentos particulares de D'Amiran.

— Ou em um vão — disse Gramwell, abrindo a boca pela primeira vez. — Há áreas dentro da torre que não conseguimos examinar. Podem ser colunas de suporte, cômodos ou passagens secretas.

— Vamos acelerar o processo — disse Alex. — Não podemos esperar até o cair da noite. — A escuridão seria sua aliada, mas o tempo era seu inimigo. — Podemos nos aprontar até o almoço? Todos vão se direcionar para o Grande Salão de qualquer modo, então o trabalho de reuni-los lá já vai estar feito.

Cass fez que sim. A casamenteira olhou para eles embasbacada.

— Pensei que fôssemos sair como se não houvesse nada errado. Vocês falam como se estivessem planejando assumir o comando.

Alex ergueu os olhos para ela.

— É isso mesmo. Descobrimos que o que o duque quer desde o princípio são suas damas.

Ela contraiu o rosto enrugado com a compreensão e sentou com tudo numa cadeira.

— Em nome do Espírito, todos aqueles casamentos dos últimos dois anos... ele estava se associando a metade de Crescera.

— E agora vai se associar ao resto — Alex completou. — Sage descobriu isso.

A srta. Rodelle entreabriu um sorriso.

— É claro que sim.

— Mais um motivo para a encontrarmos. — Todos os instintos de Alex gritavam para atacar naquele momento, derrubando a torre tijolo a tijolo. Mas ele precisava esperar até a hora certa, até tudo estar no lugar. Cerrou os punhos para impedir seus braços de tremerem.

Paciência.

— Temos algumas horas até agir — Alex disse. — Enquanto isso, quero descobrir onde ela está, e se está viva.

Casseck apontou para a adaga na mesa.

— Isso é justamente o que eles querem. Vão estar esperando por você. Qualquer um que for bisbilhotar vai ser pego.

— Tenho uma ideia de quem mandar — disse Gramwell.

DE SUA JANELA, D'AMIRAN OBSERVOU A ATIVIDADE lá embaixo. Os soldados da escolta andavam de um lado para o outro dos pátios interno e externo, reunindo provisões para continuar sua jornada, mas aquilo era apenas um disfarce. Estavam procurando por ela.

Ele sorriu consigo mesmo. Nunca iam encontrá-la.

Com o passar do dia, Quinn ficaria mais e mais frenético. Geddes havia visto a cara dele quando lhe entregara a faca — o rapaz tinha quase perdido o controle. D'Amiran adoraria executá-lo na frente de todos. Os soldados da escolta mergulhariam no caos e ele poderia derrotá-los com facilidade.

E, naquela noite, tudo ia se encaixar.

Seus últimos nobres chegariam ao fim da tarde. Naquele momento, os escribas estavam terminando os anúncios de casamento e as demandas de dote, e os mensageiros saíam ao raiar do dia assim que os lençóis fossem buscados para provar a consumação das uniões. D'Amiran rumaria até seu exército pela manhã e eles marchariam. Mandar a cabeça do jovem Quinn para o pai poderia acabar com o elemento surpresa, mas a poesia disso era irresistível.

— Vossa excelência — surgiu uma voz atrás dele. D'Amiran tirou os olhos da janela para receber o criado, que fazia uma reverência. — A refeição matinal está pronta. — O homem apontou para a mesa posta.

— Na verdade, vou para o Grande Salão — D'Amiran disse. O criado tentou esconder sua frustração, já que não era fácil levar tudo para cima, mas o duque não se importava. Queria ver o rosto de Quinn com seus próprios olhos, queria saborear aquilo.

Ele tirou o robe e o criado correu para buscar seu gibão, ordenando que o pajem à espera adiasse a refeição lá embaixo até a chegada do duque. Depois que a veste foi abotoada e suas mangas foram endireitadas, D'Amiran desceu, saltitante. Entrou no Grande Salão pela porta dos fundos, sorrindo quando todos levantaram de seus assentos. Gesticulou para se sentarem, voltando os olhos para a mesa onde os oficiais da escolta estavam sentados. Todos os três.

Lady Clare levantou de sua cadeira e foi até ele, abaixando-se numa reverência.
— É uma honra comer com vossa excelência — ela disse.

Ele a tinha escolhido para si próprio. Por mais que a família dela já fosse associada à sua através do casamento da irmã, era a mais rica de Crescera. E ela era adorável. Como Castella Carey tinha sido. Aquilo quase compensava a decepção.

Um dos oficiais ergueu a cabeça, e D'Amiran entendeu por que Clare havia se aproximado. Ah, ele adoraria aquilo.

— Minha cara, jamais perderia uma oportunidade de passar mais tempo à sua presença — ele disse, enquanto erguia a mão de Clare e a colocava em seu braço. Falou alto o bastante para todos ouvirem, e o oficial que observava se enrijeceu enquanto D'Amiran a levava de volta à mesa. Quando chegaram à cabeceira, o duque indicou que ela deveria se sentar à sua direita, obrigando algumas pessoas a se deslocar.

Os pratos chegaram e o duque esperou que o seu fosse servido antes de se voltar para Lady Clare.

— E como se sente nesta manhã, milady? Espero que o clima não tenha diminuído seu ânimo.

— Ah, não — ela disse descontraída. Descontraída até demais. — Só estou um pouco preocupada com Lady Sagerra. Ela passou mal ontem à noite. Não a vi a manhã toda.

A menina não era muito boa em esconder suas intenções. Não parava de voltar os olhos na direção da mesa dos oficiais. Todos os três observavam em silêncio, sem tocar na comida.

O plano tinha sido mandar Geddes soltar uma insinuação bastante repulsiva sobre onde a tal da Fowler estava durante a revista vespertina. Uma que fizesse Quinn sair em fúria ao resgate de sua amada plebeia. Uma que o levasse diretamente para uma armadilha em seus aposentos particulares. Mas aquela oportunidade era boa demais para deixar escapar.

D'Amiran voltou os olhos para Clare com um sorriso solidário.

— Sim, Lady Sagerra está na enfermaria. Conversei com ela uma hora atrás.

As costas de Clare ficaram rígidas.

— Posso vê-la, vossa excelência?

— Ah, não, milady — ele disse. — Receio que não possa permitir isso. Nunca me perdoaria se a senhorita adoecesse também. — Ele voltou os olhos para a mesa dos oficiais com um sorriso perverso. — Além disso, ela não está em condições de ver ninguém no momento.

SAGE ACORDOU COM O GOTEJAR CONSTANTE DE ÁGUA. Seu rosto doía em mais lugares do que imaginava possível, e ela só conseguia ver com um olho. Virou a cabeça para desviar da luz e descobriu que também doía atrás do crânio. Durante vinte segundos, lutou contra a tontura e a náusea, vencendo ambos até lembrar da noite anterior. Então o vômito subiu e ela rolou para o lado e deixou que o pouco que tinha no estômago saísse.

Mãos grandes desceram para tirar seu cabelo do rosto enquanto ela vomitava, embora a maior parte estivesse colada à cabeça pelo sangue seco. Os músculos que se enrijeciam com a ânsia acusavam ainda mais ferimentos e arranhões, e ela se curvou e gemeu.

— Você vai ficar bem — tranquilizou uma voz grave. Sage estava com as mãos na barriga. A faixa com a chama vermelha não estava mais lá. Ela apalpou ao redor freneticamente. Era a única coisa que importava. — Estamos com ela — o homem disse. — Relaxe.

Ele tentou ajudá-la a sentar, mas Sage se debateu até a tontura tomar conta dela. O homem a segurou e o mundo parou de girar. Sage piscou diante do rosto negro barbudo e fora de foco. Ela o reconhecia agora, embora estivesse escuro quando tinham se encontrado na floresta na noite anterior. Quando ele parecia certo de que ela conseguia se manter sentada, virou um cantil sobre um pedaço de pano e começou a limpar o rosto dela. Sage se encolheu ao toque do pano molhado por causa da dor que causava, mas ele continuou, com gentileza.

— Só fomos perceber que você era uma menina quando o sol nasceu e conseguimos te ver melhor. Desculpe se fomos muito brutos.

— Não se preocupe. — Ela estava à beira do desmaio quando encontrou os batedores de Alex, então não tinha resistido quando a imobilizaram e a revistaram em busca de armas. — O guarda do castelo que me encontrou antes de vocês foi bem mais bruto. — Ele riu baixo e ela examinou os arredores. Eles estavam sentados sobre uma saliência rochosa na encosta de uma colina íngreme. — Onde estão os outros?

Ele derramou mais água no pano.

— Dell está verificando as armadilhas e Stephen, patrulhando. Rob e Jack já devem estar no desfiladeiro a essa altura. Se forem rápidos, vão conseguir acender o fogo sinalizador amanhã de manhã e vamos ter reforços em menos de uma semana, graças a você. Consegue beber alguma coisa?

Ela fez que sim e descobriu que aquele não era um movimento que queria repetir tão cedo.

— Sim — disse com a voz rouca.

— Toma. — Ele levou o cantil aos seus lábios. — Dê goles pequenos por enquanto, mesmo se quiser mais. — Ela obedeceu, tomando água, hesitante. Até os músculos de sua garganta estavam doloridos. O homem a observou. — O primeiro é sempre o mais difícil. Mas antes ele do que você.

Sage lembrou de ter acordado sob o peso de um homem morto em cima dela. Era um milagre não ter sufocado. Depois de empurrá-lo, tinha vomitado em cima dele. Tarde demais, lembrou que deixara a faca para trás enquanto saía cambaleando, encharcada de sangue.

— Você vomitou depois da sua primeira morte? — ela perguntou ofegante entre um gole e outro.

— Não conheço ninguém que não tenha vomitado.

Aquilo a fez se sentir melhor.

— Até o capitão Quinn?

— Alex? Vomitou durante dias. — Ele sentou nos calcanhares. — Você estava tão esgotada ontem à noite que não fomos apresentados propriamente. — Ele estendeu a mão. — Sou o sargento Ash Carter.

Sage suspirou.

— É claro que é.

SAGE EXPLICOU O PLANO DE ALEX PARA ASH enquanto ele preparava uma refeição sobre a pequena fogueira. O cheiro de sangue nas suas roupas e no seu cabelo tirou seu apetite, mas ela se obrigou a comer. Precisava levar a comida à boca com cuidado, pois seus lábios estavam cortados em dois lugares. Morder também era difícil, com a bochecha esquerda tão machucada e ralada. Pelo menos seus dentes e sua mandíbula pareciam intactos.

Ash a observou comer um pedaço de pão de acampamento — basicamente mingau frito — com os dedos sujos.

— Então você é uma criada?

Ela resistiu ao impulso de balançar a cabeça.

— Não, trabalho para a casamenteira. Estava me passando por uma das damas e ajudei o capitão Quinn a juntar informações. É uma longa história.

— Estou ansioso para ouvir. — Ele lhe ofereceu um pedaço de carne de esquilo. A maneira como olhava para ela a deixou um pouco sem jeito.

Sage limpou a garganta enquanto pegava o pedaço da mão dele.

— Quando conheci Alex, ele me falou que chamava Ash Carter. Você é o *verdadeiro* Ash Carter ou é só um nome que os espiões gostam?

Ele abriu um sorriso irônico.

— Sou o verdadeiro Ash. Normalmente, juntar informações é o meu trabalho, mas ele queria tentar e me deixou reconhecer o terreno. Minha história já era conhecida e estava pronta, então sugeri que a usasse em vez de inventar uma pessoa nova.

Sage considerou a ideia enquanto mastigava.

— Vocês precisam criar toda uma identidade para dar certo? — Ash respondeu que sim. — Você conhece Alex bem? Foram criados juntos? — Ele assentiu de novo. — E você é mesmo meio-irmão do príncipe Robert? — Mais uma vez, Ash confirmou. — É sargento em vez de oficial para não superar a patente do irmão?

Ele se encolheu.

— Parece que você já me conhece bem.

— Só esses detalhes. Talvez demore um pouco para separar as coisas na minha cabeça; sua história está misturada com a personalidade dele.

Ash riu baixinho.

— É, é meio difícil manter essas coisas separadas. — Ele a examinou por vários segundos. — Ele retribui seu sentimento?

Sage ergueu a cabeça de repente.

— *Meu o quê?*

Ash pareceu surpreso com a reação dela.

— Seu sentimento — Ash repetiu devagar. — Você gosta muito dele.

— Eu não...

— Ah, não? Me enganei, então... — Ele colocou um pedaço de carne na boca. — Mas não é nenhum motivo de vergonha caso sinta alguma coisa por ele; metade das damas que conheço preferiria Alex a Robert. Você deveria ver o alvoroço toda vez que ele vai à corte.

Sage desviou os olhos para limpar os farelos do casaco. Ainda estava molhado e só manchou mais.

— Isso explica a habilidade dele para enganar as mulheres.

— De jeito nenhum. — Ash se recostou. — Alex é um pouco... reservado com os pensamentos, mas quem o conhece bem normalmente sabe o que está se passando lá dentro. — O sargento apontou para a própria testa. — Mas, depois que se decide, costuma falar.

— Sim — Sage concordou. — E o que ele “costuma falar” é mentira. Para começo de conversa, ele disse que era você.

Ash abriu um sorriso triste.

— Aposto que doe.

Sage se encolheu.

— Não sou uma garotinha tola e sentimental...

— Estou falando dele — Ash disse com calma. — Já imaginou como deve ter sido? — O sargento pegou o graveto e o curvou para trás e para a frente com as mãos escuras. — Tentei avisá-lo. Brincar de espião é divertido até perceber que as pessoas não gostam de *você*, mas de quem está fingindo ser. E se descobrirem... — Ash encolheu os ombros e jogou o graveto nas chamas. — Bom, aí elas te odeiam.

Odeio você. Aquelas tinham sido praticamente as primeiras palavras que haviam saído da boca dela. E a resposta dele fora...

Eu te amo, Sage Fowler. De todas as coisas que disse e fiz, essa é a mais verdadeira.

Sage estava olhando para o nada, mas voltou a se concentrar em Ash, que tinha um sorriso encorajador no rosto.

— Se ele disse que gosta de você, sugiro que acredite. Os *seus* sentimentos ficaram claros para mim assim que disse o nome dele.

Ela apertou os olhos para conter as lágrimas. Havia doído tanto porque ela achava que ele tinha mentido, mas agora compreendia que não — não no que mais importava. Ele havia mostrado para ela o *verdadeiro* Alex, o homem por trás da patente. O Alex escondido tão profundamente que ele próprio tinha começado a esquecer que existia. E aquele Alex havia entregado seu coração para ela, sabendo muito bem como reagiria. Uma dor apertou seu peito quando ela lembrou da despedida deles, de como tinha se recusado a deixá-lo se declarar e de como ele havia aceitado seu ódio como algo que merecia.

Mas Sage não o odiava; a raiva era um disfarce que usava por força do hábito, embora nunca lhe fornecesse nenhum calor duradouro. Na verdade, o que ela odiava era como a tinha tirado de sua concha e feito com que sentisse carinho depois de passar anos fechada. Odiava que ele tivesse ferido seu orgulho, exposto seus defeitos e a amado apesar, se não por causa, deles. Odiava que não conseguisse suportar a ideia de um mundo sem ele.

Ela o amava.

Ela o amava, e precisava contar isso a ele antes que fosse tarde demais.

Sage abriu os olhos e encontrou Ash com um sorriso franco no rosto.

— Meu único arrependimento agora é não ter aceitado a função de espião do plano original; eu teria te conhecido antes. — Ele encolheu os ombros, resignado.

— Mas não se preocupe, sei que é melhor não me meter no caminho do capitão.

Stephen e Dell voltaram para a caverna na mesma hora. Ash mandou Dell encher um balde de água da chuva e, com ela, começou a limpar o resto dos cortes e arranhões de Sage. Ela sequer tinha notado metade deles, incluindo um corte fundo e longo na linha do couro cabeludo. O resto da água Sage usou para enxaguar o cabelo, mas não se importou com as roupas. Torceu os fios enquanto os três soldados preparavam as armas e tramavam um plano para enfrentar os patrulheiros da fortaleza.

— Quantos serão? — ela perguntou.

— Já chegamos a ver até vinte sentinelas a pé — Ash disse. — Mas, nos últimos dias, eram quase sempre oito ou dez.

Ela concordou com a cabeça.

— A doença.

— Me lembre de falar para o Alex que aquilo foi brilhante. O pai dele vai ficar

orgulhoso.

Sage se concentrou em trançar o cabelo, sem querer se gabar de seu papel naquilo.

— Como posso ajudar?

— Você cogitaria ficar aqui? É mais seguro.

Sage ergueu o rosto e Ash abriu um sorriso de escárnio. Ela estreitou os olhos.

— Qual é a graça?

Stephen e Dell se entreolharam, sorridentes. Ash sacudiu a cabeça.

— Nada. É só que... dá para entender por que ele gosta de você. É teimosa pra caramba.

— Ele também é. — Sage não conseguiu conter um sorriso. — Mas eu vou junto.

— Sabe usar uma balestra? — ele perguntou.

— Duvido.

— Lança ou espada?

Ela engoliu em seco.

— Não.

— Faca?

— Só um pouco. E perdi a minha. — Sua confiança tinha diminuído.

Ash suspirou.

— Srta. Sage, odeio dizer isso, mas a menos que você tenha alguma ideia, vou insistir que fique aqui, e tenho certeza de que o capitão concordaria comigo.

Sage abaixou os olhos, com o rosto vermelho. Ela não queria ser um fardo, tampouco pretendia ficar à distância. Tinha de haver alguma coisa. O cordão da bolsa de Dell chamou a atenção dela, que sorriu.

Enquanto os soldados separavam o que levariam e o que deixariam para trás, Sage pôs mãos à obra, pegando a faca de Ash emprestada e desmanchando uma bolsa rasgada. Quando mostrou ao sargento o que tinha feito, ele franziu a testa.

— Você é boa nisso?

— Boa o suficiente para caçar — ela respondeu.

Ash continuou com a testa franzida, mas aceitou deixá-la ir junto quando prometeu obedecer ordens e não atrapalhar. Stephen e Dell não pareciam se importar com a presença dela, especialmente quando provou que conseguia acompanhar o ritmo deles na descida da encosta. Quando chegaram ao rio, já subindo em meio à chuva e à neve derretida, Ash parou e gesticulou para que ela fosse em frente.

Sage vasculhou as pedras ao longo do leito do rio, à procura daquelas em que

poderia se equilibrar melhor. Ash observou com os braços cruzados. Ele ainda não gostava da ideia, e ela não podia culpá-lo. Sua coragem vacilou ao lembrar quanto tempo fazia que não usava um estilingue e que nem tinha experimentado aquele que havia montado com o cordão e um pedaço de couro.

Sage enfiou várias pedras nos bolsos. Não havia tempo para ser exigente. Com sorte, nem precisaria delas.

— Peguei o suficiente — disse ao sair da corrente gelada.

Ash não se moveu.

— Importa-se em fazer uma demonstração rápida?

Nervosa, Sage engoliu em seco.

— Você vai ter que me conceder a primeira. Nunca usei este estilingue.

— Vou dar três tentativas para você.

Ela assentiu e encaixou as pontas do estilingue improvisado, que usaria como se fosse uma boleadeira. Uma pedra perfeita se apresentou aos seus pés, e Sage agachou para pegá-la. Era quase boa demais para desperdiçar na primeira tentativa, mas ela a encaixou na algibeira de couro. Quando ergueu a arma para sentir seu peso, quase deu risada. Parecia que tinha usado um estilingue no dia anterior.

— Tente acertar o nó esverdeado daquela árvore caída ali. — Ash apontou para um alvo a mais de vinte metros.

Sage girou o estilingue mais rápido e se focou no ponto indicado. *Não pense. Só atire.* A bolsa de couro passou rapidamente por seu rosto bem onde ela queria e ela moveu o braço para lançar a pedra, que voou e acertou o tronco com um baque, atingindo a madeira encharcada logo abaixo do alvo. Ela errou o nó da madeira por poucos centímetros. Quando se recuperou do próprio choque, abriu um sorriso presunçoso e virou para encarar Ash.

— Assim está bom para você?

ALEX NÃO SABIA SE ACREDITAVA OU NÃO no que D'Amiran havia dito a Clare, mas sabia que o duque queria que ele pensasse que Sage estava viva e fosse atrás dela, o que significava que D'Amiran estava pronto.

E o capitão também estava.

Estou a caminho, Sage.

Ele bateu na porta. A casamenteira abriu e deixou que entrasse em sua suíte.

— Estão todas aqui — ela disse antes que ele perguntasse. Alex olhou ao redor e notou que faltavam algumas. Ela apontou para o quarto. — As outras estão se trocando. A ideia delas de se vestir com simplicidade é diferente da minha.

Alex assentiu uma vez e, sem bater, entrou pela porta dos fundos, provocando vários gritos agudos. Mas nenhuma das mulheres estava nua e ele não se importava com decoro naquele momento. Apontou para cada uma das meninas.

— Todas vocês vão me seguir. Fiquem em silêncio e não chamem atenção. Caso se recusem a cooperar ou fiquem para trás, vão perder minha proteção.

Uma loira alta deu um passo à frente, empinando os seios de uma forma que devia achar atraente, e o segurou.

— Que risco corremos, senhor? — ela perguntou.

Alex voltou os olhos para as unhas pintadas apertando seu braço. *Jacqueline*. Ele lembrava do nome e do veneno desde a primeira noite. Sage havia arriscado a vida por aquela maldita mulher. Sofrera por ela. Ele se livrou dos dedos com frieza.

— De morte.

Depois disso, as mulheres se calaram.

O guarda no corredor deu um aceno breve para avisar que o caminho estava livre, e Alex as guiou para fora. Todas as noivas carregavam um xale enrolado enquanto desciam a escada para a lavanderia, três andares abaixo da ala de hóspedes. Com a equipe de criados reduzida pela doença, somada à proximidade da refeição do meio-dia, a área estava deserta. Seu soldado ficou na retaguarda e parou do lado de fora da porta enquanto Alex abaixava e abria o dreno, tentando

não pensar na última vez que tinha feito aquilo. Ele ergueu os olhos para uma dezena de rostos espantados.

— *Aí dentro?* — gritou uma das damas.

— Sim, e rápido. — Ele estendeu os braços. — Quem vai primeiro?

Lady Clare deu um passo à frente sem hesitar, prendendo as saias entre as pernas para diminuir o volume. Ele segurou seus braços e a desceu.

— Vá mais para a frente para abrir espaço. — Alex se voltou para o grupo e ergueu os braços. — Próxima. — Ninguém se moveu, então a srta. Rodelle empurrou a menina mais próxima na direção dele. O vestido enroscou na abertura, e a moça desceu com ele levantado. Depois disso, as outras prenderam as saias como Clare tinha feito.

Jacqueline ficou por último, e Alex observou sua saia volumosa enquanto ela abria um sorriso afetado para ele.

— Não acho que você vá passar. — Ele sacou uma faca e a cravou no tecido, rasgando o excesso sob os protestos dela. — Quieta — o capitão a repreendeu. Depois que ela desapareceu na escuridão, ele mandou o restante do tecido atrás dela. Finalmente, encarou a casamenteira a sós. — Vou trazê-la de volta — ele disse.

A srta. Rodelle sorriu de leve.

— Eu sei.

Ela ergueu os braços e Alex a desceu, depois jogou um saco de estopa para baixo, explicando que continha um pouco de comida, água e várias adagas. Enquanto fechava a grade sobre elas, pressionando terra nas fendas, ouviu a casamenteira avisar que arrancaria a língua de qualquer dama que reclamasse. Alex abriu um sorriso sombrio. Não duvidava que ela era capaz de cumprir a ameaça.

Alex e Charlie subiram a escada para a torre em silêncio. O duque e seus hóspedes tinham ido ao Grande Salão para a refeição do meio-dia, então todos os andares estavam vazios ou quase. Os aposentos do duque permaneciam silenciosos quando passaram por ali e continuaram a subir.

Alex se dirigiu até o topo da torre e as vigias. Como sempre, sentia remorso por usar Charlie, mas não podia desperdiçar um soldado e, com sorte, o menino ficaria mais seguro cumprindo aquela função. Como Sage não tinha conseguido chegar até os piquetes, ele havia decidido chamá-los, e o sinal também seria usado para iniciar seu ataque. A sorte estava ao seu lado e, assim que se aproximaram do alçapão, este se abriu e um dos guardas desceu pelos degraus de madeira, reclamando para o companheiro que não conseguia esperar mais para usar a

latrina. Quando chegou ao pé da escada, foi distraído por Charlie, que equilibrava dois barris pequenos. Eles tentaram passar um pelo outro no espaço escuro enquanto o menino balbuciava pedidos de desculpa. Quando o soldado estava de costas para as sombras, Alex saiu e tampou a boca do homem enquanto cravava uma adaga longa na parte inferior de suas costas, apontando-a para cima para perfurar seu rim. A dor intensa fez com que o guarda se contorcesse antes de cair duro. Alex o pegou e o puxou para trás pelos degraus de pedra, então finalizou o serviço fora do campo de visão de Charlie.

Alex limpou a faca ensanguentada na camisa do homem e voltou a subir, fazendo sinal para o irmão ir na frente. Charlie assentiu e subiu os degraus para a plataforma. Ele estava com os dois últimos pacotes de chama vermelha consigo, e o capitão imaginava que haveria um fogo firme na pira para mantê-la quente. Alex tirou as dobradiças dos degraus de madeira enquanto seu irmão conversava com o guarda restante; em seguida, Charlie desceu rápido pelos degraus de madeira enquanto o guarda gritava:

— Que diabos?

No instante em que o pé do guarda pisou no primeiro degrau em perseguição, Alex soltou seu apoio e a escada caiu, fazendo o homem tombar com estrépito sob o alçapão e bater a cabeça no caminho. Alex sacou a espada e a enfiou no coração do guarda antes que conseguisse se soltar. Ele tirou a lâmina e olhou para o irmão, que encarava o corpo estrebuchando com os olhos arregalados.

Alex passou por cima do cadáver.

— Ei — o capitão disse, pegando o queixo do menino e voltando os olhos castanhos e assustados dele para seu rosto. — Você tem uma missão a cumprir, soldado. Foco. — Charlie engoliu em seco e assentiu. — Vamos lá. — Alex ergueu o garoto pela abertura e se abaixou para tirar o guarda morto do caminho. Ele jogou a escada para cima sobre a plataforma de madeira. — Use isto para ajudar a segurar a porta.

— A balestra dele ainda está aqui em cima — Charlie falou enquanto fechava o alçapão com dificuldade.

— Esteja pronto para usá-la se for preciso.

— Sim, senhor. — Charlie lançou um último olhar para ele, com a fumaça vermelha subindo logo atrás. — Alex — ele chamou, e seus olhos se encontraram. — Boa sorte.

— Se cuida, garoto. — A porta fechou e ele a ouviu ser trancada. Com a espada na mão, Alex desceu depressa a escada de pedra.

Tinha um homem para matar.

D'AMIRAN ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO diante da lareira do Grande Salão enquanto seus hóspedes iam entrando para o almoço. A revista da escolta seria feita logo mais, e Geddes soltaria uma insinuação de que a garota estava nos aposentos particulares do duque desde o princípio. Quinn ligaria os pontos. Sem pensar, cairia na armadilha, e D'Amiran poderia executá-lo, bem a tempo de todos verem.

As damas seriam mantidas dentro do salão, obviamente, mas todos os outros poderiam sair para o pátio. Ele seria enforcado. Deixariam que pendesse e se debatesse e se humilhasse diante de seus homens, cercados e indefesos. O duque mal podia esperar.

D'Amiran parou de andar de um lado para o outro e ergueu os olhos. As damas ainda não haviam chegado. Talvez estivessem vindo pelos fundos, através da torre, para fugir da chuva. Mesmo assim, já deveriam estar ali. Nenhuma tinha adoecido até aquela manhã, o que não podia ser dito da maioria de seu pessoal.

Gritos do outro lado do salão o tiraram de seus pensamentos. Pessoas atravessavam as portas correndo e gritando sobre um incêndio no pátio. As janelas de vitral lançavam cores pelo salão com as chamas atrás delas, que ardiam altas e brilhantes apesar das horas de chuva. Os soldados traziam mais pessoas para dentro, gritando para fugirem.

Soldados de preto. Homens de Quinn.

Em pouco tempo, quase todos os aliados de D'Amiran estavam no Grande Salão. A multidão abriu caminho para o capitão Quinn, com a espada sacada e ensanguentada.

Não deveria acontecer daquela forma.

O duque deu vários passos cambaleantes para trás enquanto Quinn agarrava um criado e o empurrava contra a parede com a espada apontada para seu pescoço. Depois de uma breve troca de palavras, o capitão demorano soltou o homem e passou os olhos escuros e irados por todos os rostos do salão, à procura daqueles que queria. Quando seus olhos encontraram os dele, D'Amiran viu sua própria

morte a caminho.

Ele virou e fugiu.

ALEX ATRAVESSOU A MULTIDÃO NO GRANDE SALÃO. O rosto apavorado do criado de D'Amiran chamou sua atenção e ele o pegou pela garganta e o empurrou contra a parede. Com a ponta da espada ensanguentada encostada na barriga do homem, o capitão perguntou o que precisava saber.

— Onde está ela?

— Quem? — o homem disse, sem ar.

Alex empurrou a lâmina através da primeira camada do gibão do criado.

— Os guardas trouxeram uma moça ontem à noite. Onde a colocaram?

O branco em volta das íris do homem pareceu ficar maior.

— Não vi nenhuma moça!

— Eles a colocaram na masmorra? — Quinn apertou com mais força.

O homem gritou quando a espada perfurou a carne.

— Não sei! Eu não sei!

Alex o soltou com repulsa e o homem caiu de joelhos, segurando o estômago. As pessoas recuaram enquanto ele continuava sua procura. Então localizou D'Amiran do outro lado do salão e o encarou. Os olhos do duque se arregalaram quando o viu. D'Amiran virou e correu em direção à porta dos fundos, que ainda não tinha sido bloqueada.

Alex foi atrás dele, com seus instintos avisando que o duque iria aonde quer que Sage estivesse para matá-la. Pouco depois de sair do salão, Alex precisou fazer uma escolha: entrar na torre e subir até os aposentos do duque, ou descer em direção às masmorras e depósitos. Ele parou e tentou ouvir algum indício de que caminho deveria seguir. Então optou por descer.

ASSIM QUE A FUMAÇA VERMELHA SURTIU, os guardas nas muralhas externas começaram a cair, com setas de balestra cravadas no peito e nas costas. Satisfeito, o tenente Casseck se debruçou para fora da casa de guarda e deu um assovio agudo. Os irmãos Stiller e dois companheiros saíram discretamente da casa de armas já fumegante, carregando barris de álcool e foles roubados da ferraria. Eles chegaram ao quartel e se dividiram. Uma dupla deixou um barril vazando perto da porta ao passar.

Casseck os observou abrir os barris e jogar álcool dentro dos foles, torcendo para ninguém no quartel acender uma vela ou tudo viria abaixo antes que as equipes conseguissem sair. As duas duplas começaram a bombear a névoa inflamável através das janelas abertas em cada ponta, e ele ergueu a mão para avisar Archer, alguns metros abaixo na muralha, que acendeu o piche em sua flecha.

Ainda não.

Ele pensou ouvir gritos dentro do quartel, mas a grande tenda montada no pátio interno tinha acabado de pegar fogo. Com todo o barulho ecoando pelas paredes de pedra, era difícil ter certeza. Tim Stiller levantou para erguer os foles pela janela, e seu parceiro atirou o barril pela metade lá dentro.

Casseck ergueu mais o braço e Archer puxou a corda do arco, mirando a janela aberta.

As duas duplas saíram correndo do quartel, mergulhando atrás do primeiro abrigo sólido que conseguiram encontrar. A porta se abriu de repente, e os guardas saíram cambaleantes, esfregando os olhos e tossindo. Um tropeçou no barril vazando, que caiu.

Casseck abaixou o braço.

Archer soltou a flecha e o quartel explodiu antes que conseguissem se abaixar atrás da muralha.

SAGE, DELL, STEPHEN E ASH ESTAVAM a menos de dois quilômetros da fortaleza de Tegann quando a fumaça vermelha começou a soprar no alto da torre. Alguns minutos depois, uma das bandeiras foi descida e a fumaça começou a subir em lufadas regulares. Eles não conseguiam ver o responsável.

Ash sorriu.

— Parece que a festa começou cedo. — Ele apontou para Sage. — Encontre um lugar para se esconder. Vamos atacar os sentinelas à medida que recuarem.

Ela olhou ao redor.

— Que tal uma árvore? Vou poder ter uma visão melhor do que está acontecendo lá dentro. — Ela apontou para uma sempre-verde grande. A maior parte das outras não tinha recuperado a folhagem.

— Boa ideia. Vamos voltar e encontrar você quando tiver terminado. Precisa de ajuda? — ele se ofereceu.

A caminhada tinha relaxado seus músculos doloridos e a adrenalina disparou por suas veias. Sage deu um pulo para pegar o galho que queria e enganchou as pernas no seguinte. Depois, alçou-se para cima e desapareceu com uma chuva de agulhas de pinheiro.

— Vou tomar isso como um não. — Ash fez sinal para seus companheiros, que saíram com as armas em punho.

De seu ângulo privilegiado no alto da árvore, Sage viu um movimento nas muralhas interna e externa da fortaleza. Com a chuva, ficava difícil distinguir as cores das fardas. Uma fumaça preta começou a subir do pátio interno. Deviam ser as tendas. Pouco depois, chamas subiram pelas muralhas da casa de armas ao leste. A chuva apagaria os incêndios em pouco tempo, mas eles tinham sido iniciados com óleo preparado dentro de barris que vazavam devagar para ensopar o ambiente.

O plano era criar um pânico que facilitasse reunir todos em um só lugar, eliminar o máximo de guardas possível em poucos minutos e assumir o controle das muralhas internas. O ideal seria conquistar a fortaleza inteira, mas os soldados

estavam preparados para recuar para o pátio interno ou para a torre se fosse preciso.

Antes de tomar a decisão, porém, eles destruiriam o máximo que conseguissem do pátio externo. Mal dava para ver o soldado no alto da torre que balançava uma bandeira ensopada. Sage o avistou através da fumaça e se deu conta de que ele não estava agachado — era da altura da pira. *Charlie*. Ela sentiu um nó na garganta, mas Alex provavelmente não tivera escolha. Talvez o menino estivesse mais seguro lá no alto mesmo.

Enquanto estreitava os olhos para ver se o plano do quartel tinha dado certo, um grande lampejo surgiu de repente, embora o som demorasse vários segundos para chegar até ela. O sucesso lhe deu uma satisfação mórbida, e ela se perguntou quantos havia acabado de matar com a sua ideia. Um homem na muralha externa se desequilibrou e caiu. Ele balançou os braços em vão enquanto rumava em direção à morte, e Sage desviou os olhos, passando mal.

Um movimento próximo chamou sua atenção. Várias aves haviam alçado voo de seus galhos quando a explosão ecoou pelo vale e um grande falcão voltava a pousar numa árvore a algumas dezenas de metros. Com um arrepio, ela reconheceu que era um pássaro domado. Talvez até o mesmo que tinha visto vários dias antes, embora não pudesse ter certeza. Talvez os kimisaros não tivessem ido embora afinal.

Sage se ergueu para um galho mais alto, contorcendo-se de dor quando os gravetos raspavam seu rosto sensível. De sua nova posição, ela tinha uma visão clara do falcão, mas nenhum sinal de ninguém nas árvores ou no chão lá embaixo. Talvez a ave levasse uma mensagem de alguém distante, mas ela não procurava ninguém. Só esperava. Seu dono estava perto.

Se o falcão era um mensageiro dos inimigos, matá-lo poderia fazer toda a diferença. Sage enfiou a mão trêmula no bolso para pegar o estilingue e uma pedra.

Ela estava tão nervosa que errou o primeiro lançamento por alguns metros. O falcão virou a cabeça para acompanhar o trajeto da pedra, mas continuou em seu galho. Definitivamente treinado. Sage levantou para uma posição precária em um pé só e se inclinou para dar mais espaço para o braço. Qualquer pessoa no chão conseguiria vê-la agora.

Ela soltou o punho e deixou a pedra voar. A ave virou para levantar voo tarde demais. Sua asa foi atingida, e ela emitiu um ruído e caiu para trás. Sage recuou para junto da árvore e abraçou o tronco, tentando ouvir qualquer sinal do dono do falcão.

Não ouviu nada, mas sentiu seus olhos.

Depois de alguns minutos quase sem respirar, virou a cabeça para olhar para a floresta e o viu quase na mesma hora. Ele estava imóvel em uma clareira não muito longe, com um manto escuro ondulando quase até o chão e um capuz cobrindo o rosto. Um passo para trás na folhagem e ficaria invisível. Seus braços com tatuagens elaboradas estavam cruzados enquanto a observava. Como se estivesse esperando que o visse.

Ele carregava uma balestra, e Sage estava bem na sua mira.

Quase sem vontade, o homem tirou a arma das costas, mas não fez menção de atirar. Ele a estava provocando ou não tinha certeza se atirava? Sage tremia sem parar. Ela tinha de descer para onde os galhos e o tronco eram mais grossos, mas o medo a paralisou.

— Fowler! — gritou uma voz ao longe. Os batedores estavam voltando para buscá-la. Ela virou a cabeça na direção do som, mas sua voz saiu rouca e fraca nas duas primeiras tentativas. Quando voltou a olhar para o homem na encosta, ele não estava mais lá.

Sage desceu a árvore com dificuldade, quebrando metade dos galhos que tocava e caindo alguns metros duas vezes. Chegou ao chão e correu sem olhar para trás.

O DEPÓSITO ESTAVA DESERTO, com exceção de alguns ratos. Na masmorra, um andar abaixo, Alex matou três guardas, dois deles doentes demais para lutar. O último conseguiu fazer um corte na lateral da perna dele antes de morrer por sua espada. Uma olhada rápida mostrou que a ferida não era imediatamente preocupante, e o capitão passou por cima do corpo para chegar às celas fedorentas à frente.

Ele encontrou um dos mensageiros de seu pai, ferido e inconsciente, mas o homem poderia receber mais cuidados depois que eles estivessem em pleno controle da fortaleza, então Alex o deixou. As outras celas estavam vazias.

Sage não estava ali. Ele tinha escolhido errado.

Subiu correndo para a enfermaria no primeiro andar da torre, eliminando vários guardas doentes e fracos sem hesitação, mas não encontrou nem sinal dela. Embora tivesse medo do que poderia encontrar na câmara fria, verificou-a, mas ali havia apenas o corpo de um guarda do castelo, morto fazia quase um dia, aparentemente por hemorragia. Tirando o braço esquerdo quebrado, a única ferida que o homem tinha ficava embaixo do ombro direito, por onde havia sangrado até a morte. Um dos piquetes deveria ser o responsável.

Aliviado, Alex voltou para a sala dos doentes, onde três médicos espantados olhavam para os corpos ao redor.

— Vocês não vão ser feridos se forem para o Grande Salão agora — ele disse. — Caso contrário, vão acabar como eles. — O capitão apontou a espada para suas vítimas anteriores. Naquele momento, o quartel no pátio explodiu e uma dezena de gritos se seguiu. — Ou eles — acrescentou antes de virar e sair da sala correndo.

Casseck sentia como se um sino de capela estivesse tocando dentro do seu crânio. Descendo com dificuldade a escada para o térreo do portão interno, esfregou a orelha esquerda e sua mão voltou ensanguentada. Todos os sons daquele lado pareciam vir de baixo d'água. O sargento Porter apareceu para comunicar que o portão externo estava seguro, e Casseck o deixou no comando

da área e se juntou a Gramwell à frente do Grande Salão.

— Já a encontramos? — perguntou Gramwell.

Casseck balançou a cabeça.

— Acho que não. — Alex estava vasculhando a torre de baixo para cima.

Gramwell ergueu os olhos para a torre.

— Quanto mais demora, mais me preocupo que alguma coisa dê errado.

Casseck se sentia igual. A cada minuto, D'Amiran tinha mais tempo para cortar a garganta de Sage. Ele espiou dentro do Grande Salão. Quase metade dos nobres estava lá com as mãos amarradas atrás das costas. A outra metade parecia pasma e resignada enquanto o cabo Mason vigiava com uma balestra enquanto outros dois soldados amarravam o restante.

Independentemente de onde Sage estivesse, eles ainda precisavam capturar o duque.

— Leve dois homens — ele disse a Gramwell. — Vá atrás do capitão e o ajude como for preciso. Vou assumir o comando aqui.

O fogo vermelho queimava baixo e a pouca fumaça que produzia era dissipada pela chuva. Charlie desistiu de tentar guiá-la com a bandeira e olhou para baixo pela lateral da torre. A fumaça preta obscurecia quase toda a sua visão lá de baixo. Gritos agonizantes chegavam da área da explosão. Ele estava com o último pacote de chama vermelha, mas Alex havia pedido para guardá-lo caso os piquetes viessem, para poderem levar até o outro lado do desfiladeiro. O trabalho dele agora era ficar parado até seu irmão ou um dos soldados ir buscá-lo.

Charlie se encolheu embaixo do pequeno abrigo que a pira de fogo oferecia e aqueceu os dedos gelados em sua lateral.

O piso de madeira embaixo dele tremeu com o impacto de alguém tentando arrombar o alçapão.

CHARLIE ENCAIXOU OS MASTROS RESTANTES SOBRE O ALÇAPÃO, mas era apenas uma questão de tempo até os guardas lá embaixo o arrombarem. Tarde demais, percebeu que a balestra não estava carregada. Ele não tinha força suficiente para puxar a corda para trás sem auxílio. O menino lançou os olhos para a corda enrolada em volta de uma ameia. O corpo kimisaro pendurado dela era pesado demais para puxar, de modo que a única opção era descer. Se ele soltasse a corda, talvez conseguisse se balançar para uma janela, mas duvidava. Mesmo que suas mãos congeladas conseguissem se segurar à corda escorregadia, provavelmente não teria tempo de cortá-la antes que os guardas arrombassem o alçapão e o pegassem.

Ou antes que cortassem a outra extremidade da corda.

Ele se debruçou na beirada para olhar para baixo e estremeceu. Recuando, tropeçou em um dos pequenos barris que havia carregado para cima. Normalmente continham cerveja, mas Alex os havia enchido com uma aguardente mais pura, que pegaria fogo. Charlie se ajoelhou e começou a abri-los com a adaga.

Assim que conseguiu abrir o segundo, o alçapão se ergueu, revelando um rosto. Às pressas, Charlie derrubou o conteúdo pelo buraco, em cima do homem que estava em pé sobre uma caixa de gravetos inflamáveis. O soldado soltou um palavrão e balbuciou enquanto a porta era fechada. Charlie levantou e enrolou a bandeira molhada na mão, enfiando-a na pira de fogo e pegando um pedaço de lenha aceso.

De novo, a porta rangeu e levantou e, dessa vez, quando Charlie derramou o álcool, encostou a chama no líquido, criando uma cascata de fogo, depois chutou a lenha acesa e o barril em chamas no rosto do homem. O alçapão fechou novamente, e Charlie ouviu os gritos de duas pessoas. Teve que sair rolando e batendo na calça para extinguir as chamas que também tinham pegado nele.

O menino se encolheu contra a parede enquanto o piso de madeira fumegava pelo incêndio devastador logo abaixo, consumindo os homens e a lenha armazenada. Por mais que apertasse os ouvidos, não conseguia bloquear os gritos.

Alex voltou e seguiu na outra direção, subindo para os aposentos da família. Era insensatez fazer aquilo sozinho, mas pensar que Sage poderia ter o mesmo fim daquele soldado kimisaro que fora pendurado no alto da torre o fazia seguir em frente.

O andar seguinte era um cômodo comunitário que funcionara como Grande Salão no passado. No momento, servia como depósito e aposentos de alguns hóspedes. Parecia deserto, mas Alex não podia correr o risco de alguém aparecer por trás dele. Deu uma volta pelo salão, chutando cadeiras ruidosamente de lado. Não viu ninguém.

Antes de voltar a entrar no corredor, parou do lado de dentro da porta para ouvir. Captou o som de um guarda descendo e virando a esquina. De algum lugar, veio o cheiro de madeira queimando, diferente do óleo usado para botar fogo nas tendas e na casa de armas. Alex sacou uma faca e recuou alguns passos, ficando visível enquanto o guarda passava na frente da porta. O homem mal teve tempo de parar quando a adaga voou na direção dele e se cravou em seu pescoço.

Alex pegou a arma e voltou a subir a escada.

Charlie agachou na parede de pedra entre as ameias mais altas enquanto o piso de madeira fumegava e queimava lentamente. Um lado caiu quando os suportes embaixo foram consumidos pelo fogo. A pilha de lenha devia conter vários objetos altamente inflamáveis para enviar sinais, parecidos com a chama vermelha, porque chamas verdes subiram. Embora estivesse mais assustado do que nunca, o menino ficou grato pelos gritos terem finalmente cessado.

Ele precisava fugir, mas o único caminho para baixo era através do fogo. Ao avistar a bandeira molhada, desceu e a tirou do piso fumegante. Boa parte da umidade tinha evaporado e ela estava quente ao toque, mas teria de servir. Charlie se enrolou nela enquanto o calor entrava pelas solas de suas botas, e lembrou de algo que seu pai havia dito semanas antes. *Quando escolher sua estratégia, agarre-a com todas as suas forças.*

Ele puxou o canto da bandeira sobre a cabeça e se jogou dentro da brecha, empurrando e rolando. A fumaça e as cinzas o cegavam e o engasgavam enquanto ele descia saltando até ficar cara a cara com o crânio de um homem. O corpo se inclinou para trás quando Charlie trombou nele, fazendo o maxilar se abrir mais, como se gritasse em silêncio. Com um soluço aterrorizado, Charlie saiu engatinhando na direção oposta da fumaça que se erguia para fora.

Quando estava seguro longe da fornalha lá no alto, recostou-se contra a parede e refletiu se deveria ficar ali. Então o resto do telhado caiu com um estrondo

trovejante e ele desceu correndo, tropeçando no corpo do primeiro guarda que Alex havia matado.

NO ANDAR SEGUINTE, Alex encontrou uma sala de estar com várias ramificações para quartos. Assim como os cômodos de baixo, estavam todos desertos. O cheiro de fumaça estava mais forte e se misturava ao de carne queimada. A estrutura estremeceu com um estrondo vindo do alto. Ele entendeu: o topo da torre estava em chamas. Com um novo pavor concretizado, Alex saiu do quarto em disparada e subiu enquanto ouvia um grito agudo que reconheceu no mesmo instante.

Charlie.

Ele virou a esquina correndo e fez outra curva até o andar dos aposentos do duque. No alto da escada estava o capitão Geddes, segurando Charlie contra o corpo. O menino estava chamuscado e coberto de fuligem, mas parecia ileso. Alex teria chorado de alívio se a sensação não tivesse sido substituída na hora por ódio.

Com a cabeça virada para o lado e imobilizado contra a barriga do guarda, Charlie só conseguia ver o irmão com um único olho. Alex tentou dar um sorriso tranquilizador para ele antes de encarar o rosto perverso do homem que o segurava.

— Você tem o hábito de perder as coisas, capitão — o guarda disse, tirando uma faca grande e ameaçadora do cinto. Ele gesticulou com ela. — Solte a espada.

Alex baixou a lâmina, mas não a largou.

— Deixe o menino ir.

— Por curiosidade, se só pudesse salvar um, quem você escolheria? — Ele apontou a cabeça para o lado. — Este, imagino. — Geddes sorriu. — Agora temos alguém que realmente importa para você. Então solte a espada.

— Vou soltar a espada quando você abaixar a sua — Alex respondeu com calma.

Charlie entendeu a deixa e deixou seus joelhos cederem, obrigando Geddes de repente a apoiar todo o peso em volta do corpo baixo do garoto. O homem esteve prestes a cair, mas conseguiu se segurar. Aquela manobra ensaiada permitiu

a Alex soltar a espada e sacar a adaga, lançando-a na cara do guarda num único movimento. O homem ficou paralisado por um segundo antes de cair estatelado em cima do menino, ajoelhado a seus pés.

Alex subiu os degraus para tirar o corpo, permitindo que Charlie saísse engatinhando de debaixo dele. Estava prestes a perguntar se o irmão tinha visto o duque quando o próprio D'Amiran saiu do batente, segurou Charlie pelo cabelo escuro e o ergueu.

Alex pulou em direção aos pés de Charlie, mas D'Amiran puxou o menino para trás, na direção do quarto. Quando o capitão alcançou a porta, já estava trancada. Ele a encheu de socos e chutes, tentando não gritar de pânico.

Um barulho nas escadas fez com que tirasse os olhos dos aposentos do duque e tentasse pegar a espada. Tarde demais, percebeu que ela estava nos degraus, onde a havia deixado. Ele só tinha uma adaga e apertou seu cabo quando Gramwell apareceu correndo.

O tenente parou ao ver Alex e olhou ao redor.

— O que...

— Charlie — o capitão disse, apontando ofegante para a porta. — O duque está com ele lá dentro, e acho que só sobraram os dois, sem guardas.

E Sage. Ela também deveria estar lá. Era o único lugar que restava.

Gramwell assentiu, pegou a espada de Alex e subiu correndo os últimos degraus para entregá-la a ele. O cabo Denny e o soldado Skinner chegaram em seguida, ofegando devido à correria torre acima. Alex apontou para a porta.

— Abram.

Alex embainhou a espada e puxou Gramwell de lado enquanto os homens acertavam a porta com machados de batalha, mal conseguindo amassar o carvalho sólido.

— Precisamos de outra entrada. Não podemos esperar.

— Tem duas janelas no lado leste — Gramwell disse. — Podemos descer do topo da torre. Vou procurar uma corda. — Ele virou para descer correndo.

Alex pegou seu braço e apontou para o alto da escada.

— Tem uma lá em cima.

Juntos, eles correram para o próximo andar, enquanto Alex torcia para que o fogo não tivesse destruído a corda em que o kimisaro estava pendurado.

O piso de pedra estava quente sob suas botas, mas o incêndio tinha praticamente sucumbido à chuva que passara a entrar quando o teto desabara. Alex pegou uma bandeira ensopada no topo da escada e começou a agitá-la na direção das chamas restantes para abrir caminho. Conseguia ver a corda em volta

de uma ameia lá no alto e agradeceu ao Espírito por ela estar apenas chamuscada. Enquanto tentava subir em sua direção, a madeira queimada sob seus pés cedeu, e ele caiu.

Gramwell pegou seu braço e o ergueu para que ficasse em pé. Também tirou as cinzas que ameaçavam queimar as roupas de Alex, mas ele mal sentia o calor delas.

— Preciso de um impulso — Alex disse.

Seu amigo se ajoelhou e entrelaçou os dedos. Alex subiu nas mãos unidas dele e Gramwell o empurrou para cima. O capitão alcançou a muralha e se alçou mais alto até conseguir passar uma perna por cima da beirada.

— Tudo bem? — Gramwell gritou. Alex fez que sim e se debruçou para puxar o corpo pendurado na corda. Gram pegou a bandeira molhada, chutou os restos enegrecidos e pegou um pedaço em chamas. — Vou levar um pouco desse fogo até a porta lá embaixo.

Alex fez que sim de novo e sacou a faca. Seu estômago se revirou enquanto seus dedos envolviam o cabo incrustado de sangue com as letras douradas e ele começava a cortar a forca do soldado kimisaro. Um minuto depois, o corpo desceu tombando pela lateral da torre e Alex soltou o nó do bloco de pedra à sua frente. Ele levantou e subiu na ameia mais larga. Com a corda sobre o ombro, correu ao redor da muralha, saltando de elevação em elevação, até chegar ao lado oposto.

Havia duas janelas lá embaixo: uma para o quarto de dormir e outra para a antessala. Qual escolher? O quarto poderia estar trancado por dentro. Na antessala, talvez acabasse de novo do lado errado de uma porta trancada. Mas poderia deixar Gramwell entrar, e a porta do quarto de dormir provavelmente não era tão forte quanto a externa.

Sage devia estar no quarto, e as implicações disso lhe davam vontade de vomitar. Mas, se ele entrasse pela janela, o duque poderia matá-la num acesso de pânico, se achasse que não tinha mais onde se esconder. Enquanto ela e Charlie estivessem vivos, D'Amiran tinha moedas de troca. As palavras de Geddes voltaram à sua mente: *quem você escolheria?*

D'Amiran faria com que escolhesse.

Alex poderia contar com ajuda se optasse pela antessala. Ele estaria sozinho no quarto.

Posicionou a corda para que ficasse pendurada sobre a janela da antessala e começou a descer, apoiando os pés na parede.

O CAPITÃO CHUTOU A PAREDE PARA DAR IMPULSO e entrar com mais força. Quando entrou estilhaçando a janela, o duque foi para cima de Charlie. Alex levantou com dificuldade e sacou a espada enquanto D'Amiran erguia o garoto com firmeza com um braço enganchado em volta do seu pescoço. Charlie estava amordaçado e suas mãos, amarradas, mas seus pés estavam livres. Ele esperneou freneticamente até o duque encostar uma faca em suas costas.

— Chega.

O garoto soltou um grito abafado e ficou com as pernas dependuradas. Alex observou atormentado enquanto as lágrimas escorriam pelas bochechas sujas do irmão, num pedido de perdão em silêncio por ter sido capturado daquela forma. A fumaça entrava de uma fresta embaixo da porta. O fogo de Gram estava pegando. Pelo cheiro, ele tinha acrescentado álcool para ajudar.

Alex respirou fundo e abaixou a espada enquanto erguia a mão esquerda.

— Acabou, excelência. Se deixá-lo ir e me entregar a garota, pedirei clemência no seu julgamento.

D'Amiran contorceu a boca num sorriso maldoso.

— Então ainda não a encontrou?

Sage não estava ali.

Alex tentou não entrar em pânico com as possibilidades se multiplicando em sua cabeça.

— Diga onde ela está e vou impedir sua execução.

O duque balançou a cabeça.

— Você me mataria com as próprias mãos. Posso ver em seus olhos.

Não havia como negar que ele estava certo. Alex ponderou suas próximas palavras com cuidado. A batida na porta externa foi retomada e uma nuvem de fumaça entrou no aposento. A metade de baixo da porta cedeu de repente e o duque avançou em direção ao quarto, passando a faca para a frente de Charlie. Alex resistiu ao impulso de voar em cima dele.

— Não piore as coisas — ele disse. — Já houve sofrimento e morte demais.

Os olhos azuis do duque se voltaram para Alex e o braço em volta de Charlie relaxou, descendo o garoto de volta ao chão.

D'Amiran sorriu de repente.

— Discordo.

Ele passou a faca na garganta de Charlie antes de empurrá-lo para longe.

A PORTA DO QUARTO SE FECHOU enquanto Alex pulava para pegar o irmão antes que caísse no chão. Os olhos castanhos de Charlie buscaram os seus freneticamente enquanto Alex descia a mordação e a apertava contra a ferida aberta. O capitão o segurou firme, implorando ao Espírito que não o levasse, prometendo qualquer coisa, mas ouviu o gorgolejar repulsivo e soube que não havia nada que pudesse fazer. A boca do menino se moveu, tentando formar palavras que Alex não conseguiu ouvir. A luz começou a se apagar de seus olhos e ele pareceu quase confuso. Alex tinha poucos segundos. Procurou algo para dizer que desse paz a Charlie, algo que representasse o quanto o amava, como tinha orgulho de ser seu irmão mais velho. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele o puxava para junto de si e pressionava os lábios em sua testa suja.

— Nunca conheci um soldado mais valente — Alex sussurrou.

As costas de Charlie se arquearam com um último som engasgado e úmido, espalhando sangue e saliva pela garganta do irmão. As mãos amarradas agarrando seu gibão se soltaram quando a cabeça de Charlie caiu para trás, antes de um silêncio mais ensurdecedor do que qualquer coisa que Alex já tivesse ouvido.

Ele estava morto.

Com um soluço, o capitão o colocou no chão e levantou, tentando pegar a espada. Seus dedos encontraram e seguraram o cabo. Ele balançou a cabeça para tirar as lágrimas dos olhos e rangeu os dentes, rosnando como um animal selvagem.

Gramwell estava quase abrindo a porta, então Alex passou por cima do corpo de Charlie e bateu contra a porta do quarto. Ela cedeu um pouco, e ele ouviu móveis sendo empurrados.

Sage estaria ali dentro? Ele duvidava agora, mas o único homem que sabia de seu paradeiro estava. E Alex queria sangue. Precisava de sangue.

Ele embainhou a espada e recuou enquanto a porta atrás de si rachava, espalhando madeira em chamas pelo chão de pedra. Gramwell e os outros entraram cambaleantes, com as armas em punho. O tenente ficou paralisado ao

ver Charlie caído numa poça de sangue.
Alex já estava saindo pela janela.

CASSECK VIU ALEX CORRER EM VOLTA DA TORRE, lá no alto, e jogar uma corda, que ficou pendendo perto da janela da antessala do duque. D'Amiran devia ter feito uma barricada em sua suíte. Talvez o tenente devesse mandar mais ajuda.

No pátio, tudo estava correndo como planejado. O cheiro repulsivo de carne e cabelo queimando misturava-se aos gemidos de homens moribundos enquanto os irmãos Stiller lideravam o esforço de acabar com os que haviam sobrevivido à explosão do quartel. Um braço de Tim sangrava e pendia inutilmente enquanto ele cortava e apunhalava com o outro. Havia vários corpos ao redor de Casseck, mas apenas um estava vestido de preto. Era a única morte dos seus de que tinha conhecimento, mas, como estavam em poucos, significava muito.

Ele ergueu a cabeça de repente ao som de quatro toques de corneta.

— Ouviu isso? — gritou para Porter.

O sargento respondeu com um sorriso.

— Parece que os piquetes estão chegando.

Casseck correu na sua direção e fez sinal para o soldado assumir seu lugar na porta do salão.

— O portão interno está bem protegido. Tome conta do salão enquanto os deixo entrar.

Ele correu pelo pátio externo até o portão principal, girando a espada para cortar um braço que tentou agarrá-lo do chão. Do outro lado da grade, viu quatro homens correndo para a fortaleza, mas não como se estivessem sendo perseguidos — Ash Carter estava na liderança. Casseck assobiou para a casa de guarda acima e o soldado começou a erguer a barreira pesada de madeira e metal.

Os quatro atravessaram a ponte levadiça sem esperar que o portão fosse totalmente erguido, agachando-se ou rolando para passar por baixo dele. Casseck fez sinal para a abertura parar e puxou o amigo num abraço.

— É bom ver você!

Ash sorriu e deu um tapa nas costas do tenente.

— Parece que estão se dando muito bem sem a gente. — Ele virou e puxou o

menor dos seus companheiros à frente, tão machucado e ensanguentado que Casseck supôs ser o mensageiro do general. — Encontramos alguém que vocês perderam.

O queixo de Casseck caiu. Era Sage.

Ela sorriu para ele.

— Como estão as coisas, tenente? E como podemos ajudar?

— Você conseguiu — ele disse, estupefato.

— Estavam duvidando de mim?

— Pensamos...

Ela o interrompeu:

— Onde está Charlie? Eu o vi no topo da torre, mas parece que pegou fogo lá.

Eles ergueram os olhos para a torre de pedra bem a tempo de ver Alex estender o braço para a fora da janela e pegar a corda ao lado. O capitão a puxou até ficar tensa e se debruçou para correr pela parede e entrar pela outra janela.

Sem esperar ninguém, Sage correu para o portão interno.

ALEX ABRIU A JANELA COM UM CHUTE, grato pelas persianas estarem abertas. Enroscou os pés na tapeçaria em volta do caixilho e caiu de cabeça. Estava tentando soltar as pernas quando o duque se assomou sobre ele. Alex rolou para longe, erguendo os olhos bem a tempo de levantar um braço em defesa. A dor incandescente disparou pelo seu antebraço esquerdo quando a adaga o cortou. Ele se desvencilhou e arrancou a faca da mão de D'Amiran.

Tirou a espada da bainha e a manejou furioso. D'Amiran deu um pulo para trás, tropeçando contra o guarda-roupa pesado que havia empurrado para a frente da porta. Um alçapão de madeira estava visível embaixo de onde o armário devia ficar. O duque havia tido poucos segundos para escapar. Ele havia matado Charlie para ganhar tempo, mas não fora o suficiente.

Alex levantou de um salto enquanto D'Amiran tirava uma espada da parede. Ele aparou o golpe como se não fosse nada e empurrou a espada contra o duque, batendo os cabos travados no rosto dele antes de empurrá-lo para trás sobre o pé da cama larga.

Alex recuou enquanto o duque rolava e tentava se recuperar, usando o móvel entre os dois para bloquear seu avanço. Sem tirar os olhos do inimigo, levou a mão ao antebraço esquerdo e arrancou a faca devagar, mal sentindo-a deslizar para fora da carne. Sangue escarlate pingou da lâmina e de sua braçadeira de couro enquanto a jogava de lado. Só havia espaço em sua mente para um pensamento.

D'Amiran estava ofegante no centro da sala, apoiando o peso na arma em sua mão.

— Onde ela está? — Alex perguntou com uma calma mortal.

O duque sorriu, exibindo os dentes ensanguentados.

— Ainda procurando, é? Vai me matar, rapaz? Se fizer isso, não vou poder contar sobre ontem à noite. — D'Amiran tentou atacar enquanto falava, mas Alex derrubou a espada dele com a sua antes que conseguisse finalizar o golpe. O duque cambaleou para trás e bateu em uma poltrona, ao lado da cama. Alex levou sua lâmina à garganta dele e a manteve ali.

— *Onde ela está?*

— Bastante enérgica, sua passarinheira. Precisou ser amarrada.

Pelo amor do Espírito, não. A espada de Alex começou a tremer de raiva e pavor.

— Devo lhe dizer como ela chorou? Como gritou seu nome na esperança de que você ouvisse, mas, quando acabei com ela, já o estava amaldiçoando? — Ele se inclinou à frente, tossindo sangue em sua camisa de linho. — Devo?

Alex se obrigou a não imaginar a cena. O que importava era onde ela estava agora.

D'Amiran riu um pouco, embora aquilo exigisse todo o seu fôlego.

— Como é a sensação de ter a única coisa que você realmente queria tirada de você, do mesmo modo que sua mãe foi tirada de mim?

— O que quer dizer com isso?

— Castella Carey era *minha*. Prometida a *mim*. Seu pai a roubou. É bem simbólico que eu tenha roubado sua pequena passarinheira, não acha?

— Posso apostar que nenhuma das duas hesitaria em arrancar seus colhões. — Alex apertou a ponta da espada contra a garganta do duque e o empurrou contra o encosto da poltrona. — E é bem possível que eu deixe Sage fazer exatamente isso. Agora, *onde ela está?*

D'Amiran sorriu e ergueu a mão para apontar para a janela aberta.

— Eu teria impedido se pudesse, mas ela ainda tinha uma última explosão de ânimo dentro dela.

A imagem atordoou Alex a ponto de não conseguir fazer mais nada. A espada caiu de sua mão, encontrando o chão de pedra com um estrépito.

— Como é a sensação, capitão? — D'Amiran arfou, triunfante. — Como é a sensação de perder?

A faca se cravou nele, perfurando seu coração.

— Não sei, vossa excelência — Alex sussurrou em seu ouvido. — Me diga você. — Ele deu um passo para trás e D'Amiran abaixou os olhos para a adaga cravada em seu peito, focando nas iniciais douradas no cabo.

— Bem... poético. — Suas pálpebras tremularam e sua cabeça rolou para o lado.

Alex encarou a mancha carmim se espalhando pela camisa do homem. Depois virou e andou cambaleante em direção à janela, com um fio de sangue escorrendo de seu braço.

SAGE E CASSECK CORRERAM TORRE ACIMA, pulando por cima de dois corpos na escada. A porta para o quarto do duque estava queimada e arrombada. Lá dentro, Gramwell e outros dois soldados chutavam a porta interna. Sage entrou na sala cambaleante e tropeçou em algo macio.

Charlie.

Ela se jogou no chão e ergueu o rostinho dele entre as mãos.

— Ah, não! Não! Não! *Não!* — Sage gritou enquanto o puxava contra sua camisa ensanguentada.

A porta do quarto cedeu, sob os rangidos de protesto do que quer que a bloqueasse, mas Sage a ignorou e continuou a apertar Charlie junto ao peito, balançando e chorando até sentir Casseck segurar seus ombros por trás.

— Sage. — Ela sacudiu a cabeça. — Sage — ele repetiu. — Charlie se foi. Não há nada que você possa fazer.

Finalmente, ela assentiu por entre as lágrimas e beijou a testa ensanguentada do menino antes de colocá-lo suavemente de volta no chão. Ergueu a mão para Casseck ajudá-la a levantar e ele a puxou para dentro do quarto.

Havia sangue por todo o chão, parte pingando do duque, sentado inerte numa poltrona, com uma adaga cravada no peito. Mas uma parte vinha de Alex, que estava de joelhos, com o antebraço esquerdo sangrando. Ele encarava a janela a poucos metros de distância, lutando para manter a consciência.

— Precisamos estancar o sangramento. Ele está entrando em choque — disse Gramwell, ao seu lado. Arrancou o avambrço esquerdo de Alex e pressionou as duas feridas abertas de cada lado.

Sage correu por trás deles, arrancando a faca do corpo na poltrona, pegando os lençóis da cama, cortando-os e rasgando-os em pedaços utilizáveis. Ela se ajoelhou na frente de Alex e enrolou o pano em volta do seu braço. O tecido se encharcou rapidamente.

— Alex! — Gramwell soltou o braço sangrento aos cuidados de Sage e gritou no ouvido do capitão. Ele estapeou seu rosto e o virou em sua direção. Alex

retribuiu se esforçando para manter o foco do olhar. — Acabou! Onde estão as moças? Onde você as escondeu? — Gramwell continuou a bater nas bochechas do capitão para ele não desmaiar.

— No último lugar... — Alex murmurou, com a voz desarticulada — em que a vi.

Gramwell olhou para Sage.

— O que isso significa? — Ele virou para o capitão de novo. — *Onde*, Alex? Onde você as deixou?

— No último lugar... — ele piscou — em que eu a vi com vida.

Gramwell suspirou, frustrado, e soltou o rosto dele. Alex voltou o olhar fixo para a janela.

Sage ergueu os olhos, com uma compreensão súbita.

— O encanamento da lavanderia... Vá! Vá! — Gramwell saiu em disparada. Ela voltou os olhos suplicantes para Casseck. — Ele vai ficar bem?

O tenente a tranquilizou:

— Já vi homens sobreviverem a coisa muito pior.

Sage suspirou aliviada. Casseck pegou o braço de Alex para que ela pudesse soltar.

Ela continuou de joelhos na frente dele e pegou seu rosto nas mãos cheias de sangue.

— Alex, estou bem aqui! Fique comigo! Estou aqui!

Por um momento, seus olhos focaram nela; depois sussurrou seu nome e caiu inconsciente em seus braços.

ALEX ACORDOU SENTINDO UM CATRE DURO EMBAIXO DO CORPO. Remexeu-se dolorosamente e se obrigou a abrir os olhos. Enquanto distinguia a luz na escuridão, viu Casseck caminhando em sua direção até parar ao lado da cama.

— Não estou morto? — ele perguntou, rouco. Sua boca estava completamente seca.

Casseck riu baixo.

— Não, mas você bem que tentou. — Ele empurrou Alex para trás enquanto tentava levantar. — Continue deitado. Perdeu muito sangue, mas vai ficar bem em algumas semanas.

O capitão voltou a cair contra o travesseiro e fechou os olhos para o quarto parar de girar.

— Fiquei apagado por quanto tempo?

— Umas doze horas.

Alex assentiu, sentindo uma dor de cabeça latejante. Massageou as têmporas com os dedos da mão direita. A esquerda parecia dormente, mas seu braço doía muito. Sua coxa direita ardia, embora não conseguisse lembrar o porquê.

— Seu relatório?

Ele quase podia ouvir o sorriso de Casseck.

— Está tudo sob controle, capitão. Temos a fortaleza inteira, embora provavelmente só consigamos defender as muralhas internas se formos atacados. O duque D'Amiran está morto, mas isso você já sabe, assim como a maioria dos guardas dele. Os nobres estão bem quietinhos no Grande Salão; é mais fácil mantê-los lá, mas colocamos alguns na masmorra. As damas estão um pouco nervosas, mas ilesas. Nossas perdas são manejáveis: alguns ferimentos leves, um braço e algumas costelas quebradas, várias queimaduras e muitos ferimentos com destroços da explosão. Tim Stiller pode perder a mão. Alguns pegaram a doença; acho que era inevitável. Perdemos o cabo Smith, o sargento Grassley e...

Alex se contraiu com a lembrança.

— Charlie.

— Sim. Charlie.

Alex ficou abismado pelo dilúvio que encheu seus olhos fechados, apesar da desidratação. Charlie, que o admirava tanto, que queria ser um soldado como ele. Charlie, que nunca cresceria.

Charlie, que ele havia falhado em proteger.

E o irmão não era o único com quem havia falhado. Já teriam encontrado o corpo dela?

— E Sage — Alex constatou.

Dedos macios tocaram seu rosto.

— Não, Alex — ele ouviu a voz dela dizer. — Estou bem aqui. — O capitão abriu os olhos de repente e virou a cabeça em direção ao som. Ela estava sentada a meio metro dele, sorrindo apreensiva.

Um grande hematoma se estendia por sua bochecha esquerda e um corte raso descia pela linha de seu couro cabeludo. Seu lábio inferior estava inchado e cortado, e ela tinha alguns outros machucados, mas já estavam cicatrizando.

Pelo Espírito, como era linda!

— Sage — ele engasgou de emoção. — Desculpa. Me desculpa. — Suas palavras saíram com uma pressa desesperada. — Ele feriu você e não pude fazer nada...

Ela desceu do banquinho para ajoelhar ao seu lado e secou suas lágrimas.

— Shh. Está tudo bem. Acho que o machuquei mais. Quebrei o braço dele e dei uma facada embaixo do braço, como você me ensinou. Mas, com todo o sangue e o vômito, deixei sua faca para trás. — Ela abriu um sorriso de viés. — Mas vi que você a recuperou.

Alex se esforçou para entender as palavras dela.

— Do que você está falando?

Casseck limpou a garganta.

— Ela escapou, Alex. D'Amiran nunca esteve com ela.

O capitão chorou e rolou na direção de Sage, estendendo o braço direito. Ela o silenciou e tranquilizou, passando a mão em seu cabelo e plantando beijos suaves em sua testa. Cass se retirou e os deixou a sós.

— Sage — Alex sussurrou —, eu...

Ela colocou um dedo em seus lábios.

— Minha vez. — Seus olhos cinza cintilavam com as lágrimas. — Desculpa por ter sentido tanto ódio. Sei que nunca quis me magoar. Eu te amo. — Ela abriu um sorriso fraco. — Essa é a verdade.

Ele não soube por quanto tempo a beijou, mas não foi o bastante, nunca seria.

Sage acabou recuando para poder limpar o rosto dele com um pano quente e úmido, e lhe dar um pouco de água para beber. O esforço de sentar para engolir o deixou sonolento, mas Alex não conseguia fechar os olhos enquanto ela estava ali.

Finalmente, foi perdendo a consciência de novo.

— Você ainda vai estar viva quando eu acordar? — murmurou.

Sage se debruçou para dar um beijo em seus lábios secos e rachados.

— Não vou a lugar nenhum.

O CHEIRO ERA HORRÍVEL, COMO ALGO SAÍDO DE PESADELOS, mas o terreno era rochoso e os corpos numerosos demais para ser enterrados. A garoa contínua significava que tinham de usar óleo e álcool para manter o fogo aceso, mas, felizmente, havia restos de madeira de sobra da casa de guarda e da casa de armas. Um cheiro podre subia da área aberta diante do portão principal. Sage tirou os olhos da pira e viu Alex caminhando zozinho na direção dela.

— O que você está fazendo? — ela o repreendeu, enquanto se encaixava sob o braço direito dele e o erguia. — Pelo amor do Espírito, precisa repousar.

— Só preciso de *você* — Alex disse enquanto Sage o guiava até um lugar para sentar. Puxou o lenço que tampava o nariz e a boca dela, e a beijou. — Acordei e você tinha sumido.

Ela o ajudou a sentar e verificou seus ferimentos.

— Desculpa. Tinha muita coisa para fazer e pouca gente à disposição.

— Você não deveria estar aqui fora. Não quero que veja isso.

— Acho que agora é tarde demais. — Os ferimentos dele pareciam estar melhorando, e Sage sorriu, aliviada. — Além do mais, coloquei as mulheres para trabalhar na cozinha e na lavanderia. Se eu não estivesse aqui, teria que aguentá-las.

Alex relaxou contra a coluna de pedra ao fim da ponte levadiça. Sage achou que ele tinha dormido até que abriu os olhos de repente.

— Você ouviu isso?

— O quê?

Como se em resposta, cornetas soaram em todas as muralhas.

— É muito cedo para ser nossa ajuda — Alex disse, levantando com dificuldade. — Mande o nosso pessoal entrar!

Casseck já estava dando essa ordem. Eles tinham acabado de fechar o portão e erguer a ponte levadiça quando uma dezena de cavaleiros se aproximou e parou do lado de fora, fitando a pilha fumegante de corpos e as bandeiras demoradas tremulando no portão e na torre. O cabo Mason veio correndo para dar seu

relatório.

— Centenas, senhor. Vindo do sul e do oeste a pé.

— Não ouse — Casseck disse a Alex quando ele fez menção de subir ao topo da muralha externa. — Eu cuido disso. — Alex se apoiou em Sage, assentindo com gratidão. — Acho que consigo convencê-los a baixarem as armas. Mas precisamos nos preparar para recuar.

— Quem é o líder deles agora? — perguntou Sage.

— O conde pode estar com eles — disse Alex. — Mas esse deve ser o exército que reuniram.

— Diga a eles que D'Amiran está morto — ela sugeriu.

— Vou dizer aos cavaleiros — Cass respondeu, dando de ombros —, mas não sei se isso vai fazer as tropas recuarem. Quanto mais perto estiverem, menos chances teremos de irem embora.

— Pendurem o corpo de D'Amiran na torre — disse Alex. — Esse era o método preferido dele de lidar com seus antigos aliados. Tenho certeza de que vão entender o recado.

No quinto dia, enquanto passeavam no jardim, Alex tentava convencer Sage de que estava bem o bastante para sair em patrulha quando os sentinelas anunciaram uma aproximação.

— Acha que eles retornaram? — ela se afligiu enquanto se dirigiam ao portão interno. As tropas tinham se dissolvido depois de dois dias cercando a fortaleza, mas todos estavam nervosos, à espera de que se reorganizassem e voltassem.

O sinal para abrirem caminho soou.

— Não acredito — Alex disse vinte minutos depois, quando seu pai entrou diante de uma companhia de cavalaria. Sage o acompanhou, mas ficou alguns metros para trás enquanto ele batia continência para o general e apresentava formalmente o comando da fortaleza.

Espantado, o general Quinn olhou ao redor do pátio destruído.

— Tenho a impressão de que vou ouvir um relatório e tanto.

— Sim, senhor — Alex respondeu. — Mas antes peço que me acompanhe à capela.

— À capela? — ele questionou, abruptamente. — Por quê?

Alex não conseguiu dizer as palavras, mas seu pai viu em seu rosto.

— Charlie? — ele sussurrou.

O capitão fez que sim.

— Leve-me até ele.

O general caminhou ao seu lado em silêncio. Chegando à capela, Alex parou e deixou seu pai dar os últimos passos sozinho até o menor dos três caixões fechados. Ele não tinha mais nenhuma lágrima. Na terceira noite, havia conseguido descrever os últimos minutos de seu irmão para Sage, e ela o segurou enquanto ele vomitava e chorava por horas. Ela tinha cuidado do corpo de Charlie, limpando e vestindo o garoto e cortando um cacho de seu cabelo para a mãe dele.

Agora, Sage dava um passo à frente.

— Posso abrir o caixão para o senhor — ela se ofereceu.

O general se concentrou nela pela primeira vez. Estava usando um vestido de lã simples, com o cabelo cor de areia preso numa trança única que caía pelas suas costas. Seu rosto não estava mais tão inchado, mas ele se contraiu ao ver os hematomas roxos na bochecha e na testa dela antes de virar e colocar as mãos sobre o caixão.

— Não, obrigado, milady — ele disse. — Prefiro lembrar de meu filho como era quando estava vivo.

Sage assentiu e deu um passo para trás, mas Alex pegou sua mão e a puxou à frente de novo.

— Pai, esta é Sage Fowler.

Ela mordeu o lábio e abaixou a cabeça, corando.

Os olhos do general desceram para seus dedos entrelaçados.

— Quero ouvir aquele relatório agora, capitão.

Alex guiou o pai até a torre e ao Grande Salão, que estavam usando como sala de estratégia. As damas agora estavam acomodadas nos aposentos no andar de cima e a maioria dos soldados dormia na enfermaria no andar de baixo. O general andava de um lado para o outro, enquanto Alex repousava numa cadeira, abrindo e fechando a mão esquerda e admitindo para si mesmo que ainda tinha uma longa recuperação à frente. Ele levou mais de uma hora para narrar o que havia acontecido, mas descreveu a vitória como mérito de Sage.

Quando terminou, seu pai o atualizou do que havia acontecido ao sul.

— A escolta das noivas de Tasmét sumiu uma semana depois que vocês partiram — ele disse. — Eu sabia que havia algo errado, mas pensei que estava relacionado com o desfiladeiro ao sul. Levamos um regimento inteiro para Jovan e o conde desapareceu na mesma época que paramos de ouvir notícias suas. Temi o pior.

— É por isso que vocês já estavam a meio caminho daqui quando o rio encheu.

O general bufou.

— Paciência nem sempre é uma virtude. — Ele parou um pouco. — Estou orgulhoso de você, meu filho.

— Não fiz nada sozinho.

— Você já disse isso. Mas eu o conheço. — Ele apoiou os punhos sobre a mesa. — Teve que tomar algumas decisões bem difíceis.

Alex engoliu em seco. Seu pai não fazia ideia e nunca faria. As provocações de D'Amiran não haviam entrado no relatório oficial. No fim, tinham sido vazias, mentirosas. Mas havia uma pergunta que Alex queria fazer.

— O duque disse algumas coisas interessantes antes de morrer. Sobre você e mamãe.

— É mesmo? — Seu pai pareceu surpreso. — Como o quê?

— Ele disse que você a roubou dele.

O general sentou diante do filho, mas não disse nada.

— Existe alguma história por trás disso?

Ele abaixou os olhos.

— Sua mãe já contou para você que foi escolhida para o Concordium?

— Não que eu me lembre. Nunca pensei nessa possibilidade, já que nasci um ano antes do Concordium, em vez de um ano depois.

— Bom, ela foi, então posso garantir que não estava prometida a ninguém. — O general fez uma pausa. — Nós nos conhecemos na celebração do casamento da irmã dela. Havia o maior alvoroço por ela também. Por causa de sua família e de sua nova ligação com a realeza, imaginavam que seria o par mais desejável no Concordium seguinte.

Aquilo surpreendeu Alex.

— Não imaginei que já a conhecesse. Pensei que tivesse sido puramente político.

Seu pai encolheu os ombros.

— Foi o que quase todo mundo pensou. O que era ótimo para a gente.

— Mas não foi.

— Não, não foi. — Ele sorriu. — Eu me apaixonei.

— Então você subornou uma casamenteira para unir vocês? — perguntou Alex.

Seu pai abaixou os olhos de novo.

— Talvez tenhamos feito algumas coisas que tornaram nosso casamento necessário para evitar um escândalo.

A união de duas famílias poderosas era tão raramente por amor que Alex nunca parou para pensar no casamento de seus pais. Por ironia, era o afeto que eles

tinham um pelo outro que o fazia temer as casamenteiras — duvidava que teria a mesma sorte. A descoberta de que haviam casado por amor, assim como os pais de Sage, o espantou.

Seu pai limpou a garganta.

— Essa tal de Fowler...

— O nome dela é Sage.

O general ergueu os olhos.

— Essa Sage. Quais são suas intenções?

— Casamento.

— Existe um *motivo* para isso?

— Eu a amo e não vou aceitar nenhuma outra.

— Eu quis dizer...

— Eu sei o que quis dizer, pai. — Alex olhou bem nos olhos dele. — A resposta é não. Mas, se tentar me impedir, vou garantir que haja um. — Ele ergueu uma sobrancelha. — E agora tenho um precedente para isso.

— Acalme-se, filho, eu gosto dela. Só precisava saber o que dizer para sua mãe.

DOIS DIAS DEPOIS, A AJUDA CHEGOU através do desfiladeiro de Tegann e o grupo nupcial se preparou para seguir viagem rumo a Tennegol. As reuniões ocupavam Alex, mas ele sempre escapava nos momentos de tranquilidade para a pequena capela perto da casa de armas incendiada. Clare ficou surpresa com a inclinação súbita de Sage de ir lá rezar, com frequência várias vezes ao dia. Quando descobriu o motivo, ela e o tenente Gramwell também passaram a cultivar uma nova devoção.

Depois que partiram da fortaleza, porém, Sage viu Alex poucas vezes. Desconfiava que, se não fosse por seus ferimentos e por Charlie, ele seria mandado atrás do conde ou dos soldados kimisaros que estavam saqueando Tasmet, então se obrigou a se satisfazer com vislumbres esporádicos dele enquanto viajavam. Em certo momento, começou a ter medo de que Alex se esquecesse dela, mas, na noite seguinte, encontrou um bilhete escondido em seu baú. O conteúdo deixava claro que as promessas sussurradas em momentos roubados estavam bem vivas em sua mente.

Houve uma grande comoção com a chegada deles a Tennegol, pois as notícias haviam viajado muito mais rápido. A escolta recebeu boas-vindas heroicas enquanto desfilava pela cidade até os portões do palácio, embora nenhum soldado estivesse no clima para celebrações. Alex e seu pai só ficaram uma noite, passada quase toda em conferência com o rei e seu conselho. De manhãzinha, partiram para Cambria a fim de levar o corpo de Charlie para casa. O capitão encontrou tempo para escrever outra carta a Sage e partiu com a resposta dela guardada no gibão.

Sage e Darnessa só tinham uma semana antes do solstício, quando tradicionalmente aconteciam os casamentos do Concordium, então se voltaram para o trabalho. Embora a questão predominante fosse manter o país estável, principalmente naquele momento, foi dado um grande peso ao que era melhor para cada moça em particular. Toda manhã e toda tarde, três aprendizes registravam diagramas de compatibilidade e vantagens políticas de cada par

possível.

Apesar do tempo reduzido, o processo correu tranquilamente. Como os guardiões das damas tinham cedido seu consentimento às casamenteiras, a maioria das pessoas de fora presumia que as noivas tinham de aceitar quem quer que fosse escolhido para elas. Na verdade, elas tinham permissão de recusar seu par, o que, ironicamente, lhes dava mais poder do que teriam fora do Concordium, mas mesmo assim as recusas eram raras.

Sage ouviu admirada enquanto as casamenteiras previam (com precisão, ela não tinha dúvida) quais famílias nobres receberiam as propriedades e os títulos confiscados em Tasmet e ligavam as mulheres a eles de acordo com isso. As mulheres naquela sala tocavam as cordas da nação como um quarteto de musicistas, criando o equilíbrio de poder que por mais de duzentos anos fazia Demora funcionar.

À noite, durante o chá, as casamenteiras regionais trocavam informações para o futuro num clima mais descontraído. Os homens mais discutidos eram os agora famosos oficiais da escolta, e as mulheres insistiram que Darnessa perguntasse ao capitão Quinn o que ele achava de se comprometer com um noivado longo. Ela recusou seus pedidos enquanto Sage corava, debruçada sobre seu livro de registros. Dizia que, com a morte recente do irmão, seria inapropriado tratar daquele assunto.

Os acordos foram feitos com tranquilidade, em parte graças à falta de representação em Tasmet. Vários outros pares foram preparados para o futuro próximo. Encontraram um casamento até para Gabriella Quinn, que tinha voltado para casa com o pai e o irmão, mas a celebração foi adiada pelo menos até o inverno.

Três dias antes do grande baile e da cerimônia, Sage recebeu uma visita do príncipe Robert, que perguntou se Darnessa poderia emprestá-la por uma ou duas horas. Confusa, ela pegou seu braço e deixou que ele a guiasse pelo palácio. Desconfiou que passaram pelo jardim só para que quase todas as noivas sentadas lá os vissem. Eles conversaram tranquilamente e Sage o achou um rapaz divertido e um tanto imprudente. Parecia muito com Alex, com exceção dos olhos.

Depois de alguns minutos, fez algumas revelações. Naquela manhã, o tenente Gramwell tinha recebido notícias da mãe, que havia aceitado receber Lady Clare em sua casa.

— A srta. Rodelle vai cuidar dos detalhes. — Ele sorriu. — Acho que Luke está contando para Clare agora, mas ele também vai revelar que parte em quatro dias.

— Teve notícias de Alex? — Sage perguntou.

— Ele vai voltar em breve — Robert respondeu, parecendo um pouco culpado. — Nesse meio-tempo, tem alguém que quero apresentar a você. — Eles tinham parado numa área do palácio que ela não conhecia. O príncipe bateu e abriu a porta da pequena biblioteca. Um homem calvo na casa dos quarenta anos com os olhos cor de avelã e simpáticos de Robert levantou da poltrona à frente da lareira. — Pai, posso lhe apresentar a srta. Sage Fowler da colina Garland?

O rei sorriu. Sage fez uma reverência e beijou a mão estendida, ficando imediatamente vermelha.

— Srta. Sage — ele disse com gentileza, gesticulando para ela sentar à sua frente. — Ouvi muito sobre você.

Sage sentou no lugar indicado e disparou um olhar raivoso para o príncipe, que se afundou numa terceira poltrona. Ele se encolheu, parecendo ver graça no desconforto dela. Alex deveria tê-la avisado que o príncipe adorava pegar as pessoas de surpresa. Talvez até o tivesse feito, mas ela esquecera para lembrar de momentos mais agradáveis.

Felizmente, o rei estava determinado a deixá-la à vontade.

— Meus dois filhos e meu sobrinho me contaram de seu papel para estragar o plano de D'Amiran. Todos falaram muito bem de você.

Embora irritada com Robert, Sage controlou sua vergonha.

— Não sei bem como sua alteza me conheceu. Hoje foi a primeira vez que conversamos.

O rei Raymond riu baixo.

— Bom, a maior parte das informações veio do capitão Quinn, embora uma parte tenha origem em Ash.

Sage assentiu, corando ao pensar em Alex e em como achara que estava apaixonada por Ash. Ela torceu para que o rei não soubesse de nada daquilo.

— Vossa majestade, eu estava apenas agindo como qualquer verdadeira demorana agiria em defesa de seu país.

— Você pode acreditar nisso — o rei disse —, e pode até ser verdade. Mas o fato é que tenho uma dívida com você que nunca poderá ser saldada.

— Não espero nenhuma recompensa — Sage disse rápido.

O rei sorriu.

— Talvez não. Mas creio que deseja algo que coincide com uma necessidade minha.

Sage não fazia ideia do que poderia ser.

— Vou servir vossa majestade como puder.

— Soube que fala kimisaro — ele disse.

Ela respondeu naquela língua.

— Leio melhor do que falo, mas sim, vossa majestade.

Ele assentiu.

— E reyan?

O de Clare era muito melhor, mas Sage vinha treinando com ela desde que tinha descoberto aquilo.

— Razoavelmente, meu rei — ela respondeu em reyan.

— Como seu pai era passarinho, imagino que saiba muito sobre ciências naturais.

Sage olhou para ele, sem compreender.

— Não sei bem o que o senhor entende por ciências naturais.

— Você conhece e entende de animais e seu comportamento, de como as plantas crescem e suas utilidades, das tendências do clima, da erosão da terra, esse tipo de coisa.

— Ah, sim! — Sage respondeu, depois corou com a própria avidez. — É que nunca pensei nisso como uma ciência.

— Praticamente tudo é ciência, depois que se descobre o processo. — Ele fez uma pausa. — Geografia?

— Minha experiência é limitada, mas estudei muitos mapas. — A suspeita de Sage começou a crescer. Alex, fingindo-se de Ash, tinha se oferecido para ajudá-la a encontrar um trabalho como tutora na capital. Mas era inquietante o fato de que o rei arranjava tempo para entrevistá-la antes de recomendá-la a um cargo.

— E quanto à história mundial? — ele perguntou.

Sage olhou de soslaio para Robert, que estava com um sorriso de quem guardava um segredo.

— É como qualquer história, vossa majestade. Fácil de aprender quando tornada interessante.

O rei assentiu.

— E matemática? Sabe fazer mais do que somar?

Ela se encolheu.

— Sei multiplicar e dividir, e minha geometria é boa. Meu ponto fraco é álgebra. — Seu pai estava lhe ensinando pouco antes de morrer, e tentar qualquer coisa além de equações simples a entristecia.

O rumo que aquela conversa estava tomando era tão óbvio que Sage não conseguiu mais se conter.

— Posso perguntar por que está me fazendo essas perguntas?

O rei abriu um sorriso quase igual ao do filho.

— Depois que me responder mais uma, srta. Fowler. Soube que gosta de ensinar. Do que mais gosta nisso?

Sage pestanejou. Ela nunca tinha parado para pensar no assunto, mas seu amor pelo ensino era algo que Alex, Darnessa, Clare e seus tios conseguiam ver com clareza.

— Meu pai sentia prazer em aprender e me ensinar. Acho que isso me lembra dele. Mas o que mais gosto é de fornecer algo útil para a vida de outra pessoa. Dou aos meus alunos as ferramentas para criarem a vida que desejam. — Sage abaixou os olhos, envergonhada.

— E que vida a senhorita deseja? — o rei perguntou, com gentileza na voz.

E se Alex quisesse casar com ela? Ele dizia que queria, mas levaria anos até poder. Muita coisa poderia acontecer nesse tempo. Ela inspirou fundo.

— Gostaria de ensinar e de aprender mais o que for possível. Isso faria com que me sentisse realizada.

Era como se pudesse sentir um sorriso na voz do rei.

— Tenho duas jovens damas que precisam de uma tutora. Gostaria de conhecê-las?

Sage ergueu a cabeça abruptamente. Com certeza ele não estava se referindo a...

O rei se dirigiu a Robert.

— Vá buscar Rose e Cara, por favor.

A porta se fechou atrás do príncipe antes que Sage recuperasse a voz.

— Vossa majestade não pode estar falando sério. Não tenho qualificação para educar a realeza!

— Vamos prosseguir apenas se você desejar, mas a rainha expressou receio de que as princesas não estejam apreciando seus estudos. Ela também deseja que tenham uma companhia feminina adequada, mais próxima da idade delas. Seria necessário um período de teste, obviamente, mas estou muito otimista.

Sage retorceu as mãos. Como fora parar naquela posição?

— E se não der certo?

— Vamos encontrar outro emprego adequado para você. O reino lhe deve muito; é o mínimo que podemos fazer. — Ele parou e inclinou a cabeça para o lado. — A menos que deseje continuar como aprendiz da casamenteira. A srta. Rodelle e Lady Clare parecem achar que não.

Ele já tinha conversado com as duas a seu respeito. Sage poderia se enfurecer por todos — incluindo Alex — terem arranjado aquilo pelas suas costas, mas o

havam feito por ela. Se tantas pessoas achavam que merecia aquela honra, aquela felicidade, talvez estivessem certos.

Sage secou as mãos suadas na saia e ergueu o queixo.

— Vossa majestade, aceito sua oferta generosa. Vou me esforçar para estar à altura da sua confiança em mim.

— Tenho uma condição, srta. Sage — disse o rei, com um brilho nos olhos de avelã. — Deve ser honesta comigo sobre o progresso das meninas e sobre sua própria felicidade nesse trabalho.

— Vossa majestade pode confiar que farei a primeira parte. Já em relação à segunda... — Sage hesitou. — Quando estou descontente, acho que todo mundo nota.

O rei ainda estava rindo quando as princesas chegaram, ansiosas para conhecer sua nova tutora.

JUNTANDO AS PREPARAÇÕES DOS CASAMENTOS com as orientações vertiginosas que Sage recebia para seu novo trabalho, ela e Darnessa mal se cruzaram nos dois dias seguintes. A casamenteira a desobrigou de sua aprendizagem quando Sage relatou a oferta do rei, mas não falou muito a respeito. Sage se sentiu constrangida demais para tentar conversar.

Para sua grande vergonha, também descobriu que era uma espécie de celebridade, ainda mais agora que estava ligada às princesas. O último banquete e o baile antes da cerimônia de casamento tradicional à meia-noite foram exaustivos, e ela foi apresentada de um rosto a outro até todos se misturarem em sua cabeça. Quando a dança começou, Clare passou por ela e colocou um bilhete em sua mão. O coração de Sage deu um pulo quando reconheceu a letra. Ergueu os olhos com um sobressalto, examinando o salão em busca do rosto escuro que ansiava ver, então o avistou perto da porta, observando-a com uma expressão sedenta.

Abriu o bilhete e devorou as palavras dentro dele.

Depois de viver os mais longos e piores dias, mal posso esperar para abraçá-la de novo.

Invente suas desculpas. Vou esperar no jardim.

Alex

Sage ergueu os olhos de novo, mas ele tinha sumido. Com os dedos trêmulos, voltou a dobrar o papel e planejou sua fuga. Ela pensou que finalmente tinha terminado de cumprimentar todo mundo que precisava quando Darnessa se aproximou.

— Aí está você. Não a vejo há dias.

Sage fez uma careta.

— Desculpa. Você parecia ter tudo sob controle e havias tantas pessoas e coisas para fazer. Mal tive tempo para respirar.

A casamenteira fez que tudo bem.

— Não se preocupe. Você está linda, aliás.

Sage passou as mãos sobre a saia azul simples mas bonita, um presente da rainha,

que a havia tomado sob sua proteção. Ela mal podia esperar para mostrar a Alex.

— Obrigada. Quando vai voltar para casa?

— Daqui a dois dias. Amanhã vou passar o dia fazendo as malas. Eles vão mandar um esquadrão para me escoltar no caminho de volta, mas fora isso vou sozinha. Todas as criadas vão ficar com as damas, até a Poppy. Quer que eu leve alguma coisa para seus tios?

Sage deu risada com a ideia de sua família reagindo às notícias. Não via a hora de tranquilizar seu tio garantindo que estava sendo bem cuidada, embora ele e sua tia pudessem ficar desapontados por ela não ter se casado. Ainda.

— Acho que vou passar o dia todo amanhã escrevendo uma carta bem longa para eles.

— Boa ideia. — Darnessa sorriu para ela com carinho. — Vou sentir sua falta, Sage, mas fico feliz por você. Merece essa oportunidade e essa vida.

Sage abraçou a mulher, que era mais alta que ela.

— Vou sentir sua falta também, mas do trabalho nem tanto. Acho que não nasci para ser casamenteira.

— Sage selvagem, nunca achei que tinha nascido pra isso. — Darnessa a apertou firme e piscou para conter as lágrimas. — Mas queria muito te ajudar.

Sage recuou, mas manteve os braços em Darnessa.

— Todas as suas uniões estão feitas então? Precisa de mais ajuda antes de ir?

— Para falar a verdade, preciso, sim, da sua ajuda. Tenho mais um acordo para fechar.

Sage ergueu as sobrancelhas.

— É melhor nos apressarmos então. O que quer que eu faça?

Darnessa apontou com a cabeça para a porta e disse:

— Desça para os jardins e fale com aquele soldado que está te esperando. — Sage colocou as mãos nos quadris e olhou feio para a casamenteira, que respondeu com uma piscadinha. — Não se preocupe com minha comissão nesse caso. — Ela acariciou sua bochecha. — Agora vá.

Sage encontrou Alex sentado num banco perto de um salgueiro enorme no canto sudeste, o uniforme escuro contrastando com a fonte prateada atrás dele. O capitão levantou de um salto quando a viu e a envolveu em seus braços quentes ao chegar.

— Alguém te disse que está linda hoje? — Alex sussurrou. Antes que Sage pudesse responder, ele a puxou para o abrigo de uma árvore, escondendo-os de qualquer pessoa que passasse. Ela virou o rosto para Alex e tocou seus lábios com

um beijo suave.

— Você me falou isso várias vezes, mas nunca tive a chance de dizer como você é bonito — Sage disse, colocando os braços em torno do pescoço dele.

Alex encolheu os ombros.

— Sou aceitável.

Ela riu e passou os dedos no cabelo escuro dele.

— Você foi um grande assunto entre as casamenteiras. Mal podem esperar.

— Coitadinhas. Já estou comprometido. — Ele encostou a testa na dela e puxou o corpo de Sage junto ao seu. Um calor já conhecido se espalhou por ela. Se ele insistisse por algo mais do que beijos, não achava que poderia negar. Ele não insistiu, embora, pela maneira como respirava, ela soubesse que sentia o mesmo. Alex nem tentou beijá-la novamente, como se pudesse perder o controle. — Case comigo, Sage — ele sussurrou.

Era demais. Ela não duvidava de sua sinceridade, mas o pedido a pegou completamente desprevenida.

— Mas está tarde; não tenho tempo para encontrar um vestido apropriado antes da meia-noite.

— Você sabe o que quero dizer. Preciso que me prometa agora. — Ele a soltou de seus braços, mais irritado do que deveria com a piadinha dela.

Sage o entendia demais para se magoar.

— O que há de errado, Alex?

Ele fechou os olhos e passou os dedos pelo cabelo, coçando a nuca.

— Vou partir amanhã. — Ela sentiu um aperto dolorido no peito enquanto ele continuava: — Ainda não encontramos o conde, e os conspiradores de D'Amiran e os kimisaros estão criando problemas. Recebi ordens de ir atrás deles. Depois do que iniciaram, do que tiraram da minha família, tenho que obedecer.

Ela concordou.

— Os próximos meses vão ser duros, mas vou conseguir passar por eles se...

— Eu prometo — Sage o interrompeu, pegando suas mãos. — Vou esperar por você.

Alex suspirou e entrelaçou os dedos nos dela, puxando-a para perto de novo.

— Obrigado.

Sage encostou a cabeça na clavícula dele, inspirando seu cheiro.

— Quanto tempo vai ficar fora?

— Até o meio do inverno, imagino. Vou escrever com o máximo de frequência possível.

— Eu também.

— Depois, se quiser, saio do exército e nos casamos.

Sage recuou e balançou a cabeça.

— Não seja ridículo. Você não pode fazer isso por mim.

— Posso me tornar um fazendeiro.

Ela deu risada.

— Fala sério.

— Estou falando. Desde que você esteja comigo, não me importo de limpar o chiqueiro todo dia.

Ela abaixou os olhos para seus dedos entrelaçados e balançou a cabeça de novo.

— Eu te amo e nunca poderia tirar você do exército. É a sua vida.

— Acho que subestima meus sentimentos por você. — O tom dele era leve, mas havia um traço de mágoa.

Sage levou as mãos de Alex aos lábios e beijou seus dedos.

— O que tenho agora... um lar com amigos, respeito, uma profissão útil e importante, uma chance de aprender mais... — Ela ergueu os olhos. — Você tiraria isso de mim?

— De jeito nenhum.

Ela soltou sua mão direita para traçar a cicatriz acima da sobrancelha dele. Alex fechou os olhos e expirou com força.

— É por isso que não posso tirar de você o que tem — ela sussurrou. — É parte de você. Inseparável. E essa é uma das coisas que mais amo em você.

Alex a tomou em seus braços e a beijou com uma paixão que a fez reconsiderar seriamente suas palavras.

— Você é bem persuasiva — ele murmurou em seu ouvido antes de passar os lábios pelo ombro dela.

— Você também — Sage conseguiu murmurar. Ele a deitou na grama macia aos seus pés e a conversa acabou por ali. Alex tirou o gibão e o ajeitou embaixo da cabeça dela como um travesseiro. Depois, a partir dos dedos, ele brincou e explorou com os lábios todos os centímetros da pele dela à mostra, deixando-a tonta conforme passava do punho e subia pelo braço. Ele nunca arriscava além do que já estava exposto, mas Sage quase desejava que tentasse, embora duvidasse que tivesse serenidade suficiente para impedi-lo. Então as mãos dele apertaram sua saia, como se estivesse impedindo-as de fazer algo mais, e ele gemeu em seu pescoço de uma forma que a fez arrepiar.

Por um longo tempo, Alex se manteve imóvel contra ela. Instintivamente, Sage não se mexeu, sabendo que ele estava lutando contra os mesmos desejos que a deixavam sem ar. Então ele sussurrou seu nome e colocou os braços ao redor dela

de novo. Sage suspirou em seu peito, tentando não chorar ao pensar na saudade que sentiria. Dois meses antes, nem sabia que Alex existia, mas agora não conseguiria viver sem ele.

Alex acariciou o rosto dela.

— Você vai ter que arrumar o cabelo antes de voltar — ele murmurou. — Está uma verdadeira bagunça.

Sage riu na camisa dele.

— É verdade. — Ela se apoiou para olhá-lo. — O seu não está muito melhor.

— Acho que vamos ter que passar o resto da noite aqui fora, então. — Alex suspirou com falsa tristeza.

— Sem dúvida. Vai demorar cento e oitenta longos dias e noites até eu poder bagunçar seu cabelo de novo.

Ele traçou os lábios dela com o polegar.

— Para que contar? Eu não conto. É triste demais.

Ele se inclinou para beijar a testa dela, e Sage voltou a se acomodar nos seus braços antes de criar coragem para expressar sua preocupação mais profunda.

— Alex?

— Hmmmm? — ele soprou no cabelo dela, desgrenhando-o mais de propósito.

— Três anos é muito tempo. — Os braços dele ficaram tensos em volta dela. — Eu só... Sei que as coisas podem mudar, ainda mais com a distância.

Por vários segundos, ele permaneceu imóvel. Depois relaxou.

— Acho que, se você me esquecer, vou ter que usar meus poderes de persuasão. Deixe-me praticar um pouco. — Ele fez menção de beijar o pescoço dela.

Sage fechou a cara e o empurrou.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Alex se aproximou de novo. Daquela vez, seus lábios acertaram o alvo. — Além disso — ele sussurrou, o calor de sua respiração se aproximando da orelha dela —, não são três anos, são dois anos e meio. Novecentos e vinte dias.

Sage sorriu.

— Para que contar?

Agradecimentos

Primeiro, obrigada a você, leitor, que chegou até aqui e para quem a história de Sage foi escrita. Espero que tenha gostado de conhecê-la tanto quanto eu gostei. Ela é muito mais legal do que eu sou.

No entanto, não poderia ter transformado este livro em realidade sem o apoio incansável e os esforços de outras pessoas. Mais importante é Deus, de quem tudo se origina. Logo depois estão as intercessões de São Francisco pelas palavras e Santa Dimpna pela sanidade. *Deo gratias.*

Em um sentido mais material, devo muito à minha defensora e superagente Valerie Noble, que me tirou da lama e sonhou alto quando eu estava com medo. A Erin Stein, na Imprint, que disse “Uau” em vez de “Epa”. A Rhoda Belleza, editora extraordinária, e sua parceira Nicole Otto, que arregaçaram as mangas e mergulharam no trabalho. A Ellen Duda e sua equipe de design por deixarem tudo bonito por dentro e por fora, e a Ashley Woodfolk, do marketing. A Molly Brouillette e Brittany Pearlman, assessoras de imprensa com um toque de magia, e ao pessoal do Fierce Reads, que votou a favor de me deixar entrar na sede do clube antes que eu fosse completamente domesticada. Deus abençoe todos vocês pela paciência comigo.

Um agradecimento especial a Devon Shanor por sua bela fotografia e por me encontrar no parque de dinossauros no meio do nada. E também por não achar a ideia estranha.

A Kim, que leu Alanna comigo na escola e vinte e cinco anos depois leu meu rascunho mais rudimentar e disse “Isso!”. A todos os meus outros leitores (em ordem alfabética): Alissa, Amy, Brit, Carol, Carolee, Caroline (que imprimiu a coisa toda!), Dan, Kammy, Katie, Kim M., Kim P., Leah, Melissa, Natalie e Ron... Pelo menos uma cena foi melhorada pelos comentários de cada um de vocês. A Ryan, por seus conselhos não jurídicos e seu otimismo bobo (que no final se revelou não tão bobo assim). A minhas leitoras críticas Joan Albright, que me explicou gentilmente no que eu tinha errado, e Sarah Willis, que refinou tudo. Vou encontrar vocês nas estantes um dia, se não pessoalmente.

A minha mãe, por me mostrar que é normal meninas adorarem ciências e matemática, e por me deixar correr atrás do que eu quisesse, mesmo quando não entendia por quê; e ao meu pai, por me fazer revisar quinze vezes todos os meus trabalhos no ensino médio (e só me dizer o que estava errado depois da décima). Aos dois por seu amor e seu apoio incondicionais, me deixando ler tudo o que eu quisesse, e por me ensinarem que meus limites eram definidos apenas por mim.

À Krav Maga Nebraska (e também ao meu pai), por me ensinar como matar pessoas (tudo em nome da autodefesa, claro).

A Kisa Whipkey. Acabamos não trabalhando juntas, mas conseguir seu e-mail em um momento de desespero ajudou a salvar este livro.

A Andrew Jobling, que acendeu a chama me mostrando o que pegaria fogo. (Spoiler: isso tem pouco a ver com escrita de fato.)

A Tamora Pierce, que me inspirou como pessoa com livros que eu queria ler.

Aos meus filhos: ser mãe de vocês é o maior privilégio da minha vida. Obrigada por serem tão bons, apesar dos meus esforços desajeitados. Sim, podem comer um lanche. Depois de arrumar o quarto. Certo, podem comer agora, mas arrumem depois.

E a Michael, porque, depois de agradecer a todos, depois de todas as palavras terem sido escritas, depois de cada dia estar acabado, é sempre você que está aqui.



DEVON SHANOR PHOTOGRAPHY

ERIN BEATY nasceu e cresceu em Indianapolis, Indiana. Formou-se na Academia Naval dos Estados Unidos com diploma em engenharia aeroespacial e serviu à Marinha como oficial de armas e instrutora de liderança. Ela e o marido têm cinco filhos, dois gatos e uma horta, e moram onde quer que a Marinha os leve.

Copyright © 2017 by Erin Beaty

Publicado mediante acordo com o Macmillan Children's Publishing Group. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Traitor's Kiss

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Rafael Nobre

MAPA Maxime Plasse/ Imprint

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

ISBN 978-85-438-1067-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3940

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



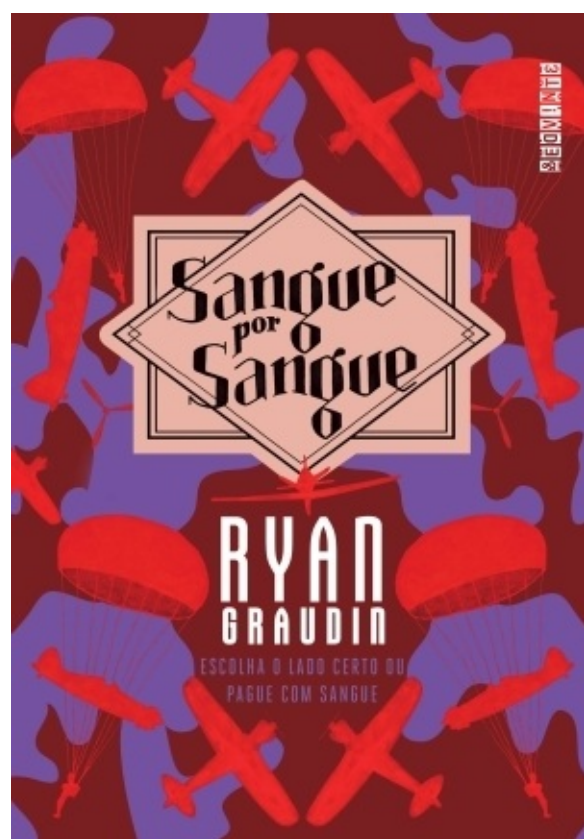
Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial



Sangue por sangue

Graudin, Ryan

9788543810003

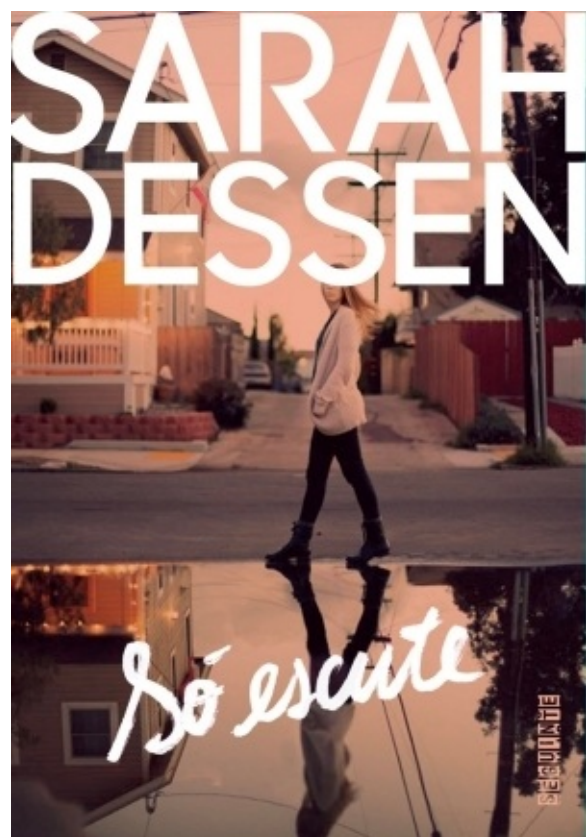
440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para o Terceiro Reich, a Segunda Guerra Mundial pode ter acabado, mas para a resistência a luta está apenas começando. Yael é sobrevivente de um campo de extermínio e tem uma habilidade especial: é uma metamorfa, capaz de mudar a aparência física e assumir a forma de qualquer pessoa. Ela também é uma garota em fuga — o mundo acabou de vê-la atirar e matar Adolf Hitler.

Yael é a inimiga número 1 da Alemanha e de seus aliados, e vai precisar se infiltrar no território inimigo mais uma vez se não quiser pagar com o seu próprio sangue. Em meio a segredos sombrios acompanhados por verdades obscuras, apenas uma pergunta paira na mente de todos do grupo de Yael: o quão longe você iria por aqueles que você ama?

[Compre agora e leia](#)



Só escute

Dessen, Sarah
9788543810973
352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para encarar a verdade, você precisa estar disposta a ouvi-la.

Ano passado, Annabel era a típica "garota que tem tudo" — inclusive era esse o papel que interpretava no comercial de uma loja de departamentos da cidade. Este ano, porém, ela é a garota que não tem nada: não tem mais a amizade de Sophie; não tem uma família feliz desde a descoberta do distúrbio alimentar de uma de suas irmãs; e não tem ninguém com quem passar a hora do almoço na escola. Até conhecer Owen Armstrong. Alto, misterioso e obcecado por música, Owen é um garoto que vivia se metendo em brigas, mas agora está tentando mudar. Um de seus novos lemas é sempre falar a verdade, não importa qual seja, e jamais guardar ressentimentos.

Será que com a ajuda desse amigo inesperado Annabel vai conseguir encarar a verdade e enfrentar o que aconteceu na noite em que brigou com Sophie?

[Compre agora e leia](#)

A REBELDE DO
DESERTO VOL. 2

A TRAIDORA DO TRONO

◆ ALWYN ◆
HAMILTON)

SEGUIRME

A traidora do trono

Hamilton, Alwyn

9788543808567

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

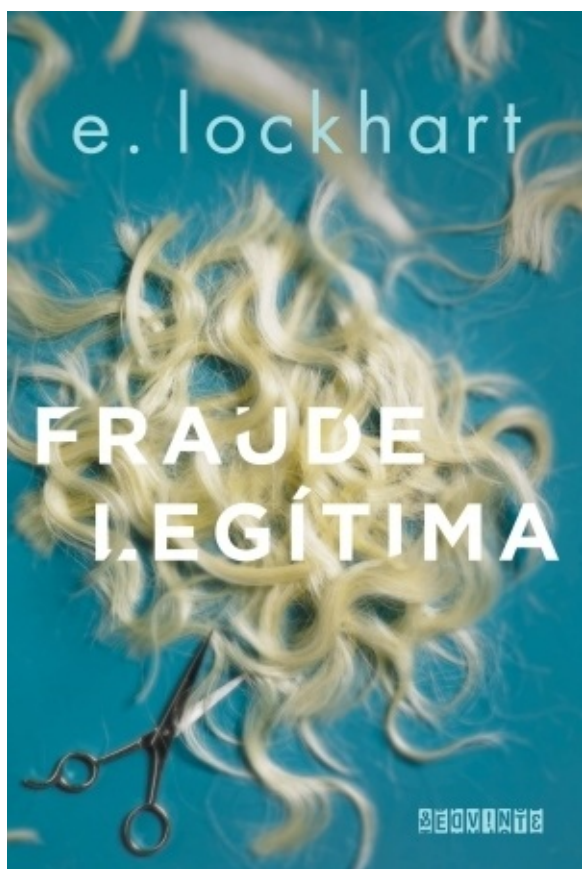
Depois de *A rebelde do deserto*, a melhor atiradora de Miraji estção repleta de reviravoltas.

Amani Al'Hiza mal pôde acreditar quando finalmente conseguiu fugir de sua cidade natal, montada num cavalo mágico junto com Jin, um forasteiro misterioso. Depois de pouco tempo, porém, sua maior preocupação deixou de ser a prôpria liberdade: a garota descobriu ter muito mais poder do que imaginava e acabou se juntando à rebelião, que quer livrar o país inteiro do domínio do sultão.
Em meio às perigosas batalhas ao lado dos rebeldes, Amani é traída quando menos espera e se vê prisioneira no palácio. Enquanto pensa em um jeito de escapar, ela começa a espionar o sultão. Mas quanto mais tempo passa ali, mais Amani questiona se o governante de fato é o vilão que todos acreditam.

[Compre agora e leia](#)

e. lockhart

FRAUDE LEGÍTIMA



SEVINTÉ

Fraude legítima

Lockhart, E.

9788543810966

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo suspense da mesma autora de *Mentirosos*, você deve decidir se uma pessoa é tão ruim quanto suas piores ações.

Jule West Williams é uma garota capaz de se adaptar a qualquer lugar ou situação. Imogen Sokoloff é uma herdeira milionária fugindo de suas responsabilidades. Além do fato de serem órfãs, as duas garotas têm pouco em comum, mas isso não as impede de desenvolver uma amizade intensa quando se reencontram anos depois de terem se conhecido no colégio. Elas passam os dias em meio a luxo e privilégios, até que uma série de eventos estranhos começa a tomar curso, culminando no trágico suicídio de Imogen e forçando Jule a descobrir como viver sem sua melhor amiga. Mas, talvez, as histórias das duas garotas tenham se unido de maneira inexorável — e seja tarde demais para voltar atrás.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)